

The background of the cover is a photograph of a young woman with red hair in braids, wearing a fur-trimmed coat and a plaid shawl, leaning her face against a white horse. In the background, a stone castle sits atop a hill under a blue sky.

MEGAN MAXWELL

Las guerreras Maxwell, 5

UNA PRUEBA
DE AMOR





Calíope Traduções

Uma Prova de amor

Série As Guerreiras

Maxwell

01 - Desejo Concedido -

02 - Onde se Domina a Planície - Fúria domada -

O Amor que Nos Une

03 - Sempre te Encontrarei -

04 - Uma Flor para Outra Flor

05 - Uma Prova de Amor

Sinopse

Demelza, uma jovem ruiva nasceu fruto do amor entre uma escocesa e um viking, algo que Urd, a mulher deste, nunca perdoará.

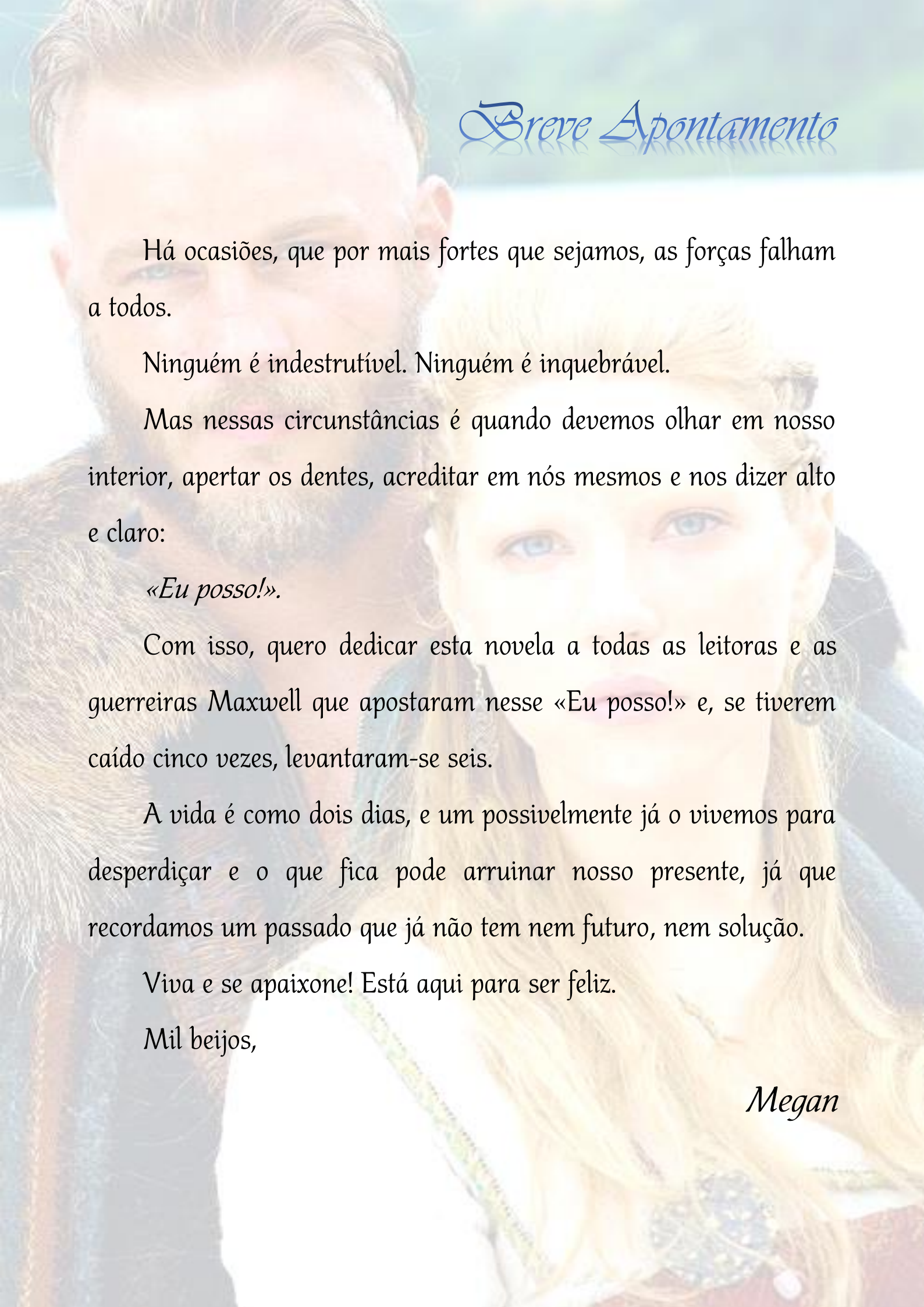
Demelza, a que todos chamam de Ruiva Selvagem, cresceu com seus meios-irmãos que a adoravam e um pai que a venerava. Urd, entretanto, a tem jurada e, com a ajuda de um malvado viking chamado Viggo, urde um plano para destroçar o futuro de sua enteada. O pai da jovem, acreditando em tudo o que se diz dela, obriga-a a casar-se com Viggo, algo do qual mais tarde se arrependerá e que, sem dúvida, marcará o resto de sua vida.

Uma desgraça...

Uma promessa...

Uma viagem...

Os acontecimentos se precipitam e Demelza chega a Escócia para ser vendida como escrava nórdica, até que seu caminho se cruza com o galhardo e corajoso highlander Aiden McAllister, um homem que aprenderá que, se quiser conquistá-la, deverá lhe mostrar uma autêntica prova de amor.



Breve Apontamento

Há ocasiões, que por mais fortes que sejamos, as forças falham a todos.

Ninguém é indestrutível. Ninguém é inquebrável.

Mas nessas circunstâncias é quando devemos olhar em nosso interior, apertar os dentes, acreditar em nós mesmos e nos dizer alto e claro:

«Eu posso!».

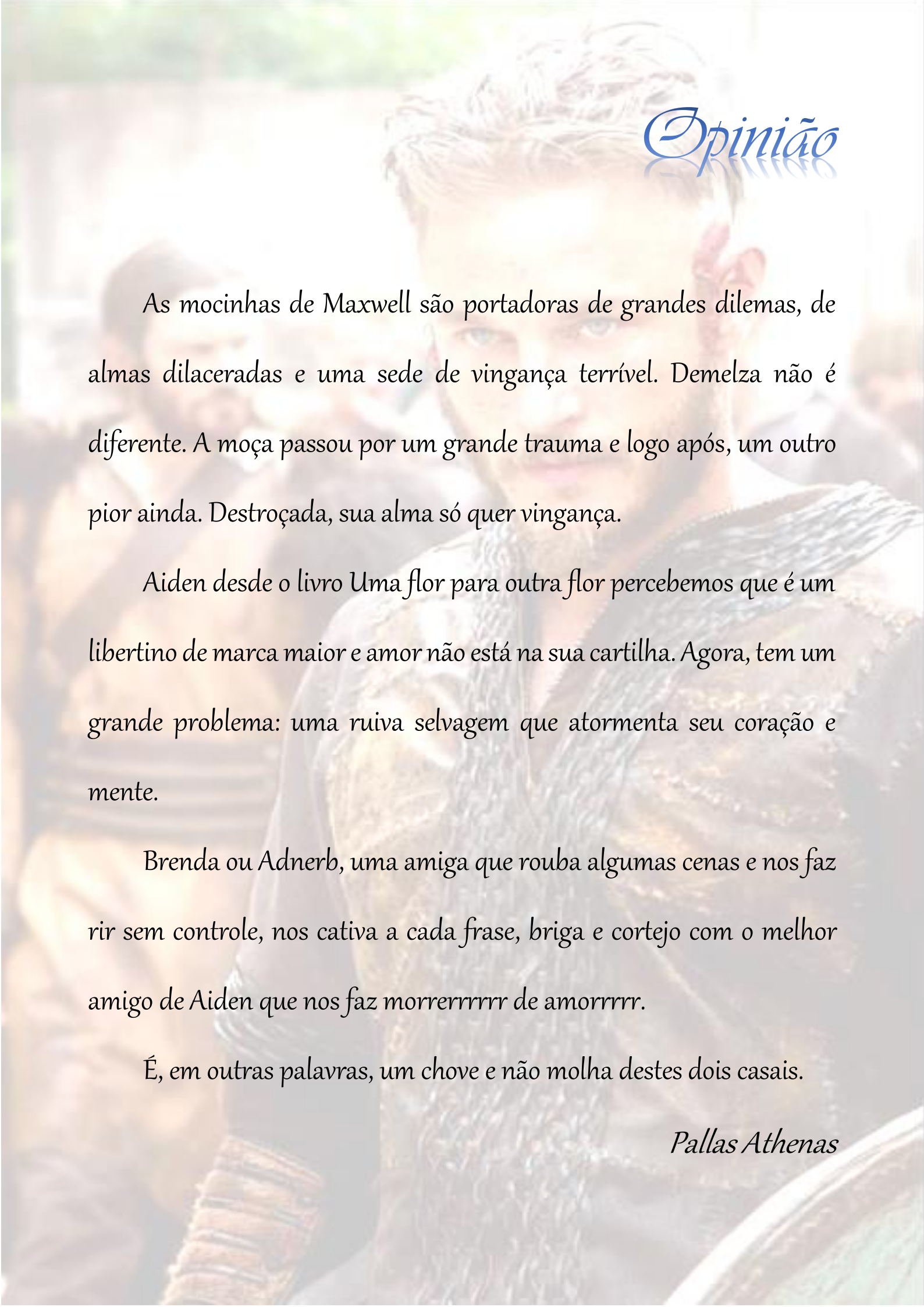
Com isso, quero dedicar esta novela a todas as leitoras e as guerreiras Maxwell que apostaram nesse «Eu posso!» e, se tiverem caído cinco vezes, levantaram-se seis.

A vida é como dois dias, e um possivelmente já o vivemos para desperdiçar e o que fica pode arruinar nosso presente, já que recordamos um passado que já não tem nem futuro, nem solução.

Viva e se apaixone! Está aqui para ser feliz.

Mil beijos,

Megan



Opinião

As mocinhas de Maxwell são portadoras de grandes dilemas, de almas dilaceradas e uma sede de vingança terrível. Demelza não é diferente. A moça passou por um grande trauma e logo após, um outro pior ainda. Destroçada, sua alma só quer vingança.

Aiden desde o livro Uma flor para outra flor percebemos que é um libertino de marca maior e amor não está na sua cartilha. Agora, tem um grande problema: uma ruiva selvagem que atormenta seu coração e mente.

Brenda ou Adnerb, uma amiga que rouba algumas cenas e nos faz rir sem controle, nos cativa a cada frase, briga e cortejo com o melhor amigo de Aiden que nos faz morrrrrrrrr de amorrrrrr.

Ê, em outras palavras, um chove e não molha destes dois casais.

Pallas Athenas

Capítulo 01

Reino de Sogn, Noruega

As vozes nórdicas das mulheres cantando em linguagem rúnica animavam a festa de enlace entre o jovem Harald Hermansen, do povoado de Borgund, e a encantadora Ingrid Ovesen, de Ski.

Soavam os tambores feitos de pele de rena, as tagelharpas,¹ fabricadas com crina de cavalo e chifres de cabra, enquanto umas cem pessoas dançavam ao redor das enormes fogueiras e aproveitavam bem a festa.

De onde se encontrava, Demelza observava seu pai, Yngve, comer salmão enquanto bebia um grande copo de bjorr, um licor extremamente forte feito com suco de fruta fermentada.

Yngve Ovesen, antigo e valoroso guerreiro, era um fazendeiro que se dedicava à cria de ovelhas, vacas e cabras, das quais tirava o leite para fazer queijo e manteiga. A especialidade de Yngve e sua família era o skyr, um leite espesso, salgado e fermentado que guardavam em grandes vasilhas e que logo vendiam no mercado, sendo este um produto que durava todo um inverno.

Agradada, Demelza sorriu tocando sua longa cabeleira vermelha. Ver seu pai brincar com a mulher que ultimamente o fazia sorrir a enchia de alegria. Em seu povo era permitido a poligamia, e se isso fazia feliz seu pai, quem era ela para questioná-lo?

¹ Tagelharpa - O talharpa, também conhecido como tagelharpa ou stråkharpa, é uma lira de quatro cordas do norte da Europa. Anteriormente era difundido na Escandinávia, mas hoje é jogado principalmente na Estônia, particularmente entre a comunidade sueca daquele país. É semelhante ao jouhikko finlandês e ao creshth galês

Tinha sido um ano difícil, tremendamente complicado por todo o ocorrido na família, mas as bodas de sua irmã era o começo de algo bonito e tinha que ver desse modo.

Estava pensando nisso quando seu progenitor se aproximou dela e, lhe tocando com carinho o kransen, a coroa de flores que ela usava sobre seu cabelo solto, perguntou-lhe:

— Diverte-se minha Ruiva Selvagem?

Demelza sorriu, quem a amava a chamavam assim.

— Muito, papai — respondeu.

Mas Yngve sabia que mentia; nos últimos tempos, a vida não tinha tratado bem Demelza. O homem se sentou junto a ela e murmurou olhando ao céu:

— Vê a escuridão da noite?

A jovem levantou o olhar. O céu estava belo.

— Aconteça o que acontecer — continuou seu pai em um murmúrio, — nada impedirá que se ilumine quando amanhecer. Do mesmo modo que, aconteça o que acontecer, nada poderá impedir que a cor de seus olhos fale por você.

Entendendo suas palavras, Demelza soprou. Era sabido por todos que seus olhos azuis trocavam de tom segundo seu estado de ânimo, algo que sempre a tinha delatado, e pouco podia fazer para evitar.

Estava sorrindo por isso quando Grunde, um vizinho se aproximou. Seu pai e ele falaram sobre um problema que aquele tinha com o pagamento de alguns impostos, e Yngve se ofereceu sem nenhuma dúvida a ajudá-lo.

Quando o homem partiu, Demelza murmurou:

— É bonito o que vai fazer por ele.

Yngve sorriu. Grunde era uma boa pessoa.

— Sempre há alguém que necessita de ajuda e que provavelmente esteja pior que nós — afirmou. — Portanto, nunca esqueça, filha, que a ajuda que se oferece tem que vir do coração.

A jovem assentiu, e ele continuou:

— É minha filha. Minha guerreira. A mulher com mais coragem e intuitiva que conheci e tive o prazer de criar, mas necessito que entenda que o passado não tem nada de novo para dizer.

— Papai...

— Demelza, escuta. Sei que me perdoaste por minha desacertada decisão com respeito ao inominável... Calma, não vou falar disso. E sei que me perdoaste porque seus olhos me dizem isso quando me olham, seu carinho quando me fala e sua maneira de me amar quando me abraça.

Demelza sorriu e ele, agarrando com afeto a mão de sua filha, a levou a seu próprio coração e, olhando-a aos olhos, disse:

— Ela está aqui. Contigo. Comigo. Com todos que o amamos e o recordamos, mas terá que seguir, filha. Terá que continuar caminhando porque, se parar, a dor, a raiva e a frustração podem te paralisar, e isso Haakon não lhe perdoará.

A jovem assentiu, seu pai tinha razão, por isso, contendo a emoção que lhe provocava pensar em Haakon, assegurou observando que o broche que ele usava, e que somente colocava em ocasiões especiais, estava aberto:

— Sei, papai. Sei...

A jovem se apressou a agarrar o lavrado broche com a pedra negra e indicou:

— Tem que arrumar o gancho ou perderá o broche do avô.

O homem assentiu, a peça estava torcida, e, ao ver como girava, murmurou:

— Sempre gostou desse provérbio nórdico, verdade?

Demelza assentiu e leu a inscrição:

— *«Antes de entrar em um lugar, observe por onde se pode sair.»* —

Ato seguido, pai e filha sorriram, e o primeiro cochichou:

— Seu avô sempre dizia que, entrasse onde entrasse ou fizesse o que fizesse, sempre teria que ser consciente de quais saídas havia para procurar uma solução. Teria gostado de seu avô.

— Tenho certeza que sim — afirmou ela.

— Amanhã o levarei a Herson e ele arrumará o fecho do broche — disse Yngve enquanto ela o prendia de novo na lapela.

Mas Demelza sorriu e cochichou lhe piscando um olho:

— Amanhã esquecerá e voltarei a lhe recordar a seguinte vez que o usar.

O homem soltou uma gargalhada, sua filha tinha razão, e com carinho murmurou:

— Certamente você o arrumará antes que eu.

— Certamente — assentiu ela, e suspirou.

Yngve meneou a cabeça. Tinha liderado muitas batalhas. Muitas. Mesmo assim, a mais difícil tinha ante si. Precisava ver sua filha feliz, ela o merecia. Acariciou-lhe o rosto oval com carinho e disse:

— Ambos sabemos quem faz o pagamento, verdade? — A jovem afirmou com a cabeça, e ele acrescentou tocando com carinho o broche: — Mas enquanto chega esse momento, não cometa o erro de arruinar o presente recordando um passado ruim que já não tem futuro nem solução. Compreende, Demelza?

A jovem sorriu. Gostava das conversas que sempre mantinha com seu pai, eram especiais, diferentes, maravilhosas. E, disposta a lhe fazer ver que seguiria seu conselho, levantou-se e com um gracioso gesto perguntou:

— Que tal dançar?

— Contigo?

Demelza riu e, olhando para Alvilda, a mulher com quem Yngve se divertia ultimamente, replicou:

— Não seria melhor dançar com ela?

Ele sorriu e afirmou com gesto seguro ao mesmo tempo que lhe estendia a mão:

— Seria melhor dançar contigo. Com minha guerreira.

Sem duvidar, Demelza aceitou sua mão e, encantados, ambos dançaram felizes.

Capítulo 02

Enquanto dançavam junto aos noivos, Urd, a esposa de Yngve e a mãe dos irmãos de Demelza, observava-os. Ela era a única que a chamava de Laug à ruiva, um nome que a moça odiava e que, apesar de todo o ocorrido, ela se negava a esquecer.

Demelza tinha sido sua pedra no caminho. Sua frustração. O fato de que seu marido se deitasse com outras mulheres exercendo seu direito à poligamia não importava, como não importava a ele quando ela também fazia uso desse mesmo direito. Entretanto, nunca tinha gostado daquela filha dele. E, embora se encontrava serena desfrutando das bodas de sua filha Ingrid, em sua mente estava Haakon, seu filho desaparecido.

Depois de muitos bailes, durante os quais Demelza tentou demonstrar a seu pai que estava feliz, quando parou para descansar, ouviu:

— Coma um pouco de salmão, Demelza.

Ao ouvir a voz daquela pessoa tão importante para ela, a jovem se voltou. Ao lado dela estava Hilda, a coisa mais próxima de uma mãe que já conheceu, com vários pratos de salmão.

— Não tenho fome — respondeu negando com a cabeça.

Hilda suspirou, sua menina não tinha tido um ano fácil. Não obstante, sem dar-se por vencida, insistiu:

— Vamos, deve comer um pouco. Ao que parece, está delicioso.

— «Ao que parece»?

Ambas sorriram. Conheciam muito uma a outra.

— De acordo — disse a jovem finalmente. — Já sei. O salmão nunca te pareceu bem e por isso não o provaste.

— Exato. Mas você deve comer. Vamos, pegue um!

Sorrindo, Demelza agarrou um dos pratos. Era o melhor. Se não o fizesse, Hilda seguiria insistindo.

— De acordo — sorriu. — Comerei.

Quando Hilda partiu para seguir repartindo salmão, ela deixou com dissimulação seu prato sobre a mesa, pois não gostava. Então olhou para os cavalos dos assistentes, que pareciam inquietos, e se aproximou deles. Adorava os animais, especialmente os cavalos, apesar de que não tivesse um próprio, e os acariciou com carinho.

Agradada, procurou com o olhar à nova e maravilhosa égua cinzenta de sua irmã, de olhos cativantes da que ambas se apaixonaram fazia alguns meses quando acompanharam seu pai a vender queijo em outro povoado. Por sorte, agora esse animal era propriedade de sua irmã Ingrid, porque seu marido a tinha agradado.

Com carinho, caminhou em sua direção. Instintivamente, a égua olhou para Demelza e se dirigiu para ela. A jovem sorriu. Ela e seu magnetismo com os animais era assim, parando, esperou a que a égua se aproximasse e, uma vez que a teve diante, apoiou a testa sobre a testa da égua e, em norueguês, amorosamente murmurou:

— É linda... linda.

A égua meneou a cabeça encantada por suas palavras, e Demelza sorriu.

Segundo seu pai, aquele magnetismo era um dom. Yngve pensava que sua filha mais nova tinha uma conexão especial com os animais. Nunca tinha conhecido um que resistisse a ela. Todos terminavam aproximando-se.

Abstraída estava desfrutando da égua quando olhou ao céu, esse firmamento que tanto gostava de observar pelas noites, e de repente o pelo de todo o corpo se arrepiou.

O que acontecia?

Como haveria dito Hilda, isso lhe ocorria porque as fadas a avisavam de algo.

Mas do quê?

Sorrindo, passou as mãos pelos braços para esquentar-se. Sem dúvida o acontecido se devia por que começava a esfriar.

De novo centrou toda sua atenção nos cavalos; eram belos, apesar de que ela pouco soubesse de equinos. Mas então notou uma mão que a agarrava e, alarmada pelo que momentos antes tinha recordado, voltou-se subitamente.

— Que susto me deste! — Exclamou ao ver sua irmã Ingrid.

— Porquê? — Ela sorriu. Sem querer lhe recordar que estava sempre alerta se por acaso Viggo aparecesse, deu de ombros, e Ingrid, que estava emocionada pelo maravilhoso dia que estava vivendo, afirmou: — Sabia que estaria aqui. — Ambas riram, e então Ingrid cochichou olhando-a de cima abaixo: — Está linda com esse vestido. Eu a sinto ótima.

— Estou ridícula — zombou Demelza.

— O que diz, Dem?! Não está. Quando se veste como uma mulher, fica realmente bela. Linda.

Demelza suspirou. Sua feminilidade era algo que fazia tempo que tinha esquecido. Preferia passar desapercibida para os homens, por distintos motivos. E, observando o decote de seu vestido, murmurou:

— Odeio que me olhem os seios. Ver seus gestos me adoece.

Ingrid riu por seu comentário e, para desviar o assunto, comentou acariciando sua égua:

— Quando Harald me entregou a égua, não me podia acreditar nisso!

Demelza sorriu feliz. Aquela égua cinzenta de crinas negras, de três anos, era impressionante.

— A felicidade chegou a sua vida em muitos sentidos, irmã — afirmou.

Ingrid assentiu. Estava convencida disso. Casou-se com o amor de sua vida e, sorrindo, murmurou olhando ao animal:

— Harald e eu pensamos que o primeiro potro que ela tenha... será para você!

Demelza sorriu feliz, sua irmã e seu cunhado a amavam muito, e declarou emocionada:

— Esperá-lo-ei com ânsia.

— De qualquer maneira — cochichou Ingrid a seguir. — Decidi chamá-la de Unne.

— Nãooooooooooooo...

— Simmmmmmm...

— Por quê? Por que Unne?

— Porque Unne significa «amor». Que melhor nome para ela? — Explicou a recém-casada.

Demelza riu. Ingrid era uma romântica e, para sua sorte, tinha conhecido o amor. E, recolhendo o seu espetacular cabelo vermelho em um lado, cochichou:

— Uma égua como esta merece um nome poderoso, e acredito que... — Não pôde terminar de falar. Agarrando-a pela mão, Ingrid a puxou e exclamou: — Vamos, Dem!

— Aonde?

— Vamos! — Insistiu a noiva.

Agarradas pela mão, as duas irmãs se afastaram da festa.

Demelza e Ingrid. Ingrid e Demelza.

Eram iguais. Impetuosas, arriscadas, valentes.

Ambas tinham os olhos e a tez clara como seu pai. Embora Ingrid, dois anos mais velha, era loira e Demelza, ruiva. Possuía um cabelo tão vermelho que muitos pensavam que isso era o que hipnotizava aos animais.

Entre risadas, e agarradas pela mão, chegaram até um solitário lugar, tranquilo depois de uma enorme rocha. E, sem preocupar-se com os bonitos e delicados vestidos que usavam, atiraram-se ao chão e ficaram descalças para sentirem o frio nos pés.

O espetáculo começava.

Cores verdes, rosas, brancos ou violetas dançavam no firmamento enquanto elas observavam maravilhadas, de repente Demelza, a mais jovem das irmãs, murmurou ao sentir de novo os pelos de seu corpo arrepiados:

— Acredite ou não, desta vez, as valquírias se aproximaram tanto a mim que inclusive todos os pelos do meu corpo estão arrepiados.

Ingrid sorriu, não duvidava da palavra de sua irmã, quando a ouviu dizer maravilhada sem apartar seus olhos da claridade do céu:

— Quanta beleza.

— Sim.

— Sempre gostamos de ver o céu assim.

— Recorda a lenda que nos contou Hilda?

— Qual delas? — Zombou-se Demelza.

Ingrid sorriu e, recordando sua preferida, respondeu:

— Essa que diz que as cores são mulheres apaixonadas e correspondidas que dançam eternamente atrás de sua morte.

— Você e seu romantismo.

— Se sentir amada e protegida é... é muito bonito, Dem — afirmou Ingrid.

Espero que algum dia apareça um homem que a faça sentir que a vida é algo mais que guerrear e...

— Eu não sou como você, Ingrid — replicou Demelza.

Sua irmã a olhou e, consciente do que dizia, afirmou franzindo o cenho:

— Já sei que não é como eu. E, precisamente por isso, espero que algum dia chegue esse homem especial que te dê de presente uma linda, única e excepcional prova de amor e te faça saber que ele e só ele é o dono de seu coração.

— Oh, Ingrid, não diga tolices — zombou ela.

A jovem loira a olhou e insistiu com gesto sério:

— Espero que, quando esse homem chegue a sua vida e finque o joelho no chão como fez Harald para me pedir em matrimônio, aceite-o. Porque, se não o fizer, juro Por Odín que te perseguirei e a martirizarei pelo resto de seus dias, entendido?

Demelza soltou uma gargalhada e, continuando, ao ver o gesto de aborrecimento de sua irmã, murmurou:

— Pobre incauto, se espera que eu me apaixone por ele e aceite semelhante breguice.

— Dem! — Grunhiu Ingrid.

Divertida pelo romantismo de sua irmã, Demelza olhando-a falou:

— Sinto te dizer que isso nunca acontecerá. Nunca darei a nenhum homem essa oportunidade, e menos que me apaixone por ele. E não o farei porquê...

— Oh, te cale! — Repreendeu-a.

Em silêncio, continuaram observando a impressionante aurora boreal, recordando as centenas de lendas que Hilda lhes contava.

Aquelas cores mágicas que apareciam no céu em determinadas épocas do ano e que desde meninas gostavam de desfrutar de juntas. Então, Demelza comentou tocando o cabelo preso de sua irmã:

— Hoje, quando já finaliza o dia de suas bodas, as Valquírias estão felizes por sua união. Por isso nos permitem ver o reflexo de suas armaduras enquanto festejam.

— Belos reflexos — murmurou a desposada, acariciando o pingente esculpido que usava no pescoço em forma de coração e que seu irmão Haakon lhe tinha agradado anos antes. Como ela dizia, era seu talismã da sorte.

As jovens irmãs por parte de pai sorriam quando Ingrid, elevando a mão, sussurrou assinalando seu bonito baugr:²

— É belo o anel da avó, verdade?

Demelza olhou a aliança lavrada de prata velha que sua irmã usava no dedo. Aquele anel antigo, que pertencia à família, o tinha dado seu pai a Harald para o dia do enlace. Felizmente, não o tinha entregue a Viggo.

— É o anel mais bonito que já vi — afirmou agradada.

— Deveria ser seu.

— Não. Por sorte, é teu. Se pai o tivesse entregue a Viggo, ele o teria vendido. Por fortuna, papai nisso acertou.

Ingrid assentiu e, convencida daquilo como sua irmã estava, afirmou:

— Tem razão.

Permaneceram uns instantes em silêncio, até que a recém-casada murmurou:

— Dem...

— O quê?

² O anel do templo sagrado em que foram feitos os juramentos era chamado de baugr.

— Sou a senhora Hermansen! Sou-o! Casei-me com o amor de minha vida!

— Não? Sério?

— Sim! Sim!

Ambas riram a gargalhadas. Ingrid tinha completo seu romântico sonho.

— Estou que não caibo em mim de felicidade — prosseguiu. — Me casei com um ferreiro bonito, alto, maravilhoso. Amo-o e ele me ama, mas reconheço que estou um pouco assustada.

— Porquê?

— Ai, Dem... Esta noite vou compartilhar o leito com ele.

Ela sem querer pensar em sua própria experiência, indicou:

— Seu marido será suave e delicado contigo.

— E se não o for?

— Será... — Ingrid suspirou. O momento ansiado e temido por toda jovem tinha chegado, e, quando foi dizer algo, sua irmã acrescentou: — Recorda: se conhecem desde meninos e por toda sua vida vem te obsequiando lindas provas de amor, ou não?

— Sim — sorriu Ingrid.

Ficaram de novo em silêncio e, ao cabo, a recém-casada, que queria o melhor para sua irmã, murmurou:

— Algum dia chegará esse homem que te oferecerá infinidade de provas de amor.

— Duvido-o.

— Não, não o duvide. Sei que ocorrerá e...

— O amor não é para mim — a cortou Demelza. E, ao ver como sua irmã a olhava, adicionou: — E não quero falar disso, entendido?

Ingrid suspirou, doía-lhe ouvir isso de sua irmã mais nova. Mas, nervosa pelo que lhe aconteceria nas núpcias, perguntou vermelha como um tomate:

— Dói?

Demelza fechou os olhos. Era-lhe terrível recordar certas coisas, por isso não respondeu, quando sua irmã, ficou consciente de seu gesto, sussurrou tocando-a na barriga:

— Mãe me disse que tenho que estar muito quieta para que a dor passe rápido e que, com o tempo, aprenderei a me mover e a gostar.

Demelza sorriu ao ouvir isso.

Ela era a irmã mais nova. Mas, por desgraça, por culpa do que todos dizia que era sua mãe, tinha tido que amadurecer de repente. Entretanto, como não queria amargurar Ingrid naquele momento, respondeu consciente de que ela nunca tinha chegado a gostar:

— Mãe tem razão. A ouça.

— Mas e se Harald...?

— Harald não é Viggo — replicou ela. — Se fosse assim, eu mesma não teria permitido que se casasse com ele, porque o teria esquartejado. E te digo uma coisa mais, irmã, se algum dia fizer algo que você não deseja, só tem que me dizer e juro que o matarei.

— Ruiva Selvagem, para! — Protestou a recém-casada.

Ela sorriu.

Esse era um desses momentos nos quais, se seu pai a tivesse ouvido, a teria recordado de seu sangue escocês. Esse sangue repleto de paixão, indisciplina e perigo que, segundo ele, um dia o apaixonou, e de cujo amor ela nasceu.

O silêncio se instalou de novo entre ambas e, depois de uma maravilhosa cor violeta que cruzou o céu formando cascatas de luz, Ingrid murmurou tentando saber o que pensava sua irmã:

— Tem que ter paciência com a mãe.

— Sei.

— Não é má, embora se empenhe em te chamar Laug e você odeie esse nome. É só que...

Sem deixar sua irmã terminar a frase, e fazendo um dos movimentos que seu pai lhes tinha ensinado, Demelza se sentou sobre ela com sua agilidade de guerreira e, lhe tampando a boca, a assegurou consciente do que dizia:

— Não se preocupe. Estaremos bem.

Ingrid assentiu. E, contra-atacando, ao notar que as costas de sua irmã mais nova tocava o chão, insistiu:

— Me prometa que não a fará se zangar.

— Euuuu?

— Dem! Já não estarei a cada manhã a seu lado para...

Esforçando-se por derrubar sua irmã, ela a cortou:

— Me arrumarei sozinha. E se mãe deixar Hilda em paz, todas levaremos a melhor.

Mas Ingrid não deu seu braço a torcer.

— Pedirei a Hamingja que te cuide todos os dias e a ajude a encontrar a felicidade.

Ao ouvir isso, Demelza sorriu. Hamingja, para os vikings, era uma espécie de anjo guardião que cuidava e decidia a sorte ou a felicidade de seu protegido.

— Pobre Hamingja! — Murmurou.

— Dem! — Grunhiu Ingrid.

— Está bem... Está bem...

Pela educação que tinham recebido de seu pai, um antigo guerreiro, as duas irmãs podiam ser doces moçoilas ou fortes guerreiras.

Yngve tinha ensinado a seus quatro filhos tudo que podia.

Segundo ele, o conhecimento nunca tinha feito mal a ninguém. E, por isso, tinha instruído a seus quatro filhos a respeito de como rastrear, montar a cavalo e saber conduzir-se com o machado, a adaga, o arco e a espada. Também lhes tinha ensinado a arte da glima³, um estilo de luta corpo a corpo que só os vikings praticavam. Algo no qual Demelza sempre tinha destacado.

— Vou sentir sua falta, senhora Hermansen.

Com carinho, a recém-casada respondeu deixando de lutar:

— E eu a você, Ruiva Selvagem. — Sorrindo, Ingrid voltou a deitar-se no chão para ver o maravilhoso céu enquanto agarrava com força a mão de sua irmã, que a seu parecer, era a melhor que ninguém pudesse ter, e cochichou: — Tenho saudades de Haakon todos os dias.

— Eu também...

— Se estivesse aqui, não pararia de brincar e de dançar com as mulheres da festa por toda a noite e nos recordaria que teríamos que viver o presente, porque o futuro está por chegar. — Com tristeza, ambas olharam ao céu, quando a desposada insistiu: — E quanto a mãe...

— Não falemos dela agora. Por favor — pediu sua irmã.

Ingrid calou e assentiu.

Sua mãe nunca tinha aceitado Demelza como uma filha, apesar de que tinha chegado a seu lar sendo um bebê de apenas dois dias. Saber que aquela menina ruiva era filha de seu marido e de uma prostituta escocesa da qual se apaixonou, embora logo ela tenha morrido, Urd a partiu em duas. E, mais ainda, quando quis lhe trocar o nome, mas Yngve se negou. A menina se chamaria Demelza, como sua falecida mãe tinha pedido, e não Laug.

³ Glíma é o nome da arte marcial escandinava usada pelos vikings tanto para fins de autodefesa como para fins competitivos como forma de entretenimento praticado por homens e mulheres de todas as idades.

Com inapetência, Urd teve que aceitá-la em seu lar, mas as diferenças que fez entre Daven, Haakon e Ingrid, seus três filhos biológicos, e a menina eram evidentes para todos.

Em seu afã por controlar tudo, a mulher se empenhou em chamá-la Laug, um nome que só ela usava e que a jovem nunca tinha atendido. E mais, odiava como o pronunciava e o desprezo que mostrava quando lhe gritava encolerizada: «*Sangue escocês tinha que ter!*».

Por sorte, seus irmãos e seu pai a amavam, embora aquele sangue escocês corresse por suas veias, e a chamavam de Demelza. Ou Dem, nos momentos distendidos. Sempre a tinham adorado e adoravam sua loucura e sua valentia, e mais quando ela tinha tomado a espada na mão em mais de um problema.

Um dos dias mais bonitos de sua vida foi quando seu pai encontrou um cão lobo ferido gravemente. Ajudada pelo Yngve e por sua sabedoria, Demelza conseguiu salvá-lo, e o animal, ao que chamou Wulf, converteu-se em seu mais fiel amigo.

A jovem nunca tinha sentido falta do carinho de uma mãe porque o tinha recebido de Hilda, a mulher que a amamentou desde o primeiro dia que chegou a seu novo lar. Foi ela que lhe ensinou às escondidas a falar em gaélico escocês, embora fora açoitada por Urd quando esta se inteirou.

Hilda era uma escrava escocesa, uma mulher raptada de seu povo, como sua defunta mãe, por malfeitores e que Yngve, o patriarca da família, tinha salvo em uma fria tarde de inverno. Uma vez liberada, Yngve lhe deu a opção de retornar a suas origens ou trabalhar para sua família na fazenda.

Hilda pensou: o que devia fazer? Mas no final, consciente de que retornar a Escócia era voltar para as ruas, decidiu começar uma nova

existência. E a partir desse dia viveu na fazenda, onde sua vida pessoal foi um desastre até que apareceu Demelza. Sua menina. Sua vida.

Os anos passaram e, enquanto o amor incondicional de Hilda pela menina crescia, no coração de Urd o que crescia era o ódio. Não importava o que Demelza fizesse.

Odiava vê-la sorrir, vê-la compilar frutos, ajudar na fazenda, vê-la com a espada, desfrutar da companhia de seu lobo Wulf ou montada a cavalo.

Aquela ruiva se parecia muito com Marion, a prostituta escocesa que tinha roubado o amor de seu marido, e sem duvidar decidiu urdir um plano.

Para isso, procurou dois irmãos chamados Jensen e Viggo Iversent, dois sujeitos nada recomendáveis, meio escoceses como Demelza. Sabia o muito que gostavam de dinheiro, de problemas, de mulheres e da bebida, e, depois de urdir um plano com eles, pelo prévio pagamento de uma saca de moedas, fizeram todos acreditarem que Demelza, a ruiva de cabelo escandaloso, era como sua mãe e dava de presente seu corpo a todos que a desejassem, sempre que acompanhava seu pai a vender os produtos da fazenda pelos povoados.

Essa foi a vingança silenciosa de Urd. Fez com a moça o que não pôde fazer com sua mãe: humilhá-la publicamente e pô-la contra seu pai.

Ao ouvir o que se contava de sua filha mais nova, Yngve se desencantou.

Esperava muito de Demelza, acreditava-a especial, diferente. E agora, por sua má cabeça, convertera-se em sua vergonha e seria impossível lhe encontrar um bom marido. Harald, o noivo de Ingrid, tentou falar com ele.

Fez todo o possível para que o escutasse, mas Yngve estava cego. Sua filha Demelza o tinha decepcionado e devia pagar pela sua dor.

Por isso, e sem escutá-la pela primeira vez em sua vida, apesar de que lhe disse com a mão no coração que seu amor por ela sempre estaria ali, aceitou o mundr, o preço da noiva que Viggo pagou por ela, e ele ofereceu o heimangero, seu dote. Sua filha devia desposar-se imediatamente, não esperariam um ano como se estava acostumado a esperar. Se não a casava rapidamente, o povo os apontaria com o dedo e logo deixariam de comprar os produtos de sua fazenda. Demelza não teve outra opção e, finalmente e contra sua vontade, casou-se, ante a tristeza de Harald e sua irmã.

Passou de ser livre a estar enjaulada.

De usar o cabelo solto a levá-lo preso.

De rir, a nunca sorrir.

E, o pior, por exigência de Viggo, deixou de ser Demelza Ovesen para ser Laug Iversent, algo que ela nunca aceitou. Se antes odiava esse nome, agora mais ainda, unido aquele sobrenome.

E, embora tentasse dissimular ante Hilda, seu pai e seus irmãos as torturas e os vexames que sofria nas mãos de seu marido, uma noite, depois de uma terrível surra em que Viggo matou o seu fiel Wulf quando o animal tentou defendê-la quando viu que ele a açoitava, a jovem, moribunda, retornou à casa familiar desde o outro povoado, arrastando-se com o rosto e o corpo ensanguentados.

Yngve, ao ver o estado de sua pequena, que continha as lágrimas ante todos para não mostrar debilidade, encolerizou-se.

Mas com que classe de animal tinha casado a sua filha?

Hilda e Ingrid, quebradas de dor, com carinho e delicadeza, e ajudadas por mais duas vizinhas, pois não havia quem segurasse Demelza, costuraram a feia ferida que a garota tinha aberto na maçã

do rosto, enquanto Urd, sem mover-se de seu lugar, observava-as com gesto impassível. Nem sequer o duro olhar de seu marido e de seus filhos, ante sua frieza, fizeram-na reagir. Não lhe dava nenhuma pena aquela moça e nem a morte de seu lobo. Essa escocesa, filha de uma prostituta, sobrava em sua vida.

Daven, Harald e Haakon se tornaram loucos pelo que tinha ocorrido a sua querida irmã, para eles era inadmissível que aquele descarado tivesse posto as mãos em cima de sua Demelza, mas Urd os deteve. Entretanto, Yngve, disposto a matar aquele malnascido e a seu irmão, preparou-se junto com Harald para partirem em sua busca, sem precaver-se de que Haakon, seu filho do meio, fora na frente e, quando chegaram ao lugar, Viggo o tinha matado.

A desventura caiu sobre a família e o desespero de Urd, ante a perda de seu amado filho, redobrou o ódio pela moça. Demelza era a culpada. Seu filho tinha morrido por culpa daquela maldita escocesa ruiva.

Depois de um triste e terrível enterro, no qual Demelza, junto a Ingrid, permitiu-se chorar pela perda de seu querido irmão, naquela mesma tarde deu sepultura a Wulf. Aquele lobo tinha feito parte de sua família e merecia ser enterrado como tal.

Essa noite, quando retornaram a casa, Urd estava histérica de dor e, sem que ela se detivesse, saiu à luz o terrível plano que tinha urdido.

A raiva de Yngve ao conhecer os detalhes o enfureceu mais ainda.

Como sua mulher podia ter feito aquilo com a sua pequena?

E, depois de uma terrível discussão em que o homem expulsou Urd da casa, no final foi Demelza quem, ao ver o rosto compungido de seus irmãos, intercedeu por ela. Gostasse ou não, aquela desagradável mulher era a mãe de seus irmãos, e não podia permitir que eles sofressem. Eles a amavam.

Quando Urd retornou de novo a seu lar, sem que o perdão entrasse dentro do coração de seu marido nem de Harald, o noivo de sua irmã, Demelza, disposta a vingar a morte de Haakon e de seu fiel lobo, pediu a seu pai que organizasse um thing, uma assembleia local como tribunal de justiça.

Yngve, que já tinha pensado nisso, aceitou.

O que aconteceu com Demelza e Haakon tinha sido atos imperdoáveis por Viggo Jensen e que foram detidos e presos. A assembleia, os condenou a morrer no dia seguinte de uma forma com que nunca entrassem no Valhalla. Mas, ajudados pela ralé, aqueles desalmados conseguiram escapar durante a noite.

Yngve, Daven e Harald, enfurecidos e sedentos de sangue como nunca em sua vida, partiram em sua busca junto com cem homens mais. Encontrá-los-iam e os matariam. Arrancar-lhes-iam a pele a tiras. Para eles, quem fazia tinha que pagar. Não havia mais.

Durante sua ausência, houve saques na fazenda e nos arredores. Eram muitos os que sabiam que os homens estavam fora da zona, e roubar e aterrorizar podia ser fácil, mas, graças a Demelza, Ingrid e outras mulheres que atuaram como valorosas skjaldmö, mulheres guerreiras, o mal não foi maior.

Dois meses depois, os homens retornaram. Não tinham sido capazes de encontrar aqueles dois. Pareciam haverem-se desvanecido da face da Terra como por arte de magia, e, com pesar, voltaram para seus lares sem poder vingar a morte de Haakon. Uma dor irreparável que Demelza, em silêncio, prometeu-se vingar.

Passados alguns dias de sua volta, com a cabeça fria e o coração quebrado por seu irmão e por Wulf, a jovem falou com seu pai. O que Urd fizera no passado não lhe importava, era um tema esquecido, mas desejava pedir o divórcio de Viggo. Algo que sabia que a sociedade

viking lhe permitiria. Assuntos como a impotência, os maus tratos, a má gestão do patrimônio ou a infertilidade supunham ser um motivo de divórcio tanto de um homem como de uma mulher, e ela queria solicitá-lo desse modo.

Yngve aceitou ajudá-la. Sua pequena seria livre e retornaria a sua casa, não havia mais do que falar.

Não obstante, entrou em desacordo com ela quando Demelza, desejosa de humilhar Viggo, em lugar de ater-se aos maus tratos que lhe havia propinado no tempo de casados para obter o divórcio, quis alegar que ele era impotente e nunca a tinha satisfeito sexualmente.

Yngve se negou, e Daven e Harald também.

Por que não dizer simplesmente a verdade quanto aos maus tratos?

Com tranquilidade, e sem alterar-se ante as vozes de quem a amava, a valorosa Demelza lhes explicou seus motivos. Ela conhecia muito bem Viggo. Sua dignidade era tudo para ele e sabia que essa humilhação, essa degradação como homem, e não os maus tratos, fã-lo-ia retornar para matá-la. Assim, poderiam capturá-lo e matá-lo.

Hilda levou as mãos à cabeça, Ingrid também. O que ela propunha era uma loucura. Era terrivelmente perigoso! E, horrorizado, seu pai se negou. Sua filha era uma mulher guerreira, uma skjaldmö, não a isca para se conseguir um fim. Já tinha perdido um filho e não estava disposto a perder outro.

Urd, que até então tinha escutado em silêncio, posicionou-se junto à jovem. Pela primeira vez estava de acordo em algo que Demelza propunha.

A moça a agradeceu com o olhar, consciente de que sua vida nada importava à mulher.

Essa noite, a família Ovesen tomou uma decisão. O que Demelza propunha era uma loucura arriscada, mas, indiscutivelmente, essa loucura poderia ser sua única opção para dar morte a Viggo e a seus sequazes.

À manhã seguinte, Yngve se reuniu com a Assembleia acompanhado de toda sua família. E depois de expor o ocorrido, foi concedido a Demelza o divórcio, e, em silêncio e sendo de novo uma mulher livre, retornou junto a sua família.

Outra vez voltava a ser Demelza Ovesen, era livre novamente, de poder decidir por si mesma e inclusive de poder usar seu bonito cabelo solto.

Mas sua volta a casa não foi fácil. Urd, consciente de que não era um bom momento para carregar seu ódio contra ela, tomou outro caminho: esmagaria Hilda e, portanto, tornaria a vida impossível para a moça.

Demelza e Ingrid estavam pensando em suas coisas quando ouviram a voz de uma mulher detrás delas:

— Por Freya e todos os deuses. O que fazem no chão, sujando seus belos vestidos?

As moças levantaram o olhar e se encontraram com o rosto bonachão de Hilda, essa boa mulher, paciente e maravilhosa que tanto aguentava de Urd.

— Vendo dançar as cores no céu — respondeu Demelza.

Hilda sorriu e as apressou aproximando-se delas:

— Vamos, levantem-se e se calcem. E você, penteie-se! — Recriminou olhando para Demelza. — Por Odin, que parece uma louca com o cabelo revolto. — As duas irmãs riram quando a mulher continuou: — Como sua mãe as vejam, zangar-se-á.

— Não acredito que venha por aqui — zombou Demelza, recolhendo novamente o cabelo, desta vez em uma longa trança. Era melhor assim.

Ingrid e Hilda se olharam, e a segunda insistiu:

— Façam o favor de se levantarem e se comportarem como delicadas moçoilas.

— Mas, Hilda...

— Vamos!

Grunhindo e fazendo ruídos próprios dos homens, as jovens se levantaram enquanto Hilda e elas mesmas riam as gargalhadas. Adoravam rir juntas. Hilda tinha um excelente senso de humor, embora ao ver um gesto de uma delas, perguntou:

— O que te acontece, Ingrid?

A moça, sem perder seu sorriso, tocou os braços e respondeu:

— Os pelos do corpo estão arrepiados.

— Isso é coisa das fadas — murmurou Hilda com um sorriso.

— Já percebemos — zombou Demelza.

Hilda, que acreditava em coisas que faziam graça, insistiu:

— O que tem sentido é uma chamada de atenção. As fadas lhe avisam algo.

— Será por sua noite de amor com Harald...? — Zombou Demelza.

Ingrid, ao ouvi-la, grunhiu vermelha como um tomate:

— Dem!

Hilda as observou encantada, a união daquelas duas garotas era incrível, e, quando ia dizer algo, a recém-casada disse assinalando a sua irmã para provocá-la:

— Ela não está linda com esse vestido, Hilda?

Ela assentiu e Demelza, suspirando, cochichou:

— Não comecemos outra vez.

— Ingrid diz a verdade, minha vida — falou Hilda. — Você está bonita. Muito feminina e...

— Estou ridícula — finalizou Demelza.

Ingrid e Hilda protestaram.

Gostasse ou não, os vestidos lhe sentavam muito bem, mas Demelza preferia usar quase sempre roupas masculinas. Odiava que os homens a olhassem com desejo, e esse ódio devia a Viggo. Ele tinha conseguido que odiasse sentir-se como uma mulher.

— Está aqui... Estava te procurando, meu céu.

A ver seu marido, Ingrid sorriu e rapidamente colocou os sapatos. Harald, seu amor desde menina, era doce e calmo, e, quando este lhe estendeu a mão, a jovem olhou para sua irmã e disse dando meia volta:

— Dem, não demore. Espero-a para dançar, entendido?

Feliz e entusiasmada pela sorte de sua irmã, ela assentiu. Quando os recém desposados se afastaram, dirigindo-se a Hilda e perguntou no idioma gaélico que ali todos lhe tinham proibido:

— Será feliz?

Hilda afirmou com segurança.

Só vendo como Harald tratava Ingrid e o modo como a olhava podia saber que nesse casal havia amor verdadeiro, e declarou:

— Tremendamente feliz.

Quando foi calçar um de seus sapatos, Demelza viu no chão o brinco de sua irmã. Era uma linda e trabalhada pedra vermelha em forma de coração que um dia seu irmão Haakon tinha dado a ela e que agora o perdeu, e Ingrid o considerava seu talismã da sorte.

Segura de que tinha caído em sua luta e, agarrando-o, sorriu. Fál-la-ia enraivar até devolver-lhe. Depois de guardar no bolso do vestido, a jovem voltou a olhar ao céu.

As cores trocavam sem cessar. Então, ao sentir a cálida mão de Hilda agarrando a sua, perguntou consciente do que pensava:

— Acredita que Caty está aí?

Hilda assentiu emocionada. Caty era sua filha, uma linda menina de poucos meses que morreu cinco dias antes que Demelza aparecesse em sua vida. Motivo de ter sido ela quem a amamentou com seus seios cheios de leite quando chegou à fazenda. E, com tristeza, indicou baixando a voz para falar em gaélico:

— Acredito em lendas, especialmente naquela que conta que essas cores que dançam no céu são os sorrisos travessos das crianças que morreram. Certamente que minha Caty está dançando e rindo por aí, junto a Wulf.

Em silêncio, ambas olharam o céu.

Aqueles momentos juntas e suas confidências eram muito especiais para elas.

Do mesmo modo que Urd nunca tinha querido nada com Demelza, Hilda tinha querido tudo. Aquela moça ruiva e impetuosa se converteu na filha que tinha perdido. Mas, obrigando-se a deixar de pensar naquilo ou a tristeza se apoderaria dela, disse atraindo sua atenção:

— Está muito bonita assim vestida.

Demelza sorriu.

— Prefiro minhas calças.

Hilda soprou. Odiava Viggo. Aquele homem tinha lhe destroçado a vida e a ilusão de acreditar no amor, e, disposta que sua menina desfrutasse daquela noite como uma mulher, indicou:

— Agora vai retornar à festa, vai dançar com os moços que lhe convidem a fazê-lo e o vai ficar bem, entendido?

Demelza a contemplou com amor; adorava aquela mulher com loucura. E, puxando-a, exclamou:



— Oh, sim... mas você dançará comigo.

— Não seja louca, Demelza! — Protestou Hilda rindo.

Capítulo 03

Fortaleza do Keith, Terras Altas de Escócia

A noite escura reinava na Escócia quando Aiden McAllister entrou na sala privativa de seu quarto em sua fortaleza.

Sem pensar em excesso na viagem que tinha por diante, se apressou em trocar de roupa. Uma vez que colocou as calças, dirigiu-se à janela do fundo e, sem saber por que, olhou para o céu, quando este se iluminou.

Cores verdes, roxos e brancos cruzaram o firmamento como se quisessem falar com ele, lhe advertir de algo, e sentiu que os pelos dos braços se arrepiavam.

O que ocorria?

Rapidamente, passou as mãos por seus antebraços e sorriu. Sem dúvida, a emoção da partida guiada pelas estrelas tinha ocasionado aquilo.

Sem lhe dar mais importância, acabou de meter em um alforje um pouco de roupa limpa para o tempo que estaria fora. Depois, saiu de seu aposento e, ao descer, Girda, sua criada, que o esperava, apontou:

— Em seguida lhe trago algo de comer, senhor.

Aiden assentiu com seriedade. Por seu escuro passado, havia custado ganhar o respeito das pessoas. Muitos ainda o seguiam vendo como uma má pessoa, algo que nada tinha a ver com a realidade. Preferia que o chamassem «senhor» e o respeitassem a que acreditassem que, pelo que lhe aconteceu junto com seu irmão *Jesse o Mau*, não valesse nada.

Sentou-se à mesa e retirou seu escuro cabelo do rosto quando a porta da entrada se abriu. Era seu bom amigo Alastair. E, enquanto via que este se sentava e deixava um cesto a seus pés, comentou:

— Tem o rosto pálido.

Seu amigo meneou a cabeça.

Acabavam de retornar da taverna de Lucy. Estavam há dias celebrando a compra de algumas terras adjacentes com a fortaleza.

— Acredito que me excedi em muitas coisas — respondeu Alastair com gesto divertido.

Ambos sorriram.

Aiden e ele eram os dois solteiros mais cobiçados em grande parte nas tavernas das Highlands. Quando passavam, as mulheres os desejavam, se ofereciam, e eles, encantados, deixavam-se levar pelos momentos.

Eram atraentes, passionais e enigmáticos, uma fórmula que às mulheres ficavam loucas, até o ponto de brigarem entre si para serem escolhidas, coisa que eles, em sua vaidade, consentiam e desfrutavam.

Estavam rindo por isso quando Girda e Mina apareceram com uma bandeja de carne, pão, bebidas e pratos.

O fumegante aroma do guisado de Girda os avivou. Estavam famintos, por isso Aiden indicou:

— Comamos e tomemos forças.

Alastair assentiu. Era uma excelente ideia.

Depois dos primeiros bocados que tiveram o sabor de glória, Alastair falou das obras que pensava fazer, a sua volta, em sua fazenda. Aiden o escutou com atenção, sem dúvida aquela compra tinha sido um acerto, e indicou:

— Será um bom lugar para criar ovelhas.

— Sê-lo-á — afirmou Alastair feliz.

Em silêncio, seguiram comendo quando este perguntou, consciente da resposta.

— Decidiu a rota?

Aiden assentiu. Se algo destacava de seu amigo era que não gostava dos imprevistos. Desejava ter tudo sempre sob controle.

Então, ao ouvir um uivo longínquo, murmurou:

— Malditos lobos.

Alastair soprou. Aqueles animais tinham dado problemas outra vez perto da fortaleza.

— Pedi ao Moisés que acabasse com todos que pudesse — apontou.

— A viagem será longa — comentou Aiden ignorando os uivos. — Têm de procurar boas ovelhas para você e cavalos para mim. Acredito que estaremos fora uns dois meses.

Alastair assentiu. Ninguém o esperava em seu novo lar, como ocorria a seu amigo, e afirmou:

— Será agradável dormir vendo as estrelas.

Ambos sorriram, adoravam aquilo, quando Aiden, depois de meter uma parte de pão na boca e engoli-lo, perguntou:

— Decidiu o que vai fazer com Moira?

Alastair franziu a testa.

No último ano tinha estado cortejando essa mulher, a filha de um fazendeiro que tinha conhecido em uma festa.

Moira era uma boa moça. Entendia muito de fazendas, mas quando a via ou estava com ela, nada que fizesse o fazia desejá-la.

— É complicado — respondeu por fim. — Sei que seria a mais adequada para minha fazenda, mas não sei se é a mulher ideal para mim.

Seu amigo sorriu pormenorizado.

— Possivelmente esta viagem o faça esclarecer as ideias e a sua volta veja Moira como a mulher ideal a sua fazenda e seu coração.

Alastair deu de ombros, ele também tinha pensado nisso, e murmurou cortando o assunto:

— Quando retornar espero ter isso o mais claro possível. — E então, olhando o amigo com mofa, comentou: — O vi sair às escondidas da taverna de Lucy com uma certa mulher casada chamada Annabelle... — Ao ouvir isso, Aiden riu como um lobo, enquanto seu amigo acrescentava: — Sua beleza o cega como o sol, não é?

Aiden assentiu, se algo lhe sobravam eram mulheres belas.

— Termina de comer — o apressou diante do gesto zombador de Alastair. — Devemos partir.

Um bom momento depois, e já com os estômagos cheios, os dois Highlanders se levantaram da mesa e, ao sair pelo portão da fortaleza, Aiden voltou a olhar o céu. A noite era linda, as cores voltavam a iluminar o firmamento.

— Ocorre algo? — Perguntou-lhe Alastair ao ver que se detinha.

Aiden piscou. Os pelos do corpo tinham se arrepiado de novo.

— Alguma vez te ocorreu que de repente sente que algo vai acontecer, mas não sabe o que é? — Murmurou.

Alastair sorriu ao ouvir isso e, zombando de seu amigo, cochichou:

— Enquanto que seja lá o que ocorra não seja ruim para nós, estamos bem.

Aiden afirmou com a cabeça, sem dúvida ele tinha razão. Ato seguido, levantou o olhar à frente e observou os rostos de seus homens. Estes, depois de terem entendido que ele nada tinha a ver com seu irmão, veneravam-no pela oportunidade que lhes tinha devotado e a

suas famílias de poder ter um lar. Um lugar aonde retornar e onde suas mulheres e seus filhos estivessem protegidos por eles e pelo seu senhor.

— Já estamos preparados, senhor — anunciou Moisés.

Aiden assentiu.

Moisés era um homem solitário, não era muito falador, que tinha aparecido um dia e que ele tinha aceito por sua valentia e seu bom trato com os cavalos.

O jovem soltou o alforje onde levava seus pertences e começou a falar com ele do itinerário da viagem, quando de repente ouviu cascos de cavalo e alguém que exclamava:

— Maldito seja! Outra vez me mordeu.

Aiden se sentiu incômodo imediatamente. Seu novo cavalo trazia todos pela rua da amargura. Não havia pessoa que não se aproximasse dele que não terminasse com a marca de seus dentes, por isso, olhando para seu homem, que tocava o braço, disse:

— Hugh, solte-o.

Sem duvidar, o moço fez o que seu senhor lhe pedia, e a seguir Aiden estalou os dedos a modo de chamada.

Não obstante, o animal não se moveu.

Alastair sorriu ao ver aquilo e, coçando-a cabeça, murmurou:

— Acredito que...

— Cale-se, Alastair... — pediu ele.

— Deveria desistir de seu empenho.

Aiden negou com a cabeça. A teimosia não ganhava ninguém, e menos um animal, por isso voltou a estalar os dedos.

O cavalo se agitou nervoso, mas, em vez de avançar para ele, retrocedeu, e Aiden, sem separar seus escuros olhos dele, disse endurecendo o tom:

— Haar, aqui.

O animal o olhou e deu coices. O desafio ainda continuava em seus olhos, e Aiden amaldiçoou.

Seguia tendo saudades de seu cavalo anterior, Bidson, o fiel amigo que o tinha acompanhado durante muito tempo, e que, por desgraça, por culpa de uma terrível tormenta um ano antes em uma de suas viagens a Stirling, teve que sacrificá-lo quando caiu uma árvore em cima dele e que destroçou por completo suas patas.

Doeu em Aiden terrivelmente ter que fazê-lo, esse cavalo era muito especial para ele. Antes de morrer, o animal fez algo que lhe chegou ao coração, e, embora em frente a seus homens manteve a fortaleza na hora de sacrificá-lo, quando nessa noite ficou sozinho, as lágrimas escorregaram por seu rosto. Bidson tinha sido seu fiel amigo, o único que restava de um passado que era melhor não recordar e que, com sua morte, ficara definitivamente fechado.

No dia seguinte ao sacrifício do animal, estando em Saint Andrews para recolher alguns corcéis que tinham comprado, apareceu magicamente aquele animal, um cavalo negro como a noite. Aiden estava tentando dormir junto a seus homens de frente à praia quando, de repente, levantou a cabeça e o viu emergir de entre a bruma densa que formava o mar.

Estava sozinho, inquieto, e, por sua maneira de mover-se, também desorientado e assustado. Aiden se levantou de repente. Aquele cavalo era magnífico, devia ser dele, e não cessou em seu empenho até que finalmente o conseguiu.

Mas o animal era teimoso, rebelde e obstinado. Nada a ver com o obediente e leal Bidson, e, embora o desesperou em muitas ocasiões com suas dentadas e suas patadas, ele não renunciou a domá-lo. Quando algo lhe metia na cabeça, lutava por isso até as últimas consequências.

Chamou-o Haar, que em gaélico significava «bruma», por ter aparecido de entre a bruma do mar aquela noite escura.

Não obstante, Haar era tão obstinado como seu dono e, embora durante esse ano que estavam juntos foram se conhecendo e as dentadas para ele tinham cessado, ainda faltava muito para que ambos confiassem um do outro.

Aiden voltou a estalar os dedos e insistiu:

— Haar... aqui!

Os homens não se moviam, só se olhavam entre si. Todos sabiam o muito que Aiden trabalhava com aquele cavalo para voltar a ter um fiel corcel, e respiraram aliviados ao ver como este, depois de um instante em que pareceu pensar, finalmente caminhou para seu senhor, que sorriu.

Uma vez que o cavalo lhe tocou com o focinho na mão, Aiden murmurou tocando-o com carinho:

— Muito bem, amigo... muito bem.

Pouco depois, o grupo de homens, encabeçado por seu senhor, Aiden McAllister, empreendeu a marcha. Tinham uma longa viagem por diante.

Capítulo 04

Quando Demelza e Hilda retornaram à festa, agarradas pela mão, dançaram ao redor da fogueira, desfrutando da alegria do momento, enquanto os mais jovens dançavam como elas, os mais velhos jogavam a um jogo de mesa parecido ao xadrez chamado hnefatafl e as crianças brincavam com os bastões e as bolas de couro jogando knattleikr.

Tudo era felicidade, tudo era alegria, até que Demelza se fixou nos gestos de seu irmão Daven e seu pai e, aproximando-se deles, perguntou:

— O que está acontecendo?

Yngve suava, estava pálido, e Daven respondeu também com má expressão:

— Não me encontro bem. Pai tampouco.

Adnerb, a mulher grávida de Daven, meneou a cabeça preocupada e, olhando para Demelza com cumplicidade, murmurou:

— Acredito que beberam muito.

Ela assentiu. Sem dúvida, os dias que levavam celebrando o enlace tinham feito com que bebessem a mais da conta, mas quando, pouco depois, outros convidados começaram a passarem mau, Demelza ficou em alerta.

O que ocorria?

De madrugada, mais da metade dos convidados estavam pálidos e deitados no chão. Ninguém mais dançava, jogavam nem riam. Já não soava a música e todos estavam preocupados.

Demelza, Ingrid, Harald e Hilda os atendiam como podiam, quando de repente um grito ensurdecedor lhes fez saber que estavam

em perigo, e mais ao ver um grupo de homens muito mal-encarados que apareceram com espadas desembainhadas.

Demelza procurou com o olhar sua irmã, quando ouviu Harald gritar.

— Ingrid... não se mova daí — lhe advertiu.

Mas ela, longe de lhe fazer caso, agarrando a espada de um dos convidados que estava no chão, pálido, lançou-se contra um dos atacantes.

Com o pulso acelerado, Demelza se levantou. Não ia deixar a sua irmã sozinha.

Rapidamente olhou para Daven e, ao ver que este tentava levantar-se, mas caía ao chão sem forças, foi correndo até ele e, sem duvidar, agarrou sua espada. Seu irmão, ao vê-la, assentiu e, com gesto de raiva, bramou segurando-se em Adnerb:

— Mate-os, Dem... Mate-os!

Disposta a fazer o que ele lhe pedia para defender seu povo, com a espada de seu irmão na mão, Demelza a elevou. Era muito pesada para ela, mas, por sorte, em alguma ocasião a tinha utilizado e sabia como diminuir seu peso.

Com mestria, se juntou a outros homens que estavam sem sintomas da doença como ela, apresentou-se em batalha aos assaltantes. Não os conhecia. Nunca os tinha visto.

De onde teriam saído?

De repente, alguém a empurrou e ela caiu de bruços contra o chão. O sabor de sangue e a areia encheu sua boca em um segundo e, ao voltar-se rapidamente, encontrou-se com Jensen, o irmão de seu ex-marido Viggo, que, olhando-a, gritou ao tempo que a agarrava pela trança:

— Sem seu lobo, já não dá tanto medo... não é, Laug?

O fato de que mencionasse Wulf e a chamasse daquela forma que tanto odiava irritou mais ainda Demelza, quando aquele insistiu:

— Espero que o salmão envenenado mate a todos.

A jovem se desesperou, sem dúvida aquele era o mal que todos sofriam, e, quando ia replicar, Jensen, com um movimento selvagem e seco, cortou sua trança ruiva e cuspiu levantando-a no ar:

— Usava o cabelo solto faz um momento quando deveria usá-lo recolhido. É uma mulher casada, esqueceste-o?

— Não. Não sou — gritou ela furiosa.

Sorrindo com maldade, Jensen lhe mostrou a trança, que agora levava em sua mão, e zombou:

— Seu cabelo agora é meu, como você vai ser... O que acha?

Sem mover-se, a jovem piscou.

Nas mãos dele estava sua apreciada cabeleira vermelha, essa que seu pai venerava, e, quando ia responder, ele murmurou:

— Maldita escocesa... meu irmão te dará seu castigo.

Demelza gritou com frustração. O cabelo era o de menos. O que realmente lhe importava era por que tinham tido que aparecer nesse preciso instante.

E, furiosa, ouvia o bater das espadas ao seu redor, inquiriu:

— Onde está Viggo?

Depois de guardar o cabelo dela em uma cesta, Jensen soltou uma gargalhada e, matando um vizinho que se aproximava deles para auxiliá-la, replicou:

— Te esperando.

Angustiada, a jovem olhou ao seu redor. O perigo de que ela corresse não lhe importava, mas devia avisar do veneno no salmão. Hilda era boa com as ervas. Entretanto, quando quis voltar-se para procurá-la, aquele descarado lhe deu uma bofetada que a atirou de

novo ao chão e a cabeça lhe retumbou, enquanto o sabor de sangue alagava sua boca.

Sem soltar a espada de seu irmão, Demelza se levantou enquanto sentia que uma estranha força se apoderava dela lhe exigindo justiça. E começou a repetir aquilo que seu pai sempre lhe havia dito: «*A dor não existe, só a vingança*».

O seu sangue gelou. Ali estava Jensen, um dos homens que tinha rogado aos deuses encontrá-lo em seu caminho, e ia vingar a morte de seu irmão. Ela o faria. Mas era tal o caos de destruição que eles tinham organizado que, tal como tinha aparecido, esfumou-se também.

Nervosa, olhou ao seu redor. Ingrid e seu marido seguiam lutando com ferocidade. Sem tempo a perder, tentou localizar Hilda, mas um sujeito a agarrou e a jogou ao ombro, neste momento ouviu Jensen dizer:

— Levem-na enquanto matamos o restante.

Com força e raiva, Demelza o chutou. Ela não ia consentir aquilo. Sua família, seus amigos, não. Mas, ao não conseguir nada, decidiu lhe morder a orelha.

E foi tão forte a dentada que lhe deu que o sujeito a soltou, momento no qual ela correu em outra direção, até que viu Hilda junto a Urd, que atendiam a seu pai e a seu irmão.

Correu para elas. Devia falar com Hilda, mas em seu caminho a interceptaram de novo e ela lutou com aprumo. Lutou como seu pai lhe tinha ensinado, com decisão e honra, com raiva e ferocidade. Aqueles homens tinham ido ali para destruir algo bonito e ela pensava defendê-los com sua vida.

De canto de olho, viu Jensen. Aquele mau homem tinha encurralado a filha de sua vizinha Crista e suas intenções não eram

boas, por isso, mais uma vez se lançou para cima de seu atacante, foi até ele, e, depois de empurrá-lo com valentia, lhe encarou.

Jensen sorriu com maldade. A mudança lhe parecia bem. Desejava-a até sem sua longa cabeleira. E, esquecendo-se da outra jovem, lançou-se à luta.

Uma mulher nunca poderia com ele. Primeiro a derrotaria, logo a faria dele e, finalmente, a levaria a seu irmão para que terminasse com ela.

Algumas mulheres gritavam e fugiam. Outras lutavam com todas suas forças.

As crianças choravam e os homens que podiam manterem-se em pé brandiam suas espadas e seus machados em ataque e defesa.

O caos, a morte e a destruição converteram o bonito enlace e a maravilhosa noite em um sangrento campo de batalha. Uma batalha perdida. E tudo piorou quando Demelza, ao dar uma volta para se esquivar do ataque do Jensen, viu como um daqueles malfeitores atravessava com sua espada o corpo de seu pai, que, ao olhá-la, tocou-se o coração para lhe dizer que sempre estaria ali. Instantes depois, o mesmo homem atravessou o corpo de seu irmão e da mulher dele.

Não, aquilo não podia estar acontecendo...

Demelza gritou. Desesperou-se. Se enfureceu.

Tinha que ajudá-los. E, apesar do muito que lhe doíam as mãos, redobrou suas forças para lutar contra Jensen enquanto se sentia morrer ao ser consciente da terrível realidade.

Sangue...

Dor...

Luta...

Mas a sorte não esteve longe da jovem quando aquele malfeitor tropeçou e, quando caía ao chão, ela o atravessou sem duvidar com sua espada ao tempo que soltava um incrível alarido vitorioso.

Ofegante, cansada e acalorada, observou-o. Era a primeira vez que atravessava o corpo de alguém com uma espada daquela maneira e, ao ver como aquele desgraçado se retorcia de dor, falou sem sentimentos:

— Quem o faz, paga.

— Maldita mulherrrrr...!

Jensen, enfurecido, seguiu insultando-a, mas o que dissesse dava no mesmo.

Ele e suas circunstâncias não lhe importavam, e, com a alma rota por ver Hilda e Urd chorando junto a seu pai e seu irmão, vozeou:

— Eu te amaldiçoo, Jensen. Como amaldiçoo Viggo, e juro que o encontrarei e matarei com minhas próprias mãos.

O sangue que ele cuspiu de sua boca lhe salpicou no rosto, mas isso não a assustou. Como um guerreiro ávido de vingança, limpou o rosto com a mão, e, quando tirou a espada ensanguentada de seu corpo, ouviu que ele dizia:

— Viggo te encontrará... e... lhe... matará.

Com o pulso acelerado, a jovem assentiu. Como sempre lhe havia dito seu pai, chegado um momento assim, era ela ou ele. E, disposta a tudo, afirmou enquanto via como aquele morria:

— Eu o matarei antes.

Sem tempo a perder, e comprovando que a luta estava controlada graças a seu cunhado Harald, que, de espada em mãos, acabava com os últimos malfeitores, correu até o lugar onde seu pai, seu irmão e a mulher dele jaziam inertes.

Urd gritava enlouquecida.

Seu marido, seu filho e sua nora estavam mortos. Mortos!

A respiração da jovem Demelza se deteve. Não... aquilo não podia estar acontecendo. Aquele devia ser um dia bonito. Feliz. Sua irmã estava casando com o amor de sua vida e nada disso podia estar acontecendo.

Por que Viggo não tinha matado só a ela?

Porquê?

Urd a agarrou em busca de proteção, mas Demelza estava paralisada. Ver os belos olhos azuis abertos, mas sem vida de seu pai e seu irmão a matava, devorava-a por dentro, e, depois de tentar não derrubar-se, soube que ela e só ela devia fechar-lhes para sempre.

Tirando forças de onde não sabia que tinha, olhou seu pai, ao homem que sempre a tinha cuidado e amado, e, cheia de pena, observou que o broche que ele tanto adorava porque tinha pertencido a seu avô tinha desaparecido.

A dor, a raiva e a frustração a faziam tremer, mas Demelza sabia o que tinha que fazer. Por isso, levantando o queixo e engolindo as lágrimas, beijou seu pai, seu irmão e a sua cunhada Adnerb nas bochechas. Sentiria eternamente saudades. E, depois de aproximar sua testa à deles e lhes prometer vingança, com o rosto alagado de lágrimas, fechou-lhes os olhos e murmurou:

— Amo-lhes e voltaremos a nos encontrarmos.

Dito isto, a dor a dobrou em duas e, espada em mão, gritou de frustração.

— Porquê?

Por que tinha tido que acontecer isso?

Sem fôlego, e sem querer acreditar que tudo aquilo era real, dispunha-se a levantar-se quando uma sombra a sua direita a pôs em

alerta e, sem pensar, de um salto se colocou ante Urd para protegê-la. Isso lhe valeu um talho no lado, mas ao atacante lhe custou a vida.

Urd gritou. Demelza a olhou.

O atacante não tinha errado, e, quando uma enorme mancha de sangue brotou no vestido da mulher, esta, agarrando Demelza pelo braço enquanto caía ao chão, disse enquanto sentia como a vida fugia:

— Obrigada... filha...

Ela piscou.

«Filha»? A tinha chamado de «filha»?

Uma vez que Urd ficou tombada no chão, ajoelhou-se ao seu lado.

Era a primeira vez que aquela azeda mulher, a quem nunca havia sentido como uma mãe, chamava-a assim. E, com o gesto decomposto, murmurou sentindo-se fatal por não ter podido evitar aquilo:

— Eu... sinto muito... sinto muito...

Urd tomou sua mão. A apertou e, ao ver como as lágrimas daquela afloravam, indicou:

— Não mereço suas lágrimas, escocesa...

— Mãe...

— Nunca fui sua mãe... e sabe...

Demelza não respondeu, não podia. Então, a mulher começou a tossir e, quando parou, murmurou olhando-a:

— Peço... a Odin que eu encontre algo melhor do que mereço. — A mancha de sangue em seu vestido se estendia com rapidez. — Seja... melhor mãe que eu e busque a felici...

Urd não pôde terminar a frase. Tinha morrido.

Trememente, Demelza a olhou com sentimentos, agora, encontrados.

Seu pai, seu irmão, mãe... todos eles tinham morrido, tinham-na deixado. E, depois de dar um beijo na bochecha daquela mulher pela primeira vez em sua vida, fechou-lhe os olhos e murmurou:

— Que na outra vida voltemos a nos encontrar e ambas o façamos melhor.

Dito isto, levantou-se, neste momento viu chegar vários homens do povoado de espada em mãos, que, avisados por outros, foram ajudar. De repente viu Hilda. Ela estava viva! E, correndo para ela, abraçou-a com todo seu amor e, quando a separou de seu corpo, perguntou:

— Está bem?

A mulher assentiu. Olhou a sua ensanguentada menina e murmurou vendo o sangue fresco em seu lado:

— Minha vida, tenho que te curar.

Entretanto, não havia tempo para curas, e, jogando uma olhada ao seu redor, Demelza disse com urgência:

— Tenho que encontrar Ingrid...

— Demelza... está ensanguentada... e... e... seu cabelo...

De repente, recordando, a jovem levou a mão à cabeça e, ao tocar o cabelo, que lhe chegava só um pouco debaixo das orelhas, exclamou:

— Hilda, foi o salmão... estava envenenado. Deve preparar algo. Vá em busca de suas ervas. As pessoas necessitam de sua beberagem... qualquer coisa.

Então, um lamento próximo de um homem chamou sua atenção. Ao levantar a cabeça viu que se tratava de Harald. Aquele gigante de cabelo claro estava a escassos passos dela, ajoelhado junto a Ingrid.

Demelza deu um passo atrás.

Não... sua irmã não.

E Hilda, ao observar a cor escura de seus olhos, indicou agarrando-a com integridade:

— Seja forte, minha vida.

Mas não, a jovem não podia pensar. A mulher, ao sentir que as forças lhe falhavam, murmurou olhando-a com olhos assustados e que tinham um azul negro e gélido que antes nunca tinha visto:

— Vá e se despeça de sua irmã.

— Não...

— Demelza...

— Não pode ser! — Gritou ela aterrada. — Não pode ser, Hilda. Não... Não...

Não...

— Demelza! — Repetiu ela levantando o tom.

Aquela voz autoritária... Aquele grito fez que a jovem a olhasse, e Hilda insistiu:

— Sua irmã a espera.

Com a alma encolhida e o coração quebrado, a moça se aproximou de sua irmã a que adorava e de seu cunhado, e, cravando os joelhos no chão, deixou a espada a seus pés e se situou junto a eles.

Harald chorava. Suplicava a Odin sua ajuda, enquanto Demelza só via o sangue que alagava o corpete do bonito vestido de noiva de sua irmã.

Ingrid estava muito pálida, e lhe custava respirar.

Seu olhar parecia perdido quando disse olhando seu marido:

— Dançarei no céu eternamente... eternamente...

Demelza soltou um gemido. Sabia por que sua irmã dizia isso.

Harald começou a tremer. Ouvir isso lhe doeu, desesperou-o, quando sua bonita e jovem mulher, cravando seus olhos azuis nele, murmurou:

— É maravilhoso... meu amor.

— Ingrid...

A moça sorriu com tristeza. Sabia perfeitamente que tinha chegado sua hora, e, olhando-o, acrescentou:

— Vou tranquila, amor. Fui feliz desde menina ao seu lado, mas agora deve ver-me como parte de seu passado.

— Minha vida... não... não diga isso... — rogou aquele grandalhão enquanto chorava como um menino.

— Carinho... — prosseguiu a jovem, a quem a voz lhe embargava, — agora tem que olhar o presente em busca de seu futuro. E me prometer que dará uma nova oportunidade ao amor e terá os filhos que sempre desejava para lhes contar lendas e...

— Ingrid, não... — soluçou o homem.

A jovem tremeu. Sentia como suas forças se desvaneciam, mas insistiu:

— Harald, só se você for feliz eu o serei. Prometa-me isso.

O viking chorava. Aquele homem de cabelo claro e olhos azuis de dois metros de altura chorava como um menino desesperado, enquanto via como o amor de sua vida perdia sua luz e não podia fazer nada para evitá-lo.

Por isso, depois de dar a jovem um doce beijo de amor nos lábios, murmurou:

— Sempre te amarei... sempre... Prometo-lhe isso.

As lágrimas de Demelza corriam em torrentes.

Ver como aqueles dois se despediam era triste, muito triste. Quando sua irmã, voltando seu bonito, mas pálido rosto para ela, esboçou um sorriso e disse:

— Seu cabelo... seu mágico cabelo de fogo...

Sem querer perder o tempo com algo tão banal como aquilo, Demelza tirou o talismã vermelho da sorte de sua irmã do bolso e indicou:

— Encontrei-o. É teu.

Ingrid o olhou com carinho e, levantando a mão para tocar o cabelo curto dela, murmurou:

— Agora é teu.

— Não... não...

Ingrid acariciou o rosto de sua irmã. Devia ser forte. E, tomando fôlego, murmurou:

— Agora tem que se levantar, ser forte e usá-lo pelas duas.

Incapaz de não chorar, Demelza se desmoronou.

— Não chore, Dem... não chore...

Mas era impossível não fazê-lo.

Como não chorar ante aquilo?

Quando Ingrid, em um fio de voz, perguntou:

— Onde estão pai... Daven... mãe...?

Demelza não respondeu. Não podia. Olhou a um destroçado Harald e, sem falar, indicou-lhe com o olhar.

Ele se voltou para a esquerda e, ao ver os corpos sem vida deles, fechou os olhos quando a moribunda, depois de um estranho ofego, sussurrou:

— Aqui já não tem ninguém, Dem. A ninguém...

Surpresa por isso, Harald e Demelza se olharam.

Como podia intuí-lo?

— Tem que partir daqui... — insistiu Ingrid, — Ser feliz e... encontrar essa pessoa... que... que... apaixone-se por você. Uma Ruiva Selvagem...

— Quando se recuperar o faremos juntas, com Harald e Hilda.

Mas Ingrid sabia a verdade. Sua verdade.

E, olhando a seu desesperado marido, murmurou com a voz cada vez mais falha:

— Harald... me prometa que as tirará daqui.

A dor lhe comia, mas, disposto a acatar tudo o que lhe pedisse, afirmou:

— Prometo-lhe isso...

Ingrid sorriu. Sabia que Harald não a decepcionaria. Nunca o tinha feito. E, olhando a irmã, murmurou:

— Implorarei a... a Hamingja que te ajude a encontrar a felicidade.

— Ingrid...

— Não chore, Dem — murmurou ela em um fio de voz. — E me prometa que Harald e você procurarão a felicidade. Como... como disse sempre o pai, não arruinem o presente recordando um passado que já não tem futuro, nem solução. Vi... vivam o presente...

— Ingrid...

— Pro... prometa-me isso.

O pranto voltou a apoderar-se dela.

A tristeza tinha alagado seu coração, mas, ao encontrar-se com o olhar de sua irmã, com um esforço que a fez tremer dos pés à cabeça, Demelza deixou de chorar e afirmou:

— Prometo-lhe, Ingrid... prometo-lhe isso.

Ela assentiu. Levou a mão ao coração a modo de carinho como seu pai sempre lhes tinha ensinado e, sorrindo, fechou os olhos e morreu com o rosto em paz.

Desesperada, Demelza gritou junto de Harald, enquanto Hilda, a seu lado, tentava lhes dar consolo. Não obstante, esse era impossível de alcançar.

De repente, um grito voltou a alarmá-los. Chegavam mais homens em busca de problemas.

A dor de Harald o impedia de reagir, mas, depois de olhar a sua mulher e pensar no que lhe tinha prometido, pediu dirigindo-se a sua cunhada:

— Deve partir com Hilda, agora!

— Não! — Replicou a jovem.

Ao ouvir sua negativa, Harald falou endurecendo o tom:

— Tenho que te pôr a salvo, eu prometi!

Hilda se levantou. Entendia o que ele queria fazer. Olhou à moça angustiada, quando esta, secando-as lágrimas, assegurou:

— Não, irei lutar e dar sepultura a minha família.

— Demelza!

— Não penso deixá-los assim! — Gritou desesperada.

Com o coração quebrado, Harald amaldiçoou. Entendia-a, compreendia-a muito bem, mas quando viu que se agachava para voltar a empunhar a espada que estava a seus pés, deteve-a.

— Entendo sua dor. Sua raiva. Sua frustração...

— Eles são minha família... minha família... Ingrid... — ofegou com lágrimas secas no rosto.

Ele assentiu, sua própria dor mal o deixava respirar, mas, sem dar seu braço a torcer, murmurou:

— Você e eu vamos cumprir nossas promessas, seja como for.

— Tanto faz se tiver que te amordaçar ou te açoitar para conseguirlo. Mas você vai partir com Hilda e ides me esperar em Lærdal até que eu chegue, entendido?

— Mas...

— Demelza — levantou a voz Harald, — deve ir a Lærdal, a casa de Gudulf o ferreiro; sabe quem é, verdade? — Ela assentiu, e ele prosseguiu: — Me espere ali e confie em mim, por favor.

Mas ela olhou sua irmã, seu pai, seu irmão e Urd...

Como partir e deixá-los ali?

Como não lhes dar sepultura?

Como viver sem eles? Sem sua família?

Entendendo a confusão da jovem, mas vendo que o tempo apressava na luta encarniçada que de novo estava se organizando ao seu redor, Harald insistiu lhe agarrando as mãos:

— Tem que fazê-lo por Ingrid e por sua família.

— Filha, Harald tem razão — atravessou Hilda.

— Por favor, Demelza. Por favor — rogou o ferreiro.

Engolindo o nó de emoções que tinha na garganta, soube que devia fazê-lo. Tinha prometido a sua irmã. E, enquanto ela se deixava empurrar por Hilda, Harald adicionou:

— Prometo dar a todos a sepultura como merecem. Confie em mim.

Desesperada, e sem saber realmente se fazia bem ou mal, Demelza voltou a olhar pela última vez sua irmã, sua bela irmã. E, agarrando com força o pingente que ela tinha deixado em seu poder, murmurou:

— De acordo, Harald. Fá-lo-ei por ela.

O ferreiro assentiu e as apressou:

— Vão para onde estão os cavalos. Tomem e partam daqui a toda pressa. Eu lhes encontrarei.

Sem tempo a perder, a moça, junto a uma tremente Hilda, correu entre o caos e a destruição. Quando chegaram onde estavam os cavalos, a mulher montou no primeiro que encontrou, enquanto Demelza se detinha.

— O que faz, menina? O que faz?!

Mas Demelza sabia muito bem o que fazia, e, depois de guardar o pingente de sua irmã no interior da bota, olhou a seu redor em busca

de sua égua. Uma vez que a viu, correu até ela, subiu com agilidade a seu lombo, foi até a Hilda, que a esperava no outro cavalo, e, agachando-se, murmurou ao ouvido do animal:

— Vamos, Unne! Vamos!

A égua, nervosa como estava, ao ouvi-la, lançou-se ao galope seguida pelo outro cavalo, enquanto a jovem ouvia o pranto de seu coração ao afastar-se de seus seres queridos.

Um bom momento depois, e sem parar no caminho, chegaram até Lærdal. Ali procuraram a casa do ferreiro, mas, a diferença do que Harald pensava, aquele homem, sem nenhum escrúpulo, entregou às mulheres a alguns capachos de Viggo que as tinham seguido.

Demelza resistiu. Mesmo tendo as mãos cheias de chagas pelo esforço que tinha que fazer para levantar a espada de seu irmão, fez-lhes frente. Mas um deles agarrou Hilda e ameaçou matá-la se não se entregava. E então, a jovem, sem poder fazer outra coisa, se rendeu. Não podia perdê-la também.

Dois dias depois, antes de chegarem até seu ex-marido, o grupo foi assaltado.

As mulheres e a linda égua cinza foram capturadas desta vez por mercenários escoceses que as levaram de novo à costa, onde as meteram em um navio.

Essa noite, Demelza, junto à Hilda, que chorava com desconsolo por sua má sorte, contemplava as estrelas por um buraco da adega. O casamento de sua irmã se converteu no dia mais terrível de sua existência. Sua família tinha morrido, tinha sido capturada junto à Hilda e Unne, e estavam algemadas na adega de um enorme navio, rumo a Escócia.

As lágrimas foram a seus olhos, mas conseguiu detê-las. Não ia chorar.

Já nada no mundo poderia lhe fazer dano porque a dor não existia, só existia a vingança e, como sempre lhe dizia seu pai, quem fazia: pagava!



Capítulo 05

Saint Andrews, Escócia.

Dois meses depois Aiden e seus homens se abrigavam da tempestade de neve que soprava, mesmo tendo chegado a primavera. Fazia frio, o que podia afetar os cavalos que tinha comprado em Edimburgo e, por isso, cuidava-os com carinho com a ajuda de seus homens.

Estavam olhando alguns quando ouviu Conrad dizer:

— Hoje faz frio.

Moisés, que estava junto a ele, não respondeu; era um homem parco em palavras. Alastair, em troca, comentou ao tempo que soprava o fôlego nas mãos:

— Muito para a época em que estamos.

— Passaremos a noite aqui — anunciou Aiden. — Descansaremos e amanhã ao amanhecer partiremos.

— Excelente ideia — conveio Alastair.

Durante um momento, os dois Highlanders falaram de cavalos, até que Moisés se aproximou deles.

— Meu senhor — disse. — Acabo de ouvir que no mercado que há junto à catedral de Saint Andrews há alguns homens que vendem cavalos incríveis.

Isso chamou a atenção de Aiden, isso lhe interessava, e, olhando Alastair, perguntou:

— O que acha?

O highlander de cabelo claro sorriu.

— Parece-me que deveríamos ver se são tão incríveis esses animais.

Aiden ordenou a seus homens que montassem o acampamento para passarem a noite, dirigiu-se para a catedral junto a Alastair, Moisés e Gareth.

Por dar uma olhada nesses cavalos não perderiam nada.

Não muito longe da catedral, em uma bifurcação da estrada, três homens, providos de quatro belos cavalos e três mulheres, caminhavam com rapidez.

Deviam vender a mercadoria que eles tinham comprado de alguns malfeitores essa manhã o mais rápido possível. Já tinham vendido dois cavalos e duas mulheres.

Com um pouco de sorte, venderiam tudo antes do anoitecer.

— Vamos, caminhem! — Exigiu um dos homens que as deixava cativas.

— Estamos caminhando, não o vê?! — Grunhiu a ruiva, lhe cuspiendo enquanto sentia como se cravava o que tinha escondido nas botas há dois meses.

O homem riu. A aparência suja e desalinhada delas era notória, e, batendo com o látego no traseiro da ruiva por puro prazer, afirmou:

— Cheira a podre, mas mesmo assim te subiria as saias.

Com asco, Demelza voltou a lhe cuspir. Aquele sujeito não parava de lhe bater com o látego e, cansada e furiosa, murmurou raivosa em norueguês:

— Drittsekk...

Hilda, ao ouvi-la dizer «montão de merda» naquele idioma, alarmou-se.

Não devia fazê-lo!

Já tinha falado com ela a respeito. Se lhe perguntavam de onde eram diriam que de Aberdeen, lugar de origem de Hilda. Ninguém podia inteirar-se de que a jovem era viking, pois, se assim ocorria, provavelmente seu futuro seria pior, e, olhando-a, murmurou:

— Demelza, recorda o que comentamos, por favor.

A jovem assentiu ofuscada.

Por sorte para ela, desde que era uma menina Hilda lhe tinha ensinado às escondidas a falar em gaélico e o dominava à perfeição, e agora podia utilizá-lo. Entretanto, grunhiu:

— Se esse asno me tocar, o mato.

— Cala, filha!

— Juro-o por...

— Demelza! — Cortou-a Hilda.

Nesse instante, a jovem que ia caminhando a frente delas e que tinha se unido no último intercâmbio deu um tropeção e caiu ao chão.

Rapidamente, as mulheres a ajudaram a levantar-se, e Hilda, sem fazer caso dos choros da moça, a apressou:

— Vamos, meninas, vamos.

— Mas... destrocei a pele — soluçou ela.

Demelza olhou a jovem e replicou irritada:

— Não é para tanto.

— Ai... ai... ai... Sim, que é — choramingou ela. — Claro que é!

Hilda e Demelza se olharam e então a desconhecida murmurou:

— Vamos morrer... vamos morrer...

— Não tenho a mínima intenção disso — respondeu Demelza.

Mas a moça prosseguiu choramingando sem as escutar. Tudo eram lamentos e choros, e Hilda, ao ver o gesto de sua menina, sussurrou:

— Nem todos tem sua fortaleza, Demelza.

O homem dirigiu uma nova chicotada às mulheres. A jovem chiou, e Demelza, tentando parar o golpe com seu próprio corpo, cansada, zangada, ensanguentada e com o cabelo sujo no rosto, grunhiu:

— Se eu agarro esse látego, o mato.

— Demelza! — Repreendeu-a Hilda.

Ela suspirou. Não dizia nada para não preocupar a mulher, mas a cada segundo se sentia mais cansada e pior. Tinham sido dois meses duros. Meses de fome, frio, medo e frustração. Mas, sem deixar-se vencer por isso, dirigindo-se a jovem chorosa que horas antes se uniu a seu cativeiro, indicou:

— Venha, um pouco mais.

— Não posso.

— Sim, pode! Claro que pode!

A jovem, que ia pendurada nela, gemeu. Doíam-lhe as feridas que tinha nos pulsos, causadas pelas cordas.

— Não se renda — insistiu Demelza.

— É que me doem muito! — A moça chorou.

Ela assentiu. Compreendia a dor porque era a sua própria, e, tentando que a positividade se apoderasse dela, perguntou-lhe:

— Como se chama?

A jovem, retirando seu sujo cabelo loiro do rosto com delicadeza, respondeu entre soluços.

—Adn... Brenda.

— Deixa ver, Brenda...

Mas a moça, sem escutá-la, seguia soluçando:

— Minhas mãos... minha pele está machucada e suja. Minhas roupas estão esfarrapadas. E... e tenho sede. Fome. Medo e... e... não sei o que fazer.

O choro e a autocompaixão eram algo que Demelza nunca tinha feito uso em sua vida. Em sua família, os choramingos e os protestos tolos nunca tinham sido bem recebidos, e sempre tinha fugido deles. Em troca, estava claro que aquela moça de rosto delicado e mãos sujas, mas suaves, era diferente, e, tentando que não parasse e que continuasse caminhando, perguntou-lhe por seu bem:

— De onde é?

Brenda, a quem lhe doía todo o corpo, respondeu:

— Da... das Terras Altas.

Compreendendo seu medo, Demelza lhe apertou a mão e, sem deixar que se detivesse, murmurou:

— Brenda, entendo seu medo, mas deve se tranquilizar. Encontrarei a maneira de sairmos disto para que possa retornar a seu lar.

O som seco de uma chicotada se chocando contra o chão as assustou, quando aquele homem que as tinha cativas ordenou do alto de seu cavalo:

— Menos falatório e mais caminhada, vamos!

Hilda, Brenda e Demelza apertaram o passo. Era complicado, doía-lhes todo o corpo, mas trataram de seguir andando, enquanto se apartavam um pouco daquele desalmado. Então, Brenda, agarrando-se fortemente à mão da jovem ruiva, perguntou:

— E você de onde é?

— Eu?

Hilda e Demelza se olharam, quando Brenda comentou interessada:

— Seu sotaque é estranho.

Demelza sorriu, enquanto Hilda se arrepiava.

Estavam na Escócia, e dizer que era viking lhe podia trazer mais problemas que outra coisa, por isso rapidamente, sem pensar, Hilda respondeu esquecendo suas palavras:

— De Portree.

— Aberdeen — disse Demelza ao mesmo tempo.

Brenda as observou, e elas se olharam também, e a mulher maior se apressou a acrescentar:

— Somos de Aberdeen, mas estávamos em Portree, na ilha de Skye, quando fomos capturadas.

— Portree?... — Murmurou Demelza sorrindo.

Aqueles nomes escoceses não lhe soavam para nada. Inclusive lhe faziam graça.

Brenda assentiu. Sem dúvida, elas ocultavam algo, como ela, mas como não queria seguir indagando no assunto, murmurou entre soluços:

— Quanto... quanto tempo levam prisioneiras?

— Dias — respondeu Hilda.

— Meses — disse Demelza.

De novo, intercambiaram um olhar. Não tinham falado a respeito dessa pergunta. Então, Demelza, ao precaver-se de como aquela abatida moça as observava, perguntou para que não seguisse escavando:

— Tem família, verdade?

A moça assentiu com pesar, e ela prosseguiu:

— Pois pense neles. E proponha-se a retornar a seu lado. Não decaia.

Brenda assentiu. Pensar em sua família era bom, apesar dos pesares. E, cravando seus olhos em um daqueles malfeitores, murmurou:

— Meu pai e meus irmãos os matariam de como nos tratam.

— Eu também — afirmou Demelza.

Hilda soprou e, olhando à outra jovem, animou-a:

— Isso, Brenda. Continue.

Mas não tinham dado nem quinze passos quando esta, vindo de novo abaixo, murmurou:

— Morreremos no caminho e ninguém saberá de nós.

— Nada disso — replicou Demelza. — Não penso morrer sem lutar. E menos às mãos desses imbecis escoceses.

— Demelza!

A jovem, olhando a quem considerava sua mãe, insistiu:

— Pelos deuses, Hilda, mas você viu a pinta desses idiotas escoceses? Se tivesse as mãos soltas, já teria acabado com os três.

— Você sozinha? — Perguntou Brenda boquiaberta.

Demelza sorriu e, convencida do que dizia, afirmou:

— Posso assegurar isso.

Surpresa, Brenda assentiu, e, enquanto observava que Hilda olhava ao céu com gesto irritado, murmurou:

— Tenho sede... muita sede.

Todas tinham sede, fome, cansaço, e Demelza insistiu ao ver os gestos de um dos sujeitos:

— Acredito que vamos parar.

Quando finalmente lhes ordenaram deterem-se, as três mulheres se sentaram esgotadas no chão e Demelza, preocupando-se com a moça, gritou:

— Água! Necessitamos água.

Os homens riram ao ouvi-la, e, depois de dar cubos de água aos cavalos, atiraram-lhe a que sobrava em cima delas enquanto burlavam:

— Miladies, toda a água que queiram.

Como puderam, elas paparam dos lábios a água que corria por seus sujos rostos, mas não era suficiente. Precisavam beber, saciar sua sede.

Sentadas no chão, as três mulheres tentaram darem-se calor. O frio e por estarem empapadas de água as faziam tiritar, quando um deles, olhando às duas mais jovens, murmurou aproximando-se:

— Posso lhes esquentar se quiserem.

Hilda, ao ouvir isso, cuspiu-lhe e gritou:

— Se afaste delas, maldito verme!

O homem soltou uma gargalhada, e, depois de dar um tapa em Hilda que fez com que Demelza se revolvesse contra ele, quando o sujeito a agarrou pelo cabelo, outro deles gritou:

— Rupert! Não danifique a mercadoria.

O sujeito, que gostava de amedrontar todos com seu látego, falou com desprezo enquanto observava o rosto ensanguentado de Hilda:

— Aqui quem tem o poder sou eu. E espero ao menos obter bons benefícios por sua venda ou esta noite me esquentarei entre suas pernas.

Capítulo 06

Quando Aiden, Alastair, Moisés e Gareth chegaram ao mercado, apesar do frio que fazia, ali tudo era vida e alegria. As pessoas vendiam galinhas, joias, flores, bolachas assadas em suas próprias casas, tecidos ou misturas para cura. E, sem duvidar, decidiram comprar queijo e pão. Aquilo nunca era mau.

Nos mercados sempre cheirava a especiarias, mas naquele cheirava a mar, e, olhando para a direita da catedral, Aiden comentou:

— O mar está como o dia: revolto.

Alastair assentiu. Aquele lugar junto à costa era uma autêntica maravilha.

Em silêncio, os highlanders procuravam os vendedores de cavalos, quando Aiden, ao ver um exposto, tirou umas moedas do bolso e indicou arrojando-as a seus homens:

— Moisés, Gareth, comprem pão e queijo para todos.

— Sim, senhor — afirmaram eles agarrando as moedas.

Alastair, que olhava a seu redor, ao divisar um ponto no qual muitas mulheres se amontoavam, aproximou-se dele montado em seu cavalo e, ao ver o que ali havia, disse apeando:

— Aiden... me dê um segundo.

O mencionado o olhou e, sorrindo, viu como se dirigia à banca.

Seu amigo retornou pouco depois.

— Algo me diz que já tomaste uma decisão e quer impressionar a alguém com um presente — comentou Aiden.

Alastair sorriu e, guardando o que tinha comprado para dar de presente a Moira a sua volta, afirmou:

— Sem dúvida, espero que a impressione.

Enquanto esperavam a volta de seus homens, Aiden observou às pessoas.

Apesar do frio que impregnava os ossos, ali estavam, vendendo e comprando como um dia a mais, quando de repente um sujeito com mau aspecto exclamou:

— Você é o irmão do Jesse o Mau, não é mesmo?

Ao ouvir isso, Aiden o olhou, e viu que várias cabeças se voltaram para observá-lo.

Odiava que o recordassem por algo assim. Ele nunca tinha sido como seu irmão, apesar do tempo que tinha estado junto a ele em sua juventude. Ele era um homem de bem, não um malfeitor como muitos ainda se empenhavam em pensar dele, pelo seu passado.

— É verdade. É o irmão de Jesse McAllister — insistiu outro.

Muitas pessoas o olhavam agora e o assinalavam. E, quando seu nível de tolerância lhe indicou que não aguentava mais, Alastair bramou adiantando-se:

— Afastem-se de nós se não quiserem acabar flutuando no mar.

Ao ouvir, os sujeitos, assustados, rapidamente se voltaram e partiram, nesse momento Aiden afirmou olhando-o:

— Ameaça digna daquele que foi meu irmão.

Seu amigo sorriu e não disse nada. Sobravam as palavras.

Pouco depois, quando Moisés e Gareth retornaram com o pão e queijo, Alastair, que observava tudo a seu redor, perguntou-lhe:

— Viu os vendedores de cavalos?

Aiden negou com a cabeça, e, depois de apearem-se de seus corcéis para deixar-lhe com seus homens, dirigiram-se para uma taverna. Sem dúvida, ali os informariam.

No local, imediatamente, duas mulheres de curvas e seios generosos se aproximaram deles com jarras de cerveja que eles aceitaram e beberam com sede.

Um bom momento depois, se informaram de onde estavam os vendedores de cavalos, saíram da taverna. Garoava.

— Devemos tomar o caminho da direita para chegar até os vendedores — indicou Alastair.

— Certamente, os cavalos são roubados — apontou Aiden.

— Sem dúvida — conveio ele.

Sem pressa, mas sem pausa, montaram em seus cavalos e os quatro se dirigiram ao lugar.

Ao chegar, Aiden rapidamente fixou seus escuros olhos nos cavalos que tinha frente a ele. Eram magníficos, maravilhosos. E, descendo do seu próprio, que estava inquieto como sempre, aproximou-se deles.

Os homens que havia ali os olharam e um deles se levantou e foi falar com ele.

Enquanto Aiden conversava com o homem, Alastair jogou uma olhada a seu redor. Que eles estivessem ali e não no mercado significava que seus pensamentos eram acertados e aqueles peões sujos e desagradáveis nada tinham a ver com aqueles magníficos cavalos. De repente, um ruído chamou sua atenção e, ao levantar o olhar, encontrou-se com algo que lhe desagradou.

Entre os arbustos havia três mulheres amordaçadas, sujas e com aspecto desastrosos.

Ver aquilo o inquietou. Uma coisa era que aqueles desalmados traficassem com cavalos, e outra muito diferente que o fizessem com mulheres. Por isso, caminhou para Aiden e perguntou dirigindo-se ao sujeito que estava com ele:

— E essas mulheres?

O homem piscou os olhos com descaramento e declarou:

— Para minha sorte, comprei-as esta manhã junto com os cavalos, interessa-lhes alguma?

Alastair e Aiden se olharam, quando o homem insistiu:

— Esta manhã vendi um par delas a bom preço.

— O quê?! — Murmurou Aiden irritado.

— Vendeu? — Inquiriu horrorizado Alastair.

Aquele sujeito, que faltava vários dentes, além de vários dedos, respondeu:

— Sim.

A cada instante mais irritado, Aiden perguntou:

— Essas mulheres de onde são?

O homem respondeu encolhendo os ombros:

— Não sei, senhor, nem me interessa. Só sei que são escravas.

Ouvir isso indignou Aiden e, sem lhe importar sua procedência, rapidamente matizou:

— Acima de tudo são mulheres... não acha?

O sujeito, ao ver o gesto ofuscado deles, olhou para o lugar onde estavam seus dois capachos, que, depois de um gesto, levantaram-se e partiram para o fundo. Aiden, que já não podia olhar para outro lado, ao ver como um deles fazia estalar no chão uma espécie de látigo, murmurou:

— Diga a seu homem que, se voltar a levantar o látigo contra qualquer uma dessas mulheres, vai ter que se ver comigo.

— Senhor... a que vem tanto cuidado com essas prostitutas?

— Ouviu o que foi dito? — Insistiu Aiden ao ouvir um grito abafado.

O homem deu um assobio e o que estava com elas se deteve. Zangado, Aiden começou a caminhar junto a Alastair para o lugar onde estavam as mulheres. Não podia consentir algo assim.

Ao chegar diante delas e ver seu aspecto, amaldiçoando, voltou-se para o homem e falou:

— Que classe de animal trata assim às mulheres?

O sujeito, sem entender bem a pergunta, não soube o que responder, quando Alastair, ao ver a mais nova preocupada enquanto limpava o sangue que a jovem ruiva tinha no rosto, sussurrou:

— Não vou questionar de onde vêm os cavalos nem os lucros que tirem por eles, mas sim a venda de mulheres.

— Mas, senhor...

— Não há mas! — Levantou a voz Aiden. — Ou deixam estas mulheres livres para que retornem a seus lares, ou juro que ides lamentar.

O homem que vendia os cavalos e seus dois capachos se olharam.

Eles eram quatro contra três. E, o pior, suas características lhes indicavam que eram guerreiros das Terras Altas, por isso eles levavam todas as chances de perderem. Então, o que tinha a voz cantante rapidamente indicou:

— Senhor, farei algo melhor. Levar-lhes-ão vocês.

Aiden suspirou. Já havia lutado bastante por seus homens e por seus cavalos, para lutar por mulheres. Mas, disposto às ajudar, indicou ao ver que seu cavalo se aproximava de uma linda égua cinza de crinas negra:

— Tenha por certeza. E agora, falemos desses animais.

Enquanto falava com aquele sobre os cavalos, Alastair, Gareth e Moisés se aproximaram das mulheres. Seus aspectos os intimidaram e fez com que os outros dois homens se afastassem delas.

— Morro de sede — disse uma delas.

Alastair se apressou a assentir e se encaminhou até seu cavalo. Agarrou um odre e, aproximando-se da jovem de cabelo que parecia loiro, apesar da imundície, o ofereceu:

— Aqui tem. Bebe.

Sedenta, Brenda começou a beber com ânsia. Nunca tinha tido tanta sede em sua vida, quando com a extremidade do olho viu como Demelza a olhava. Por isso, deteve-se e o estendeu.

— Agora você.

A jovem o agarrou, mas, em vez de beber ela o entregou a Hilda:

— Bebe.

A mulher negou com a cabeça. Primeiro tinha que ela beber, mas Demelza, sem dar seu braço a torcer, ante o atento olhar de Alastair, insistiu falando em gaélico:

— Vamos, mamãe, bebe!

Essas palavras encheram o coração de Hilda. Não era a primeira vez que a moça a chamava assim, mas sim, era a primeira que o fazia diante das pessoas, e, agarrando o que lhe estendia, bebeu.

Uma só vez deu um longo gole, o passou de novo a Demelza, e, quando acabou, ela o devolveu ao homem, dizendo:

— Obrigada.

Alastair sorriu.

— De onde são? — Perguntou-lhe.

Demelza pensou.

De onde havia dito Hilda que eram?

E então Brenda, ao ver seu desconcerto, apressou-se a responder:

— Somos das Terras Altas.

Demelza e Hilda a olharam.

Por que tinha respondido por elas?

Brenda, vendo que o homem voltava a olhá-la, esquecendo a propósito o decoro e as boas maneiras que sua mãe lhe tinha inculcado, perguntou com descaramento:

— E você quem é?

Ao ouvir a imunda moça, o highlander respondeu:

— Alastair Matheson.

A jovem lhe dirigiu uma inclinação de cabeça que surpreendeu a todos e, voltando a ser a lady que sempre tinha sido, declarou:

— Encantada, Alastair Matheson. Sou lady...

— Lady? Você? — Cortou-a ele divertido observando sua aparência.

Brenda, que não estava acostumada que a questionassem, ao ver seu gesto de brincadeira, protestou levantando o queixo:

— Burro e tolo escocês!

Alastair suspirou. Aquela suja vagabunda distava muito de ser uma lady, e replicou:

— Querida lady, seu aroma e sua língua lhe delatam. Melhor que te cale!

Boquiaberta, a jovem olhou Demelza.

Mas como ousava dizer aquele semelhante despropósito?!

E, quando ia soltar por sua boca algum dos impropérios que seus irmãos estavam acostumados a dizer, Demelza agarrou seu braço e cochichou fazendo com que a olhasse:

— Deixa-o...

Mas Brenda estava zangada.

— Ofendeu-me! Ofendeu-nos!

Demelza assentiu, mas decidiu resolver o assunto.

— Não há melhor desprezo que não fazer retaliação — falou.

Embora irritada, Brenda assentiu. Sem dúvida, a jovem tinha razão. Então, Hilda, apoiando o que a moça tinha dado a entender, insistiu:

— Menina, te cale.

Alastair, Moisés e Gareth as observavam com olhos arregalados, aquelas mulheres os estavam ignorando por completo, quando Brenda, olhando às outras duas, insistiu:

— Mas como vamos retornar para casa? Os caminhos são perigos e nós sozinhas pod...

— Brenda — a cortou Demelza, — não precisamos de nenhum homem para viajarmos pelos caminhos. Nosso instinto nos guiará.

— Que graça tem a garotinha! Diz que não necessita a nenhum homem — zombou Gareth olhando a mais baixa.

Ao ouvi-lo e compreender que a garotinha era ela, Demelza o olhou com ódio e se calou, era o melhor. E então Moisés afirmou divertido por sua expressão:

— E que gênio tem também!

Alastair sorriu pelo que seus homens diziam, e, piscando o olho a que parecia ter o cabelo loiro, perguntou para chamar sua atenção:

— Seu nome é Brenda?

Irritada por tudo, ela o olhou e respondeu:

— Não. Meu nome é Te Cale.

— Eu gosto das mulheres com senso de humor — zombou ele.

Demelza assentiu, e Brenda, zangada com ele, murmurou:

— Pois eu não gosto dos burros torpes e sabichões.

Isso fez com que os três highlanders gargalhassem. Aquelas sujas vagabundas sem dúvida eram graciosas. Mas Brenda, cada vez mais irritada pela atitude deles, murmurou olhando a jovem que estava a seu lado:

— Tem razão. Nosso instinto nos guiará.

— Espero que esse instinto não volte a lhes colocar em problemas
— afirmou Alastair divertido.

Brenda amaldiçoou. Esse highlander bonito de cabelos claros a estava enfurecendo. E Demelza, consciente de que não queria mais confusões, murmurou:

— Seremos cautelosas. Não necessitamos de amparo.

Mas Brenda, que não possuía a segurança de sua companheira, pôs-se a tremer. Como que não necessitavam de amparo? E, olhando diretamente a jovem nos olhos, perguntou-lhe em um fio de voz:

— Tem certeza?

— Muita certeza — declarou Demelza olhando seus doloridos e ainda atados pulsos.

Os highlanders sorriram: qualquer mulher necessitava de amparo nas estradas.

Nesse instante, Aiden, que se aproximava e tinha ouvido a conversa, indicou:

— Se assim elas o pedirem, não há mais do que falar.

Alastair o olhou. Surpreendia-lhe ouvir isso de seu amigo, quando ele estava acostumado a ser um sujeito muito protetor, em especial com mulheres necessitadas, mas, sem querer pensar mais nisso, deu de ombros e indicou:

— De acordo. Respeitemos sua valente decisão.

Sem levantar a cabeça do chão, Demelza sorriu. O fato de que eles as deixassem livres lhe facilitaria a tarefa de retornar a seu lar, procurar Viggo e vingar a morte dos seus familiares. Por fim podia começar a pensar com clareza. Por fim voltava a ser livre.

— Melhor partirmos e já — apontou Aiden. — Os cavalos já são nossos.

Alastair sorriu. Fizera uma boa compra.

Mas então a ruiva de aspecto sujo se levantou, deu um passo adiante e, plantando-se na frente de Aiden, e indicou com gesto cansado:

— Espere, temos que falar.

Ele se voltou para a jovem.

Por sua altura e seu olhar escuro, Aiden era um homem que, além de excitar às mulheres, intimidava-as, por isso, olhando-a surpreso, perguntou:

— Temos que falar?

— Sim.

Divertido ao mesmo tempo que surpreso por ela se atrever a plantar-se ante ele desse modo, murmurou:

— Você e eu temos que falar?

— Sim... — voltou a afirmar ela com segurança.

Aiden enrugou o sobrecenho e, depois de olhar Alastair, que sorria, insistiu:

— Acaso nos conhecemos?

— Não...

— Então?

Tanta pergunta absurda por parte desse highlander e seu gesto brincalhão que desesperaram Demelza, e, sem nenhum filtro, porque não sabia quem era ele, soltou:

— Que tal se fechasse sua enorme boca de escocês e me deixasse falar? Possivelmente então, e só então, seja capaz de entender o que tenho que te dizer.

Gareth deu então uma cotovelada em Moisés, que observava com atenção.

Ninguém, e menos ainda uma vagabunda suja, falava com seu senhor com aquela soberba, e ambos os homens deixaram de sorrir.

Deslocado ante o que aquela pequena mulher que não lhe chegava ao queixo dizia, o highlander sorriu sem poder evitar. *Que caráter!* Mas, ao ver os gestos de seus dois homens, amaldiçoou e, consciente de que tinha que fazer-se respeitar, indicou:

— Se voltar a me faltar ao respeito, açoitar-te-ei. Então, se valoriza algo de sua vida, comece se dirigindo a mim como «senhor».

Demelza suspirou. Sabia que tinha falado de maus modos, mas estava nervosa. Muito nervosa. Por nada do mundo ia permitir que a separassem de Unne, e, apelando à educação que seu pai e Hilda lhe tinham ensinado, soube que tinha que trocar a tática para que ele se sentisse respeitado. Então, tomou ar e sussurrou:

— Peço-lhe desculpas por minhas desacertadas palavras... senhor. E, voltando ao assunto, tenho que lhe dizer que o cavalo cinza de crina negra é meu.

Gareth assentiu e, baixando a voz, cochichou:

— Boa, para nosso senhor.

Moisés não lhe respondeu, simplesmente calou quando Alastair, ao ouvi-la, cruzou um olhar cúmplice com Aiden e sorriu. Todos guardaram silêncio uns segundos, até que Aiden, processando o que ela acabava de soltar, perguntou:

— Diz que esse esplêndido animal é teu?

— Sim.

Ele meneou a cabeça, o que ela dizia era impossível, e respondeu:

— Me permita duvidar.

Isso incomodou a jovem. Ela não era uma ladra, não mentia. Mas, sabendo que em um momento como aquele tinha todas as chances de

perder, elevou seus olhos cansados e azuis para ele e insistiu moderando sua linguagem:

— Essa égua é minha... senhor.

Instintivamente, os pelos dos corpos de ambos se arrepiaram quando seus olhares se encontraram, se chocaram...

E, pela primeira vez, a cor azul dos olhos daquela mulher paralisou Aiden, enquanto que a desconcertou o olhar daquele homem.

Ele a observava embevecido até que Alastair, ao ver sua expressão, deu-lhe uma cotovelada e Aiden, recompondo-se, apartou o olhar dela e replicou:

— Não diga tolices, mulher.

— Lady! — Advertiu Alastair.

— Lady?! — Zombou Aiden ao ouvir e ver suas expressões.

Irritada com aquelas mofas, Brenda ia responder — mas no que acreditava aquele burro? — quando Demelza, contendo o impulso de lhes dar uma patada com todas as suas forças, soprou.

— Não digo tolices... senhor.

Divertido, ele voltou a olhá-la.

De onde era o sotaque daquela jovem?

E Demelza, tentando manter a calma, apesar da inquietação que sentia ante seu olhar, esfregou-se as mãos. Suavam-lhe. *O que lhe ocorria?*

— Não acredito no que diz — repetiu ele.

Incapaz de conter-se, a jovem apertou os punhos. Acabava de terminar uma guerra e ia começar outra, mas, desta vez, sem intimidar-se afirmou:

— Posso demonstrá-lo.

Sem apartar seus olhos escuros daquela miúda mulher, Aiden sorriu.

Sempre o tinha atraído mulheres com caráter, mulheres valorosas como as de seus amigos. E, animado, ia replicar quando Brenda, que estava se zangando cada vez mais pelo modo como eles as tratavam, deu um passo adiante, agarrou a mão de Demelza e assegurou:

— Ela diz a verdade. Essa égua é dela, da mesma maneira que o belo alazão negro que tem uma mancha branca no quarto traseiro esquerdo é meu.

Ao ouvir isso, os quatro homens se olharam com brincadeira.

O que aquelas sujas e esfarrapadas mulheres diziam não podia ser verdade.

Como eram elas as proprietárias de semelhantes maravilhas?

Por isso, sem perder um segundo mais, Aiden cruzou as mãos sobre seu peito e pediu:

— Muito bem, mulher. Me demonstre que são seus e ficarão com eles.

Demelza, ao ouvir, olhou para Hilda e sorriu. Sabia o influxo que tinha nos animais e, cravando seus azulados olhos nele, perguntou:

— Que deseja o senhor que eu faça para demonstrar que os animais são nossos?

Aiden, maravilhado pelo modo em que o azul dos olhos da moça era agora mais intenso, retirou o cabelo do rosto e murmurou:

— Você saberá... lady.

A jovem assentiu e aceitou a provocação. E, sem tirar os olhos dele, pôs adiante suas sujas mãos e, mostrando as ataduras, pediu:

— Poderia me libertar?

Aiden olhou as feias feridas de seus pulsos. Por seu aspecto, aquela moça estava atada há muito tempo.

Uma vez que cortou as cordas com sua adaga, quando ela foi dar-se meia volta, ele perguntou segurando-a:

— Não tem que me dizer algo?

Consciente do que se referia, Demelza respirou fundo. Aquele escocês, além de ser um homem bonito, era um idiota presunçoso. Mas, disposta a recuperar sua égua fosse como fosse, murmurou dando de presente suas palavras aos seus ouvidos:

— Obrigada, senhor. Muito obrigada.

Os homens sorriram. Estavam desfrutando com aquilo. E Demelza, voltando-se então para Hilda, que em silêncio lhe pedia calma, puxou Brenda e perguntou baixando a voz:

— Como se chama seu cavalo?

— Ross — respondeu a jovem.

Ela assentiu e se voltou.

Sem amedrontar-se pelo olhar dos homens, passou por seu lado e se dirigiu com passo seguro para o lugar onde estavam os animais. Em silêncio, todos a seguiram com o olhar, e Aiden, ao ver seu cavalo mover-se nervoso e relinchar, advertiu-lhe levantando a voz:

— Tome cuidado, mulher. Meu cavalo, Haar, é muito desconfiado e está acostumado a morder.

Demelza nem o olhou. Continuou caminhando para eles até que se deteve. O vento agitava seu cabelo e, ao sentir que o cavalo a olhava nos olhos, recordou de algo. Seu pai sempre dizia que seu magnetismo com os animais era devido a sua cabeleira longa e vermelha. Uma cabeleira que já não existia.

Teria razão Yngve?

E, disposta a comprovar se era ou não assim, em silêncio observou os animais. Só tinha que se conectar com seus olhares para ver se a magia voltava a surgir entre eles e, em um sussurro apenas audível, os chamou:

— Unne... Ross... Haar...

Passados uns instantes, os animais a olharam. Isso surpreendeu a todos, exceto a Hilda, que sorriu. Os cavalos começaram a caminhar em direção a jovem, e esta, ao ver que se aproximavam, sem nenhum medo, estendeu as mãos para tocá-los.

— A garotinha poderia perder algum dedo — zombou Gareth.

— Ou a mão inteira — apostilou Moisés observando-a com curiosidade.

Ao ouvir, Aiden se inquietou. Conhecia Haar e sabia com segurança que a morderia, mas, quando se dispunha a detê-la, Hilda murmurou:

— Senhor, será melhor que não se mova.

Ato seguido, os três cavalos rodearam a jovem e passaram seus focinhos por suas mãos. Demelza sorriu. Apesar de não ter o cabelo comprido, seu magnetismo com os animais continuava, e, sem poder evitá-lo, murmurou emocionada em norueguês:

— Papai... não é o cabelo.

Em seguida, agarrando suas crinas, apoiou a cabeça sobre cada um deles e lhes falou baixinho, só para que eles a ouvissem.

Primeiro o fez com Unne. Com carinho, falou-lhe em norueguês e, depois de algumas palavras, a égua cabeceou. Depois o fez com o animal de Brenda, mas desta vez em gaélico. E, quando chegou a vez do cavalo do highlander, que também se aproximou, pousou a testa sobre a dele, e, sem saber por que, falou-lhe de novo em norueguês. Surpreendentemente, o animal cabeceou como Unne.

Tinha-a entendido!

Aiden os observava boquiaberto.

Ver Haar entregar-se aquela mulher era uma das coisas mais belas que tinha presenciado em sua vida.

— Incrível — murmurou.

— E tanto — afirmou Alastair, que via o mesmo que ele.

Instantes depois, Demelza começou a caminhar e, como esperava, os animais a seguiram. Não importava para onde se movia, eles a seguiam como se fossem cãezinhos.

Aiden, ainda assombrado, não soube o que dizer. Ver seu obstinado cavalo rendido, sem morder e caminhando tranquilamente junto a ela o deixou atônito.

Como podia essa moça ter conseguido semelhante proeza com Haar?

Depois de instantes em que Demelza beijou com carinho as testas dos três magníficos animais, aproximou-se dos homens e, olhando Aiden, indicou com seus olhos de um azul pacífico:

— Poderia dizer que Haar, seu cavalo, é meu também por seu comportamento. Como vê, não me mordeu. E, senhor, me deixe esclarecer que meu pai ensinou a não roubar e a respeitar os pertences dos outros.

Fascinado de como a cor dos olhos dela trocavam segundo seu estado de ânimo, o highlander assentiu. Tudo aquilo era, no mínimo, mágico.

Então, Brenda, agarrando as bridas de Ross, perguntou:

— Fica claro de quem são os cavalos?

Alastair, que estava tão atônito quanto os outros escoceses, assentiu. Mas ali a última palavra era de Aiden. Ele era o dono. Ele tinha comprado aqueles cavalos. E ele devia decidir como proceder a respeito.

Ainda surpreso pelo ocorrido, Aiden olhou a jovem, que acariciava com carinho o focinho de sua égua e de Haar. Não lhe cabia a menor dúvida de que ela dizia a verdade e, olhando-a, ia falar quando esta insistiu:

— Senhor, esta égua é a única coisa que tenho de próprio na vida. Espero que seu pai o tenha ensinado a não roubar como o meu me ensinou e nos permita continuarmos juntas. Não lhe peço mais.

Sem saber muito bem por que, as fortes palavras dela e a maneira como aqueles olhos o fixavam tocaram o coração do highlander. Por desgraça, a ele e a seu irmão seu pai tinha ensinado justamente o contrário do que ela dizia.

Mas, graças a sua decisão e a sua firmeza, tinha podido trocar sua vida, embora o sobrenome McAllister lhe pesasse em ocasiões.

Por isso, e apesar de perder dinheiro pelo que tinha pago por aqueles dois magníficos animais, respondeu:

— Os cavalos são seus.

Demelza esboçou um tímido sorriso ao ouvir. Ter a seu lado Unne, o cavalo tão desejado por sua irmã, era o melhor que lhe podia ocorrer, por isso, dirigindo-se a ele, murmurou com afeto:

— Obrigada... muito obrigada, senhor.

Aquele olhar agradecido de mar em calma e aquela doçura tão tenra afetaram Aiden, que, aproximando-se dela, advertiu tocando o lombo do animal:

— Sua égua é linda.

Rapidamente a jovem deu um passo atrás, algo que não escapou a ele, e respondeu:

— E muito valiosa para mim.

Ambos olharam então os cavalos. Haar cheirava Unne, e ela finalmente lhe lançou um afago.

— Minha égua o mordiscou — sussurrou Demelza divertida ao vê-la.

Ambos sorriram. Então, Aiden, ao ver a posição em que a égua tinha as orelhas e como seu cavalo cheirava seu xixi, murmurou:

— Sabe que está no cio?

— Nãooooo...

— Sim. É a época — afirmou o highlander.

Demelza suspirou. Não entendia muito de cavalos e, trocando seu gesto, murmurou com um sorriso:

— Agora entendo a insistência de Haar.

Desde sua altura, Aiden contemplou a jovem com dissimulação enquanto desfrutava daquela bonita cor de olhos, e, quando ela o olhou, apontou tentando mostrar indiferença:

— Deveria se banhar e tirar toda essa imundície...

— Ja...

— O que disse? — Perguntou ele.

Ao dar-se conta de que havia dito «sim» em norueguês, Demelza tossiu com dissimulação e falou tremendo de frio:

— Perdão, senhor. Disse que sim, que será o primeiro que farei assim que possa.

Atraído por aqueles olhos tão incrivelmente sedutores, que trocavam de cor, ele se dirigiu instintivamente para seu cavalo. De sua garupa, agarrou uma manta e, depois de retornar ao lado da jovem, a entregou.

— Para mim? — Aiden assentiu, e ela, agarrando-a, murmurou agradecida por aquele detalhe: — Obrigada. Muito obrigada.

— Estamos na primavera, mas, estranhamente, segue fazendo frio.

— Muito frio, senhor — concordou ela.

O som das tripas da jovem fez que ele sorrisse e, tirando do bolso da jaqueta uma bolsa, dispunha-se a abri-la quando ela disse:

— Não necessito seu dinheiro.

Aiden sorriu, poucas mendigas diriam aquilo, e, tirando várias moedas, afirmou:

— Pegue-o. Necessitam-no para comer.

Demelza olhou as moedas. Ele tinha razão, mas insistiu:

— Encontrarei a forma de...

Sem lhe dar tempo para terminar a frase, Aiden agarrou sua mão e pousou sobre sua palma as moedas, nesse momento, de novo, ela se separou dele.

— Em Saint Andrews, junto à catedral, há uma taverna onde poderão comer algo quente. Tanto você como essas mulheres — insistiu ele assinalando Hilda e Brenda. — O necessitam. Por favor, aceite-o.

Seu olhar sincero fez com que, finalmente, a jovem se desse por vencida e sorrisse, quando, ao fixar-se em como ele olhava seu sujo cabelo, cochichou esquecendo-se dos modos:

— Prometo tirar toda a imundície antes de usar seu dinheiro.

— Estaria bem — assentiu Aiden com prazer.

Alastair, Gareth e Moisés se dirigiram também para seus cavalos e, depois de agarrarem suas mantas, as entregaram às mulheres, que não tinham nada.

Continuando, Aiden, sem dizer nada mais, deu meia volta e caminhou para seu cavalo.

Nesse mesmo instante, Demelza se sentou no chão, tirou a bota e, sorrindo, retirou dela um objeto que tinha escondido dentro há meses. Sem tempo a perder, colocou o pingente que no passado tinha pertencido a sua irmã e, uma vez que o teve sobre seu pescoço, murmurou fechando os olhos:

— Não há dor, só vingança.

Alastair, que observava atentamente à loira, perguntou:

— De onde disse que eram?

Ao ouvi-lo, a jovem o olhou, mas, incomoda ainda por sua desconfiança, replicou:

— Não é teu assunto.

Ele riu por sua resposta, quando Aiden, montado em seu imponente cavalo escuro, aproximou-se de novo delas, olhou a jovem do cabelo ruivo sujo e mau cortado e perguntou observando que se levantava do chão:

— Segue pensando que não necessitam de amparo?

Demelza, ao sentir o olhar dele e perceber seu próprio nervosismo, tocou sem medo a cabeça do cavalo, e, esquecendo as formas que lhe tinha exigido antes, replicou com insolência:

— Você a necessita?

Divertido ao mesmo tempo que irritado por sua ousadia, Aiden respondeu:

— Não.

— Pois eu tampouco — afirmou ela encolhendo os ombros.

Isso fez sorrir de novo a ambos. Sem lugar a dúvidas, ela tinha caráter e estava claro que sabia cuidar-se sozinha.

— Agradeço-te que nos libertasse — acrescentou Demelza. — Fico em dívida contigo.

Essa simples frase enfeitiçou de novo ao rude escocês. Mas, sem querer pensar nisso, e dando por resolvido o assunto, indicou:

— Tenham cuidado, seja lá onde vão.

— Igualmente.

Dito isto, os highlanders partiram, levando apenas os dois cavalos que elas não reclamaram.

Uma vez que desapareceram de sua vista, Hilda, que tinha se precavido de como sua menina olhava aquele homem, aproximou-se dela e cochichou:

— Esse senhor parece um bom homem, e algo me diz que gostou de você. Ou acaso não se deu conta de como te olhava?

Demelza piscou surpresa. Claro que se deu conta. Mas, tocando Unne, que se aproximava delas, respondeu:

— Uma coisa é parecê-lo e outra é sê-lo. E, quanto ao que insinuas, olhou-me pela quantidade de imundície que tenho.

Hilda negou com a cabeça, quando ela, olhando o mar que se via ao fundo, murmurou:

— Vamos lavar-nos um pouco, e depois — acrescentou mostrando as moedas — poderemos comer algo quente.

— De onde tirou essas moedas, filha? — Perguntou Hilda surpresa.

Ela sorriu.

— O senhor me entregou para que comêssemos algo.

— Simmm! Morro de fome — gritou emocionada Brenda.

Um bom momento depois, congeladas, mas com menos imundície, as três foram montadas nos dois cavalos a caminho do povoado, quando Brenda, recordando algo que tinha visto Demelza fazer, perguntou:

— O que é isso que penduraste no pescoço?

A jovem, tocando o objeto tão prezado para ela, afirmou:

— O motivo de minha vida e, com segurança, também de minha morte.

Hilda se dispunha a intervir, quando Brenda murmurou:

— Não fale de morte. Isso não dá boa sorte.

— Quem a necessita? — Zombou Demelza.

Sem entendê-la, a jovem de cabelos loiros olhou a uma triste Hilda e, ao ver que nenhuma delas pensava abrir a boca, disse:

— Tenho algo escondido em minha roupa interior, acreditam que é o momento de tirá-lo?

Demelza e Hilda a olharam, e a primeira respondeu:

— Isso, você tem que decidir.

A jovem sorriu, colocou a mão no sujo corpete e rebuscou em seu interior. Ato seguido, tirou uma aliança, a colocou no dedo e afirmou:

— Sem dúvida é bom momento — e, ao ver como as duas a olhavam, perguntou: — Podemos pedir caldo?

Hilda e Demelza se olharam. O anel que ela usava era muito curioso.

— Sim. Claro que sim — assentiu Hilda.

Brenda voltou a saltar encantada. Morria por um caldo.

Hilda, que ia sentada atrás de Demelza, cochichou baixando:

— Não abra a boca na taverna. Quanto menos pessoas te ouçam falar, melhor.

— Acaso pretende que eu nunca fale?

— Demelza, filha... Sei que me entende. — A jovem soprou, claro que a entendia, quando ela prosseguiu: — Entrarão Brenda e você na taverna enquanto eu cuido dos cavalos. Que ela peça a comida, será o melhor. Logo saiam e prosseguiremos nosso caminho.

— De acordo — afirmou Demelza, entendendo que era o melhor.

Nesse instante, Brenda, alheia a sua conversa, perguntou:

— E uma vez que comamos, o que faremos?

Com um sorriso por sentir-se livre pela primeira vez em muito tempo, Demelza, convencida de que nesse momento começava a busca de sua vingança, olhou-a e declarou:

— Levá-la a seu lar — e, baixando a voz, acrescentou: — e, depois, morrer vingando a minha família.

Capítulo 07

A última hora da tarde, na taverna de Saint Andrews, Aiden e Alastair desfrutavam de um succulento jantar enquanto falavam de suas coisas. Essa noite queriam descansar bem, pois ao amanhecer retornavam a sua casa.

Alastair sorriu e perguntou tirando algo de seu bolso:

— Acredita que Moira gostará?

Ao ver o bonito pingente em forma de coração com seu nome gravado, Aiden assentiu.

— Adorará — e, depois de um gole, perguntou: — Decisão tomada?

Alastair cabeceou e, suspirando, explicou:

— Sem dúvida, Moira é a mulher que minha fazenda necessita.

Ao vê-lo dubio e nada seguro, Aiden insistiu:

— É a mulher que você precisa? — Seu amigo não respondeu, por isso apontou: — Meu conselho é que não se precipite. Se unir a uma mulher que não o atrai nem você nunca amará não é uma boa solução.

Alastair olhou o pingente que tinha comprado e, guardando no bolso, apontou:

— Não sei o que fazer. Estou confuso, quando na realidade é que necessito uma mulher para minha fazenda e para mim.

— E sua prioridade agora é...?

— A fazenda — respondeu com sinceridade.

Aiden, depois de beber um gole de seu copo e sorrir a uma das taberneiras, que o olhava com desejo, cochichou:

— Amigo, entendo-te, mas não se precipite na eleição ou possivelmente se arrependará o resto de sua vida.

Alastair assentiu. A fazenda era um puro desastre, e Moira podia arrumar isso. Ela vivia também em uma fazenda e tinha experiência. Dispunha-se a responder quando a porta da taverna se abriu e observou as jovens que entravam. Ao reconhece-las, sorriu. Aquelas eram duas das três mulheres que tinham liberado nesse dia, e, sorrindo, cochichou:

— Sabia que sob a imundície se escondiam bonitos rostos.

Ao ouvir, Aiden levantou a cabeça e, sem duvidar, cravou seu escuro olhar na pequena ruiva que, com o corpo tenso, ia semiescondida depois da loira. Suas roupas seguiam sujas e ensanguentadas, mas, agora que podia ver seu rosto e não só a cor de seus olhos, gostou, e muito.

Eles as observaram em silencio de onde estavam e Aiden sorriu de novo ao ver como a ruiva de estranho corte de cabelo dava um tapa em um sujeito que tentava tocá-la. Segundos depois deu uma cotovelada em outro que tentava colocar sua mão na loira, e Alastair murmurou:

— Não sei se foi uma boa ideia que entrassem aqui...

Seu amigo não respondeu, e, ao ver como este se levantava ao comprovar como a loira tentava tirar outro sujeito de cima dela, murmurou:

— Calma, amigo. O que te ocorre?

Sentando-se de novo, Alastair tomou um gole de sua bebida.

— Eu não gosto que intimidem às mulheres — respondeu.

Nesse instante, Demelza empurrou um sujeito com força, e, quando as risadas ressonaram no local, Aiden afirmou divertido:

— Quem intimida a quem?

Dito isso, prosseguiu comendo. Tinha fome, e essas mulheres nada tinham a ver com ele.

Do outro lado, Brenda tremia. Entrar naquela taverna repleta de homens acompanhada só por Demelza não estava sendo fácil.

— Acredito... acredito... que deveríamos ir — murmurou.

Demelza, consciente do que estava ocorrendo, mas faminta, insistiu:

— Não.

— Nos... comem com o olhar.

— Caminha para o fundo e não pare.

Brenda continuou, quando, ao ver um sujeito, cochichou trememente:

— Não... eu não gosto de como nos observa esse homem sem dentes. Oh, Deus... que repulsivo é...

Demelza soprou.

Mas o que ocorria com Brenda? Acaso alguma vez um homem a tinha tocado dessa maneira?

Por isso, empurrando-a, insistiu:

— Caminha. Vamos!

Sem parar, continuaram avançando pela taverna, até que, ao passar junto a uma mesa, um dos homens se levantou e, rindo enquanto olhava seus amigos, deu a ambas um tapa no traseiro.

Ao receber o tapa, Brenda gritou horrorizada, mas Demelza, dando meia volta, levantou a perna, deu-lhe uma patada no peito e, quando o sujeito caiu de traseiro no chão, falou olhando-o:

— Repete o que fez e juro que lhe mato.

Todos na taverna soltaram uma gargalhada. A bravura da mendiga tinha ficado patente, e esta, voltando-se para uma desconcertada Brenda, que choramingava, perguntou-lhe:

— Posso saber o que te acontece?

Brenda, que coçava o traseiro pelo tapa, grunhiu:

— Ai... que dói... muito! Acaso não te doeu?!

Demelza soprou, estava claro que sua vida e de Brenda nada tinham a ver. E, esperando para ter uma conversa com ela, ameaçou-a:

— Esquece-o.

— Eu devo esquecer?

— Sim.

— Como vou esquecer semelhante despropósito?

Ao ouvir, Demelza cravou seus olhos nela e lhe perguntou:

— Quer que o mate?

Horrorizada, Brenda negou com a cabeça.

Mas que loucura ela dizia?

E, antes de que respondesse, Demelza lhe deu um empurrão e grunhiu:

— Pois então segue caminhando.

O homem que estava no chão se levantou e, meneando a cabeça, riu para seus amigos enquanto soltava impropérios contra elas.

Aiden, que, como todos, tinha sido testemunha do ocorrido, murmurou:

— Tem gênio a ruiva.

— Isso parece — falou Alastair entre divertido e irritado pelo que tinham presenciado.

Demelza e Brenda chegaram até onde estava a taberneira, que as olhava com cara de asco, a ruiva ia falar quando a jovem loira, depois de uma graciosa reverência, disse:

— Boa tarde, amável senhora.

— O que quer?

Brenda, apesar do frio recebimento e de como ela a olhava, com o melhor de seus sorrisos, prosseguiu:

— Minha amiga e eu quereríamos que...

— Fora de minha taverna. Cheiram a merda de vaca.

Brenda piscou surpresa ao ouvir, e Demelza cochichou com certa ironia:

— Bem-vinda à realidade, querida lady.

Zangada por tão desagradável trato, Brenda voltou a olhar à taberneira e, desta vez mudando seus gestos, perguntou:

— Por que me fala assim?

— Como tenho que te falar? — Zombou ela.

— Com respeito e educação — grunhiu Brenda.

A taberneira piscou e, subindo os punhos de seu vestido, dispunha-se a responder quando Demelza, vendo a aparência que estava tomando a situação, interveio:

— Tinha razão. Acredito que será melhor que partamos.

— Nem pensar! — Sentenciou Brenda. E, olhando à taberneira com raiva, perguntou-lhe: — Acaso não vê que estou sendo amável contigo, quando não é mais que uma simples e vulgar taberneira?

A mulher, cada vez mais arregaçada, replicou:

— Fora de meu local, já!

— Mas se estou sendo educada contigo? — Insistiu a jovem.

— Educada?!

— Sim. Ao mesmo tempo amável — asseverou Brenda.

Demelza sorriu. Cada vez mais graça fazia aquela estranha moça.

— O que temos que ouvir de uma suja e feia vagabunda — falou a taberneira.

Brenda franziu o cenho ao ouvi-la. E, disposta a comer perguntou irritando-se também:

— Feia, eu?

A taberneira assentiu, e a jovem replicou furiosa:

— O que se tem que ouvir de uma vulgar, grotesca, ridícula e gorda taberneira.

— Brenda! — Reprovou Demelza rindo.

— Chamaste-me de vulgar e grotesca?

— Sim. E também ridícula e gorda, e acrescento... repulsiva.

Demelza soltou outra gargalhada, era impossível não fazê-lo, quando Brenda a olhou e, com ironia, perguntou:

— Não gostaria de matar a semelhante grosseira?

Sem poder parar de rir pelo que estava vendo e ouvindo, a ruiva ia responder quando ouviu as suas costas:

— O que ocorre?

Ao olhar, viu que se tratava do homem que as tinha libertado. De novo aqueles olhos escuros pareciam acariciar sua pele, e, quando ia responder, a taberneira, que sabia muito bem quem ele era, lhe adiantou:

— Senhor, minha taverna é um lugar de categoria, e estas sujas vagabundas o...

— O quê? E nos chama de vagabundas!? — Protestou Brenda.

— E o que são? Acaso tenho que lhes fazer uma reverência por honrar minha taverna com sua limpa e asseada presença? — Grunhiu a taberneira.

Brenda, incapaz de calar, encetou-se com ela em uma briga dialética.

Sem dúvida, a loira, quando ficava zangada, também tinha bastante caráter.

Aiden, cansado de gritos e insultos, olhou à ruiva, que estava em silêncio a seu lado e, agachando-se, sussurrou:

— Vejo que se banhastes.

Demelza assentiu e, afastando-se da cercania dele, falou:

— Sim. Mas ao que parece não o suficiente para este incrível, ao mesmo tempo elegante e sofisticado lugar.

Aiden sorriu. Ela não. Entretanto, gostava de seu senso de humor, por isso disse dirigindo-se à taberneira:

— Mulher, as sirva!

— A elas? — Grunhiu ela.

— Sim, às senhoritas — afirmou Aiden com certa galanteria.

Brenda, respaldando-se nele, afirmou com altivez:

— Já o ouviste, nos sirva!

A mulher, que, como todos, sabia quem ele era e de quem era irmão, ia murmurar algo quando Alastair, que tinha ouvido tudo, insistiu:

— Sirva-lhes. O que espera?

A taberneira, com maus modos, finalmente se voltou. Não ficava mais remédio que servir aquelas indesejáveis se não queria problemas.

Então, Brenda, ainda instigada pelo momento, olhou Alastair e, sem medida, cochichou:

— Ora. Sei que meu cabelo está um desastre e não estou vestida com correção, entre muitas outras coisas. Mas acredita que sou feia?

Ao ouvir, o highlander sorriu sem saber por que e, ante o gesto de assombro de Demelza e o de brincadeira de Aiden pela pergunta, murmurou:

— É bonita e graciosa. Não acredite no que...

— Viu, taberneira? — Gritou a loira cortando-o. — Não sou feia!

Demelza, surpresa pelo muito que a tinha incomodado que a chamassem de feia, dispunha-se a dizer algo quando Aiden cochichou:

— Você tampouco é feia. Digo-o se por acaso quiser gritar com taberneira também.

Que alguém alheio a sua família dissesse algo assim ou a tivesse catalogado de senhorita era novo para ela, mas, sem lhe dar maior importância, respondeu:

— Não necessito adulações. Só de comida.

Sua resposta cativou Aiden, que, olhando à taberneira, indicou:

— Sirva-as. Eu me ocupo de pagar o que pedirem.

— Não! — Cortou Demelza.

E, quando todos a olharam, ela abriu sua mão e declarou:

— Tenho as moedas que me deu. Não necessitamos mais.

Esse detalhe fez Aiden saber que a moça não era movida por dinheiro, e, dirigindo-se de novo à taberneira, falou com gesto duro:

— Seja generosa no que pediram se não quiser ter um grave problema comigo, entendido?

A mulher, assustada por suas palavras, desapareceu. E Aiden, olhando a jovem ruiva desde sua altura, disse então em um tom suave:

— Solucionado. Agora servirão queijo e pão.

— E caldo quente! — Gritou Brenda estirando o pescoço.

Alastair assentiu e, caminhando para onde tinha desaparecido a taberneira, exigiu-lhe o caldo quente.

Os olhos de Aiden e de Demelza se encontraram de novo, e ela murmurou com gratidão, mas sem sorrir:

— O caldo quente nos virá bem. Obrigada.

Ao ficar tudo esclarecido, Alastair retornou para sua mesa, quando Aiden, olhando à ruiva, perguntou com um sorriso:

— Posso me afastar e ter a certeza de que isto não acabará com pratos quebrados e mulheres gritando enquanto puxam os cabelos defendendo sua beleza?

Ouvir isso incomodou Demelza. Ela não era essa classe de mulher, e, mudando o seu tranquilo modo por outro mais feroz, indicou:

— Acaso lhes pedimos ajuda... senhor?

Aiden, ao ver como os olhos dela trocavam a uma cor mais escura, sorriu para si mesmo e, lhe piscando um olho com altivez, disse antes de afastar-se:

— Desfrutem da comida.

Quando ele partiu, a jovem murmurou:

— Ser presunçoso!

Mas Brenda, que continuava irritada com a taberneira, grunhiu:

— Essa desagradável e repelente mulher não fez o que queria. Me alegro!

Demelza não disse nada. Era melhor.

Segundos depois, a proprietária do local voltou com o que lhe tinham pedido e, sem depositar no balcão, exigiu as olhando:

— Soltem o dinheiro.

Ao ouvir, Demelza a olhou. Aquela sujeita era uma má víbora, além de tudo o que Brenda já se encarregou de ressaltar, e, pondo as duas moedas sobre a madeira, grunhiu:

— Espero não voltar a pisar em sua asquerosa taverna.

Sem tempo a perder, Brenda agarrou a comida, mas, quando Demelza foi agarrar a terrina do caldo, a taberneira exigiu parando-a:

— O caldo se bebe aqui.

Brenda amaldiçoou. Ela não seria fácil, e balbuciou:

— Mas fora há...

— Tanto faz quem está lá fora — afirmou ela com o poder. — O caldo será levado no estômago, mas a terrina não sai daqui.

Demelza suspirou. Aquela mulher estava ganhando um bom murro, e mais quando ouviu que voltava a dizer com voz severa:

— Bebam aqui!

A cada instante mais irritada, Brenda falou:

— Estou procurando mais impropérios desagradáveis e ofensivos para te dizer, mas tudo o que me ocorre é muito doce para você.

— Brenda... — murmurou Demelza contendo sua fúria, enquanto que com a extremidade do olho via que, de novo, o highlander moreno a observava.

A taberneira se estirou. Aquela vagabunda a estava tirando de seu juízo.

Então, a ruiva agarrou a terrina, o estendeu a sua amiga e lhe ordenou:

— Se cale e bebe de uma maldita vez. Depois saia e diga a Hilda que entre para que ela possa beber e esquentar-se também o corpo.

Brenda, ao entender que devia parar para que as coisas não piorassem, agarrou a terrina e, depois de dar um primeiro gole, murmurou emocionada:

— Está saboroso e seu aroma de romeiro é, no mínimo, delicioso... Certeza de que foi feito por uma harpia como você?

A taberneira, ao ouvir, não soube como responder-lhe e então Demelza, olhando Brenda, indicou com ironia:

— Fecha a boca e bebe de uma vez.

Depois de um novo gole que a levou para glória, a jovem loira deu meia volta e saiu a toda pressa do lugar. Ato seguido, entrou na taverna Hilda, que se aproximou de sua menina.

— Tome a terrina —disse Demelza. — É toda sua.

— Você bebeu? — Perguntou a mulher.

A jovem, consciente do muito que ela o necessitava, assentiu e, depois de olhar à taberneira, afirmou:

— Está muito bom e seu aroma de romeiro não te deixará indiferente.

Surpresa por aqueles matizes, Hilda tomou a terrina. Efetivamente, cheirava a romeiro. Com gosto, tomou todo seu conteúdo, mas, quando ia deixar sobre o balcão a terrina, a porta da taverna se abriu e Brenda gritou:

— Os cavalos!

Conforme ouvia isso, Demelza, com uma agilidade incrível, subiu de um salto a uma mesa. Dessa saltou a duas mais, atirando tudo ao chão a sua passagem até chegar à porta, por onde saiu como uma exalação.

Hilda, assustada, correu atrás dela se chocando com as pessoas que protestavam ante o ocorrido, enquanto a taberneira gritava enlouquecida:

— Malditas vagabundas! Já sabia que não trariam nada bom...

Ao ver aquilo, Aiden se levantou alarmado e, olhando seu amigo, que se levantava também, murmurou:

— Aborrecer-se... ou ficar entediado?

— Não. Certamente que não.

Com um sorriso, separaram-se da mesa e, quando viram que alguns iriam sair depois das mulheres, interpuseram-se no caminho para impedi-los.

Continuando, Aiden lançou moedas à taberneira e anunciou:

— A seguinte rondada eu pago.

E, dito isto, todos voltaram a sentarem-se a suas mesas e os highlanders saíram a toda pressa.

Capítulo 08

Uma vez na rua, Demelza se encontrou com uma nervosa Brenda, que, olhando-a, disse:

— Alguns... alguns homens desagradáveis e sujos... levaram os cavalos e...

— Por onde foram?

— Por ali — apontou.

As duas jovens começaram a correr naquela direção, enquanto a ruiva, tremendamente zangada porque tinham roubado Unne, gritava:

— Juro que os matarei... matá-los-ei.

Ouvir isso não era algo novo para Brenda, que, sem deixar de correr a seu lado, como pôde, exclamou:

— Mas por que você soluciona tudo matando?

Demelza não respondeu e acelerou o passo. Tinha que recuperar a sua égua.

Aiden e Alastair, fora da taverna, ao ver Hilda, foram correndo atrás dela. Quando a alcançaram, Aiden perguntou olhando-a:

— Por onde foram?

A mulher, sobressaltada e sem fôlego, deteve-se e, tomando ar, murmurou:

— Por ali, senhor... por ali.

Sem tempo a perder, os dois escoceses correram para o beco que se abria à direita e, entraram nele, Alastair exclamou assinalando para diante:

— Ali!

Ao fundo do beco estava Brenda que defendia-se de um sujeito como podia enquanto este lhe falava a escassos centímetros de seu rosto e a golpeava com um pau enquanto lhe gritava. O desconhecido e ela caíram ao chão, momento em que Brenda gritou. O golpe recebido no braço lhe doía muitíssimo, mas não cessou em seu empenho de defender-se. Criou-se com quatro irmãos e sabia fazê-lo muito bem.

De sorte para ela, Alastair chegou a seu lado e, agarrando o sujeito, lançou-o contra a parede no mesmo instante em que Brenda soltava um golpe com o pau que acertou os rins do escocês, fazendo-o gritar de dor.

Consternada e acalorada, ao ver quem tinha golpeado, a loira deixou cair o pau ao chão e murmurou:

— Ai, Deus... sinto muito, Alastair!

O mencionado, embora contente porque recordasse seu nome, levantou-se com a mão nos rins. A porrada o tinha deixado totalmente nocauteado, e grunhiu ao ver o outro sujeito inconsciente no chão:

— Acaso não olha antes de golpear?

Nervosa e atacada dos nervos, Brenda retirou o cabelo do rosto e replicou agarrando as rédeas de seu cavalo:

— Mas... mas você acredita... que eu tinha tempo de olhar?

Aiden, ao comprovar que seu amigo estava bem, olhou ao redor e perguntou:

— Onde está a ruiva?

Ao lembrar-se dela, Brenda se inquietou, e murmurou:

— Correu para ali disposta a matar.

Um ruído a suas costas atraiu a atenção de todos e, ao ver a égua cinza sair espavorida pela enorme porta de um celeiro, Aiden pediu dirigindo-se ao Alastair:

— Agarrem-na.

E, dito isso, correu para o celeiro.

Demelza, acalorada, mas sem medo, brigava com um desconhecido. Chutes, golpes, bofetões... tudo valia em um momento como este, quando este, de repente, imobilizou-a contra a parede e lhe pôs a adaga ao pescoço.

— A reconheci e a segui... — disse-lhe.

Sem entender a que se referia, ela falou com todo seu corpo em tensão:

— De que falas?

Então, o homem murmurou sorrindo:

— Laug Iversent...

Horrorizada, ela piscou com desconcerto. Só havia uma pessoa que a chamava desse modo.

— Seu marido oferece uma boa recompensa por você. E eu te encontrei.

Sem dar crédito, a raiva de Demelza cresceu e cresceu. Viggo, esse desgraçado sem escrúpulos, queria recuperá-la para matá-la, e ofegou. Seu pai. Sua irmã. Seus irmãos. Wulf. Sua família.

Furiosa e enlouquecida pelo que tudo aquilo representava para ela, sem nenhum medo, como seu pai tinha lhe ensinado, arrebatou de repente a adaga das mãos do homem e, sem hesitar, deu-lhe uma cabaçada que o deixou cambaleante.

Um fio de sangue correu rapidamente por seu rosto. Mas não havia dor, só vingança. O sujeito, desorientado pela pancada, soltou-a e ela escapou dele e murmurou:

— Terá que me matar se pretende me levar ante ele.

— Fâ-lo-ei — afirmou o homem, atacando de novo. — Até morta, sua cabeça tem um substancioso preço.

Ao entrar na escuridão do celeiro, Aiden só ouvia cochichos, golpes e gemidos. Estava claro que eles estavam ali. Ouvia-os lutar, respirar acelerados, e, buscando seus sentidos, concentrou-se. Tinha que localizá-los.

De repente, notou como algo caía do teto e, ao levantar o olhar, viu que eram grãos. Isso só podia significar que estavam acima.

Procurou a maneira de subir, quando de repente, a vários metros dele, observou como um sujeito caía do piso superior ao chão e, segundos depois, surpreso, viu a ruiva saltar sem nenhum medo sobre o homem.

Com determinação, e de uma maneira estranha, a jovem lutava com precisão, utilizando as mãos e os pés. Era rápida, e muito. E, quando atirou o sujeito ao chão, aproximou seu rosto ao dele e sussurrou algo que Aiden não entendeu.

O que lhe havia dito?

Apressou-se até eles e, ao ver que o sujeito ancorava um pé no chão, soube o que ia fazer. Antes de chegar mais perto viu como ele levantava a perna com força e, instantes depois, a jovem saiu voando pelos ares. O golpe ao estatelar-se contra o chão foi brutal, e, quando Aiden se dispunha a agredir o indesejável, este saiu correndo ao vê-lo.

Aiden o olhou e depois decidiu ir em ajuda da ruiva. Devia estar muito dolorida.

Demelza estava tombada no chão com os olhos fechados, respirando com dificuldade. Em sua mão ainda tinha a adaga, e, quando o highlander se agachou para auxiliá-la, furiosa pelo combate, enredou suas pernas ao redor dele, e, dando-lhe uma chave que seu irmão Daven lhe tinha ensinado, dobrou-o sob seu corpo de tal maneira que era muito difícil para Aiden soltar-se.

Mas que técnica utilizava ela?

Demelza abriu os olhos e ele viu guerra, dor, medo e incerteza refletidos neles. Conhecía esse olhar, e, quando se dispunha a golpeá-la com força para que não cravasse a adaga que segurava contra sua garganta, alguém gritou:

— Dem! Não!

A moça parou sua investida e, ao levantar o olhar, encontrou-se com Hilda.

A mulher, aterrorizada, correu para eles.

— Filha... Mas se tornaste louca?

O olhar azul escuro da jovem foi se esclarecendo paulatinamente para surpresa de Aiden, que nesse momento, afastando-a de maus modos, falou furioso:

— Acaso te ajudar significa morrer?

Bloqueada pelo ocorrido, ela o olhou e, ao ver que não era o homem que segundos antes a tinha atacado, a não ser o que em certo modo a tinha libertado e ajudado, murmurou piscando:

— Eu... sinto muito.

— Sente-o?! — Vozeou Aiden. — Maldita seja! Está louca!

Ela permaneceu imóvel. A via tremendamente desconcertada.

O highlander, já mais tranquilo, ao ver sangue na testa de Demelza, se aproximou, mas ela retrocedeu no ato. Ele se precaveu de que repetia esse gesto continuamente, mas, sem lhe perguntar o motivo, limpou-lhe com o dedo o sangue e, depois de ver que era uma ferida superficial, apesar do galo que começava a sair, soltou-lhe:

— Acaso atraí problemas?

Ela não respondeu, e ele insistiu:

— Encontrei-me contigo três vezes e nas três estava metida em problemas. Pode-se saber que classe de vida tem? — A jovem tampouco

respondeu desta vez, não podia, e ele insistiu: — Pode-se saber o que te ocorreu para que lute e ataque com essa ferocidade de matar?

Consciente de que, levada pela raiva e a vingança, esteve a ponto de fazer algo terrível, guardando a adaga na bota, ela murmurou depois de tocar o pescoço para ver se seu talismã seguia ali:

— Não é algo que lhe interesse.

Sua insolência era algo desconcertante. E, quando Aiden ia protestar, Alastair e Brenda entraram no celeiro, que, correndo para a moça, perguntou:

— Está bem?

— Sim.

— Oh, Deus, está sangrando!

— Não é nada — murmurou ela limpando o sangue de um tapa enquanto sua respiração seguia agitada.

Hilda, ainda com o coração aos pulos, aproximou-se também da moça.

E, consciente de que aquele olhar só tinha visto no dia do massacre de sua família, murmurou:

— Calma, minha menina. Calma.

Demelza assentiu. Mas a tranquilidade ia ser relativa. Agora que sabia que Viggo a buscava pela Escócia e que seria informado de onde andava, a coisa se complicava. Tinha que chegar a ele antes dele chegar a ela.

Brenda, que continuava consternada pelo ocorrido, murmurou olhando à ruiva:

— Não sei realmente o que aconteceu nem quem eram esses homens. Só sei que um deles me empurrou e que assim que tiraram os cavalos, exigiram que... que...

— Se cale!

— Porquê? — Grunhiu Brenda.

Demelza negou com a cabeça. Saber que Viggo a buscava não era nada bom, e, sem querer que ninguém soubesse mais do assunto, insistiu:

— Por favor.

Aiden suspirou com gesto carrancudo ao ver o modo em que aquelas duas se olhavam. Sem lugar a dúvidas, que as mulheres viajassem sozinhas levando os cavalos que tinham era um problema.

Mas por que a ruiva tinha feito calar à outra?

Isso chamou sua atenção, e, dirigindo-se a Alastair, perguntou:

— O que te disse o sujeito de fora?

Alastair negou com a cabeça e indicou:

— Está morto.

Demelza olhou à loira, que se apressou a esclarecer:

— Ah, não! Não... não... não... Não fui eu. Foi ele.

Nesse instante, ao recordar de sua égua, a ruiva se dispôs a sair do celeiro, mas Aiden a deteve.

— Pode-se saber aonde vai?

Deslocada, ela se soltou. A última coisa que precisava era ter por perto aquele intrometido escocês, quando Brenda indicou:

— Os cavalos estão a salvo. Calma.

Demelza cabeceou algo mais serena, e a seguir Aiden disse:

— Não sei quem são nem o que fazem, mas sim, sei que...

— Senhor — ela o cortou com todo o respeito que pôde, — agradeço-lhes sua ajuda e peço desculpas pelo ocorrido. — Aiden não respondeu, e ela, ao ver seu gesto, prosseguiu: — Mas agora, se não se importarem, temos que partir.

E, dito isto, Demelza saiu do celeiro, acompanhada por uma preocupada Hilda.

Alastair, ao ver como a moça de cabelo loiro dava meia volta, agarrou-a pelo braço e lhe perguntou:

— Qual é o seu nome?

Agradada por sua pergunta, mas alterada por tudo o que estava ocorrendo, ela replicou olhando-o:

— Para você: Te cale.

Isso fez o highlander sorrir, que, movendo a cabeça, murmurou:

— Tenham cuidado.

A jovem sorriu e se despediu com um gracioso pestanejo.

— Adeus, Alastair.

Ele assentiu, e Aiden, cravando seu escuro olhar em seu amigo, murmurou sem entender realmente o que tinha acontecido.

— Essas mulheres são umas mentirosas.

— Não exagere, amigo — sorriu ele.

Ao ouvi-lo, Aiden sorriu e assegurou:

— E me atreveria a acrescentar que são também uma grande fonte de problemas. Recorda isso.

Capítulo 09

À manhã seguinte, depois de uma noite de frio intenso que quase gelou às mulheres, e durante a qual Brenda não deixou de queixar-se pelo pouco agasalho que tinham, as três continuaram seu caminho.

O fato de ter dois cavalos lhes facilitava a tarefa e, embora no trajeto cruzaram com outros idiotas que tentaram arrebatá-los os animais para sua sorte, não conseguiram.

Demelza, perita em certas lides, e ajudada por Brenda, que resultou ser engenhosa, dobraram os sujeitos, que ficaram inconscientes no chão, e sem qualquer dúvida ficaram com suas adagas, um cavalo, suas roupas, seus arcos e suas espadas. E também com um mapa. Necessitavam-no para sobreviver!

Depois que se afastaram daqueles malfeitores a toda pressa, não pararam de cavalgar durante um bom momento e, quando finalmente o fizeram, Brenda murmurou horrorizada:

— Aqueles homens morrerão congelados!

Hilda e Demelza se olharam, e então a segunda, baixando-se de sua égua, sentenciou:

— Quem o faz tem que pagar.

— Mas... mas... não lhe dão pena? — Insistiu a jovem.

A ruiva sorriu e respondeu recalcando a última palavra:

— Nenhuma pena.

— Mas eles...

— Eram eles ou nós — a cortou. — Não há mais o que falar.

Hilda desceu do cavalo que tinham roubado daqueles homens e murmurou ao ver um lago:

— Vou me banhar de novo. Não suporto meu fedor.

As garotas assentiram, Hilda tinha razão. E não era só seu aroma, mas sim, a aparência que seguia sendo desastrosa, e, sem duvidar, começaram a despir-se.

Por sorte, o sol da manhã esquentava o suficiente para assear-se e secar-se depois.

Tiritando de frio, mas satisfeitas, as três se banharam. Demelza esfregou a pele dolorida. Precisava se desfazer do aroma de sangue seco, cavalo, sujeira, podre... e, com brio, esfregou-se e lavou seu curto cabelo. Não se importou que doessem as marcas dos tornozelos e dos pulsos. Precisava sentir-se limpa e segura. Isso a faria ter forças.

Quando, minutos depois, Hilda saiu correndo do lago para secar-se com uma das mantas, Brenda cochichou fazendo uma concha:

— Minhas mãos... estão ásperas, estragadas... minhas unhas negras, e meu cabelo indomável.

Demelza sorriu, essas coisas não a importavam. Então, a loira, tirando um pequeno anel que usava na mão, pediu-lhe:

— Toma. Segure-o.

Ela o agarrou, enquanto Brenda esfregava as mãos com a água. Com curiosidade, ela observou aquela joia que se separava em duas. Eram dois finos anéis com duas pedrazinhas de cor verde, a mesma cor dos olhos da loira.

— São muito bonitos — comentou.

Brenda, ao ver a que se referia, assentiu e, omitindo quem o tinha dado, disse:

— O pingente que você usa é muito bonito também.

Ao recordá-lo Demelza tocou o pescoço com carinho. Ali estava o que sua irmã Ingrid lhe tinha dado, e que ela usaria pelas duas, e afirmou com carinho:

— Este pendente é muito especial para mim. Meu amuleto da sorte.

— É belo — afirmou admirando o fino pingente vermelho.

Em silêncio estiveram durante instantes, até que a loira, agarrando os anéis que ela sustentava, indicou:

— Fica com um.

Demelza negou imediatamente com a cabeça. Aquela joia era fina e delicada, algo que ela não saberia usar. Mas Brenda insistiu:

— Por favor. Devo-te tantas coisas que...

— Não me deve nada — murmurou ela ao ouvi-la.

A jovem, com os dois anéis na mão, acrescentou:

— Devo-te a vida, e isso nunca o esquecerei.

— Não exagere.

— Não exagero. Se não te encontrasse em meu caminho, já estaria morta e certamente comida pelos animais do bosque. Ai, Deus... que horror! Que terrível maneira de morrer, embora... bom, que mate um homem e o esquarteje tampouco é uma forma agradável...

Demelza sorriu. Gostasse de reconhecê-lo ou não, aquela moça de certo modo tinha razão.

— Insisto. Pegue um dos anéis e use-o — disse Brenda. — Para mim será uma honra que aceite. Será nosso anel da amizade.

— Anel da amizade? — Zombou Demelza.

A loira afirmou com um sorriso e, agarrando as mãos dela, murmurou:

— Estão machucadas.

— Sei — assentiu a ruiva.

— Sempre desejei ter uma irmã — comentou a seguir Brenda. — E, agora que te conheço, não tenho dúvida de que ficaria encantada que fosse como você.

Essas palavras chegaram ao coração da jovem viking, quando ela, sem lhe soltar a mão, a levou aos lábios, beijou-a e murmurou:

— Demelza... embora queira solucionar tudo matando e eu não entenda por que não dialoga com as pessoas antes de fazê-lo, a partir deste instante é minha irmã. Prometo, se você me permitir isso, te ensinarei a ser doce e sossegada, ao mesmo tempo que feminina e sedutora.

A ruiva piscou. Para que necessitava ela aprender isso? Mas, ao sentir que Brenda esperava algo, levou a mão dela a seus lábios e, beijando-a, afirmou:

— Brenda... embora me desespera que só se preocupe por seu cabelo, seja torpe, chorona e não entenda como não sabe fazer absolutamente nada para se proteger, a partir deste instante é minha irmã. Prometo te ensinar a ser guerreira e valente.

E, conforme disse isso, a jovem loira gritou emocionada:

— Ai, Deus... Morro de amor!

— O quê? — Perguntou Demelza olhando-a.

Brenda, emocionada e excitada por aquilo, abriu muito os olhos e cochichou abraçando-a:

— É uma maneira de dizer que eu a adoro, que gosto, que me agrada muito... muito... muito... Oh, que feliz sou!

Demelza meneou a cabeça. Sem dúvida, aquela moça era estranha, mas sorriu. Brenda a fazia sorrir.

Quando se soltaram, a loira, feliz, voltou a lhe estender o anel, e ela cochichou olhando-o:

— É muito delicado para mim.

Brenda moveu o pescoço com graça.

— Você é delicada ao mesmo tempo que é uma guerreira valente, e agora este será nosso talismã de irmãs. Nunca o esqueça.

Isso a fez sorrir novamente. Nunca tinha visto como uma mulher poderia ser delicada. Por suas vivencias, sempre tinha tido que mostrar sua fortaleza mais do que sua feminilidade. Mas, olhando com carinho o fino anel que ela lhe estendia, agarrou-o, colocou-o em seu dedo e, sorrindo, afirmou consciente de que agora usava duas joias muito especiais para ela:

— De acordo. Não o esquecerei... irmã.

Permaneceram em silêncio alguns segundos, enquanto ela, com delicadeza, lavava o cabelo, até que, ao recordar de algo, Demelza perguntou:

— Por que se zangou ontem que aquela taberneira te chamasse de feia?

Ao ouvir, a moça respondeu olhando-a:

— Porque mentia. Não o sou.

Boquiaberta por sua segurança, Demelza riu. Brenda a fazia rir, e murmurou:

— Não acredita que isso é de se ter em muita boa consideração?

A loira pestanejou.

— É que me tenho em boa consideração. Você não?

— Não — murmurou ela.

— Porquê?

Demelza, que nunca tinha se preocupado em mostrar-se bela, encolheu os ombros:

— Porque não acredito ser uma mulher que atraia olhares.

Brenda suspirou. Aquela jovem que tinha em frente sim, era bonita, agraciada, algo que ela parecia não querer saber, mas, esquecendo-se disso, insistiu:

— Em meu caso, todos que me conhecem dizem sempre que estou dotada de uma linda formosura ao mesmo tempo de um incrível cabelo... por que duvidar?

Divertida, Demelza assentiu.

— Pois tem razão. É bela e seu cabelo é lindo. Que ninguém te diga o contrário!

— Você também o é.

A ruiva sorriu. Em sua família a bela sempre tinha sido Ingrid. Tão loira, tão nórdica, tão bonita. Ingrid era perfeita. A garota mais perfeita que ela tinha conhecido. Dispunha-se a dizer algo quando Brenda indicou:

— É bonita, Demelza. Mas não deveria voltar a cortar o cabelo assim.

A jovem assentiu e, instintivamente, tocou o cabelo. Nos dois meses que tinham passado desde aquele dia tinha crescido e agora quase chegava pelos ombros. Ao ver que ela ia seguir perguntando, se adiantou:

— De onde é, Brenda?

Sem esperar a pergunta, a jovem molhou o rosto com cuidado, e Demelza insistiu:

— Onde está seu lar?

O sorriso da jovem se esfumou e, depois de pensar com rapidez, indicou:

— Nas Terras Altas.

Demelza, ao ver seu gesto, soube que ocultava algo, e acrescentou:

— Mal te conheço e não sei nada de você, à exceção de que se chama Brenda, cavalga um cavalo soberbo, não sabe lutar, assusta-se com facilidade e se zanga quando dizem que não é bela. Mas o que sim, sei, é que você não se criou em uma fazenda como eu, verdade?

Brenda piscou e, estirando-se, cochichou:

— E o que te faz acreditar isso?

Demelza agarrou sua fina mão, pô-la junto à sua e murmurou:

— Sua mão. Minha mão. Vê a diferença?

Com coqueteria, Brenda as olhou. A sua, em comparação da dela, estava cuidada, e, entendendo a diferença que Demelza lhe assinalava, afirmou:

— Ora. Tem razão.

A jovem ruiva assentiu e a seguir perguntou:

— Seu sobrenome é...? — Esperou que ela completasse a frase, mas, ao ver que não o fazia, sem entender o que ocultava, animou-a: — Vamos... me conte. O que esconde? Me diga quem é e tentarei te ajudar.

Brenda suspirou, e Demelza, que escondia seus próprios segredos, insistiu:

— Começa me contando como caiu em mãos daqueles homens.

Pensar naquele momento não era fácil, e, puxando pela criatividade, a loira começou a dizer:

— Me... é... e, bom... então... eu... pois...

— De acordo, Brenda, não me conte mentiras — replicou Demelza e, olhando-a, exigiu: — Mas se me disser de onde é, poder-te-ei levar até ali.

A jovem pensava. *O que devia fazer?*

Retornar a seu lar era quão último desejava, por muitos motivos, e, recordando algo que o highlander dos olhos bonitos havia dito a noite anterior, afirmou:

— Stirling. Sou de Stirling.

— Certeza?

A jovem pestanejou e, com um gracioso gesto, assentiu.

— Sim. É obvio.

Demelza sorriu, quando ela contra-atacou:

— Agora minha vez de perguntar.

— Porquê?

— Porque eu também quero saber e sou tão curiosa quanto você.

Só sei que se chama Demelza, que viaja com sua mãe, tem uma égua maravilhosa, luta como o mais cruel guerreiro, não teme a nada e matar não a assusta.

Olharam-se. Ambas sabiam que escondiam coisas, e Brenda perguntou:

— Quem eram os homens que nos atacaram ontem à noite?

Demelza deu de ombros, e a loira grunhiu:

— Quando me empurraram, disseram que vinham por uma tal de Laug, que se fazia chamar Demelza, para levá-la a seu marido. — Ela compôs uma expressão de desconcerto, e Brenda apostilou: — Olhe... olhe... algo em mim me diz, apesar do torpe que me considera, que essa mulher é você.

Demelza não respondeu e, tentando que as afirmações dela não a afetassem, com toda a dissimulação e a tranquilidade que pôde, respondeu:

— Meu nome é Demelza e não tenho marido. Não sei de que falas.

Brenda viu como desviava o olhar e assentiu.

— Recordas muito mal.

— Olha quem o diz — zombou ela.

Consciente de que ambas mentiam, Brenda indicou levantando o queixo:

— Pois até que se justifique comigo eu não o farei contigo. Portanto, irritada por sua falta de confiança comigo, não voltarei a te falar. Zangada estou! Fecharei a boca e não direi nada mais até que me

conte a verdade. E que saiba que, por te defender, olhe que hematoma terrivelmente feio tenho no braço. Ui... o que dói.

Demelza olhou o hematoma que ela tocava. Estava vermelho carmesim. O golpe recebido devia ter sido forte, e isso lhe doeu.

Durante um momento, ambas estiveram em silêncio na água. Demelza, dolorida pelos golpes recebidos no dia anterior, lavou com carinho o corpo e o cabelo, enquanto Brenda proferia ruídos e fazia grandes esforços por não falar.

Isso fez graça à ruiva. Jogar o jogo do silêncio com ela era sinônimo de perder, e, quando Brenda não pôde mais, perguntou:

— Quem te ensinou a lutar assim?

Ao ouvi-la, Demelza a olhou e murmurou com mofa:

— Não disse que não iria mais falar comigo?

Brenda sorriu e, meneando a cabeça, respondeu:

— Não posso estar calada. Angustio-me se não falar e me comunicar.

Demelza riu de sua franqueza. Sem sabê-lo, Brenda lhe recordava em certos aspectos Ingrid, e, vendo como a olhava à espera de que respondesse a sua pergunta, explicou:

— Meu pai. Meu pai me ensinou a lutar.

— Seu pai?

Demelza assentiu e, tocando a ferida que foi feita no dia anterior na testa, perguntou:

— Está muito volumoso?

Brenda a olhou horrorizada. Se ela tivesse um galo, não saberia onde meter-se.

E, gesticulando, respondeu:

— Só um pouco.

A resposta não concordava com seu gesto, mas, sem lhe dar maior importância, Demelza prosseguiu:

— Meu pai sempre pensou que todos seus filhos deviam saber defender-se ante qualquer eventualidade. Daí que sei lutar assim.

A loira assentiu e, necessitada de saber mais, pressionou-a:

— E onde estão agora seu pai e seus irmãos?

Essa pergunta lhe doeu, responder onde estavam agora lhe era terrível, quando Brenda, consciente de como se entristeceu sua expressão, insistiu:

— De onde é realmente? — Ao ouvir, Demelza a olhou. E, antes de que pudesse responder, a loira apostilou: — E não me diga que é de Aberdeen ou de Portree, porque não vou acreditar. Não sou a mulher mais inteligente do mundo, mas, querida Demelza, tampouco sou a mais tola, e tenho ouvidos, olhos e intuição.

— Intuição?

— Sim. Intuição — repetiu ela com picardia.

Com um triste sorriso, a ruiva assentiu.

Brenda era menos inocente do que a princípio tinha acreditado, mas também sabia que, se dissesse a verdade, podia lhe trazer problemas.

Duvidou no que responder, até que finalmente disse:

— Sou da Noruega. Concretamente, de um lugar chamado Ski, embora minha mãe fosse escocesa e...

— Sabia — a cortou Brenda com um grande sorriso. — O intuía.

Surpresa de que não se escandalizou por sua procedência, Demelza perguntou:

— Intuía-o?

— Sim.

— Mas... mas se sei falar perfeitamente seu idioma e...

— Minha avó paterna, Adnerb, é viking.

— O quê?!

Brenda sorriu e, justificando-se como ela, murmurou entre cochichos:

— Meu nome real é Adnerb. Meu nome é como minha avó. Embora minha mãe me chamasse de Brenda quando saímos da fortaleza, que, se te observar, é o mesmo nome ao contrário.

— Chama-te Adnerb?

— Sim.

— Minha cunhada, a mulher de meu irmão, chamava-se assim.

A jovem assentiu, mas se apressou a acrescentar:

— Embora te rogaria encarecidamente que seguisse me chamando Brenda.

— Porquê?

— O nome Adnerb não é muito comum na Escócia e, se o evitarmos, impediremos também pergunta desnecessárias.

Demelza assentiu entendendo-a perfeitamente, quando ela soltou um soluço.

— Mas por que chora?

A jovem, apartando uma lágrima que rapidamente rodou por seu rosto, respondeu:

— Levo toda a vida ocultando meu verdadeiro nome. Oxalá algum dia possa gritá-lo aos quatro ventos sem que isso me provoque problemas.

Demelza viu como as emoções se apoderavam da jovem, algo que ela não estava acostumada permitir-se. Então, ela, tomando forças, continuou como se não tivesse chorado:

— Quando te ouvi falar pela primeira vez, algo me recordou dela. Mas foi só você, não Hilda. É essa tua maneira de arrastar, de alongar ou cortar certas palavras. Faz como fazia minha avó.

— «Fazia»?

Brenda assentiu e, com os olhos cheios de lágrimas que rapidamente se transbordaram, respondeu:

— Morreu faz três anos. Mas te asseguro que seu carinho e amor, como ela dizia, continuam aqui — disse tocando o coração.

Conforme fez esse movimento, Demelza fechou os olhos. Aquilo de tocar o coração era muito de seu povoado, de seu povo, de seu pai e, emocionada, e a sua vez tocou o seu coração e afirmou:

— Os seres queridos seguem aqui eternamente.

As duas jovens sorriram emocionadas. Saber que tinham algo em comum em certo modo gostaram, quando Hilda, alheia a sua conversa, gritou da borda:

— Meninas! Façam o favor de sair e se secarem. Vão pegar uma pneumonia!

Sem demora, as duas moças obedeceram e, quando estiveram vestidas com as roupas roubadas de quem tinham tentado depená-las, Demelza murmurou amarrando as calças:

— Ao menos já não estou coberta de sangue seco e tenho as pernas quentes.

Brenda sorriu e, ajustando as suas, afirmou:

— Se minha mãe me visse assim, vestida de guerreiro, morreria de desgosto.

— Sério?

— Muito... muito sério — assegurou ela. Demelza sorriu, e Brenda, ao ver aquele afável sorriso, declarou evitando falar de seu galo: — É bonita. Muito bonita.

Sem acreditar-lhe Demelza olhou a jovem com carinho.

— E você é linda! E tem um cabelo tão espetacular...

Brenda sorriu com timidez. Adorava que a elogiassem, e, tocando seu encaracolado e um pouco descontrolado cabelo, que lhe chegava pelo traseiro, afirmou:

— Quando o tenho arrumado e preso com fitas coloridas, fica esplêndido.

— Assim, você também.

— Também?

Demelza assentiu e, pensando no que seu pai ou algum de seus irmãos haveria dito, indicou:

— Então se vê sua beleza selvagem e natural.

A loira, não muito convencida disso, deu de ombros e, olhando o desastroso cabelo dela, falou:

— Antes queria te perguntar, por que usa o teu tão mal cortado? Por Deus, Demelza, tem que fazer algo para arrumar isso.

Ela, sem querer pensar nisso, respondeu:

— Eu não o cortei assim.

— E quem foi o desatinado que o fez?

Hilda e Demelza se olharam, e esta última, soprando, indicou:

— Alguém que o pagou com sua vida.

Ouvir isso não surpreendeu a Brenda, mas, com gesto de susto, baixando a voz cochichou tocando o pescoço alarmada:

— Matou-o?

— Sim.

— Porque te cortou mal o cabelo? — Perguntou em um fio de voz.

Ver sua expressão e o modo como a olhava fez Demelza sorrir. Sem dúvida, aquela moça pensava que era uma autêntica selvagem. E, sem responder a sua pergunta, perguntou:

— Prefere espada, machado ou arco?

Brenda, desconcertada, permaneceu imóvel, e a ruiva esclareceu:

— De acordo, matei-o. Mas não foi só pelo meu cabelo. E agora responde: espada, machado ou arco?

— Arco e espada — respondeu Brenda guardando uma adaga na cintura.

Em silêncio, Demelza agarrou o que lhe entregava e, vendo que seguia olhando-a, protestou:

— Não sou uma assassina, Brenda. Não me olhe assim.

A jovem seguia paralisada.

Apesar das coisas que sua avó lhe tinha contado da coragem das vikings, em seu mundo, nenhuma mulher tinha tido que defender-se até o ponto de matar e, curiosa, perguntou:

— O que se sente?

— A que se refere?

Brenda piscou e insistiu:

— O que se sente quando mata alguém?

Hilda meneou a cabeça. Aquela moça era muito curiosa.

— Raiva. Dor. Ira — respondeu Demelza depois de pensar. — Não é algo agradável. Mas quando sua vida ou a de seus seres queridos estão em perigo, só há um caminho. Ele ou você. E eu decidi que seria eu quem viveria.

Brenda assentiu e, apesar de que lhe parecia uma loucura, entendeu-o.

O que contava aquela moça era terrível. Matar era coisa de homens, mas, quando se dispunha a seguir indagando, Demelza perguntou assinalando o arco:

— Sabe utilizá-lo?

Ela assentiu e, pendurando-o as costas, respondeu:

— Aprendi com meus irmãos e, embora os irritava reconhecê-lo, sou muitíssimo melhor que eles. Quanto à espada, conduzo-me com ela sem que minha mãe saiba, ou morreria do desgosto, e reconheço que meu irmão Gordon é melhor que eu.

— Sua mãe morreria de desgosto se soubesse que maneja uma espada?

— Oh, sim! Desmaiaria... choraria... e posteriormente lhe sairia um tremendo ao mesmo tempo feia brotoejas pelo corpo.

— Sério?

Brenda assentiu, sua mãe era excessiva em tudo.

— Por sorte — continuou, — meu irmão Gordon, escondido de todos, e animado por minha avó, ensinou-me a manejar a espada. Pai tentou, mas mãe não permitiu. Sou sua única filha, a doce e feminina da família, e, segundo ela, a arte da guerra é para homens. E mais, mãe sempre disse que nunca empunharia uma espada, porque primeiro por mim o faria meu pai, logo meus irmãos e posteriormente meu marido.

Demelza suspirou. Seu povo pensava diferente. E, repartindo as espadas, pendurou uma nas costas. Logo empunhou um machado, depois de movê-lo com mestria em suas mãos, Brenda murmurou boquiaberta:

— Tem que me ensinar a movê-lo assim.

As jovens sorriram, quando Hilda, que as observava, afirmou:

— Não acredito que sua mãe gostaria disso.

— Posso lhe assegurar isso, Hilda, se horrorizará! E a brotoeja lhe durará um ano.

E, antes que Demelza a parasse, a jovem agarrou o machado e o lançou ao ar como ela tinha feito momentos antes, com a diferença de que Brenda não se moveu, e, se não fosse porque a ruiva a empurrou, este teria caído sobre sua cabeça.

Quando o machado caiu ao chão, Demelza olhou a jovem loira e grunhiu com gesto ofuscado:

— Mas você está louca?

A jovem, ao ver o machado cravado na terra a escassos centímetros de seu pé, declarou:

— Sem dúvida, a mãe não vai gostar nada disso.

Pouco depois, Demelza e ela foram caçar, e Brenda lhe demonstrou quão hábil era caçando com o arco ao disparar em um coelho sem errar. Aquilo surpreendeu à ruiva. Quando deixava seu melindre e sua feminilidade de lado, aquela moça era hábil. Ver como se movia para caçar o coelho foi suficiente para saber que em seu interior havia uma guerreira, uma skjaldmō, como haveria dito seu pai.

De volta ao acampamento, Hilda cozinhou o coelho e as três comeram com avidez.

Durante a comida, conversaram, e, ao inteirar-se de que elas tinham passado dois meses de cativo, Brenda murmurou choramingando:

— E eu aqui... me queixando e...

— Chorando, porque olhe como chora... — cortou-a Demelza.

Brenda assentiu. Era a única garota entre quatro irmãos varões e tinha aprendido que chorando e se queixando conseguia as coisas, por isso nunca o tinha evitado. Ao contrário, potencializava-o.

— Acaso você não chora? — Perguntou.

Demelza, ao ouvi-la, pensou um momento.

— Não — respondeu afinal.

— Nenhuma vez?

— Nunca.

— Porquê?

— Porque nada do que ocorra em minha vida poderá me arrancar uma lágrima mais. Vivo o presente, o futuro já se verá.

Aquela dureza causou pena a Brenda, e mais ao ver como a mãe dela acariciava seu rosto com carinho.

Que terrível história podia guardar Demelza em seu coração?

E, olhando Hilda, perguntou:

— Onde estão seu marido e seus filhos?

Surpresa por aquilo, a mulher piscou.

— Nunca tive marido.

Agora a surpreendida foi Brenda, que, olhando Demelza, queixou-se:

— Mentirosa!

— Eu?

— Mentiu-me em algo tão importante!

— Não...

— Falou de seu pai e de seus irmãos, e...

— Hilda me criou — a cortou com convencimento, — embora não me pariu. Mas ela é minha mãe. Minha única mãe. E, quanto a meu pai e a meus irmãos, é doloroso recordar e, se não se importar, prefiro não falar do assunto.

— Mas acredito que...

— Não, Brenda...

— E...

— Não! — Sentenciou Demelza.

O silêncio se instalou entre elas e durante um bom momento nenhuma disse nada, até que finalmente a ruiva indicou:

— Deveríamos recolher as coisas e partirmos para Stirling.

— Stirling?! — Inquiriu Brenda.

Demelza bramou:

— Não disse que era ali onde vivia?!

A loira se apressou a assentir, mas, incapaz de não perguntar o que lhe rondava pela cabeça, insistiu:

— Tampouco choraria pelo amor de um homem?

Hilda revirou os olhos. Mal tema. E Demelza, retirando o cabelo do rosto, respondeu torcendo o gesto:

— Pelo amor de um homem... menos ainda.

Aquela segurança inquietou Brenda, que, sem deixar-se intimidar, declarou:

— Isso nunca se sabe, Demelza.

— Eu sei.

As jovens se olharam com intensidade quando a ruiva, consciente de que ela pensava no que tinha comentado com respeito a seu suposto marido, esclareceu:

— Nem quero, nem desejo, nem necessito um homem em minha vida — e, olhando o céu, pediu trocando seu tom: — E agora, partamos de uma vez. Acredito que vai chover.

Brenda, ao ver o gesto de prudência de Hilda, decidiu calar e, levantando a vista ao céu, negou com certa vantagem.

— O que vai... Não, esta noite não chove.

Um momento depois, abrigadas pela escuridão da noite e guiadas pelas estrelas, continuaram seu caminho.

Capítulo 10

Em uma pequena taberna de Stirling, Aiden refrescava a garganta junto a Alastair e vários de seus homens, enquanto no exterior caía uma chuva intensa.

Estava contente. Os exemplares adquiridos eram uma maravilha e com segurança seu sócio, Zac Phillips, iria gostar. Estava pensando nisso quando ouviu um homem falar sobre uma luta com uns vikings. Aqueles bárbaros que apareciam de vez em quando por suas costas eram uma grande fonte de problemas. E Alastair, que os estava escutando, murmurou:

— Malditos vikings...

Aiden assentiu com convicção. Conhecia a história de seu amigo com eles, e, quando ia dizer algo, Alastair acrescentou:

— Não há viking bom.

— Não. Não há — afirmou ele, recordando alguns combates que tinha tido com eles.

— Senhor. — Ao voltar-se, viu Moisés, que, agarrado a uma serva, perguntou-lhe: — Necessita-me para algo mais esta noite?

Aiden sorriu, seus homens mereciam aproveitarem bem, e lhe respondeu, consciente de que ele e Alastair fariam a substituição dos dois que estavam com os cavalos quando terminassem suas bebidas:

— Desfruta da noitada, Moisés. Mas ao amanhecer te quero no acampamento para partir, entendido?

Ele assentiu e, depois de dizer algo ao ouvido da mulher, ambos partiram escada acima. Segundos depois o seguiram alguns guerreiros mais. Sem dúvida, tinham pressa e planos.

Alastair, que estava sentado junto a Aiden em uma das mesas, e a quem as mulheres, por sorte, sobravam, deu um gole em sua cerveja e disse:

— Acredito que deveríamos substituir Gareth e Gavin, não acha?

Aiden assentiu. Sem dúvida, os dois homens que estavam com os cavalos esperavam aproveitarem tão bem quanto os outros. Por isso, e entre risadas, depois de despedirem-se com um gesto de Ivo e Conrad, que continuavam bebendo cerveja, saíram da taverna.

— Que má noite!

— Sim — afirmou Aiden ao empapar-se em décimos de segundo.

Sem pressa, mas sem pausa, os dois ferozes highlanders caminharam pelas ruelas de pedra de Stirling até os subúrbios, onde estavam seus homens e os cavalos.

Gareth e Gavin sorriram ao vê-los, e Aiden indicou:

— Vamos, vão. Ao amanhecer lhes quero aqui com todos.

Sem tempo a perder, eles se foram correndo, apesar de que trovejava e chovia a mares. Queriam aproveitar a noite.

Alastair e Aiden sorriram ao vê-los, e logo o primeiro disse:

— Irei fazer uma recontagem dos cavalos, acredito que...

— Chove muito. Deixe-os — cortou Aiden crédulo. — Não acredito que alguém em uma noite assim ande desejoso de problemas.

— Também tem razão — afirmou Alastair, desejoso de estar debaixo de cobertores.

Confiados e tranquilos, dirigiram-se para uma das tendas de tecido que seus homens tinham montado para resguardarem-se da chuva. Não era muito grande, mas estar sob ambaró lhes permitiria descansar.

Ali, Alastair tirou a jaqueta e, deixando a espada no chão, murmurou:

— Espero que as mulheres que deixamos pela estrada estejam bem.

Aiden o olhou e, depois de deixar sua espada junto à de seu amigo, murmurou tocando o arranhão que fora feito a noite anterior na mão:

— Se não te conhecesse, pensaria que está preocupado com elas...

Alastair sorriu e cochichou encolhendo os ombros:

— Preocupa-me sua segurança, do mesmo modo que sei que no fundo se preocupa também. Além disso, não deixo de pensar em algo que uma delas disse.

Sentando-se no chão para deitar-se a descansar, Aiden falou:

— Seja o que for, esquece-o. Certamente que mentiu para chamar sua atenção.

— Pois o conseguiu — afirmou seu amigo baixando a voz enquanto jogava sua manta no chão para deitar-se.

Aiden meneou a cabeça e os olhos azuis da ruiva se cravaram em sua mente.

— Foi incrível ver essa mulher com o Haar — comentou.

— O incrível é que não lhe mordesse.

O highlander assentiu divertido. Nunca tinha visto seu cavalo tão entregue, crédulo e tranquilo.

Porquê?

Pensando nisso, fechou os olhos. Devia descansar, embora os azuis e ferozes olhos daquela mulher não queriam abandoná-lo.

Os dois homens permaneceram um momento em silêncio, até que o sono os venceu. Mas, de repente, o teto da tenda lhes veio por cima. Com rapidez, tentaram levantar-se, mas era impossível. Estavam enredados no tecido da tenda e não havia maneira de escapar.

— Maldita seja! — Vozeou Aiden furioso por sua imprudência, enquanto Alastair resmungava também.

Imediatamente ouviram as risadas de homens, e a voz de um que dizia:

— Esperava que tirassem proveito das mulheres que lhes demos de presente, como nós vamos tirar proveito dos cavalos que vamos roubar.

— Nos soltem imediatamente! — Bramou Alastair.

Os homens voltaram a gargalhar, quando Aiden vozeou:

— Vou matá-los se tocam meus cavalos!

— Duvido-o.

— Não o duvide — replicou Aiden, arrasado pelo tecido que o enrolava. — Quando sair daqui, vou retorcer seu cangote.

As risadas do exterior se acrescentaram. Era muito complicado para sair, para não dizer impossível.

— Seus homens estarão entretidos durante horas na taverna — disse outro deles, — e quando retornarem terão morrido asfixiados ou afogados pela chuva. Só é questão de tempo.

Sem poder moverem-se nem ver, os highlanders amaldiçoaram. A noite, a escuridão e a chuva tinham feito que confiassem em excesso e agora tinham um grave problema.

Capítulo 11

A chuva fria congelava seus ossos.

Demelza tiritava como as outras duas, enquanto pensava se teriam seguido bem o caminho para Stirling, quando, sorrindo, perguntou:

— E dizia que não ia chover?

— Dizia... — afirmou Brenda empapada.

Pouco depois, em um determinado ponto do caminho, viram luzes que punha ser Stirling. Isso fez Demelza sorrir. Uma vez no lar da Brenda, resguardar-se-iam da chuva, poderiam encher seus estômagos e, depois, ela e Hilda continuariam seu caminho.

Sem tempo a perder, a jovem ruiva se voltou e perguntou:

— Por onde teremos que irmos para sua casa?

A moça, resguardada pela manta, olhou a seu redor. Ela não era de Stirling. E, depois de segundos de incerteza, murmurou:

— Pois... não... sei...

— Mas como não vai saber? — Murmurou Hilda.

Brenda sorriu com apuro. Retirou a água que corria pelo rosto e indicou:

— Está tudo tão escuro que... bom...

Aquela dúvida em suas palavras e em seu olhar fez com que Demelza amaldiçoasse e, sem nenhum filtro, gritasse:

— Maldita seja. Mentiste-nos! Não vive em Stirling, não é?!

Brenda não respondeu, e Demelza grunhiu zangada:

— Olhe, não tenho tempo para joguinhos de meninas tolas. Tenho pressa por retornar a minha casa e...

— A Noruega? — Perguntou Brenda.

Hilda, ao ouvir, olhou para sua menina e, surpresa, perguntou em norueguês para que aquela não a entendesse:

— O que lhe contaste? Tornaste-te louca?

Demelza soprou.

— Hilda, não me olhe assim e, calma, não aconteceu nada. E quanto a você — se queixou olhando Brenda, — ficará aqui. Não penso seguir carregando-a comigo.

— Ai, não...

— Ai, sim... — imitou-a a ruiva.

— Não... não pode fazer isso — choramingou Brenda assustada.

— Pois vou fazê-lo.

— Mas... mas se te dei de presente o anel da amizade...

— O devolvo — grunhiu ela.

— Não!

— Sim!

— Não pode... é minha irmã.

— Eu não sou sua irmã.

— É! — Insistiu ela apeando do cavalo, com tal celeridade que caiu de traseiro para trás. Sua inutilidade era cada vez mais patente, e se sentia tola. Tremendamente tola.

Molhada, empapada, e agora suja de barro, Brenda começou a chorar estendida, enquanto gritava:

— O que vou fazer?!

Demelza soprou ao vê-la e murmurou sacudindo a cabeça:

— Pronto... começou a chorar!

— Morrerei... sozinha... esquartejada!

— E o pior de tudo, despenteada! — Zombou ela olhando-a.

Brenda redobrou os choros ouvindo isso. Não só se sentia tola. O comentário de Demelza a fazia entender que ela também a via assim.

Hilda amaldiçoou. Ninguém devia saber a procedência de sua menina. Mas, ao ver as lágrimas da jovem, que no chão chorava, aproximou-se com o cavalo de Demelza e murmurou em norueguês para que a outra não a entendesse:

— Filha, essa desastrosa moça não pode ficar sozinha.

— Eu sei... — afirmou ela no mesmo idioma. — É que... é que... matá-la-ia agora mesmo!

— Demelza!

— Por sua culpa estamos aqui, quando tenho tantas coisas que fazer. Mas não... aqui estamos, perdendo o tempo com uma menina caprichosa e malcriada que... que...

— Bom, filha, se acalme — a cortou Hilda.

Demelza assentiu, era melhor, e, zangada, grunhiu:

— E o que fazemos com ela? Não se deixa ajudar e...

— Você tampouco se deixa ajudar — a cortou.

As palavras de Hilda e seu olhar a fizeram soprar. Ela não necessitava de ajuda, e, suspirando, olhou para Brenda, que seguia chorando. Sentiu a dureza com que a tinha tratado, quando era sempre tão carinhosa quanto ela, e indicou falando em gaélico:

— Deixa de chorar.

— Não posso... Não posso...

— Pode. Tenta-o — afirmou ela.

Brenda parou.

Engoliu o nó de emoções que tinha na garganta, mas segundos depois soluçou:

— Sou... sou uma torpe.

— Pois sim, é.

— Sou uma calamidade.

— Sim, outra vez.

— Não... não sou como você.

— Não. Não é — assentiu Demelza.

— E... e, se me deixar sozinha e desamparada pelas... estradas, vou morrer. Vou morrer sozinha e sem ninguém que segure minha mão em meu último momento!

Demelza suspirou. O dramatismo dela era tremendo, e, apeando do cavalo para estar junto à loira, cochichou olhando-a:

— Esqueceu de algo.

— Esqueci?

Hilda, que conhecia muito bem a sua menina e aquele tom de voz, sorriu, quando Demelza acrescentou:

— Esquece que fiz um juramento de irmã, e uma irmã nunca se abandona. E menos quando prometi te ensinar a manejar um machado e a ser valente.

Ouvir isso fez com que o queixo da Brenda tremesse com mais intensidade.

— Mas se for chorar mais — se apressou a dizer a ruiva, — juro-te que...

— Ai... Demelza... — cortou-a. — Morro de amor por você!

E a jovem loira se levantou do chão de um salto e a abraçou. Aquele abraço tão cheio de necessidade, proteção e amor chegou ao coração de Demelza, que, quando se separaram, disse olhando-a aos olhos:

— Deixa de morrer de amor e seja realista, tudo bem? — A jovem loira assentiu e ela acrescentou: — Virá conosco, contar-me-á do que foge e me dirá onde está seu lar, entendido?

Brenda, secando-as lágrimas, que além da chuva alagavam seu rosto, respondeu:

— Em... Inverness.

— Certeza? — Insistiu aquela.

Ela assentiu e, com um gesto compungido, afirmou:

— Desta vez não te minto.

A ruiva, sem entender bem seu gesto, limpou-lhe as lágrimas de seu bonito rosto.

— Vamos, senhorita Morro de Amor — a apressou, — limpe o barro, sobe ao cavalo e procuremos o caminho para o Inverness. — E, depois, falando em norueguês, murmurou: — Menina torpe!

Sem duvidar, Brenda fez o que lhe pedia e, montou sobre seu animal, esquecendo seus choros, murmurou enquanto os dentes lhe tocavam castanholas:

— Um caldo quente nos viria muito bem.

— Muito bem — afirmou Hilda tiritando também.

— E se formos e...?

— Não, Brenda — a cortou Demelza subindo em Unne.

— Mas...

— Não — voltou a cortá-la. E, ao ver como a olhava, esclareceu entre tremores: — Não temos dinheiro, e eu não tenho forças para matar ninguém, entendido?

Ouvir isso a assustou.

Por que aquela moça era tão selvagem?

Retomaram o caminho em silêncio. Mas aquela paz durou pouco, quando a jovem, tiritando, queixou-se:

— Que frio tenhoooooooooooo!

— E o seguirá tendo, por muito que se queixe — replicou Demelza.

— É que não posso remediar — insistiu tremendo.

— Eu também tenho frio.

— Pois diga-o.

— Por quê? — Grunhiu Demelza. — Acaso pode fazer algo para mudá-lo?

Brenda negou com a cabeça. Ela tinha razão, devia ser mais dura e deixar de queixar-se.

— Como diria meu pai — cochichou a seguir a ruiva, — em ocasiões é melhor calar que ser calado.

Hilda sorriu. Aquelas duas jovens não poderiam ser mais diferentes. E então Brenda sussurrou, consciente da lição que lhe tinha dado:

— Pelo menos, parece que deixa de chover!

Capítulo 12

O relinchar de vários cavalos fez com que as três mulheres detivessem seus cavalos. Rapidamente, Demelza apeou de Unne e as outras duas a seguiram.

Escondidas no chão, observaram três sujeitos rirem depois de um arvoredo.

Pareciam estar bem, quando o som seco de um látego soou e se ouviu a voz de um, que gritava:

— Maldito cavalo. Mordeu-me!

— Rupert! Esse cavalo será seu castigo — vozeou outro rindo.

— Ai, Meu deus... Ai, Meu deus — balbuciou Brenda.

Imediatamente, todas souberam quem era o tal Rupert, e Demelza afirmou com um sorriso:

— A seguinte que vai lhe morder serei eu.

— Demelza! — Protestou Hilda.

A moça riu. Nem no melhor de seus sonhos teria imaginado voltar a encontrar-se com aquele verme.

— Espera que eu tenha o látego — murmurou.

— Está louca! — Protestou Brenda segurando-a pela manga.

Com brio, ela se soltou e cochichou olhando-a:

— Meu pai me ensinou que quem o faz: paga. E esse desgraçado vai pagar as chicotadas que nos há propinado por gosto.

— Ai, minha filha, vamos embora! — Insistiu Hilda assustada.

— Não, Hilda... não penso partir sem lhe dar seu castigo.

— O que é merecido — sussurrou Brenda.

Demelza o olhou. Aquele sujeito repulsivo não era uma boa pessoa. Enojava-a. E, com um brilho sanguinário nos olhos, murmurou:

— Quem sabe até a morte.

Brenda arregalou os olhos, e, incapaz de calar, soltou-lhe:

— Mas, pelo amor de Deus, Demelza, você não sabe dialogar?

A ruiva sorriu com azedume.

— Quem o faz: paga — repetiu.

Hilda amaldiçoou. Se havia algo que o pai da moça lhe tinha ensinado desde pequena era o significado da palavra vingança.

— E se nos capturam outra vez? — Grunhiu Brenda.

Demelza retirou o cabelo do rosto com segurança. Aqueles burros não tinham suficiente inteligência para capturá-la de novo.

— Calma. Não o farão.

— Mas Demelzaaaaaaaaaaaaaaaaaa...

Os protestos de Brenda começaram e a viking, cansada de ouvi-la, pôs a mão na sua boca para calá-la e murmurou:

— Olhe. Se quiser ir, não vou te deter, mas me deixe decidir como atuar, entendido?

Brenda assentiu. E, quando os olhos lhe encheram de lágrimas, Demelza murmurou adoçando o tom:

— Ah, não... não é momento de chorar...

— Pois... mas...

— Que não chore! — Insistiu ela.

Nesse instante, a jovem de cabelo claro sorriu.

— Então acreditouuuuu... Não sou boa?

Boquiaberta, Demelza lhe deu um empurrão. Pequena comediante. E, sorrindo, falou:

— Por todos os deuses que sim.

Estava dizendo isso quando observou o cavalo que o malfeitor tentava fustigar e, ao reconhecê-lo, murmurou pensando no homem dos olhos negros:

— Não posso acreditar nisso. Outra vez...

Mas, consciente de que agora era ela quem devia ajudá-lo, indicou:

— Esperem aqui. Em seguida retorno.

E, sem escutar os gemidos de Hilda e os protestos de Brenda, arrastou-se pelo lamaçal do chão enquanto a loira sussurrava: — Pelo amor de Deus... está se sujando outra vez de barro.

— Me acredite... — murmurou Hilda, — isso é o que menos lhe importa.

Demelza, com seu objetivo já fixo em mente, aproximou-se do acampamento em silêncio. Aqueles sujeitos nem se precaveram de sua presença.

Comprovou por si mesma a situação, e que seguiam sendo só três, sob o tecido de uma tenda, pareciam ter alguém cativo, retornou junto às outras duas e, olhando às mulheres, cochichou limpando o barro do rosto:

— Só são três.

— Olhe como ficou — queixou Brenda contemplando-a horrorizada.

Sem querer escutá-la, Demelza insistiu:

— Necessitaria de sua ajuda.

— Não penso me arrastar pela lama! — Indicou Brenda. E, ao ver o gesto com que ela a olhava, acrescentou: — Ora... fá-lo-ei. Mas tem que saber que tenho medo.

— Não tem que tê-lo.

— Mas... mas é que o tenho.

— Não queria aprender a ser valente? — Grunhiu Demelza.

Brenda assentiu e, fazendo Hilda sorrir, falou:

— Mas... mas tem que ser agora mesmo?

Demelza tomou ar. Aquela moça era o que ela nunca teria querido ser.

— Calma — insistiu. — Tudo sairá bem.

— Mas e se não sair bem?! — Cochichou Brenda.

Demelza meneou a cabeça, nesse momento Hilda grunhiu:

— Ai, filha... o que você gosta de um problema.

A ruiva se desesperou ao ouvi-la. Não tinha sido ela quem tinha procurado o problema, mas, sim, este se apresentou diante delas. E, dando meia volta, afirmou sem precaver-se de que um homem que casualmente passava por ali saía fugindo apavorado:

— De acordo. Fã-lo-ei sozinha.

Hilda e Brenda se olharam. Estava claro que não iriam permitir aquilo, e finalmente, entre as três riscaram um plano.

Minutos depois, Brenda, semiculta pela escuridão, deixou-se ver por um deles e, depois de lhe fazer um gesto com o dedo muito insinuante, o sujeito não parou para pensar e foi atrás dela sem avisar a seus capachos.

Uma mulher carinhosa!

Quando ele rodeou a árvore, Demelza, que o esperava, golpeou-o com um tronco. Imediatamente, ele se desabou.

— Um a menos! — Afirmou ela com frieza.

— Bendito seja! — Exclamou Hilda angustiada.

— Está morto? — Perguntou Brenda horrorizada.

Demelza o olhou. O golpe na cabeça tinha sido contundente. Mas, pondo sua mão sob o nariz do sujeito, respondeu ao notar sua respiração:

— Não.

Continuando, atirou pedras perto de onde estavam o do látego e o outro sujeito. O ruído chamou sua atenção, e então Brenda lançou um par de flechas com seu arco. Uma foi direto ao estômago de que tinha tentado ultrapassar os limites com ela, e a outra foi parar no braço direito do que usava o látego.

Demelza, ao ver seu rosto pálido, perguntou:

— O que te ocorre?

— Ai, Deus... E se o matei? — Balbuciou Brenda vendo agonizar o sujeito com a flecha no estômago.

A jovem viking procurou palavras de acordo com o momento, quando aquela, surpreendendo-a, trocou tom de voz e disse:

— Como você diz, quem o faz: paga.

Demelza assentiu ao ouvi-la e, sorrindo, afirmou:

— Seu sangue viking se revela, querida Adnerb.

Brenda sorriu. Sua avó teria estado orgulhosa dela.

Os gritos de dor do ferido no estômago eram colossais, e o outro soltou o látego. Sem duvidar, e de espada em mão, Demelza se aproximou dele e, recolhendo a arma do chão com rapidez, olhou-o e, depois de propinar-lhe uma boa chicotada que lhe cruzou as pernas, falou furiosa ao vê-lo cair:

— Quem tem agora o poder, pedaço de verme?

O homem piscou ao vê-la. Aquela moça de rosto limpo pela chuva e cabelo empapado era a jovem escrava a quem tinha açoitado por puro gozo, e, murmurou tirando uma adaga do cinturão:

— Tem a língua muito longa.

— Agrada-me sabê-lo — desafiou ela.

Dolorido mas com força, o sujeito empunhou a adaga e falou:

— Deveria ter te matado enquanto a tinha em meu poder.

Nesse instante, Demelza ouviu vozes de homens que provinham de debaixo da tenda que havia perto deles e as identificou imediatamente. Ali estavam seus salvadores. E, sorrindo, olhou ao sujeito e insistiu:

— Vamos. Me mate!

Ofuscado e dolorido, aquele se lançou ao ataque, nesse momento Hilda gritou:

— Cuidado, minha menina!

Ela, apesar da debilidade que sentia por tudo o que levava a suas costas, moveu-se com agilidade. Queria lutar. Precisava lutar.

Como uma autêntica viking, Demelza guerreou com ele corpo a corpo.

Nunca a tinham assustado essa classe de combates, e agora, depois do que tinha vivido, e com a raiva que estava em seu interior, menos ainda.

Com mestria, enfrentou o indivíduo e, quando este lhe abriu uma feia ferida no braço, nem se alterou. A dor não existia. Só a vingança. E, com mais fúria, concentrou-se em seu atacante, quando de repente ele caiu de bruços contra o chão e Demelza se precaveu de que tinha uma flecha cravada nas costas.

Ver aquilo a enfureceu. Queria lutar. Queria matar. E, olhando para Brenda, que seguia Hilda, protestou:

— Por que se entremeteste?

Hilda, preocupada, olhou o braço de sua menina. Sangrava e o corte era feio, muito feio.

— Oh, Deus! Feriu-te, sangra! — Exclamou Brenda assustada.

— Isto não é nada!

Hilda, que não opinava o mesmo, falou olhando a ferida:

— Isto é muito, e sabe.

Demelza olhou o braço. A ferida era feia e tinha se aberto mais do normal pelo movimento, mas, sem querer pensar nisso, indicou:

— Sanará sozinha.

— Não, filha. Unicamente com cuidados o fará.

A jovem soprou. Ela e as agulhas não eram muito amigas. Mas, sem querer lhe dar mais atenção a sua ferida, grunhiu olhando Brenda:

— Podia com ele.

A loira, ao olhar o homem que jazia no chão, levou a mão à boca e murmurou:

— Está... está...?

Com raiva, Demelza a olhou e afirmou com segurança:

— Sim. Está morto.

Brenda levou as mãos ao rosto horrorizada. Ela tinha matado a alguém. *Ela!*

E a ruiva, ao entender seu gesto e recordar que era a primeira vez que ela o tinha feito em defesa própria, agarrou-lhe as mãos, as retirou do rosto e declarou:

— Escuta. Era morrer ele ou eu. Recorde-o. E você decidiu me salvar. Não pense mais nisso. Era uma má pessoa, um malfeitor que jogava com a vida dos outros, ele buscou por isso.

— Mas... mas eu...

— Prometi te ensinar a ser valente e a viver o presente. E o que acaba de fazer se chama sobrevivência, Brenda. — A jovem a olhou e ela acrescentou: — E essa é a primeira regra que seus pais deveriam ter te ensinado para aprender a sobreviver.

Brenda assentiu deixando de tremer. Estava claro que seus pais não lhe tinham ensinado nada da vida. E, entendendo à perfeição as breves palavras que ela tinha utilizado, afirmou com convencimento e segurança:

— Tem razão. Era ele ou você. E, sem duvidar, minha eleição foi você.

— Obrigada.

Brenda e Demelza se olharam e sorriram. Eram duas jovens da mesma idade, mas diferentes em muitos aspectos.

Então, de repente, ouviram as vozes que provinham de debaixo de da tenda que estava derrubada. Eram vozes de homens.

Hilda e Brenda se olharam assustadas, mas Demelza cochichou baixando a voz:

— Recordam os highlanders presunçosos que nos deixaram em liberdade e nos encontramos continuamente? — Ambas assentiram, e ela apontou: — Pois, a julgar pelos cavalos que vejo aí, acredito que são eles.

A Brenda gostou de saber disso, o que a fez esquecer o ocorrido. Sua viagem a Stirling tinha dado resultados, e rapidamente, secando o rosto com a mão, perguntou olhando a Hilda enquanto arrumava o cabelo:

— Estou bem?

A mulher piscou. Ela só tinha olhos para a ferida do braço de Demelza. Brenda, olhando a jovem, esperou uma resposta, quando esta respondeu com sinceridade:

— Pois não está. Parece um desastre.

A loira suspirou e, quando se dispunha a responder, as vozes deles chamaram de novo sua atenção.

As jovens se olharam divertidas. Ser elas quem libertasse aqueles guerreiros grandes e fortes podia ser algo triunfal, quando Hilda, ao ver como sorriam, advertiu:

— Sedem comedidas com esses homens. Tenho certeza de que não gostarão nada de verem-se na situação em que estão.



Elas riram de novo e, encaminhando-se para a tenda derrubada, rasgaram o tecido com a adaga. Quando os rostos acalorados dos dois ficaram ao descoberto, olharam-nos e Demelza perguntou com ironia dirigindo-se a Aiden:

— Necessitam ajuda ou amparo... senhor?

Capítulo 13

Quase faltava o ar de Aiden, que não podia falar, só respirar, mas reconheceu imediatamente aquela voz. O mesmo acontecia com Alastair, que, ao ver Brenda, murmurou ofegante:

— Você...

A loira levou a mal o gesto ofuscado do highlander e, quando se dispunha a replicar, Aiden, que já tinha pego ar, grunhiu olhando à mulher que estava sentada sobre ele:

— Poderia se levantar e rasgar o tecido completamente para que possamos sair?

Sorrindo, ela obedeceu. Mas, quando ele foi mover-se para levantar-se, Demelza apoiou um pé sobre seu peito e, sentindo-se poderosa, recriminou-lhe:

— Perdão... faltou-me ouvir uma palavra.

— Menina... — protestou Hilda.

Aiden irritado olhou a jovem, que se vestia como um homem.

Seu primeiro instinto foi agarrar seu pé e tirá-lo com rudeza de cima dele, mas, ao ver como o sangue escorregava por seu braço até cair ao chão, soube que merecia o que lhe exigia. Por isso, respondeu furioso:

— Obrigado.

Imediatamente, Demelza tirou o pé de seu peito e Aiden se sentou.

Rapidamente, terminou de rasgar o tecido e depois de Alastair e ambos se levantaram.

Seus gestos antissociais eram tremendos, enquanto observavam seus cavalos e intercambiavam olhares cúmplices. Por sorte, todos os

animais pareciam estar ali e o acampamento seguia de pé, exceto a tenda em que estavam.

— Só eram três? — Perguntou Aiden ao ver os corpos dos malfeitores.

— Sim — afirmou Demelza retirando o cabelo do rosto.

Sentindo-se ignorada depois do que, em sua opinião, tão valorosamente tinha feito, Brenda pousou suas mãos nos quadris e murmurou:

— Como diria meu pai, *é de bem nascido ser agradecido*.

Ao ouvir, os homens a olharam. Não estavam de humor, e a jovem acrescentou:

— Não sei se deram conta, mas se não chegássemos, esses sujeitos vos...

Não continuou. O olhar cada vez mais carrancudo deles a intimidava.

Mas Demelza, a quem esses olhares de advertência não a impressionavam o mínimo, apontou zombando:

— Quando contarmos isto...

Alastair tossiu e Aiden se moveu incômodo.

Não ia ser agradável suportar as brincadeiras de todos os que se inteirassem do ocorrido. Por isso Aiden, olhando à ruiva de olhos maravilhosos, indicou:

— Seria muito pedir que isto ficasse entre nós?

— Porquê? — Perguntou Brenda, evitando sorrir ao recordar a vaidade de seus próprios irmãos.

— Porque não há necessidade de contá-lo — respondeu Alastair com seriedade.

A loira olhou Demelza e ambas sorriram, quando ele insistiu:

— Não sei onde lhe vem a graça.

As palavras do Alastair fizeram com que as mulheres, esquecendo ser comedidas, soltassem uma gargalhada, e Hilda, ao ver como elas riam, sem medir as consequências, murmurou aproximando-se delas:

— Meninas, parem!

Mas Demelza não podia. Estava tão acostumada a salvar seus irmãos ou seus vizinhos de tantas situações distintas que, olhando à mulher, indicou divertida:

— Mas você não está os está ouvindo...?

— Menina, cala! — Insistiu a mulher baixando a voz para não ser ouvida por eles. — Recorda onde estamos. Aqui as coisas são diferentes.

— Muito diferentes — afirmou Brenda divertida ao recordar o que sua avó lhe contava das temíveis guerreiras vikings.

Entendendo as palavras de Hilda, as moças tentaram deixar de rir, quando Aiden, ao ver como o sangue seguia correndo pelo braço da ruiva, advertiu:

— Está sangrando.

Mas isso tanto fazia para Demelza. No lugar de onde ela procedia, as mulheres que queriam iam à luta como os homens, e, com picardia, perguntou divertida:

— A sério que lhes parece tão vergonhoso que mulheres os salvem?

— A sério tenho que responder a semelhante tolice? — Grunhiu Aiden.

— Seria interessante ouvir a resposta... — zombou Brenda encorajada.

Cada vez mais ofuscados por suas expressões de brincadeira, os homens intercambiaram um olhar.

Definitivamente, aquelas duas eram umas desavergonhadas. E, quando Alastair ia responder, Haar, o cavalo de Aiden, aproximou-se de Demelza e, com o focinho, a modo de carinho, mordiscou-a no ombro para chamar sua atenção.

A jovem o acariciou com carinho e Aiden se incomodou. Haar nunca o tinha reclamado assim, por isso, estalou os dedos com força para chamar sua atenção. Mas o animal, como era de esperar, nem sequer o olhou.

Demelza sorriu ao ver com a extremidade do olho o gesto irritado do highlander. Os homens, fossem de onde fossem, eram orgulhosos. E, aproximando sua testa de Haar, murmurou algo muito baixinho, e, quando se retirou, o animal se aproximou obedientemente de Aiden, que perguntou olhando-a:

— Pode-se saber o que lhe disse?

Encolhendo os ombros, Demelza tremeu inconscientemente ao sentir seu olhar.

— Só que fosse a seu lado.

— Só?!

— Sim. Só — afirmou ela sem mais.

Ato seguido, voltou-se para a Hilda e Brenda. E, ao ver como a jovem mordia o lábio inferior enquanto olhava Alastair com certa tolice, grunhiu:

— Vamos.

— Agora? — Protestou a loira deslocada.

— Sim. Agora — matizou Demelza enquanto sentia como seu coração pulsava desbocado ante a presença do homem que, com segurança, continuava olhando-a. — Sigamos nosso caminho.

Ao ver que se dispunha a pôr-se a cavalgar, Hilda a deteve.

— Antes, tenho que te curar.

Demelza olhou seu braço e amaldiçoou. A ferida aberta ocasionada pela adaga continuava sangrando, e, tentando tirar a importância, indicou:

— Depois.

— Agora — insistiu a mulher.

Aiden, que como todos via a feia ferida, compreendeu que a mulher tinha razão, por isso se colocou a seu lado e lhe indicou:

— Me acompanhe. Isso necessita sutura.

— Ah, não. Nem pensar! — levantou a voz Demelza enquanto observava Alastair e a Brenda comunicarem-se como tolos.

As armas, a luta e muitas outras coisas lhe dava pouco medo, em troca, as agulhas, e Hilda, que era consciente daquilo, afirmou:

— Por Deus, senhor, disse uma palavra proibida.

Aiden não a entendeu. *O que havia dito?*

Mas Demelza sim, e, olhando Hilda, insistiu dando um passo atrás:

— Isto sanará sozinha.

— Não, carinho.

— Não precisa fazer o que se propõe — protestou a jovem tremendo.

— Precisa — afirmou Hilda com paciência.

Demelza deu outro passo atrás, quando Brenda, aproximando-se, olhou a ferida e indicou:

— Oh, Por Deus! Sua mãe tem razão. Essa ferida está muito aberta e terá que fechá-la ou piorará. Além disso, pode te deixar uma marca horrorosa!

— Eu disse que não! — Grunhiu.

Alastair e Aiden sorriram. Sem dúvida, aquela ruiva que não parava de meter-se em confusões tinha medo de agulhas.

— Pare, menina — insistiu Hilda. — Tanto faz como protesta, isso terá que ser suturado.

— Não! — Grunhiu ela procurando uma via de escapamento.

Todos a olhavam. Todos a observavam. Todos pensavam o mesmo. E, quando já estava disposta a fugir, Hilda indicou:

— Senhor, segurem-na ou sairá correndo.

Os braços de Aiden a rodearam em décimos de segundo o pequeno corpo de Demelza. Dali ela não escapava.

A jovem tentou. Esperneou. Gritou. Insultou. Inclusive tratou de morder ou de lhe dar cabaçadas. Mas, quando viu que seus esforços eram inúteis, falou:

— Ou me solta, ou te juro que...

— O que jura, Ruiva Selvagem? — Perguntou ele divertido.

Conforme ouviu essas últimas palavras, Demelza se paralisou. Fazia tempo que ninguém a chamava desse modo, e não soube o que responder.

Consciente de seu desconcerto, Aiden aproveitou e a agarrou com mais força. Já não lhe escapava. E, como se levasse uma pluma, caminhou com ela entre seus braços até uma enorme pedra. Ao chegar ali, indicou a Hilda onde podia pegar o que necessitava para suturar a ferida, e, quando se acomodou sobre a pedra, sentou a jovem sobre seu colo e disse sem soltá-la:

— Não seja teimosa.

— Mme solte!

— Sua mãe tem razão. Isso terá que ser curado.

— Sei — afirmou ainda desconcertada pelo que tinha sentido ao ouvir «Ruiva Selvagem».

Vê-la tão dócil gostou e, disposto a desfrutar daquela sensação, perguntou:

— Por que sempre que nos encontramos terminam em feridas?

Demelza o olhou e replicou com azedume:

— Não sei. Diga-me você.

Seus olhos, o modo como o olhava e seu gesto de aborrecimento o fizeram sorrir. E, observando o galo de sua testa, insistiu:

— Dói?

Demelza, consciente do que se referia, negou com a cabeça.

— A dor não existe...

Surpreso por sua contundente resposta, ele murmurou:

— Nunca conheci uma mulher que goste tanto de problemas.

A jovem sacudiu a cabeça, olhou para o céu e não respondeu. *Para quê?*

Permaneceu em silêncio por instantes. A luz da lua iluminava o rosto da jovem, e Aiden, ao ver uma pronunciada marca em sua bochecha, murmurou:

— Vejo que já lhe suturaram antes.

Ela não o olhou. Aquela marca em seu rosto, que Viggo tinha lhe causado, era dolorosa de recordar.

— Foi preciso quatro para lhe segurar, senhor, quatro! — Indicou Hilda.

Demelza soprou e Aiden, divertido, e com o afã de distraí-la, perguntou:

— E posso saber em que confusão se colocou para tomar essa ferida?

Conforme disse isso, os olhos azuis e frios da jovem impactaram nele. De novo, sua cor trocou e o highlander soube que a pergunta lhe era incômoda. Muito incômoda. Por isso, e vendo Alastair rir como um tolo com a jovem de cabelo loiro, indicou para mudar de assunto:

— Algo me diz que Alastair e sua amiga estão encantados de haverem se reencontrado.

A moça seguiu a direção de seu olhar no mesmo momento em que Hilda cravava a agulha em sua pele. Demelza fincou então os dedos no braço de Aiden com tensão, e ele, com uma ternura extrema, murmurou:

— Passará rápido. Passará...

Ela não respondeu, e ele, consciente do quanto podia doer aquilo e necessitado de lhe fazer esquecer a dor, indicou enquanto a mulher trabalhava sobre o braço da moça:

— Embora molhada e enlameada, tem muito melhor aspecto.

— Seguir com imundície não é agradável.

— Posso saber como se chama?

Tremendo, não só pelo frio, a jovem recostou inconscientemente a cabeça sobre o ombro do highlander. Estava esgotada, dolorida. E, levantando a cabeça para olhá-lo diretamente aos olhos, respondeu:

— Demelza.

O azul voltava a ser tranquilo, cometido. E ele murmurou:

— Bonito nome.

— Obrigada.

Maravilhado pela sensação que lhe provocava ter a moça em seus braços, Aiden assentiu. Tê-la tão perto, iluminada pela luz da lua e com o rosto limpo, fez-lhe ver não só a preciosidade de seus olhos, mas também as olheiras que apresentava. Por sua expressão, estava esgotada, e intuiu que necessitava de ajuda.

Sem querer falar, enquanto ela fechava os olhos, aplacada pelo calor que o corpo dele desprendia, o escocês resmungou sem que lhe tivessem perguntado:

— Meu nome é Aiden. Aiden McAllister.

A jovem assentiu ao ouvi-lo, e ele, surpreso porque não o relacionasse com seu irmão como fazia todos quando reconhecia seu nome, ia dizer algo quando ela murmurou:

— Encantada. — Mas, ao sentir como o fio corria por sua carne machucada, balbuciou abrindo os olhos e trocando o tom: — Oh... Deus... como o odeio... Mamãe, falta muito?

— Não, carinho... já termino.

Aiden sorriu ao ver como a jovem apertava a mandíbula, e, agarrando seu queixo com a mão para que o olhasse, perguntou:

— A que se deve esse sotaque tão estranho que tem ao falar?

— Não sei de que falas — replicou apartando o olhar.

Seu gesto e a tensão instantânea de seu corpo fizeram o highlander entender que sabia muito bem a que se referia, e insistiu:

— Alguma vez lhe disseram que tem uma particular maneira de arrastar e cortar as palavras?

Negando energicamente com a cabeça, respondeu enquanto encolhia de ombros:

— Não... nunca.

— Nunca, senhor, nunca — apostilou Hilda acelerando sua tarefa.

Aiden assentiu com cautela. *O que elas ocultavam?*

Então, olhando o cabelo mau cortado que a jovem usava, perguntou sorrindo:

— Por que usa o cabelo assim?

Demelza pensou com rapidez e declarou olhando à frente:

— Enganchei-os em alguns ramos e...

— Enganchou os cabelos em ramos?

Ao ouvir, Hilda levantou a cabeça e assegurou com convencimento, finalizando a sutura com rapidez:

— Oh, sim, senhor. Foi terrível! E agora temos que partir.

Aquelas mulheres mentiam. Estava mais que claro.

Aiden viu então as marcas que Hilda também tinha nos pulsos, e insistiu:

— Onde os malfeitores que lhes queriam vender as capturaram?

Elas se olharam e Demelza respondeu encolhendo os ombros:

— Em Portree.

— Aberdeen — afirmou Hilda ao mesmo tempo.

Uma nova mentira. E Aiden, sem poder conter-se, perguntou:

— Iram dizer alguma verdade em algum momento?

Imediatamente, Demelza se levantou das pernas dele e grunhiu:

— Por que acredita que mentimos?

Aiden meneou a cabeça, e, evitando mencionar que a cor de seus olhos se tornava cinzento quando mentia, replicou:

— Possivelmente porque o fazem muito mal?

Demelza amaldiçoou. Ele tinha razão.

Nesse instante se ouviu ruído de passos que se aproximavam a toda pressa.

Rapidamente, Aiden e Demelza empunharam suas espadas, enquanto Alastair situava Brenda a suas costas. Não viam quem vinham, só ouviam os passos acelerados, quando de repente, Aiden, ao reconhecer um dos homens, baixou sua espada e ouviu:

— Senhor! Estão bem?

Ante eles estava Alfred, seguido por Moisés e vários de seus guerreiros. Na taverna, tinham ouvido um homem relatar o que tinha visto no bosque e, sem duvidar, souberam que tinham que ir em sua ajuda.

— Por sorte, sim — afirmou Aiden, o calando o que as mulheres com segurança pensavam.

Continuaram chegando mais homens acelerados. As notícias voavam rápido.

Todos, à exceção de Moisés e Gareth, perguntavam-se quem eram aquelas mulheres, mas ninguém o perguntou diretamente, e Alastair, ao ver como Otto observava com atenção a jovem loira, que atrás dele continuava, inquiriu com gesto áspero:

— Pode-se saber o que olha com esse rosto de bobo?

Brenda, ao ouvir, sorriu encantada. Demelza, em troca, revirou os olhos, para depois dar a Aiden uma cotovelada que o moveu do lugar.

— Será possível o que diz ele! — Soltou. — Nem que seu rosto ao olhar a Brenda fosse a de um tolo também.

Ao ouvir como aquela vagabunda de calças falava e empurrava seu chefe sem nenhum respeito, os homens o olharam surpresos.

Desde quando uma mulher tinha permissão para lhe falar assim?

E Aiden, consciente do que pensavam, olhou-a e protestou marcando a distância:

— Contenha seus impulsos, mulher. E, quando se dirigir a mim, agradeceria que me chamasse de senhor.

— Que te chame senhor quando acabo de...?

— Mulher! — Cortou-a ele com decisão. — Acredito haver explicado bem.

A jovem soprou com incredulidade.

Como que «*senhor*», se segundos antes estavam conversando em títulos?

Aqueles escoceses eram estranhos. Muito estranhos. E, depois de ver como Hilda sofria pelo que podia acontecer, e disposta a que a mulher se tranquilizasse, deu um passo atrás e grunhiu:

— Senhor, desculpem minhas maneiras e a língua longa que tenho em ocasiões.

Aiden a olhou. Por sua expressão sabia que o dizia sem senti-lo, mas não replicou. Era o melhor.

Mas uma vez os homens, de acordo com o ocorrido, afastaram-se, Alastair prosseguiu falando com Brenda. Ao vê-lo, Aiden sorriu e, voltando seu olhar para a descarada ruiva, disse baixando o tom:

— Estou esperando que me conte algo que seja verdade.

Ofendida, Demelza deu um coice.

Mas aquele maldito escocês tinha se proposto deixá-la louca?

E, desejosa de afastar-se dele, declarou com gesto altivo:

— Senhor... temos que partir — e, voltando-se para sua amiga, que continuava tolamente com o outro, gritou: — Brenda. Vamos!

Ao ouvi-la, Aiden guardou a espada.

Mas aonde pensavam partir?

E, agarrando com cuidado a jovem ruiva pelo braço são, indicou:

— Acredito que deveria descansar. Seu rosto diz que...

— Meu rosto... senhor — grunhiu escapando de sua mão, — diz que, se não me soltar, vai ter um bom problema. Porque lhe asseguro que minhas maneiras e minha longa língua podem piorar, estejam seus homens diante ou não.

Olharam-se com intensidade...

Desafiaram-se com ferocidade...

Ele não era uma pessoa fácil, ela tampouco. E Aiden, atraído por ela como nunca antes em sua vida, perguntou:

— Acaso você não tem medo a nada?

Demelza negou com a cabeça e respondeu com um sorriso ácido:

— Prefiro que o medo me tema.

De novo, sua ferocidade e sua segurança ao dizê-lo deslumbraram Aiden. E Hilda, que conhecia o temperamento da jovem, aproximou-se deles e, agarrando-a do braço, afirmou puxando-a:

— Acredito que chegou o momento de ir.

Demelza assentiu com gesto áspero. Brenda, que estava junto de Alastair, perguntou aproximando-se delas:

— Vamos?

— Sim.

— Porquê?

— Como porquê?! — Grunhiu Demelza.

Brenda piscou e se queixou:

— Pelo amor de Deus, estou me interessando por esse homem. É tão bonito! Tão alto! Tão cavalheiresco! E...

— Pois é muito mal!

— Demelza, estou vivendo o presente, como você me aconselhou!

Ela amaldiçoou, Brenda entendia as coisas a sua maneira. Mas, quando ia protestar, ela cochichou baixando a voz:

— Ai... é tão galhardo esse Alastair, tão interessante, que morro de amor!

— Fica com ele! — Cortou a ruiva.

Desconcertada, a jovem de cabelo loiro não soube o que dizer, quando o mencionado, aproximando-se, murmurou esperançado:

— Podemos fazer parte da viagem juntos. Brenda me contou que vão para Inverness e...

— Não!

— Demelza!

— Eu disse que não.

— Mas, Demelza — insistiu Brenda compungida, — por que não pensa direito?

— Ora... uma verdade! Chama-se Demelza — afirmou Aiden, misturando-se na conversa.

Zangada e mal-humorada pelo caráter mutante dele, estivessem seus homens ou não presente, voltou a olhá-lo aos olhos. Esse enorme e atraente escocês, com sua maneira de observá-la e de comportar-se, confundia-a. E, sem querer continuar perto dele, murmurou:

— Nossa dívida fica saldada. Adeus!

— Mas Demelza... — insistiu Brenda.

Sem deixá-la terminar, ela agarrou a jovem pelo braço com força, a puxou para afastá-la dali e falou:

— Você decide. Ou fica com eles ou vem conosco.

Brenda olhou para Hilda.

A mulher não se moveu. Depois fez uma careta e Demelza grunhiu antes de dar meia volta para afastar-se a grandes pernadas.

— E não chore, que já conhecemos o truque.

Esse comentário fez Brenda sorrir.

Não sabia por que, mas gostava daquela estranha e selvagem jovem a quem já considerava sua irmã. Era como sua avó. Por isso, e apesar da tristeza que lhe ocasionava a separação daquele alto e bonito highlander que fazia saltar seu coração, olhou-o e indicou:

— Foi um prazer voltar a ver-te, Alastair Matheson.

Uma vez dito isso, deu meia volta e seguiu às outras duas. Estava claro com quem queria continuar seu caminho.

Os dois highlanders, desconcertados como dois tolos, observavam às três mulheres afastarem-se, quando Aiden, atraído pela ruiva, murmurou:

— O caráter dessa fera lhe trará muitos problemas.

Alastair assentiu, e, irritado pela marcha da jovem Brenda, não disse nada, quando seu amigo, ao ver seu gesto, perguntou:

— O que te ocorre?

O loiro escocês, cruzando suas mãos ante seu peito, murmurou:

— Preocupam-me essas mulheres.

— Essas mulheres ou concretamente a que te faz pôr cara de tolo?

Alastair sorriu. Não podia ignorar que aquela moça chamava sua atenção. E então Aiden, olhando a dois de seus homens, indicou:

— Ivo, as siga com discrição.

— Posso fazê-lo, meu senhor? — Se ofereceu Moisés.

Aiden o olhou. Que ele se oferecesse para essa tarefa era, no mínimo, inaudito. Moisés era sério, reservado, e, consciente de que Ivo era melhor naquilo, insistiu:

— Moisés, te prefiro com os cavalos. Ivo, vai.

Uma vez que este desapareceu e Moisés se afastou com gesto carrancudo, Aiden indicou enquanto observava o sorriso de Alastair:

— Agora, recolhamos. Devemos continuar nosso caminho.

Capítulo 14

«Corre, Ruiva Selvagem... corre...»

Essa voz...

Ingrid!

A risada de sua irmã trovejou na mente de Demelza, quando de repente despertou sobressaltada, suando. A seu lado dormia Brenda, e Hilda, que fazia guarda, perguntou ao ver seu gesto confuso:

— Está bem, minha menina?

Demelza assentiu. Retirou a manta que cobria seu corpo, e, incorporando-se, levantou-se e bebeu água.

Os pesadelos com seus familiares, especialmente com Ingrid, não a deixavam descansar. Sonhava com ela quase todos os dias. Sua irmã parecia querer lhe advertir de algo, e tinha a segurança de que se tratava de Viggo.

Estava pensando nisso quando Hilda se aproximou e lhe acariciou o rosto com carinho.

— Outro pesadelo?

A jovem assentiu, e, apoiando-se na árvore que tinha a suas costas, murmurou:

— Sim.

Hilda suspirou. Demelza não estava passando bem, embora mal falasse do que lhe ocorria. Saber que Viggo estava procurando-a não facilitava as coisas, e, quando as tripas rugiram, necessitada de comida e de algo que lhe transmitisse positividade, murmurou:

— Calma, minha pequena. Os pesadelos desaparecerão. Já o verá.

Quando morreu sua filha, foram tempos duros para ela. Durante o dia pensava na pequena, e de noite sua mente não aceitava esquecê-la.

Aquilo quase a deixou louca. Mas, por sorte, com o tempo tudo desapareceu.

— Sinto tanta falta de Ingrid que... — Demelza se interrompeu, não queria seguir falando disso. Continuando, depois de tomar ar, declarou: — Me preocupa Harald. Não sei se está vivo ou...

— Esse moço está vivo — assegurou Hilda. — Algo me diz que assim é.

Ela assentiu esperançada ao ouvir, mas insistiu:

— Tenho que retornar, Hilda. Tenho que retornar para casa e terminar o que, por desgraça, Viggo começou...

Não pôde continuar. E, quando as lágrimas foram a seus olhos, conteve-as. Hilda meneou a cabeça. Essa moça precisava chorar, desafogar-se, e murmurou:

— Minha vida, não te contenha. Chore. Necessita-o. Sei que o necessita.

Mas ela negou com a cabeça.

— Tenho que retornar e honrar a minha família.

A mulher suspirou. Se algo aquela jovem tinha era teimosia, tanto quanto seu pai, quando a ouviu prosseguir:

— Estando perdida pela Escócia, Harald não pode me encontrar. Tem que ser eu quem o encontre para lhe fazer saber que estou viva, ou nunca se perdoará não ter cumprido a promessa que fez a minha irmã.

Hilda assentiu justo no momento lhe nublava a vista.

Rapidamente, Demelza a segurou. A fome era severa, e a jovem, sentando-a, perguntou preocupada:

— Encontra-se melhor?

A mulher assentiu, e ela, agarrando o arco que tinham, disse:

— Irei caçar algo. Deve comer.

Hilda a segurou. Não queria que a moça se expusesse pelas estradas sozinha. Não queria que se encontrasse com algum malfeitor e tivesse que lutar, por isso cochichou:

— Calma. Há pão, queijo e...

— Está rançoso, Hilda.

— Melhor isso que nada, não acha? — A jovem suspirou, e ela insistiu:

— Deixa a caça para esta noite. Será melhor dormir com as tripas cheia.

Demelza, não muito convencida e preocupada com a mulher, soltou o arco, quando Hilda, para que deixasse de pensar naquilo, indicou:

— Se conseguíssemos chegar ao porto de Aberdeen, possivelmente ali poderíamos embarcar e irmos até Bergen. Mas é complicado, filha. Muito complicado.

Demelza assentiu. Sabia, como também sabia que a única maneira de embarcar em uma daquelas naves era fazendo-o como escravas escocesas, para serem vendidas na Noruega. Justo o contrário do que tinha acontecido. E, olhando à mulher, murmurou lhe agarrando as mãos:

— Hilda, não posso te pedir isso. Não posso.

— Onde você vá também irei — falou ela.

Demelza a abraçou com carinho. O vínculo que as unia era incrível. Hilda era sua mãe, a melhor, total e carinhosa que qualquer um desejaria ter. E, consciente de que, chegado o instante, não a faria passar uma vez mais por aquilo, afirmou:

— Neste momento, acompanhemos Brenda até seu lar e...

— Ai... Ai... Ai...

Ao ouvir os gritos de Brenda, ambas a olharam. Ela estava saltando sobre as mantas, revolvendo o cabelo, enquanto gritava:

— Tenho algo no cabelo... algo... não sei... Ajudem!

Divertida, Demelza se aproximou e, parando-a, tirou-lhe um escaravelho que se enredou em seu comprido cabelo loiro. Logo o mostrou.

— Aqui tem ao malfeitor... Não morre de amor por ele?

Brenda se horrorizou e grunhiu:

— Morro de asco. — Demelza sorriu, quando ela insistiu: — Não terei mais, verdade?

A ruiva deixou o escaravelho no chão e, suspirando, zombou:

— Acredito que não, mas isso só saberei se te cortar o cabelo.

Rapidamente, aquela deu um passo atrás e falou com gesto antissocial:

— Oh! Nem o pense.

Hilda e Demelza riram ante o gesto da jovem. Era evidente a importância que tinha o cabelo para ela, e não se falou mais do assunto.

Depois de um momento de tranquilidade, Hilda tirou da cesta o queijo já rançoso e o pão duro.

— Vamos. Comamos algo antes de empreendermos a marcha.

O manjar que oferecia não era atraente, mas, mesmo assim, as jovens se sentaram para comer. Observaram como Hilda se aproximava do riacho para beber um pouco de água. Em silêncio, olharam-na, até que Brenda murmurou:

— Sabe? Soará descarado o que vou dizer, e se minha mãe me ouvisse se escandalizaria e me encerraria no torreão pelo resto de

minha vida, mas, cada vez que penso nesse bonito highlander chamado Alastair, sinto que me palpita o coração de uma maneira intensa.

Ouvi-la, fez Demelza sorrir. Esses tipos de confissões eram as que sua irmã Ingrid estava acostumado a fazer quando falava de Harald.

— Possivelmente o amor chegou a seu coração — comentou.

Brenda sorriu e murmurou pestanejando:

— Você acredita?

Demelza deu de ombros. Ela não estava muito certa nessas lides.

— Isso quem tem que acreditar e de senti-lo é você — murmurou.

A jovem loira gesticulou.

— Não sei nada do amor.

— Eu tampouco — afirmou a ruiva sem querer pensar em seu passado.

Retirando com graça o cabelo loiro dos olhos, Brenda insistiu:

— Com quatro irmãos varões, nunca pude falar a respeito.

Demelza assentiu e, encantada por saber coisas dela, perguntou:

— Seus quatro irmãos seguem vivendo em Inverness?

— Sim — e, assinalando o anel que ambas usavam, afirmou:

— Gordon é quem me deu de presente o duplo anel, gosta de trabalhar com estas coisas — e, suspirando, acabou: — Quanto ao amor, só o vi uma vez na vida.

— Então, sim, sabe o que é.

Brenda negou com a cabeça e, baixando a voz como se alguém pudesse ouvi-la, murmurou:

— Britania, a filha de Gunilda, a criada de minha mãe, apaixonou-se por um jovem padeiro do povoado. Lembro que não podia parar de falar dele. Contava-me que seu coração palpitava quando lembrava dele, e que, quando o via, o que palpitava era toda ela.

Demelza riu. Aquela história teria encantado sua irmã.

— E o que ocorreu? — Perguntou sem saber por que.

— Ajudei-os a escapar uma noite para que se casassem. E, embora ao princípio foi um desgosto para Gunilda, porque não gostava desse moço, e minha mãe me encerrou duas semanas no torreão me acusando de insubordinação, hoje em dia está feliz ao ver Britania junto de Jacob e seus três filhos.

Demelza assentiu, quando ela, sem querer entrar em terrenos pantanosos, indicou:

— Minha mãe é restrita comigo. Muito reta. Elogia meu cabelo e minha formosura ante outros, mas sinto que só gosta disso em mim. Não é carinhosa, como dizem que está acostumado a ser uma mãe com uma filha.

Isso fez com que Demelza se lembrasse de Urd, mas calou, quando Brenda sussurrou:

— Pai me chama de Adnerb. Gosta de me chamar assim. Adora meu nome. Mas mãe o proíbe. Envergonha-se.

— É um nome belo — afirmou ela.

A jovem sorriu e, tomando forças, acrescentou:

— Mãe o odeia, e foi ela quem inventou de me chamar Brenda, que é Adnerb ao contrário. Sempre diz que meu pai a obrigou a colocar o nome de minha avó em mim. E, bem... quanto ao amor, ela diz que em ocasiões surge com o passar do tempo entre duas pessoas quando estão desposados.

— Seus pais não se amam, verdade?

Brenda negou com a cabeça e, necessitada de falar, sussurrou:

— Minha mãe, ao que parece, apaixonou-se por um galhardo e bonito escocês. Entregou-se a ele em corpo e alma e, quando ficou grávida de meu irmão mais velho, ele a abandonou. De repente, viu-se grávida e sozinha, e seu pai, que conhecia minha avó Adnerb, urdiu

um plano. Meu avô tinha uma filha que devia ocultar uma vergonha, e minha avó um filho que não encontrava esposa por ter sangue viking. Isso os uniu e, depois do nascimento de meu irmão, nasceram meus outros irmãos e eu, embora entre eles nunca houve amor, a não ser conveniência. Mas... mas eu não quero isso. Eu quero um amor apaixonado como o de Britania. Um amor que eu possa escolher, que me ame, olhe aos seus olhos e sinta que está orgulhoso de mim. Não quero um enlace com alguém que não me ame.

Demelza a olhou. Sem dúvida entendia melhor que ninguém o que a jovem queria lhe explicar, quando ela continuou:

— Mas... mas não sei como vou conhecer o meu amor, se minha mãe não me deixa sair da fortaleza. Levo toda minha vida encerrada nela, à exceção das vezes que saí com meu pai. E, a única vez que saio sozinha, sem avisar a ninguém, olhe onde acabei.

Demelza abriu a boca e perguntou:

— Escapava de seu lar quando a capturaram?

Os olhos de Brenda se encheram de lágrimas.

— Sim.

A jovem, que se torturava com esse ato, limpou uma lágrima, desta vez verdadeira.

— Mãe quer me desposar com Brochan, um amigo de sua infância — contou. — Mas ele é muito velho, mal tem cabelos na cabeça, desagrada-me e odeio como me olhe e sorri. Aterra-me e... e sinto... sinto que não posso!

A repulsão que Demelza viu no olhar da moça ao falar daquele homem lhe cravou no coração. Era a mesma que ela tinha sentido ante Viggo, apesar de que ele era jovem e tivesse uma longa juba. Por isso, e consciente de que não queria que lhe ocorresse o mesmo que tinha acontecido a ela, indicou tomando as mãos:

— Não deve se casar com ele. Não pode permiti-lo.

— Sei... sei... Mas como me negar ao desejo de minha mãe?

Aquilo era um grande problema.

— E seu pai o que diz?

Brenda, ao pensar nele, que a adorava e mimava, suspirou:

— Pai se cala. Segundo ele, com Brochan estarei protegida. E, embora saiba que esse homem não lhe agrada em excesso, não faz nada por evitar. Meu sangue viking espanta os jovens escoceses em idade de casar. Meus pais estão desesperados, até que eu tenha um bom matrimônio escocês, nenhum de meus irmãos tampouco podem contrair matrimônio. E só Brochan aceitou casar-se comigo, mas... mas eu... não... não quero.

Demelza assentiu. Ela mesma não tinha podido negar-se ao desejo de seu pai referente a suas bodas, e, como não queria que ela passasse pelos maus momentos que ela tinha tido que aguentar, insistiu:

— Procuraremos a forma de evitá-lo.

Brenda mordida os lábios nervosa, e murmurou consciente de sua má sorte:

— Se volto para minha casa, terei que me casar. Daí que não queira voltar. Não posso fazê-lo!

— Entendo-o, Adnerb...

Ouvir seu nome em boca de Delmelza, a jovem sorriu e murmurou emocionada:

— Pronuncia-o igual a meu pai e minha avó.

Demelza sorriu. E, consciente da realidade da moça, murmurou:

— Me escute, Adnerb. Não é pessoa de cavalgar pelas estradas. Se olhe! Sabe lutar, mas te falta coragem. Assusta-se com tudo e mal sabe...

— Sim. Sou uma torpe.

— Eu não disse isso — falou Demelza.

Brenda assentiu. Sabia de seus limites, e, esperançada, insistiu:

— Poderia ir contigo e com Hilda. Prefiro me unir a vocês que me unir a Brochan.

Demelza sorriu. Aquela pobre moça não sabia o que dizia.

— É complicado... — respondeu, — muito complicado.

— Algo sempre será melhor que ser a mulher desse homem — soluçou ela desesperada.

Entendendo sua frustração, a ruiva suspirou e, sem saber como proceder, indicou:

— Se tranquilize. Falaremos disso em outro momento.

— Por favor, Demelza. Rogo-lhe isso...

Causava pena pelo terrível futuro que esperava à moça se não encontrasse uma solução, ela balbuciou:

— Calma. Não penso permitir que aconteça o mesmo que eu passei.

Ouvir isso, com a raiva com que o havia dito, fez com que Brenda esquecesse suas penas e perguntasse:

— Pelo que passou?

Demelza se amaldiçoou, não tinha medido suas palavras. E, quando negou com a cabeça, Brenda, segurando-a pelas as mãos, insistiu:

— Sou sua irmã. Justifiquei-me contigo. O que aconteceu contigo?

Consciente de que aquela moça, que tinha contado seu problema, merecia uma explicação, justificou-se com ela. E, lhe abrindo seu coração, contou-lhe quem era sua família, sua vida e seus que fazeres na fazenda, e, finalizando, indicou:

— E, por um mal-entendido que minha falecida mãe urdiu, meu pai me obrigou a casar com um desprezível homem chamado Viggo. Foram apenas alguns meses, mas minha vida com ele foi... foi... — Não pôde continuar. Recordar o passado era desagradável. Mas, olhando-a, murmurou: — Me batia, forçava-me, humilhava-me, martirizava-me... — e, tocando-a marca que tinha na bochecha, prosseguiu: — E uma noite, depois de uma brutal surra em que matou... Wulf...

— Wulf era seu cavalo?

Sem querer explicar que era um lobo, pois não sabia se ela o entenderia, Demelza afirmou e continuou:

— ...e, como pude, retornei em busca de ajuda na casa de meu pai. — As lembranças eram terrivelmente dolorosas. Tanto que, em um fio de voz, murmurou: — Viggo não só matou Wulf, mas também assassinou meu irmão Haakon quando este foi em sua busca.

— Oh, Deus...

— E... e, não contente com isso, no dia das bodas de minha irmã Ingrid, esse desgraçado enviou seu irmão, seus homens e mataram toda a minha família. A todos... Vinham por mim, mas os mataram. A eles!

— Demelza...

Ela assentiu. E, ao notar que os olhos se enchiam de lágrimas, fechou-os. Quando lhe pareceu que estas desapareciam, abriu-os de novo e murmurou:

— Depois raptaram a Hilda e a mim e... ao final terminamos em um navio que nos trouxe como escravas a Escócia. O resto... já sabe.

Horrorizada, Brenda a olhava quando ela, engolindo o nó de emoções que pugnava por sair de sua garganta, admitiu:

— Possivelmente por isso em meu futuro só vejo morte e vingança. E, sim, sou consciente de que Viggo me busca e me reclama como sua

mulher, mas estou divorciada dele. Eu não me chamo Laug Iversent, como ele se empenhava em dizer. Eu sou Demelza Ovesen e não sou sua mulher, nem sou sua propriedade. E se quero retornar a meu lar sem me importar com minha própria morte é para vingar a minha família matando-o com minhas próprias mãos. Só quando sentir que seu coração deixou que pulsar poderei descansar em paz.

Horrorizada, Brenda levou a mão à boca.

O que a moça lhe contava era terrível. Viver uma experiência como aquela sem dúvida a mataria, e, sem lhe soltar as mãos, murmurou:

— Sinto muito... sinto-o muito.

— Sei — afirmou tomando ar enquanto as lembranças a martirizavam.

— Ajudar-te-ei. Não sei como, mas prometo te ajudar em tudo o que necessite. Conta comigo para matar a esse tal Viggo.

Ouvi-la dizer isso fez Demelza sorrir, que, com carinho, olhou-a nos olhos e murmurou:

— Você dialoga, não matas.

A jovem assentiu, embora replicou com segurança:

— Mas neste caso a morte é a única opção.

Em silêncio estiveram por minutos, até que a loira, abraçando-a, murmurou:

— Agora entendo muitas coisas de você. Entre elas, sua valentia, seu arrojo, sua força e por que não acredita no amor.

Demelza, necessitada daquele abraço, tão de sua irmã Ingrid, deixou-se ficar, e quando se separaram murmurou:

— Não vai se casar com esse tal Brochan. Não vou permitir.

Ambas sorriram por aquilo, quando de repente Hilda se aproximou delas e murmurou:

— Não posso acreditar nisso...

As jovens olharam para o lugar onde ela assinalava e ficaram boquiabertas ao ver aparecer Alastair.

Brenda piscou.

Que fazia ali?

Então, o highlander, com um espetacular sorriso, disse mostrando pedaços de carne assada:

— Alguma de vocês quer uma parte?

Rapidamente Brenda se levantou de um salto.

Estava exuberante de vê-lo, e, sem se importar com o gesto sério de Demelza, aproximou-se dele e afirmou agarrando uma parte de carne assada:

— Morro de fome.

Alastair, encantado por estar perto dela e ver que suas vontades de encontrarem-se eram recíprocas, perguntou:

— O que aconteceu com o seu cabelo?

Brenda, consciente de seus cabelos de louca, os arrumou como pôde e murmurou:

— Uma má noite.

Ele sorriu. Sem dúvida, aquela mulher era singular e, satisfeito por senti-la perto, indicou:

— No acampamento terá toda a carne assada que queira.

— Acampamento?! — Perguntou Demelza levantando-se.

Alastair assentiu.

— Quando chegamos estavam dormindo placidamente e não quisemos perturbar seu sono.

Ao ouvir, Demelza olhou para Hilda. Ela estava de guarda e deveria havê-los ouvido. Por isso, a mulher, enrubecida, murmurou:

— Possivelmente dava um cochilo ou dois, filha.

Demelza soprou.

Estava claro que ou ela fazia tudo ou seria impossível prosseguir assim. Então Hilda, soltando o queijo rançoso e o pão, aproximou-se para pegar uma parte de carne e, depois de meter na boca, murmurou:

— Que maravilha... está gostoso.

Brenda e Hilda mastigavam a comida que lhes tinha levado Alastair quando a loira disse:

— Vamos, Demelza, venha pegar uma parte.

A jovem negou com a cabeça. Não pensava em sucumbir ao que ele oferecia, quando Alastair insistiu dirigindo-se a ela:

— Terá toda que queira. Aiden deu sua aprovação.

Ao ouvir, Demelza perguntou com ironia:

— O senhor deu sua aprovação?

— Menina... não começemos — protestou Hilda.

— Sim — afirmou Alastair, que só tinha olhos para Brenda.

Mostrar suas necessidades ante aqueles homens incomodava Demelza. Sua dívida com Aiden estava saldada e não pensava lhe dever nada mais. Por isso, optou por não se misturar, mas consciente da fome que suas duas companheiras podiam ter, disse agarrando o queijo rançoso:

— Vão vocês.

— Não — grunhiu Hilda.

Demelza a olhou.

Aquela mulher magra e quase consumida necessitava de carne, comida, o que fosse, e, sem trocar seu gesto, insistiu:

— Vá e coma. Eu com isto e já tenho o bastante.

Hilda amaldiçoou, ela e sua teimosia... E, quando foi protestar, a ruiva cravou-lhe aquele olhar que Hilda conhecia tão bem e insistiu:

— Eu disse que vá.

— Demelza... filha...

Mas, sem deixar-se convencer, sentenciou:

— Vá com Adn... Brenda.

Esta última não se moveu.

Tinha fome, mas não partiria sem ela. E, quando ia dizer algo, Hilda soprou e, agarrando-a do braço, murmurou:

— Vamos comer.

— Mas Demelza...

— Não se preocupe. Essa teimosa estará bem. Vamos comer e lhe trarei algo quando retornaremos.

— Tem certeza? — Perguntou Brenda desconcertada.

Hilda suspirou e, olhando para Alastair, que observava a situação em silêncio, indicou:

— Muito bem, jovem, nos leve a seu acampamento.

Ele assentiu e, segundos depois, os três desapareceram.

Imediatamente, Demelza se levantou e, furiosa, atirou o queijo e o pão ao chão. Estavam asquerosos.

Capítulo 15

Quando Alastair chegou ao acampamento acompanhado pelas duas mulheres, Aiden, que o observava de longe, inquietou-se.

Onde estava a ruiva?

E, depois de comprovar que as acomodava com galanteria ante uma improvisada mesa, quando este se dirigiu para o cozinheiro, caminhou até ele e perguntou:

— Onde está a que falta?

Sorrindo como nunca em sua vida, Alastair encheu dois pratos da fumegante comida quente e cochichou:

— Negou-se a vir.

Isso incomodou Aiden.

Tinha pensado nela, em seus olhos, em sua boca... e, irritado ao ver que rechaçava encontrar-se de novo com ele, quando por norma acontecia justamente o contrário, perguntou:

— Disse-lhe que dei minha aprovação?

Alastair soltou uma gargalhada.

— Isso, amigo, é o que pior lhe sentou.

Algo em seu interior lhe tinha advertido que essa orgulhosa reagiria assim, por isso, sem querer falar mais disso, grunhiu:

— Muito bem. Ela decidiu. É sua eleição.

Dito isto, dirigiu-se a dois de seus homens e seu nervoso cavalo, que não parava de relinchar, e decidiu esquecer-se da mulher. Como bem havia dito, ela saberia o que fazia.

Alastair, pelo contrário, decidiu retornar até onde as mulheres o esperavam com um grande sorriso.

Ter por perto aquela moça loira, de repente, se converteu em algo irresistível para ele, e, encantado, observava-a enquanto a mulher mais velha lhe recolhia o cabelo para retirar do seu rosto.

Uma vez a seu lado, o highlander deixou os pratos sobre a mesa e indicou:

— Comam enquanto está quente.

— Que bom cheira! — Exclamou Brenda.

— Parece que têm fome — Riu Alastair.

— Muita — afirmou Hilda esquecendo do cabelo dela para lançar-se à comida.

Durante segundos, ele as observou comer. Como tinha imaginado, estavam esfomeadas e, curioso para saber, especialmente da loira, sentou-se a seu lado e perguntou:

— A carne é de seu agrado?

Brenda assentiu. Nunca tinha tido tanta fome em sua vida.

— Está muito bom.

Alastair sorriu agradado.

Durante um momento as observou comer em silêncio. Estava claro que as maneiras da moça loira eram muito melhores que os da mulher, seria realmente uma lady? Por isso, perguntou:

— Qual disse que era seu sobrenome?

Brenda, a quem aquilo lhe dava um sabor de glória, depois de cruzar um rápido olhar com Hilda, respondeu:

— Não o disse.

— E qual é? — Insistiu ele.

Ela o pensou e, depois de pesar os prós e os contra, respondeu:

— O teu, certamente, não é.

Alastair sorriu e, encantado por sua sagacidade, calou e decidiu esperar que ela terminasse. Possivelmente depois estivesse mais comunicativa.

Não muito longe deles, Aiden se preocupava com um de seus homens. Ivo tinha feito um feio corte na coxa ao cair de seu cavalo.

— Como ocorreu?

O homem soprava dolorido e, colocando trapos para conter a hemorragia, murmurou:

— Senhor, não sei o que aconteceu. O cavalo se encabitou, me derrubou e me cortei com minha própria espada.

Aiden assentiu e, sem lhe dar mais importância, indicou ao ver o sangue:

— Diga a Moisés que o ajude a curá-lo.

Ele assentiu e partiu coxeando, enquanto se voltava e pensava na jovem que tanto o atraía.

Por que era tão teimosa?

Pensando nisso estava quase voltando ao acampamento quando de repente ouviu:

— Senhor... seu cavalo.

Ao levantar o olhar viu Haar, que se afastava tranquilamente do acampamento.

— Quem o soltou? — Perguntou.

Mas não precisava de resposta. Um de seus homens lhe mostrou a corda mordiscada. Aiden amaldiçoou. O que faria com aquele maldito animal. E, quando eles se dispunham a ir buscá-lo, indicou:

— Não se preocupem. Eu irei por ele.

Com passo seguro, começou a caminhar em direção ao cavalo enquanto estalava os dedos para atraí-lo. Mas nada, aquele ia ao galope. Não o escutava.

Seguindo seus passos a distância, ia gritar seu nome quando de repente calou ao precaver-se que tinha tomado o caminho que levava a acampamento das mulheres. Sem dúvida, o aroma da égua cinza o atraía.

Acelerando o passo, começou a correr, até que, ao chegar perto de um rio, deteve-se. A escassos metros dele estava a jovem ruiva, lhe dando as costas enquanto contemplava os cavalos empinar na borda.

Parando, Aiden se ocultou depois do tronco de uma enorme árvore para observar, e sorriu divertido quando ouviu ela gritar:

— Haar... não... se afaste dela!

Como é lógico, o animal seguiu o seu instinto, quando ela voltou a gritar:

— Unne... me escute! Nem pense nisso!

A égua e o cavalo corriam no rio, brincavam, estavam sentindo a chamada do desejo, e Demelza, consciente do que ia acontecer, gritou:

— Maldita seja, Unne! Se afaste dele! Não necessitamos de nenhum homem em nossas vidas!

O highlander riu divertido ao ver o desespero da moça, quando esta, levantando as mãos para o céu, gritou:

— Haar! Por que não está com seu maldito dono? Por que tiveste que vir aqui?

Aiden não se moveu do lugar. Se ela soubesse o perto que estava...

E desfrutou desse momento. Ver a situação e ouvir as coisas que a jovem dizia era gracioso, divertido, e mais ainda, quando estava mais que claro que a égua tinha decidido quem queria que a cobrisse.

— Unne... Não! Não... não... agora não... Se afaste dele! Se afaste, eu disse!

Incapaz de seguir um segundo mais longe da ruiva, Aiden se dirigiu para ela com um sorriso. Seu teimoso cavalo sabia escolher uma boa égua.

E, aproximando-se em silencio da jovem, murmurou:

— Gostam-se e será inevitável.

Conforme disse isso, Demelza se voltou para olhá-lo.

Que fazia ele ali?

Com intensidade se olharam, e, afastando um passo dele, a jovem grunhiu:

— Estupendo! Só faltava o senhor aqui!

Seu comentário, e o modo como ela movia a cabeça e as mãos ao dizê-lo, Aiden achou muito cativante. Estava claro que ela desconhecida que o atraía mais do que em um princípio tinha acreditado e, sem lhe dizer nada, aproximou-se mais dela. Ficou a meio palmo de suas costas e, agachando-se, aproximou sua boca do ouvido dela e murmurou enquanto observava aos animais cortejar-se:

— Olhe-os. Olhe como Haar estira e arqueia o pescoço em uma pose altiva. Quer mostrar sua força, sua coragem e seu poder ante sua égua enquanto a corteja.

Demelza, que observava os animais, assentiu enquanto Aiden prosseguia:

— Como vê, seus relinchos são cada vez mais graves e enérgicos. Fala com ela. Comunica-se. Chama sua atenção de todas as maneiras que pode para que o ache irresistível.

— É um presunçoso.

— Sim, mas a sua égua parece que gosta do que ouve e vê.

A jovem, ao ouvir sua voz colada à orelha, engoliu saliva. Nunca tinha permitido que um homem se aproximasse tanto dela, e menos para falar sobre o cortejo de cavalos, mas não o expulsou de seu lado.

Algo não lhe permitia fazê-lo, pois, no fundo, gostava de senti-lo aí, de perto.

Instantes depois, os animais começaram a dar saltos e Aiden prosseguiu:

— Agora Haar salta e levanta seus cascos do chão enquanto dança para sua escolhida em círculos. Sabe por que o faz? — Sem olhá-lo, a jovem negou com a cabeça e ele indicou: — Porque, apesar de sua segurança, está confundido, desconcertado. Não tem de tudo claro e tem medo a ser rechaçado.

— Sério? — Murmurou ela observando-os.

Aiden assentiu enquanto contemplava com excitação o delicado pescoço da jovem. Sua pele parecia suave, branca, tentadora. Morria por tocá-la, por deslizar sua boca por ela... Mas não, não podia. Não devia. E, contendo seus impulsos, assentiu.

— Totalmente a sério. Em ocasiões, algumas fêmeas, apesar de sua predisposição ante o cavalo, não se sabe por que, mas, chegado o momento, terminam rechaçando-o. Agora só resta esperar e ver o que decide sua égua.

Acalorada pelo que ocorria, pelo que sentia e pelo modo em que algo se movia em seu interior, Demelza fechou os olhos e murmurou palavras que Aiden não entendeu. Por isso, aproximando-se mais dela, perguntou roçando com seus lábios o lóbulo de sua orelha:

— O que disse?

Demelza fechou os olhos.

O simples roce dos lábios dele em sua pele tinha conseguido que todo os pelos de seu corpo se arrepiasse e seu coração pulsasse desbocado. Justo o que Ingrid sempre lhe contava que sentia quando Harald se aproximava. Não obstante, negou-se a pensar nisso. E,

consciente de que tinha falado em norueguês e não em gaélico, meneou a cabeça e grunhiu olhando-o aos olhos:

— Por que não para seu cavalo... senhor?

Aiden sorriu. Seus olhos azul-claros lhe faziam saber que estava irritada e, enfeitiçado por ela, murmurou:

— Agora só sou Aiden.

Demelza levantou uma sobrancelha ao ouvi-lo, mas, antes de que pudesse dizer algo, ele apontou de novo aos cavalos.

— E, quanto a sua pergunta por que não os separo, só te direi que tentar fazer isso com Haar, ou com qualquer outro cavalo selvagem no momento que foi aceito pela égua, é uma autêntica temeridade.

Enfeitiçada por suas palavras, ela não replicou, nesse momento Unne começou a esfregar-se contra o animal enquanto Haar lhe mordida com suavidade a crina.

Sem voltar-se, Demelza notou o sorriso de Aiden e, sem saber por que, ela mesma sorriu.

Sem lugar a dúvidas, aquilo era inevitável.

Haar e Unne foram esfregando-se mais e mais, até que finalmente o cavalo, movendo-se para um lado, colocou-se em posição e, quando sentiu que Unne retirava sua cauda a modo de submissão, montou nela e a cobriu.

Instintivamente, Demelza deu meia volta vermelha como um tomate, e Aiden, ao ver aquilo, apesar da excitação que a moça lhe provocava sem roçá-lo sequer, sorriu e perguntou desde sua altura:

— O que faz?

Rubra, e aturdida por tudo, sem explicar-lhe ela aspirou o varonil aroma do escocês; era embriagador. E, elevando o olhar para ele, murmurou:

— Estou lhes dando intimidade.

Desejoso de beijá-la, Aiden não se moveu. Só contemplou aqueles olhos azul intenso. Desejava um gesto, um convite. Estava claro que entre eles havia certa atração, e, incapaz de resistir um segundo mais aquilo que não entendia, aproximou seus lábios aos da jovem e, ao ver que ela não se decidia, murmurou:

— Eu não rogo.

Enganada, e até desejosa de tomar aqueles tentadores lábios, Demelza murmurou olhando-o:

— Eu tampouco rogo.

Ouvi-la, fez Aiden sorrir e, contendo sua vontade, deu um passo atrás evitando mostrar sua frustração. Ato seguido, mudando seu gesto, perguntou:

— Como vai o golpe de sua testa?

Atordoadada pelo intenso momento vivido, Demelza o tocou. Então, ele, agarrando a sua mão, puxou-a com segurança e, sem falar, ambos começaram a caminhar, enquanto Aiden esfriava seu ardor e murmurava:

— De acordo. Lhes daremos intimidade.

Em silêncio chegaram até onde as mulheres tinham dormido a noite anterior e a jovem, dando um puxão, soltou-se de sua mão. Sem falar, apoiou-se em uma rocha enquanto sentia o pulsar de seu coração. De repente, viu os cavalos que caminhavam para eles com tranquilidade, e Aiden, ao ver seu rosto de surpresa, indicou:

— Está acostumado a ser rápido.

— Já vejo.

Ele sorriu, e, disposto a fazê-la ruborizar, matizou:

— Seu desfrute não tem nada a ver com o nosso. Pode-se dizer que nós gostamos de desfrutar não só do ato, mas também de...

— Se não se importar — o cortou ela, — o que você gosta ou não no referente ao ato não me incumbe sabê-lo.

A voz dele e seu olhar lhe fizeram entender que não se ruborizava por aquilo. Ao contrário, zangava-a. Fugia. Isso chamou mais sua atenção, e, quando ia dizer algo, Demelza perguntou:

— Como é que sabe tanto de cavalos?

Colocando-se frente dela, Aiden afastou para trás seu cabelo escuro e respondeu:

— Dedico-me à cria e a venda deles.

A jovem assentiu, e ele, para tentar que trocasse sua expressão por outra mais amável, murmurou desejoso de dialogar com aquela mulher:

— Poder-te-ias contar muitas coisas destes maravilhosos animais.

— Como qual? — Perguntou ela suavizando o rosto.

Consciente da mudança em seu rosto, Aiden apoiou o ombro em uma árvore e indicou:

— Gostam do doce mais que o salgado. Não gostam de estar sozinhos e são muito sociáveis, embora o meu, em ocasiões, pareça me odiar. — Ambos sorriram por aquilo. — Se tocar suas orelhas e a parte traseira e estiver fria, isso significa que tem frio.

— Sêrio?

— Sêrio — assegurou ele sorrindo ao percebê-la próxima e relaxada.

Também te direi que seus dentes nunca param de crescer e que em ocasiões choram quando algo os afeta.

— Choram? — Perguntou Demelza surpresa.

Aiden assentiu e, suspirando, murmurou:

— Bidson, o cavalo que tive antes que Haar, fê-lo em duas ocasiões. A primeira, no dia que morreu o cavalo de meu irmão depois

de uma briga e, a segunda, no dia que tivemos que nos despedir. Bidson era meu amigo, meu grande amigo. E em seu olhar vi que entendia o que acontecia e o que eu tinha que fazer por ele.

— E você chorou?

Recordar aquilo ainda lhe doía. Aquele cavalo tinha vivido muitas coisas junto a ele. Mas, incapaz de mostrar sentimentos que demonstrassem que era brando, sorriu e, olhando a seu impetuoso Haar, murmurou:

— Duvido que Haar chore por me perder de vista.

Demelza não insistiu. Para ela mesma falar de sentimentos não era fácil.

— Sempre pensei que a amizade é algo que só adquire valor com o passar do tempo — comentou em troca.

— Assim é — afirmou ele.

A jovem retirou o cabelo do rosto e murmurou:

— Eu ainda recordo de Wulf.

— Wulf era seu cavalo?

Omitindo que foi um lobo, algo que na Noruega era muito normal ter, mas que na Escócia Hilda lhe havia dito que não, Demelza mentiu:

— Sim.

— E onde está?

De novo, a dor se instalou em seus olhos tornando-os de cor escura, e respondeu tocando o peito:

— Morreu, e isso fará que sempre o leve em meu coração. — Aiden, ao sentir sua dor, ia dizer algo quando ela perguntou adiantando-se: — Acredita que Unne tenha podido ficar prenha?

O highlander deu de ombros.

— Não sei. O tempo dirá se terá um belo potro ou não.

Ela assentiu. O último que queria expôs era que sua égua ficasse prenha, e, inconscientemente, as palavras de sua irmã Ingrid com respeito de que o primeiro potro que Unne tivesse seria seu a fizeram morder o lábio e fechar os olhos.

Aiden, ao ver seu gesto, perguntou desconcertado:

— Está bem?

Rapidamente, a jovem abriu os olhos e, engolindo o nó de emoções que não se permitia derramar, perguntou:

— Quanto dura a gravidez de uma égua?

— Uns onze meses.

Enquanto pensava rapidamente, a jovem voltou a assentir, e Aiden, curioso por tudo o que pudesse saber dela, perguntou:

— De onde vem o nome de Unne?

Demelza piscou. Aquele nome, que significava «*amor*» em norueguês, tinha-o eleito sua irmã, e, encolhendo os ombros, respondeu olhando ao chão:

— Não... não sei.

— E por que a chamou assim?

— Simplesmente eu gostei.

De novo mentia. Aiden sabia.

Cada vez que encolhia os ombros, retirava o olhar e seus olhos se tornavam cinzentos, mentia.

Por que continuava fazendo-o?

O que escondia e o que temia?

E, tentando pensar em outra coisa para não a interrogar em busca da verdade, perguntou:

— Tem por aqui bandagem limpas?

Demelza apontou o saco de Hilda, e, quando ele se aproximou e tomou seu braço, ela murmurou:

— Pode-se saber o que vais fazer?

— Ver essa ferida — respondeu Aiden.

— Porquê? — tentou resistir.

Cravando os olhos nela, o highlander ia grunhir quando seu olhar o voltou a envolvê-lo e, adoçando sua resposta, indicou:

— Porque isto tem característica de que está sem curativo desde ontem, e agora que somos quase família, graças a nossos cavalos, vejo-me na obrigação de me preocupar com você.

Ao ouvir, ela murmurou:

— Não necessito de sua preocupação.

Aiden não respondeu e prosseguiu com o seu trabalho. Cada vez tinha mais claro que com ela tudo parecia ser uma guerra.

Ao final, em silêncio e sem mover-se, a jovem permitiu que aquele desconhecido limpasse a ferida suturada por Hilda, e, ao vê-la, soprou. Era feia, mas, por sorte, apesar da marca que ficaria, sanaria.

Com disciplina, Aiden curou a ferida do qual se sentia culpado. A moça tinha aquele corte por defendê-lo. Por tirá-lo do apuro que ele, por crédulo, procurou. E, olhando-a, disse ao ver de novo a marca de seu rosto:

— Algum dia me contará como fez isso?

Demelza, ao ver que se referia mais uma vez à marca de sua bochecha, murmurou:

— Não é algo que realmente queira recordar.

O highlander gostou de sentir a sinceridade de suas palavras, e insistiu:

— Tão terrível foi?

O olhar da jovem se obscureceu, e ele não perguntou mais.

Quando terminou a cura e soltou o braço dela, afirmou:

— E agora vai vir comigo ao acampamento.

— Não.

— Sim.

— Não.

— Eu disse que sim.

— E eu disse que não — rebateu Demelza sem medo.

Aiden suspirou. Sem dúvida era uma boa competidora em teimosia, e, até sabendo a resposta, perguntou ao ouvir rugir seu estômago:

— Poderia me explicar por que é tão complicada?

— Não.

— E por que não quer vir ao acampamento?

Demelza tinha muitas razões, mas, lhe dando uma, a mais fácil, soltou:

— Porque, assim que chegemos, terei que te chamar «senhor».

Aiden assentiu. Ela tinha razão. E, necessitado de que o entendesse, disse:

— Não o faço por vaidade. Exijo-o aos desconhecidos para que meus homens se sintam respeitados através de minha pessoa. Se me faltar ao respeito, é como se faltasse a eles, e...

— Ora. Não siga — o cortou. — Embora não acredite, entendo-o.

Ouvir isso surpreendeu Aiden, que murmurou:

— Por fim algo positivo.

Sem saber por que, ambos riram, e ele, maravilhado pela bonita expressão que viu nela, resmungou:

— Você sabe sorrir e tudo é... incrível!

De novo, ela sorriu. Desta vez, com mais afetividade. Por isso, e aproveitando o momento, disse olhando-a:

— Há um momento estou ouvindo soar seu estômago e sem dúvida tem necessidade de comer. E, se o que te incomoda é ter que

me chamar de senhor diante de meus homens, prometo me afastar para que possa comer com tranquilidade e não tenha que fazê-lo.

Demelza pensou. Ele tinha razão. Devia comer ou não poderia levar adiante seus próprios planos. Pensar na comida fez que seu estômago voltassem a rugir, e, ao ver que ele sorria, sem poder nem querer negar-se a seu oferecimento, perguntou com gesto brincalhão enquanto se levantava:

— É boa sua comida, senhor?

Ao ouvir, Aiden lhe deu um beliscão na cintura que ela aceitou com certo agrado e, meneando a cabeça, cochichou:

— Sim, senhora... é boa.

Capítulo 16

A carne assada que Demelza comia no acampamento era a autêntica glória. Há muito tempo não levava a boca uma comida tão deliciosa, e, quando repetiu, Hilda, que estava sentada a seu lado, murmurou:

— Come devagar, filha. Devagar.

Ela assentiu. Então, um homem se aproximou delas e indicou dirigindo-se a Hilda:

— Desculpem minha intromissão, senhora. Mas Ivo fez um corte muito feio na coxa e me perguntava se poderiam lhe dar uma olhada e suturar-lhe.

Hilda ficou em pé rapidamente e, olhando ao homem, respondeu:

— É obvio. Onde está?

Instantes depois, Hilda se afastou na direção que lhe tinha indicado. Dois segundos depois de ficar sozinha, o mesmo homem que tinha avisado a Hilda se sentou com Demelza e se apresentou:

— Sou Moisés.

Ela o saudou com um sorriso.

— Encantada, Moisés, sou Demelza.

O homem, desconcertado por ter tido aquele arranque, não soube o que dizer e, olhando seu prato vazio, perguntou:

— Quer voltar a repetir?

A jovem sorriu ao ouvi-lo. Estava claro que todos tinham observado seu apetite voraz e, tocando a barriga, cochichou:

— Tenho que parar ou vou explodir.

Ela gostou de seu sorriso, e, segundos depois, outros homens se uniram à mesa. Todos queriam falar com a ruiva dos olhos sedutores, por isso Moisés se calou.

Não muito longe dali, Aiden observava com dissimulação a cena. Assim que tinha chegado ao acampamento com a mulher, para que comesse e não incomodá-la, acompanhou-a até a mesa e se afastou como tinha prometido.

Mas, quando se separou dela, algo estranho lhe ocorreu. Tão estranho quanto não podia deixar de olhar para onde ela estava. Vê-la comer com ânsia lhe fez saber que tinha feito bem obrigando-a a acompanhá-lo, mas agora, ao observar o revoa de seus homens por sua presença, incomodou-se.

— A que se deve esse gesto, amigo? — Perguntou Alastair aproximando-se dele.

Aiden se voltou e, ao vê-lo sozinho, perguntou a sua vez:

— Onde está a jovem Brenda?

Alastair, que o sorriso não o tinha abandonado desde que a jovem tinha chegado ao acampamento, indicou assinalando ao fundo:

— Com o Ivo e Hilda. Por certo, estou pensando em convidá-la a dar um passeio pelo bosque.

Aiden o olhou. O sorriso de seu amigo dizia muito, e, baixando a voz, perguntou:

— Alastair... e Moira?

Ao pensar nela, o highlander assentiu, mas voltou a olhar para Brenda e declarou:

— Sem dúvida, não têm nada a ver uma com a outra.

Ato seguido, ao comprovar que seu amigo não deixava de olhar a jovem, Aiden insistiu:

— O que te ocorre, que não para de sorrir como um tolo?

Alastair gargalhou e falou baixando a voz:

— Não sei. Mas essa moça me faz sorrir — e, ao ver como seu amigo olhava à ruiva, cochichou: — O que ocorre a você, que não para de olhar para ali como um bobo?

O escocês desviou rapidamente a vista, mas, ao ser consciente da verdade, e em especial do sorriso brincalhão daquele, decidiu justificar-se com ele.

— Essa mulher chama minha atenção.

— Sua beleza lhe cega como o sol? — Zombou Alastair.

De novo, Aiden olhou à ruiva e, irritado que seu amigo o observava, grunhiu:

— Eu não disse isso.

Divertido, o highlander de cabelo claro se dispunha a dizer algo, mas, ao ver que Brenda, acompanhada por Gavin, afastava-se de Ivo e de Hilda, indicou:

— Logo seguiremos falando.

Continuando, caminhou para Will, falou com ele, e depois se dirigiu para Gavin e Brenda. Onde fosse aquela jovem ele iria também.

As risadas de seus homens e o modo como Demelza falava com eles com total tranquilidade cada vez mais atraía Aiden, mas, disposto a manter sua palavra, deu meia volta e caminhou para onde estava Ivo com Hilda.

Observou em silêncio como a mulher terminava, e, quando Ivo partiu e ela lavou as mãos, Aiden disse:

— Agradeço-te o que fez por meu homem.

— Não é nada, senhor. No que possa ajudar, disposta estarei.

Conforme disse isso, ele olhou para Demelza, que ria com seus homens, e perguntou:

— Para onde se dirigem?

A pergunta pegou à mulher de surpresa, e, secando as mãos, respondeu com sinceridade:

— A Inverness.

Aiden assentiu, mas, necessitado de mais, insistiu:

— Vivem ali?

Hilda se coçou o rosto.

— Sim, senhor.

O guerreiro, que conhecia muito bem Inverness, seguiu pressionando:

— Em que zona concretamente?

Hilda suspirou. Aí a pegava...

— Na de acima — disse no final.

Na de acima?

Que resposta era essa?

E, zangado por ver que de novo mentia, Aiden falou olhando-a:

— Não sei o que ocultam nem por que mentem, mas cada vez me incomoda mais — e, vendo o apuro dela, insistiu: — Demelza é sua filha, ou isso também é mentira?

Nesse instante se ouviu a voz de Brenda, que chamava à mulher, e esta, necessitada de fugir, desculpou-se com ele:

— Se não se importar, senhor, chama-me Brenda.

Dito isto, afastou-se como alma que o diabo persegue, nesse momento Aiden, zangado por não entender o que elas ocultavam, digeriu-se para Demelza e seus homens e, ao aproximar-se, ordenou olhando-os:

— Nos deixem sozinhos!

Todos se esfumaram rapidamente. Mas, quando Aiden ia falar, Demelza, com os lábios arroxeados pelo frio, levantou-se e grunhiu olhando ao longe:

— Outra vez!

Ao seguir seu olhar, viu que seu cavalo e a égua voltavam de mais um passeio, e Demelza, suspirando, indicou consciente de que a escutava:

— Como disse, senhor, é inevitável.

Isso o fez sorrir como um tolo.

Mas o que lhe ocorria?

E, ficando de novo sério, perguntou:

— Hilda é sua mãe?

Demelza assentiu com a cabeça.

— Em que zona de Inverness vivem? — Insistiu ele.

Em décimos de segundos, os olhos dela começaram a adotar uma tonalidade cinzenta. A jovem duvidou. Não sabia o que dizer, embora finalmente respondeu:

— Nos subúrbios.

— Nos subúrbios? Onde?

Demelza soprou. Era complicado tentar responder aquilo e, para fazê-lo esquecer suas palavras, falou tentando parecer-se com a Brenda:

— Já lhe disse, senhor, que sua comida estava deliciosa? Oh, por favor, que maravilha! — E, gesticulando, afirmou antes de que ele dissesse algo: — Fazia tempo sem provar algo tão... tão... tão delicioso, comi três pratos!

Aiden voltou a sorrir. Passava do aborrecimento total ao sorriso panaca de uma maneira que ele mesmo não entendia. E, antes de que pudesse dizer nada, ela se afastou a passo rápido em busca de Hilda. Tinham que partir dali quanto antes.



Irritado por não ter podido lhe dizer o que desejava, dispunha-se a ir atrás dela quando um de seus homens o chamou. E, depois de escutar o que ele tinha que lhe dizer, partiu. Tinha algo que fazer.

Capítulo 17

Alastair e Brenda estavam passeando pelo bosque, o suficientemente longe um do outro para não se roçar sequer se algum deles perdesse o equilíbrio.

Algo estranho, complicado e mágico tinha surtado entre eles, e, estavam desfrutando de sua mútua companhia, quando Alastair ouviu a risada dela e sorriu.

A jovem, ditosa e risonha, o fazia sorrir como um tolo. Era olhá-la ou notar seu olhar e sentir-se forte, poderoso e feliz, e, inconscientemente, pensou em Moira. A moça que tinha estado cortejando no último ano e que nunca sentiu que o olhasse assim.

Estava pensando nisso quando Brenda se deteve frente a ele.

— Tem família, Alastair?

O escocês sorriu, era-lhe agradável que a jovem se interessasse por ele.

— A que classe de família se refere? — falou.

Brenda, consciente de sua pergunta, sorriu e, sobressaltada ao sentir-se observada pelo highlander, retirou uma mecha de cabelo do rosto e indicou:

— Pais. Irmãos. Mulher... filhos...

Embora agradado por seu interesse, Moira passou por sua mente. Entre eles não havia nada seguro porque ela tinha querido assim, e respondeu:

— Não tenho mulher e nem filhos.

A jovem gostou de sua resposta, e insistiu:

— E prometida? — E, ao ver sua expressão, a própria Brenda suspirou e acrescentou: — Ai, sinto muito. Possivelmente pergunto muito...

— Não — se apressou a dizer Alastair. — Tampouco tenho prometida. — Ambos sorriram como dois tolos, quando ele, ao pensar em sua família, murmurou: — Quanto a meus pais... morreram.

— Oh... sinto-o muito, Alastair.

O escocês assentiu e, recordando-os, murmurou:

— Eu tinha onze anos. Vivia com minha família em Wick, quando uma madrugada uns malditos vikings entraram em casa e... — Não pôde continuar. Finalmente, tomou ar e acrescentou: — Dois de meus três irmãos e eu saímos ilesos.

Horrorizada pelo que acabava de lhe contar, a jovem não soube o que dizer.

Com certeza, se soubesse que ela tinha sangue viking ou que Demelza o era, tudo se complicaria.

Alastair reparou então em sua expressão de desconcerto e perguntou:

— Sofreste algum ataque desses desalmados?

— De quem?

— De algum viking? — Insistiu ele.

A jovem, acalorada de repente, negou com a cabeça. Se ele soubesse...

— Não há viking bom. Todos, sem exceção, merecem estar mortos.

Brenda piscou sem saber o que dizer, quando ele, trocando seu gesto a outro menos azedo, explicou:

— Meus irmãos seguem vivendo em Wick com suas mulheres.

— E?

— E o quê? — Perguntou ele.

O vento balançava caprichosamente os cabelos da jovem. Estava observando-o aniquilado quando ela, ainda preocupada com o que tinha ouvido, insistiu:

— E como é sua relação com eles?

Alastair suspirou. Falar daquilo era complicado, e respondeu:

— Pode-se dizer que inexistente.

Ouvir isso a jovem se horrorizou. Ela tinha quatro irmãos varões que adorava e, pensando neles, replicou:

— Pois está muito mal, Alastair. São seu sangue e não deveria ignorar isso.

Suas palavras o fizeram sorrir. Seus irmãos eram egoístas que só pensavam em si mesmos. E, olhando-a, sussurrou:

— Acredito que no dia que desapareci de suas vidas foi um dos mais felizes para eles.

— Por que diz isso?

Encolhendo os ombros, o escocês começou a caminhar.

— Quando morreram meus pais e minha irmã Sheena, eu fiquei ao encargo deles. Primeiro se casou Rob e posteriormente Seth. Uma vez casados, incomodava-lhes o moço que eu era naquela época, raivoso pelo assassinato de seus seres queridos, por isso decidi partir e encontrar meu caminho com quatorze anos.

— Oh... Alastair. Sinto muito. Deve ter se sentido muito sozinho.

O highlander, que o tempo tinha curtido, deu de ombros.

— Meus anos de aprendizagem e de me converter em um adulto foram na rua. Dormia em qualquer lugar. Comia o que podia, e inclusive pensei que em qualquer madrugada acabaria morto em um beco. Mas uma noite apareceu Aiden e, graças a sua generosidade e à oportunidade que me deu, deixando me unir a seu povo, minha vida mudou, até ser o homem que sou hoje e que é dono de uma fazenda.

— Tem uma fazenda?

— Sim — falou ele, mas, sorrindo, indicou com sinceridade: — Atualmente é apenas uma pocilga. Está suja, desvencilhada. Mas, com esforço, trabalho e firmeza, dentro de anos será a melhor fazenda de ovelhas das Highlands.

— Oh...! Que bonito o que diz!

Alastair a olhou e, convencido da beleza dela, afirmou:

— Sim. Muito bonito. — Em silêncio estiveram uns segundos, até que ele disse: — Depois de suas perguntas, despertaste minha curiosidade.

— Para o quê?

— Por você — afirmou o escocês.

Com delicadeza, a jovem sorriu, mas, consciente de que não podia falar com a mesma sinceridade que ele, falou:

— Não sou nada interessante.

— Me parece que sim. — Vermelha como um tomate, Brenda assentiu, quando Alastair acrescentou: — Agora quem quer saber sou eu — e, sem andar com rodeios, perguntou: — Casada ou com pretendente?

Sentir e ver o interesse dele, que tanto gostava, fez sorrir a jovem, e, evitando a verdade, respondeu:

— Não e não.

O escocês sorriu satisfeito.

— Seu lar está em Inverness? — Perguntou a seguir.

Consciente da realidade que ali lhe esperava, ela respondeu sem pensar:

— Não.

— E por que viaja para ali? — Resmungou ele confundido.

Aturdida, e vendo a confusão que estava se colocando sozinha, Brenda murmurou:

— Por... porque dali era minha família.

— Era?

Com os olhos enchendo-se de lágrimas em décimos de segundos, ela assentiu e declarou com uma graciosa fala, sentindo-se fatal:

— Morreram... morreram faz anos.

Alastair viu uma lágrima lhe rodar pelo rosto, e, comovido pela pena, a secou com um dedo enquanto murmurava com pena:

— Sinto-o muito... muito.

A jovem, a quem chorar era fácil, desfrutou de sua cercania. Sem dúvida, essa magia era o que Britania se referia quando lhe falava do amor, e ela queria algo assim. Queria a seu lado alguém que a fizesse sentir-se viva.

Estava pensando nisso quando ele perguntou:

— O que lhes ocorreu?

Com o queixo tremente, e não a causa do frio, Brenda balbuciou sentando-se no chão:

— Meus pais e... e meus irmãos morreram... quando eu era pequena por culpa de terríveis febres.

Alastair enrugou a testa. Conhecia muitas famílias que lhes tinha ocorrido o mesmo. E, observando as delicadas mãos da moça, ia dizer algo quando ela, precavendo-se de seu olhar, apressou-se a esclarecer:

— Servia em uma boa casa de Inverness até que esses malditos homens me capturaram e me... me...

Angustiado ao ver seu olhar, o escocês se sentou junto dela e, esticando a mandíbula, sussurrou esperando o pior:

— Esses... esses homens lhe fizeram mal?

Vermelha como um tomate ao compreender o significado de sua pergunta, Brenda negou com a cabeça.

Depois de segundos de silêncio por ambas as partes, ao final Alastair, ao sentir que aquela moça estava tão só como ele, seguiu indagando:

— Sempre serviste nessa casa de Inverness?

— Não. — E, ao ver que esperava mais, recordando o passado de Demelza em seu lar e as coisas que lhe tinha contado, acrescentou: — Anteriormente vivi em uma fazenda.

Isso o surpreendeu. O último lugar que imaginava aquela moça era em uma fazenda, quando ela, ao ver como a olhava, puxando de criatividade e imaginação, criou sua própria história referente a seus trabalhos na fazenda. Quando terminou, Alastair, maravilhado que o destino tivesse posto em seu caminho aquela moça, murmurou:

— Espero provar algum dia esse queijo que tão bem parece saber fazer.

Brenda assentiu e afirmou com cara de circunstâncias:

— Eu também espero.

Suas mãos, apoiadas no chão, roçaram-se, e Alastair, esquecendo-se de sua contenção, olhou-a nos olhos verde e, quando o lhe fez entender que estava tão cômoda como ele, disse:

— Posso te fazer uma pergunta?

— É óbvio.

— É... em certo modo uma loucura...

— Eu gosto das loucuras — assegurou ela sorrindo.

Enfeitiçado por seu magnetismo, e pelo que estava a ponto de dizer, perguntou sem duvidar um segundo mais:

— E se, em lugar de ir a Inverness, mudasse seu rumo e viesse a minha fazenda para viver?

Brenda piscou. O coração lhe bateu como asas desbocadas.

Aquilo era o ideal.

Aquilo evitaria suas bodas e lhe daria a opção de conhecer mais aquele bonito e galhardo highlander. E, nervosa por sua proposta, murmurou:

— Acredito que... acredito que...

— Está sozinha e eu estou sozinho — insistiu ele ao vê-la duvidar.

— Sabe trabalhar em uma fazenda e eu necessito que...

Ao entendê-lo, a jovem franziu o sobrecenho e grunhiu:

— Só me quer porque trabalhei em uma fazenda?

— Veja...

— Oh, Deus! Que humilhação.

Alastair soprou. Estava se explicando mau. E, quando ela já ia levantar-se do chão ofuscada, agarrou-lhe a mão e disse fazendo que o olhasse:

— Não vou negar que isso é bom para minha fazenda. Mas também tem que saber que me atrai, porque contigo é fácil falar e rir, e reconheço que eu gosto dessa sensação. Além disso...

Não pôde continuar. Brenda, com o coração pulsando a mil, e levada por um impulso, lançou-se sobre ele e o beijou. Nunca tinha feito aquilo, e, apesar de assustada porque estava beijando pela primeira vez um homem em sua vida, simplesmente se deixou levar. Como dizia Demelza, devia viver o presente.

Aquilo que Alastair fazia com a boca, com a língua, era maravilhoso.

Inquietante. Perturbador. E, pensando em sua mãe, seus pelos se arrepiaram. Se ela visse o que estava fazendo, encerrá-la-ia o resto de sua vida na torre da fortaleza.

Um beijo... dois... três. As mãos de Alastair passeavam com precaução por suas pernas enquanto ambos sentiam que se desfaziam.

O desejo deu procuração por completo de seus corpos, e, quando Brenda agarrou com suas mãos a cabeça do highlander e lhe devorou a boca com avidez, Alastair a deteve e a olhou.

Se continuava por esse caminho e permitia que ela seguisse beijando-o desse modo, ser-lhe-ia impossível parar. Assim, levantando do chão ante o gesto irritado da jovem, disse seguro de que era o correto:

— Acredito que deveria pensar sobre minha proposta.

Atordoadada e morta de calor, Brenda assentiu. Beijar aquele homem e sentir o calor de seu corpo tinha sido o mais maravilhoso e incrível que tinha experimentado em sua vida. Não obstante, como não queria parecer a inocente donzela que em realidade era, procurando essa força que Demelza lhe mostrava que tinha, levantou-se do chão e assegurou olhando-o:

— Sim. Pensá-lo-ei.

Quando os dois estiveram de pé, começaram a caminhar. Desta vez, não tão separados como momentos antes. E, quando Alastair, sem duvidar, agarrou-lhe a mão, ela não afastou a sua e, sem poder evitar, sorriu e afirmou:

— Acredito que poderia viver em sua fazenda.

Capítulo 18

Essa tarde, quando Brenda e Alastair chegaram ao acampamento, cada um tomou uma direção. Ele caminhou para seus homens e a jovem, para o lugar onde estavam as mulheres. Precisavam esclarecer suas confundidas ideias.

Hilda e Demelza falavam cochichando, e quando Brenda se aproximou, saudou-as:

— Já estou aqui!

Ao ouvi-la, as duas mulheres se voltaram e a ruiva perguntou:

— Pode-se saber onde estava?

Brenda sorriu e, suspirando, murmurou:

— Passeando com o bonito Alastair, vivendo o presente e morrendo de amor!

Hilda, ao ver os olhos dela e o aquecimento que demonstrava, levantou as mãos ao céu.

— Ora, não quero ouvir algo que sei que vai me incomodar.

Quando a mulher partiu com passo seguro, Brenda piscou olhando Demelza e cochichou:

— Beije Alastair.

A ruiva, incrédula por sua ousadia, aproximou-se mais dela e murmurou:

— Por Deus, Brenda, o que tem feito?!

Encantada, a jovem suspirou.

— Britania tinha razão... — sussurrou, — quando se beija à pessoa idônea, algo por dentro te faz tremer, desejar e... e... Oh, Deus!

Ao ver os gestos dela e seu sobressalto, Demelza perguntou:

— Aconteceu algo mais?

A loira negou com a cabeça, mas murmurou enrugando o sobrecenho:

— Não. Mas me comportei de uma maneira terrivelmente indecorosa.

— Brenda!

Ela se abanou com a mão.

— Oh, Deus... Oh, Deus! Deixei-me levar pelo desejo. Não acha emocionante?

Boquiaberta pelo que ouvia e que lhe contava aquela suposta e inocente jovem, Demelza sussurrou:

— Ficou louca?

— Sim — afirmou a jovem.

— Esse... esse homem... não sabe se está comprometido ou...

— Me disse que não.

Demelza sorriu ante sua segurança. Brenda era muito inocente.

— Sinto te dizer que, geralmente, os homens mentem e muito para conseguir os favores de uma mulher — falou.

A jovem, horrorizada, baixou a voz:

— Você acredita nisso?

Demelza olhou então ao longe e viu o bonito Alastair rindo com um de seus homens.

— Acredito — falou. — Claro que acredito!

Brenda seguiu o olhar de sua amiga.

Adorava aquele homem alto, de cabelo claro como ela e belos olhos.

E, até sabendo que seu comportamento não tinha sido o próprio de uma senhorita, afirmou sorrindo:

— Eu também lhe menti.

— Brenda!

— Eu... eu... disse-lhe que não estou prometida, que minha família morreu e que...

— Por Deus, Brenda, como te ocorreu dizer isso?

— Não pude lhe contar a verdade — grunhiu ela e, baixando a voz, cochichou: — Como tampouco pude lhe dizer que tenho sangue viking e que você também é.

Demelza franziu o sobrecenho ao ouvi-la.

— E por que teria que haver-lhe dito?

Tocando o cabelo, e vendo quão enredado o tinha, a jovem sacudiu a cabeça e sussurrou:

— Contou-me que seus pais e sua irmã morreram nas mãos de vikings quando ele era pequeno.

— O quê?! — Inquiriu Demelza.

Brenda assentiu e, enquanto a observava servir-se de um pouco de água em uma chaleira, acrescentou:

— Odeia os vikings!

— Por lhe haver ocorrido isso... é normal, Brenda... Normal!

Ela gemeu e Demelza transbordou o copo de água. Aquilo era terrível. Estava pensando no que dizer quando a jovem cochichou:

— Há algo mais...

— Por Odin... — grunhiu bebendo água.

— Pediu-me que vá viver na sua fazenda com ele e eu aceitei.

A ruiva se engasgou e, com a água lhe jorrando pelo seio, murmurou:

— Mas... mas... sua família está viva!

— Eu sei.

— Está prometida!

— Não me recorde isso!

— Disse-lhe pelo menos que se chama Adnerb e não Brenda?

— Não!

— Por Deus. Tem sangue viking, ficou louca?

Consciente de seu grande erro, a jovem assentiu.

— Acredito que sim. Totalmente louca.

— Mas... mas como acredita que reagirá Alastair quando se inteirar de tudo isso? Por Deus, Adnerb...

— Baixa a voz e me chame Brenda — pediu ela.

Demelza assentiu, mas continuou:

— Onde está sua consciência?

Brenda coçou o queixo. Depois, a bochecha, e quando viu que Demelza ia gritar, murmurou:

— Beijamo-nos. Apertei-me contra ele e... e... mas ele parou e... e... não continuou.

— Por Deus... — grunhiu a ruiva.

— Será que não gosta dele o suficiente?

Boquiaberta ao ouvir, pensou em lhe dar uma boa reprimenda. Mas é que não tinha cabeça?

Entretanto, vendo aqueles olhos doces e esperançados, finalmente sorriu.

— Brenda... o que vou fazer contigo? Essa tua cabeça cheia de passarinhos românticos te trará muitos problemas. Não pode deixar de...?

— O que não pode deixar? — Perguntou Alastair, que tinha se aproximado por detrás com a Hilda.

Ao ouvir sua voz, Brenda sorriu encantada e, depois de arrebatado o copo de Demelza das mãos, respondeu:

— Deixar de beber água, ou desmaiarei. — Uma vez dito isto, bebeu o resto da água diante de todos e, ato seguido, afirmou: — Que boa está!

Alastair sorriu. Essa moça era pura alegria.

Mas Demelza, que queria cortar a situação antes de que se atasse mais, apressou-se a dizer:

— Devemos ir.

— Nãooooo — sussurrou Brenda.

Hilda assentiu, aquilo seria o melhor.

— Sim — apressou-a. — Temos que partir.

Ao ouvir, Alastair se inquietou e perguntou dirigindo-se a Brenda:

— Então o que acontece com o que falamos?

Brenda não soube o que responder. E Demelza, dando-se por inteirada de tudo, respondeu olhando o highlander:

— O que falastes é impossível! Nós temos pressa e devemos partir o quanto antes.

— Temos pressa? Que pressa? — queixou-se Brenda.

A ruiva amaldiçoou, ia matar aquela anta, quando de repente Aiden se aproximou também deles.

— Tenho más notícias para vocês — anunciou.

— O que aconteceu agora?! — Grunhiu Demelza.

Ouvindo seu tom zangado, Aiden piscou.

— Um de meus homens acaba de descobrir que tudo o que havia em seu acampamento desapareceu, junto com os dois cavalos.

Demelza amaldiçoou. Isso complicava tudo, quando Brenda murmurou em um tom que pareceu inclusive festivo:

— Meu cavalo... Que fatalidade! Morro de pena!

— Que estranho que não morra de amor! — Grunhiu Demelza olhando-a.

Alastair, sem tempo a perder, disse olhando seu amigo:

— Está mais que claro que as mulheres terão que continuar o caminho conosco.

— Nem pensar! — Saltou Demelza.

Todos a olharam, quando Aiden, que pensava o mesmo que seu amigo, indicou:

— Três mulheres a sós e um só cavalo não é uma boa combinação. Me escute.

— E se você nos deixa um par de cavalos? — Perguntou esperançada.

Ao ouvi-la, o highlander sorriu.

— Acredito que... não.

— Porquê?

— Não tenho por que te dar explicações.

— Prometo devolver uma vez chegemos a...

— Não — a cortou ele, vendo que tiritava.

— Maldito seja! — Gritou Demelza esquecendo as formas e atraindo todas os olhares. — Porquê? Por que tem que me acontecer de tudo? — E, olhando de novo Aiden, insistiu: — Mas, homem...

— «*Mas, homem*»? Como que «*mas, homem*»? — Zombou ele sem poder evitá-lo.

A jovem amaldiçoou de novo ao ouvir e, quando Hilda se dispunha a dizer algo, Aiden, sem pensar, tomou a mão dela e pediu diante de todos:

— Vamos, me acompanhe a Stirling.

— Eu...?

— Sim, você, e, por favor, contenha seus impulsos. — Sem entender o que ele pretendia, Demelza se dispunha a escapar de sua

mão quando ele falou olhando-a: — E deveria ser agradecida, porque vamos lhe ajudar.

— Nem que se necessitássemos.

— Precisam-nos — corrigiu Aiden com segurança.

Demelza tomou ar e se deixou levar. Não era uma boa ideia ir a Stirling.

E se algum dos homens que a buscavam a viam?

E, quando chegaram até os cavalos e ela foi montar em sua égua, Aiden disse:

— Iremos só com Haar.

— Porquê?

— Porque eu o digo, e não me questione mais.

Demelza ia protestar quando ele, de um salto, subiu em seu cavalo e, lhe dando a mão, disse ignorando os olhares de seus homens:

— Vamos.

Consciente de como todos no acampamento os observava, ela fez o que lhe pedia sem pigarrear.

Capítulo 19

Quando chegaram junto aos cavalos, o escocês a levantou sentando-a diante dele, Demelza lhe sussurrou:

— Está me zangando... senhor.

Aiden achou engraçado ao ouvi-la dizer isso, mas não sorriu e, olhando para Alastair, indicou:

— Atem à égua. Retornaremos antes de que anoiteça.

Haar começou a trotar e se afastaram do acampamento, Demelza se voltou para olhar Aiden e protestou:

— Não o entendo.

— Que não entende?

— Por que tenho que te acompanhar para compras? E menos ainda entendo que não nos empreste dois cavalos que lhe devolveremos.

— Quanto ao de me acompanhar — respondeu Aiden, — tenho que comprar coisas de mulher e você pode ajudar. E sobre os cavalos, tenho que confiar em você quando não para de mentir?

Demelza se incomodou em inteirar daquilo.

Como comprar coisas de mulher?

E, olhando-o, falou enquanto sentia uma punhalada de ciúmes:

— Acaso tenho que escolher um presente para sua mulher?

— Não estou casado.

— Para sua prometida? — Aiden não respondeu, e ela, dando por certo que assim era, acrescentou: — E quanto as mentiras...

— Melhor se calar — sentenciou ele.

Em silêncio chegaram a Stirling. Não estava longe, e, depois de percorrer suas ruas, chegaram a uma loja. Aiden deteve o trote de Haar e desmontou.

— É Aiden McAllister, o irmão do Jesse, o Mau — comentou alguém que passava a seu lado.

Ao ouvir, Aiden não levantou a cabeça; estava acostumado a aquela etiqueta. Mas Demelza, que o tinha ouvido também, quando desmontou ajudada por ele, perguntou olhando-o:

— Quem é seu irmão?

Sem muita vontade de falar dele, Aiden respondeu:

— Vamos. Entremos na loja.

Uma vez dentro, Demelza olhou a seu redor irritada porque não tinha lhe respondido. Ali havia lindos vestidos de cores diversas, corpetes, roupa interior. Estava admirando o gênero quando a proprietária se aproximou deles e, depois de olhar à ruiva de cima abaixo, sorriu e saudou dirigindo-se ao homem que a acompanhava:

— Aiden McAllister...

Seu tom lisonjeador fez com que Demelza levantasse uma sobrancelha. Estava claro que aqueles dois se conheciam. Com um sorriso, ele se aproximou da mulher e, depois de lhe beijar a mão lentamente, murmurou:

— Que bom ver-te de novo, Forbia.

Ela sorriu e respondeu lhe piscando um olho:

— Disseram-me que estava por aqui, e estranhei não te ver.

Sem perder detalhe, a jovem ruiva os observava, quando ele respondeu:

— Da próxima, talvez.

— Será um prazer. Já sabe onde me encontrar.

Boquiaberta e de certo modo irritada pelo que eles se diziam com o olhar, Demelza cruzou os braços, e Aiden, que se precaveu disso, apressou-se a dizer:

— Forbia, necessito de alguns casacos.

— Para você ou para seus homens?

— De mulher.

Ela assentiu e, ignorando Demelza, que a olhava com gesto carrancudo, disse:

— Tenho algo... me siga.

Aiden pôs-se a andar e, ao ver que Demelza não o fazia, apressou-a:

— Vamos!

Incapaz de calar, a moça o olhou zangada nos olhos e perguntou:

— Ela não te chama de «*senhor*»?

— Depende do momento — replicou ele divertido.

A jovem pareceu revoltada com a sua resposta, mas não pôde queixar-se, pois Aiden a agarrou pela mão novamente e a instou:

— Vamos segui-la.

Depois de entrar em uma pequena oficina, onde havia uma infinidade de peles, Forbia agarrou um casaco e perguntou:

— É bom o suficiente para essa pessoa?

Aiden agarrou o casaco e, colocando por cima de Demelza, perguntou:

— O que acha?

Agradada pela pele que lhe resguardava o pescoço, ela fechou os olhos.

Aquele tato lhe recordava o de um casaco que tinha tido no passado.

— Abrigado e bonito — apontou abrindo de novo os olhos.

— Escolhe três — sorriu o highlander. — Um para você, outro para Hilda e outro para Brenda. Faz frio, muito para estar na primavera, e não podem partir sem casaco ou adoecerão.

Boquiaberta, ela voltou a acariciar o casaco que tinha sobre os ombros. Eram caras, por isso murmurou:

— Não... não sei quando poderei te devolver o que custam.

Aiden assentiu. Adorava desconcertá-la. Só em momentos assim, ele sentia que dominava por completo a situação.

— Não se preocupe — murmurou quando Forbia se afastou uns passos. — Considera-o um presente.

Isso inquietou Demelza, pois sabia perfeitamente que nada na vida era grátis.

— Não quero um presente envenenado — esclareceu olhando-o.

Aiden a olhou a sua vez. *Do que estava falando?*

— Não sei o que pretende, mas que fique claro que este presente não vai fazer com que eu esquente seu leito — matizou ela.

Boquiaberto pelo que acabava de dizer, ele se aproximou e insistiu, consciente de que mentia:

— As três viajam comigo, acaso acredita que é agradável ver como tremem de frio? E, quanto ao que diz, calma, mulher, você não é o que eu desejo.

Ao ouvir, algo no interior da jovem se quebrou. Sentir seu rechaço quando era ela que sempre rechaçava era algo estranho, estranho, mas, levantando o queixo, afirmou:

— Me alegro de que tudo fique esclarecido.

Aiden suspirou e, sem querer pensar mais nisso, perguntou com mofa:

— Gosta de que levemos estes três?

Demelza assentiu, e então Forbia, feliz pela boa venda, agarrou Aiden pelo braço com muita confiança e disse:

— Me acompanhe e resolveremos a compra.

Conforme disse isso, Demelza se voltou para olhá-los e, sem reter sua língua, perguntou:

— Não irão fazer agora o que eu acredito, não é?

Forbia pestanejou e ele perguntou divertido:

— E o que acredita que faremos?

A ruiva, ao ver seu gesto brincalhão, negou com a cabeça.

— Esquece-o — murmurou, e, acalorada pelo modo como ele a olhava, sentiu que necessitava de ar, e disse saindo com as peles nas mãos: — Esperarei fora com seu cavalo.

Não obstante, Aiden a deteve. Não confiava nela.

Quando seus olhos se encontraram, Demelza leu neles o que o highlander pensava e matizou segura disso:

— Nunca iria sem a Hilda, Brenda e Unne. Calma, não penso escapar.

— Pelo seu bem e delas, mais vale que não o faça — falou ele.

Segura de que não o faria, a jovem saiu para o exterior.

O frio do lugar lhe impregnou os ossos e rapidamente se cobriu com a pele que Aiden e tinha comprado. Era suave e quente. Mas, quando o fez, e se aproximava de seu cavalo, grunhiu:

— Com tudo o que tenho que fazer e aqui estou... perdendo tempo.

Com brio, colocou sobre Haar as peles para a Hilda e Brenda, quando de repente viu um sujeito que a observava a escassos passos dela. Seus olhares se encontraram e, ao ver como lhe sorria, soube que a tinha reconhecido. Outro enviado de Viggo.

Demelza olhou ao redor em busca de uma via de escape. As pessoas caminhavam tranquilamente pela rua, Aiden estava dentro do comércio, e aquele sujeito se aproximava dela.

O que podia fazer?

Se partia dali, o highlander acreditaria que tinha faltado a sua palavra, e o último que desejava era que ocorresse algo a Hilda e a Brenda. Assim, decidiu não se mover. Encarregar-se-ia daquele homem ali mesmo.

Com urgência, tirou a adaga que tinha na cintura, necessitá-la-ia. E, disposta a enfrentar-se com ele, situou-se junto a Haar quando o homem disse enquanto se aproximava:

— Laug Iversent...

Ouvir aquele nome que tanto odiava retesou seu corpo, e, incapaz de deixar de olhar para aquele sujeito, a jovem falou:

— Meu nome é Demelza.

O homem sorriu e, disposto a ser quem ganhasse a recompensa que prometiam pela moça, afirmou:

— Seu nome não me interessa, mas sim o que oferecem por você.

Ela sacudiu a cabeça enojada e replicou, segura de si mesmo:

— Duvido que consiga essa recompensa.

Ele olhou então a adaga que ela segurava nas mãos e soltou:

— Tem duas opções: vir comigo por bem, ou fazê-lo por mal.

Demelza sorriu ao ouvir e, sem duvidar, respondeu:

— Escolho por mal.

Assombrado por sua ousadia, o homem desembainhou sua espada com rapidez, passando-a a escassos milímetros de seu rosto. Demelza amaldiçoou. Estava em inferioridade de condições e, necessitada de que ele a soltasse, surpreendendo-o, levantou a perna

para lhe dar um chute na mão. A espada rolou pelo chão e ela a afastou de um chute.

O homem, ao ver aquilo, incrédulo por sua destreza, olhou-a, e ela, sorrindo, murmurou ao observar como as pessoas paravam para olhá-los:

— Igualdade de condições, não?

Zangado e desprovido de sua espada, ele tirou sua adaga para lançar-se sobre ela. Demelza o esquivou, mas em seguida os dois acabaram rolando pelo chão. O sujeito era bom lutando, mas ela era melhor. Seu pai tinha lhe ensinado glima, a arte da luta livre viking, e, como era de esperar, soube defender-se à perfeição.

Um golpe, dois... O homem, desesperado, não conseguia dominá-la. A jovem era rápida, forte, artilosa, e as pessoas os animava.

Até que, de repente, a porta da loja se abriu e Aiden saiu, e mudou o aspecto ao ver o espetáculo.

— Mas que demônios acontece aqui?! — Falou.

Ao vê-lo aparecer, o sujeito quis partir, mas Demelza o segurou.

— Não vai escapar. Agora não.

Então, ele deu um empurrão na ruiva, que caiu ao chão, e, sem duvidar, fugiu apavorado. A jovem se levantou furiosa e se dispunha a correr atrás dele quando Aiden a segurou pela cintura.

— Mas aonde vai, ferazinha?

— Eu vou matá-lo — falou ela frenética pelo último golpe recebido.

Aiden, que não entendia nada, olhou o homem que se afastava. Se corresse poderia agarrá-lo e, quando ia fazê-lo, de repente ela o deteve. Demelza calculou que, se ele o agarrasse, o sujeito lhe contaria quem ela era e todo se complicaria muito mais. Boquiaberto ao sentir-se agarrado, Aiden a olhou, quando a jovem disse com a respiração entrecortada:

— Esqueçamo-lo. Queria me roubar as peles, mas não o conseguiu.

Desconcertado por sua mudança de opinião, ele se deteve. E, vendo o sangue que a moça tinha no lábio e sua roupa manchada de barro, perguntou preocupado:

— Está bem?

Ela assentiu ofuscada. Devia ter mais cuidado de agora em adiante.

Nesse momento, Aiden olhou às pessoas que os observava e gritou:

— Por que ninguém a ajudou? Acaso não veem que é uma mulher?

Sem responder, cada um continuou seu caminho, enquanto o highlander amaldiçoava colérico e a jovem, sem demonstrar dor nem de preocupação, tirava o sangue do lábio, depois o barro e, para tranquilizá-lo, afirmava como se nada tivesse ocorrido:

— Calma, estou bem e não necessito a clemência de ninguém. Possivelmente o sujeito que partiu não esteja muito bem. Acredito que lhe bati forte.

Ouvir isso e ver a fortaleza da jovem o fez perguntar:

— Mas você não sabe viver sem problemas?

Demelza deu de ombros e, ao ver como a olhava, falou:

— Calma, highlander. Sei me defender sozinha.

Aquela independência...

Aquela rebeldia...

Tudo nela era muito atraente, para ele. Mas Demelza, para evitar perguntas incômodas ou reprovações, recordando os vividos minutos antes na loja, cochichou com ironia:

— Possivelmente não seja nem tão inocente nem tão necessitada como você acredita.

— Ah, não?

— A verdade, é algo que não te incumbe.

A cada instante mais boquiaberto, ele assentiu e, continuando, propôs:

— Vamos beber algo.

— Não.

Entrar em uma taverna com homens não era bom para ela, possivelmente alguém mais poderia reconhecê-la, por isso falou:

— Vá você. Eu te espero aqui com Haar.

Aiden enrugou o sobrecenho. Não pensava deixá-la sozinha. E, agarrando-a pelo braço, indicou:

— Vamos, me acompanhe antes de que te meta em uma nova confusão.

Capítulo 20

Ao entrar na taverna, todos os olharam se voltaram para ela, e Demelza, como pôde, escondeu seu rosto entre as peles, algo que não passou despercebido a Aiden, que calou e não perguntou. Cedo ou tarde terminaria descobrindo o que ocorria.

Os aldeões, ao vê-los, e conhecedores de que aquele era Aiden McAllister, começaram a cochichar. E, quando se sentaram, Demelza lhe perguntou sem poder evitá-lo:

— Quem era seu irmão? E por que todos o olham com medo?

Aiden a olhou e, seguro de que se estava fazendo a tola, perguntou:

— O que você sabe dele?

A jovem, que não sabia absolutamente nada de Jesse, o Mau, deu de ombros e, depois de beber da cerveja que ante ela tinha pedido ao taberneiro, cochichou:

— A verdade é que nada. Mas chama minha atenção a precaução nos olhos das pessoas ao te olhar.

— Alguma vez ouviste falar de Jesse, o Mau?

Ela negou com a cabeça e, surpreso, ele explicou enquanto observava alguns homens entrar na taverna:

— Meu irmão foi alguém tão pouco recomendável como um maldito viking. Alguém que não respeitava o que era alheio, que não pensava e que, por desgrça, conseguiu que muitos sigam acreditando que eu sou igual a ele.

Aquela apreciação quanto aos vikings retorceu suas vísceras. Por que os maus sempre eram vikings? Mas, discretamente dessa parte, Demelza perguntou:

— Seu irmão segue vivo?

Aiden se incomodava de falar sobre ele, por isso, assinalando a cicatriz que ela tinha na bochecha, falou:

— Quando me disser como te fez isso, contarei o que me pergunta.

Demelza sorriu sem saber por que, e replicou:

— Reconheço que aí estiveste rápido.

Boquiaberto pelo modo de como o desconcertava essa mulher, Aiden ia falar quando um dos homens que acabavam de entrar na taverna disse em voz alta:

— Peço-lhes um segundo de atenção a todos.

Continuando, todos os presente se calaram para escutar o que o homem grisalho e barbudo tinha a dizer.

— Procuro a minha filha, lady Ad... lady Brenda McAllan. Tem um belo e comprido cabelo loiro que cuida com primor, os olhos verdes como esmeraldas e a pele clara. É mais ou menos assim de alta — indicou assinalando seu próprio ombro, — e cavalga em um cavalo negro com uma mancha branca em um quarto traseiro. Está desaparecida de nosso lar há mais de dez dias, e aquele que possa me dar um pouco de informação será muito bem recompensando.

Ao ouvir, Demelza sentiu que um estranho calor lhe percorria o corpo, e mais ainda ao notar o olhar de surpresa de Aiden.

Então, um homem se colocou junto ao que tinha falado antes e acrescentou:

— E, como prometido de lady Brenda, eu também o recompensarei.

Ao saber que aquele era o homem do qual sua amiga fugia, Demelza se sentiu mais acalorada ainda. Nada mais vê-lo lhe revolveram as tripas. Não só era velho e pouco bonito, mas possuía um olhar que, como haveria dito seu próprio pai, não proporcionava nada bom.

Aiden, sem apartar os olhos dela, que o olhava com gesto consternado, murmurou:

— Esses homens, não estarão falando de...?

— Nãoooooooooooooooooo...

O highlander não acreditou.

— A descrição que deram dela é mais que evidente e...

— Mulheres loiras de olhos verdes e tez clara há muitas.

— E que cavalgam em um cavalo negro com uma mancha branca em um de seus quartos traseiros e que não para de falar de seu cabelo também?

— Pois, sim — afirmou ela procurando uma saída.

O escocês soprou.

Uma nova mentira!

Mas em que confusão estavam colocadas? E, observando como os olhos dela trocavam de cor, insistiu baixando a voz:

— Demelza...

— Queeee?!

A ousadia daquela moça parecia não ter limites.

— Quero a verdade — resmungou Aiden.

— Não sei de que verdade fala.

Irritado e seguro de sua intuição, ele soprou.

— Não quero enfrentamentos com ninguém. Se essa moça for...

— Não é! — Grunhiu ela, observando com dissimulação como alguns aldeãos se aproximavam do homem barbudo por interessar-se.

Aiden não acreditou. E, agarrando sua mão, apertou-a para que o olhasse e falou:

— Isto não é um jogo, ruiva. Fala!

Angustiada pelo que sabia de Brenda e pela necessidade de fazer algo a respeito para que ela não terminasse casada com aquele sujeito tão deplorável, ao ver que um daqueles homens se dirigia para eles, Demelza se levantou de repente de sua cadeira, sentou-se sobre os joelhos de Aiden e, com desespero, beijou-o para sossegá-lo.

Confundido por seu arranque, o escocês piscou e, quando ia afastar-se, ela murmurou sobre sua boca:

— Deseja-o. Me beije.

— O quê?!

— Que me beije — insistiu.

Boquiaberto, ele murmurou então contendo seus impulsos:

— Disse-lhe isso antes. Não é o que desejo... Ruiva Selvagem.

Ela fechou os olhos. Por que tinha que chama-la desse modo?

E, consciente de que tinha que fazer algo para distraí-lo, murmurou confundida ao senti-lo tão perto:

— Eu, sim, te desejo.

— Assim, de repente?

— Sim.

Aiden não tinha dúvida de que ela estava atuando desse modo para que deixasse de lhe perguntar. Não era tolo. E, sentindo como seu corpo começava a rebelar-se contra ele, afirmou:

— Meu irmão já me deixou em herança muitos inimigos para que eu mesmo, por sua inconsciência, busque mais.

— É teimoso... mas eu sou mais — insistiu ela.

— Demelza...

Ouvir seu nome pronunciado por aquela sinuosa boca, em um tom tão íntimo, colocou todos os pelo da jovem arrepiados, e, desejosa pela primeira vez em sua vida de ser beijada, rogou:

— Juro por minha vida que logo te contarei o que sei, mas agora me beije!

Incapaz de negar um segundo mais ao que ela lhe exigia, o highlander aproximou de novo sua boca da tentadora jovem e a beijou. Capturou seus lábios com autêntica avidez. Desfrutou de um suave ao mesmo tempo selvagem beijo cheio de desejo e, quando se apartou, olhando-a aos olhos, ia falar quando alguém disse a seu lado:

— Desculpem, senhor.

Ao ouvir, irritado pela interrupção, Aiden olhou ao jovem que estava frente a eles. Tinha os mesmos olhos que Brenda, e perguntou:

— O que ocorre?

O moço, depois de olhar para Demelza com admiração, sorriu e falou:

— Senhor, procuramos a minha irmã. Tem uma linda cabeleira loira que cuida com carinho, possui maravilhosos olhos verdes, possui um cavalo negro com uma mancha branca em seu quarto traseiro e é assim de alta — indicou destacando-a pelo queixo. — Desapareceu faz dias e não sabemos nada dela, viram a alguma jovem de suas características?

Aiden negou pesaroso com a cabeça.

— Sinto muito, mas não a vi.

O jovem suspirou com gesto cansado e, quando já se voltava para partir, Aiden perguntou:

— Se me inteirar de algo ou a ver, aonde teria que levá-la?

Ao ouvi-lo, Demelza lhe deu um forte pisão que ele aguentou estoicamente.

— A Inverness. À fortaleza McAllan — indicou o homem mais corpulento, aproximando-se também. — Sou Callum McAllan, o pai da moça. Se a encontrarem e a devolverem a casa, serão gratificados.

Aiden assentiu e disse-lhe estendendo a mão:

— Desculpem. Se a encontro em meu caminho a levarei a seu lar sem necessidade de gratificação. Temos que nos ajudar entre nós.

Aquilo chamou a atenção do highlander de barbas brancas e, lhe estendendo a mão, perguntou:

— Com quem tenho o prazer de falar?

— Com Aiden McAllister — indicou agarrando a mão dele.

Conforme disse isso, o olhar do homem trocou, e perguntou:

— O irmão de...?

— Sim — o cortou ele com segurança.

Callum McAllan sorriu ao ver sua reação e, com uma calma que surpreendeu Aiden, murmurou:

— Calma, moço. Todos temos um passado. Em ocasiões agradável e em outras nem tanto, mas devemos assumi-lo. Por certo, temos um amigo em comum: Kieran O'Hara. Ele me falou que seu trabalho com os cavalos.

O gesto do Aiden se afrouxou, quando ele, olhando o quão a jovem permanecia calada a seu lado, disse:

— Senhorita, me permita lhe dizer que têm um olhar muito bonito e olhos... muito especiais.

Demelza assentiu com um sorriso. Não podia falar. Se o fizesse, ele se precaveria de que tinha o mesmo sotaque que sua falecida mãe, e Aiden se inteiraria de muitas coisas em pouco tempo.

Finalmente, Aiden, afastando à moça, levantou-se e, dando um par de passos, começou a falar com ele. Demelza começou a ficar nervosa, quando ouviu seu lado:

— Senhorita, vocês não viram a minha irmã?

Ela se apressou a negar com a cabeça. Era o moço de antes, que, sentando-se a seu lado, murmurou baixando a voz:

— Bonito anel.

A jovem, ao ver em sua mão o anel que Brenda lhe tinha dado, rapidamente o cobriu com sua outra mão, quando ele, olhando-a, insistiu:

— Sou Gordon. Por favor, só me diga se ela estiver bem.

Sem saber por que, o olhar de desespero daquele moço lhe fez saber que podia confiar nele e Demelza assentiu com a cabeça. Então, Gordon sorriu e acrescentou:

— Diga-lhe que sinto sua falta e que sigo procurando uma solução para que não se case com Brochan.

Dito isto, o moço se levantou, justo no momento em que o prometido de Brenda se aproximava dela e, olhando-a com certo descaramento, perguntou-lhe:

— É daqui?

Demelza negou com a cabeça.

— Viu a moça pela qual perguntamos?

De novo, a jovem negou.

Nesse instante, Aiden olhou em sua direção. *Por que não falava?*

E, ao ver como aquele sujeito a observava, retornou para junto dela, voltou a sentá-la com posse sobre suas pernas e declarou com gesto protetor:

— Não. Não a vimos.

— Temos que seguir a busca — murmurou o pai da moça, olhando Brochan com seriedade.

— Para onde se dirigem? — Interessou-se Aiden.

— Para Edimburgo. Um prazer te conhecer, McAllister — declarou o pai da moça.

— O mesmo digo, McAllan — afirmou ele com autoridade.

Segundos depois, aqueles homens desapareceram da taverna e Aiden, sem permitir que ela se levantasse de suas pernas, segurou-a com força e falou olhando-a:

— Não sei por que não abriu essa boca que tanto utiliza para mentir, mas agora já pode abri-la, e, pelo seu bem, não quero nenhuma só mentira a mais.

Capítulo 21

Essa noite, enquanto as mulheres falavam entre elas no acampamento, Aiden informava Alastair o que tinha descoberto no que se referia à busca de Brenda, sem imaginar que Demelza não tinha contado tudo.

Depois de lhe relatar o que sabia de sua fuga, evitando falar de seu sangue viking, inventou que ela e Hilda tinham sido levadas de uma fazenda das Orcadas até o lugar onde as encontraram. Isso fez Aiden supor o motivo desse sotaque estranho, coisa que Demelza não desmentiu.

Alastair não dava crédito ao que seu amigo lhe contava. Brenda o tinha enganado como a um tolo. Tinha-lhe mentido. E, boquiaberto, perguntou:

— Lady Brenda McAllan?

— Sim, amigo.

— Você conhecia seu pai?

— Não — falou Aiden. — Nunca tinha ouvido falar dele.

Surpreso e irritado em partes iguais, olhou seu amigo e insistiu:

— No dia que as liberamos, ela disse que era uma lady e eu não acreditei.

Aiden assentiu com a cabeça. Recordava-o. Mas em sua defesa murmurou:

— Não tinham características disso.

Sem dar crédito, Alastair amaldiçoou. Tudo, absolutamente tudo o que aquela mulher lhe tinha contado era mentira, e, deixando de lado a parte familiar, insistiu:

— E disse que está prometida?

— Isso parece — afirmou Aiden.

Alastair assentiu irritado. Tinha-lhe brincado com ele como a um tolo. E, olhando seu amigo, grunhiu:

— Essa mentirosa me disse que sua família tinha morrido e... e eu, como um idiota, acreditei. Acreditei em todas as mentiras que me contou.

— Alastair, escuta...

Mas ele, zangado como nunca antes em sua vida, cortou-o e sentenciou:

— Tinha razão... essas mulheres são um grande problema.

Dito isto, Alastair bramou furioso. Odiava que o tomassem por tolo e, sem lugar a dúvidas, isso era o que ela tinha feito.

De repente, deu meia volta e saiu da tenda furioso. Aiden, ao vê-lo, levantou-se de onde estava sentado e o chamou:

— Alastair...

Mas ele não se deteve. Seguiu caminhando, e Aiden, ficando a seu lado, grunhiu:

— Que diabos vais fazer?

— Dizer-lhe o que penso.

— Não o faça...

— Porquê?

Aiden, que nunca tinha visto seu amigo tão zangado com uma mulher, murmurou:

— Pensa no que te contei.

— Mentiu-me.

— Essa moça foge de...

— Dá-me igual do que fuja! Mentiu-me — insistiu ele.

— Vai se arrepender. Pensa-o.

— Duvido-o — afirmou Alastair com segurança.

E, aproximando-se até onde estavam as mulheres, situou-se frente à jovem dos olhos verdes e o cabelo loiro, que o olhou entre tremores, e lhe soltou com mofa:

— Lady Brenda McAllan?

Consciente do ocorrido, porque Demelza o tinha contado, a jovem suspirou.

— Sim...

— E como não o disse antes?

Ao ouvi-lo, e vendo o gesto áspero dele, ela respondeu:

— Disse-o. Mas não me acreditou e me ordenou calar, ou não o recorda?

O highlander o recordava, claro que o recordava. E, zangado consigo mesmo, aproximou-se dela e, agarrando-a pelo braço, separou-a do grupo e murmurou:

— É uma mentirosa. Uma grande mentirosa.

— Oh... sinto muito, mas...

— Não preciso de suas desculpas...

— Mas, Alastair...

— Disse que já não me interessam! — E, afastando-se dela, grunhiu: — Não só seus pais e seus irmãos estão vivos, mas sim está prometida. O que pretende com esse jogo?

Angustiada pelo modo em que ele a olhava, a jovem não soube o que responder, quando ele, recordando as palavras, os beijos e as carícias daquela tarde, falou:

— Se seu prometido se inteirasse de certas coisas, acredito que...

— Alastair! — Cortou-o ela.

— Acaso vai dando de presente intimidades por aí mesmo com toda essa frescura?

Brenda, que não estava acostumada a tudo aquilo, e consciente de sua conduta inapropriada com ele, olhou para Demelza em busca de força e, ao ver sua expressão, que lhe pedia moderação, murmurou:

— Alastair, quanto a isso, tenho que dizer-t...

— Lady Brenda... — cortou-a separando-se dela, — melhor que te cale!

— Já estamos outra vez com o «*te cale!*».

O highlander soprou. A moça o tirava de seu juízo.

— Veja — continuou ela, — escut...

— Não. Me escute você. Não é quem me fez acreditar. E, sabendo que oferecem uma substanciosa gratificação a quem te encontre e te leve de retorno a seu lar, pensei em fazê-lo. Esse dinheiro me virá muito bem para fazer melhorias em minha fazenda.

Ouvindo isso o coração da jovem rompeu, e, sabendo que até seu irmão Gordon ter encontrado uma solução a seu problema, tremendo, murmurou:

— Não será capaz...

— Sê-lo-ei...

— Não!

— Sim. Claro que sim — afirmou ele zangado. — Se há algo que odeio nesta vida são os mentirosos e os vikings.

— Bendito seja Deus! — Murmurou assustada Hilda.

Brenda, desesperada, e consciente de que ele seguia sem saber certo detalhe dela, insistiu:

— Mas...

— Disse que não quero te escutar — bramou cortando-a de novo. E, irritado com o mundo em geral, pelo sem-fim de coisas que de repente sentia e não entendia, dando outro passo atrás, falou: — A

partir deste instante, mantenha-se afastada de mim até que cheguemos a Inverness e te deixe ali.

E, dito isto, deu meia volta e começou a afastar-se em direção a Aiden.

— O que faço? — Perguntou ela voltando-se para a Demelza.

— Mate-o!

— Demelza! — Protestou Brenda.

Ela sorriu.

— Por que não chora agora? — Perguntou então Hilda.

Brenda, tão surpresa quanto ela, murmurou:

— Não sei. Estou tão confusa que não me saem nem as lágrimas!

— Pois chora — murmurou a ruiva com mofa. — Faz o que me ensinaram, que pensar em algo triste faz com que as lágrimas alaguem seu rosto ou coloque um dedo no olho... sem dúvida isso te fará chorar.

Desesperada, Brenda deu uma pancada no chão, quando Hilda, dirigindo-se a ela, cochichou:

— Finge as lágrimas, dramatize. Agora é o momento, moça.

Brenda assentiu, gostava muito de dramatizar, e, depois de fechar os olhos e pensar em algo triste, voltou-se para o homem que a tinha paralisada e gritou desfeita em muitas lágrimas:

— Alastair Matheson, não pode me fazer isso!

Ao ouvi-la, os dois highlanders a olharam, e a alma de Alastair lhe caiu aos pés. Ver aquela jovem com o rosto alagado de lágrimas não lhe resultou absolutamente agradável, e, sentindo que seu aborrecimento começava a cambalear, murmurou:

— Lady Brenda, não me...

— Alastair, se te beijei foi... foi... porque gosto de você. Eu não dou beijos de presente a ninguém como deste a entender. E... e você... é... especial... diferente, e... Oh, Deus...! Como estou envergonhada!

Sua confiança temperou ao escocês, era agradável ouvir isso.

— Temia contar a verdade — insistiu ela. — E se escapei de casa foi porque não quero me casar com esse... com esse homem... Não o amo... não posso me casar com ele! Prefiro me encerrar em um convento o resto de minha vida a que esse homem pouse suas horríveis mãos sobre mim. E, quando você me pediu que acompanhasse a sua fazenda, eu...

— Pediu-lhe que acompanhasse a sua fazenda? — Perguntou Aiden surpreso.

Alastair não respondeu, e Demelza afirmou olhando-o:

— Ora... vejo que não é só Brenda omite informação.

Ofuscado, Alastair grunhiu:

— Que tal se fechasse a boca?

— Que tal se a fechasse você? — Replicou ela sem temor.

O olhar de ferocidade daqueles dois fez com que Aiden se movesse e, interpondo-se entre ambos, murmurasse:

— Basta já.

Brenda, ao ver a confusão que tinha organizado, soltou um lastimoso gemido que rompeu o coração a todos.

Então, Alastair se aproximou rapidamente dela. Estava claro que essa moça tinha chamado sua atenção, e seu coração batia desbocado como asas quando a via. Mas quando foi agarrá-la pelos ombros para que o olhasse, de repente se deteve. Não. Não podia deixar-se vencer por lágrimas.

Negava-se a isso.

Ela estava prometida de outro e não havia nada mais que falar. Assim, dando um passo atrás, voltou a ser o homem frio que deveria ser, e indicou olhando Aiden:

— Posso contar contigo para que lady Brenda esteja vigiada? Não quero perder a gratificação que dão por ela.

— Alastair, não! — Gritou ela, desta vez chorando de coração.

Demelza o olhou sem dar crédito, quando Aiden disse:

— Alastair, acredito que não dev...

— Aiden — o cortou ele, e, fazendo caso omissso das lágrimas nos bonitos e doces olhos de Brenda, insistiu: — Eu trouxe esta mulher ao acampamento e a entregarei, você goste ou não.

Seu amigo assentiu. Alastair não estava acostumado a proceder desse modo, e certamente quando descansasse mudaria de parecer. Por isso, e não desejando zangá-lo mais, olhou para um lado quando Demelza disse:

— Não se atreverão...

Aiden levantou uma sobrancelha ao ouvi-la. A provocação constante dela o estava zangando mais e mais a cada segundo, e, disposto a lhe fazer ver quem mandava ali, disse olhando a um de seus homens:

— Gareth, avise a Moisés e vão por suas coisas. Farão guarda esta noite frente à tenda das mulheres e as vigiarão como se vigia a um viking... — e, olhando para Demelza, finalizou: — com extrema prudência.

Seu homem assentiu e se afastou depressa. Enquanto isso, Demelza amaldiçoava para seus adentro. Cada vez que mencionavam os vikings ficava doente.

— Obrigado, amigo — disse Alastair, que, sem olhar para Brenda, partiu dali. Precisava afastar-se dela.

A moça loira, desfeita em lágrimas pela dor que lhe ocasionava o que acabava de ouvir, entrou na tenda seguida por Hilda.

E, quando Demelza viu que só ficavam ela e Aiden, protestou:

— Acaso pretende nos ter cativas?

Sem mudar seu gesto áspero, o escocês replicou em tom imperativo:

— Você pode partir quando quiser. Mas, no referente a lady Brenda, foi Alastair quem o decidiu assim.

— A sério vai permiti-lo?

Aiden amaldiçoou. Sua posição era complicada. Aquela mulher, que tanto o atraía, estava linda, tentadora, e, recordando sua boca e o sabor de seus beijos, indicou:

— Pretende que me ponha contra Alastair?

— É obvio.

Surpreso por aquilo, Aiden levantou as sobrancelhas e perguntou:

— E isso o que lhe deu a entender?

Sentindo como a pele que lhe tinha comprado a abrigava, ela falou sem apartar seu olhar:

— Não é como seu irmão. Você mesmo disse isso.

— De que falas?

A cor dos olhos dela falava por si só. Quando se zangava, a claridade deles era impactante.

— Pelo amor de Deus, Aiden, acorda! — Exclamou ela de repente.
— Viva o presente porque o futuro chegará.

O highlander a olhou deslocado. Ele não pensava desse modo.

— O presente se medita e o futuro se planeja — falou. — Porque as consequências do que faça hoje chegarão amanhã.

— A sério pensa assim?

— É obvio.

Desesperada, a jovem amaldiçoou e, sem dar seu braço a torcer, insistiu:

— Duvido que veja com bons olhos a injustiça que a família de Brenda quer cometer casando-a com esse homem indesejável. Acaso não o viu? Acaso é tão tolo que é incapaz de entender o terrível futuro que lhe espera com esse animal?

As palavras da moça lhe tocaram o coração, mas, não disposto a meter-se em algo que não o incumbia, e menos ainda a contradizer a seu amigo, replicou:

— Não tenho nada que dizer ante essa eleição familiar.

Continuando, deu meia volta para partir, mas Demelza, correndo, ficou diante dele e, parando-o, insistiu:

— Não pode permitir que Brenda se case com esse homem. Não pode!

— Pretende me dar lições? — Perguntou irritado.

— Possivelmente sua lição de hoje seja aprender a não querer para outros o que não quereria para você mesmo.

Aiden amaldiçoou ao ouvi-la. Seus homens os observavam e ela era uma insolente. Assim, aproximando-se temerariamente dela, falou:

— Sem dúvida, sua lição de hoje será aprender a fechar a boca se não quiser ter problemas comigo.

Demelza grunhiu e, sem medo, murmurou:

— Maldito escocês teimoso!

A cada segundo mais surpreso pela pouca vergonha da moça, mas atraído por sua valentia e sua ousadia, Aiden murmurou:

— Sua insolência te vai trazer muitos problemas.

— O último em que penso é em meus problemas quando vejo Brenda chorar.

Sua resposta em certo modo fez o escocês gostar, pois significava o muito que a jovem se implicava nos problemas dos outros.

— Pode me explicar por que teria que me entremeter em evitar o enlace dessa moça? — Perguntou a seguir.

Demelza fechou os olhos. As más lembranças com respeito a seu matrimônio com Viggo a afogavam. E, sem abri-los, sussurrou:

— Porque... porque...

— Por que, o quê? — Exigiu-lhe ele com impaciência. — Estou esperando!

Consciente de que estava lutando contra o impossível, a jovem deu um passo atrás. Estava claro que ele não ia ajudar, e, necessitada de encontrar uma solução para evitar o desastre, falou baixando a voz:

— Tanto faz.

Sua resposta o incomodou, e, antes de que pudesse reagir, Demelza desapareceu dentro da tenda, onde estavam as outras, e, depois de amaldiçoar por não conseguir entender a si mesmo nem o que ocorria, Aiden prosseguiu seu caminho.

Dentro da loja, Demelza encontrou com uma Brenda desfeita em lágrimas, junto à Hilda, que a consolava. O desconsolo de Brenda era verdadeiro desta vez. E, quando conseguiu acalmá-la, afirmou olhando-a aos olhos:

— Devemos escapar destes malditos escoceses, entendido?

Brenda assentiu congestionada, e Demelza, recordando, acrescentou:

— Nosso sangue viking nos ajudará.

Capítulo 22

Depois de uma maldita noite em que, cada um por seus próprios motivos, mal puderam descansar, o dia seguinte foi ainda pior.

Brenda se empenhava em falar com Alastair, mas ele não lhe dava opção.

Era complicado lutar com aqueles dois. Aiden tratava de mediar com seu amigo enquanto Demelza tentava com a jovem, mas nada puderam fazer.

Alastair não dava seu braço a torcer, a outra não se rendia e insistia.

Assim passaram vários dias nos quais Brenda não parava de chorar e Alastair de amaldiçoar.

Como bem lhe tinha indicado Aiden, Demelza podia mover-se com tranquilidade pelo acampamento, mas assim que Brenda se unia a ela, dois escoceses começavam a segui-las. Não havia maneira de escapar.

Uma estranha intranquilidade se apoderou da jovem ao dar-se conta de que procurava com o olhar Aiden. *Por que o fazia?*

O que lhe ocorria, que se sentia atraída por aquele maldito escocês?

Uma noite, quando todo o acampamento dormia, Demelza saiu da tenda.

Rapidamente, Moisés, que fazia guarda, olhou-a e ela, sorrindo, aproximou-se dele e perguntou:

— Posso me sentar contigo?

O homem olhou a seu redor com certo desconforto e assentiu.

Em silêncio estiveram um momento, até que ela, deitando-se, perguntou olhando ao céu:

— Viu que bonitas as estrelas estão hoje?

Moisés assentiu depois de levantar a vista, mas não disse nada.

De novo o silêncio se instalou entre ambos, quando ela viu que o gesto dele se enrugava e, curiosa, perguntou-lhe:

— O que te ocorre?

Moisés, a quem a boca estava doendo vários dias, grunhiu com gesto áspero:

— Matam-me os molares.

Ao ouvir, Demelza se levantou rápida e exclamou:

— E como não me disse antes?!

Em silêncio, entrou na tenda, onde Brenda e Hilda dormiam, e, agarrando a sacola dos remédios que Hilda tinha ido compilando pelo caminho, procurou algumas ervas. Quando as encontrou, com o mesmo sigilo com que tinha entrado, saiu e, olhando Moisés, disse:

— Vou pegar uma chaleira para esquentar um pouco de água.

Com o olhar do homem cravado nela, Demelza se moveu pelo acampamento. Foi até o lugar onde Douglas guardava os utensílios com que cozinava. Ali, pegou uma chaleira, encheu-o de água e o pôs a ferver no fogo.

Pouco depois, retirou-o e, retornando junto a Moisés com uma taça, deixou-a diante dele e indicou lhe mostrando algumas folhas que levava na mão:

— Se mesclarmos a água com estas folhas, sua dor se acalmará. Dependendo da intensidade, tem que jogar mais ou menos a mesma quantidade.

Ele assentiu.

— Pois ponha todas as folhas.

Demelza levou em conta. Sem dúvida estava muito dolorido.

Uma vez que teve jogado todas as folhas que levava na mão, removeu-o com uma colher e indicou:

— Verá que a água toma uma cor esverdeada. Não se assuste. Tem que ser assim. É amargo ao tomá-lo e não é muito agradável, mas te asseguro que é efetivo. Isso, tire as folhas antes de beber, são horríveis...

O escocês assentiu e, retirando as folhas ao ver a cor esverdeada, ia perguntar algo, mas se calou. Demelza, ao precaver-se, murmurou:

— Moisés, o que queria perguntar-me?

— Nada... nada...

— Certeza?

O guerreiro deu um gole à taça e, enrugando o rosto, grunhiu soltando-a:

— Por todos os deuses... isto é muito ruim. Pretende me envenenar?

A jovem negou sorrindo com a cabeça e indicou consciente de que, se ele se inteirava que era viking, tudo seria diferente.

— Acaso teria motivos para te envenenar? — E, ao ver que Moisés não respondia, acrescentou para desviar o assunto: — Meu irmão Haakon sofria de terríveis dores de dente, e isto era o único que o acalmava. Por sorte, esta erva também cresce aqui.

— Aqui? — Perguntou ele curioso.

Consciente de que tinha cometido uma imprudência ao dizer aquilo, a jovem agarrou a taça e, para distraí-lo e fazer que pensasse em outra coisa, deu um gole que lhe pareceu fatal e murmurou enquanto gesticulava:

— Sou de Orcadas. Pensava que esta erva só crescia ali.

Moisés assentiu e continuou perguntando:

— São bonitas as Orcadas?

Demelza assentiu. Não tinha nem ideia de como era aquele lugar, mas afirmou pensando em Ski, seu pequeno povo:

— Lindas. O lugar mais bonito que possa imaginar.

Nesse instante, uma estrela fugaz cruzou o céu e, inconscientemente, ela a nomeou em norueguês. Conforme o disse, lhe encolheu o coração. O que tinha feito? Mas Moisés, aturdido por sua dor de dente, não parecia haver-se dado conta e simplesmente assentiu:

— Sim. Vi-a. Que rápida passou.

Demelza não replicou.

— Bonito nome o de sua égua — comentou ele a seguir.

— Sim...

Ambos se olharam à espera de algo mais, mas, quando nenhum disse nada, finalmente Demelza, animando-o, insistiu:

— Vamos, bebe outro trago.

Olhando-a aos olhos, o gigante de cabelo escuro agarrou a taça e bebeu um pouco mais. Logo deu outro gole, e a jovem, feliz porque confiasse nela, deitando-se no chão de novo, voltou a olhar as estrelas e murmurou:

— Passado um tempinho deverá começar a sentir uma melhora.

O guerreiro assentiu e, apoiando as costas em uma árvore, olhou ao céu como ela.

Em silêncio estiveram um bom momento, cada um pensando em suas coisas, quando a jovem murmurou:

— O veneno está demorando muito em fazer efeito... — Ouvindo isso fez com que o escocês ficasse em alerta, quando ela sorriu e cochichou: — É brincadeira. É brincadeira, Moisés.

— Pois cuidado com essas brincadeiras — se queixou aquele.

Demelza sorriu e, suspirando, perguntou depois de um momento:

— Como se encontra agora?

Ele piscou surpreso.

A dor estava desaparecendo pouco a pouco e, agradado, afirmou:

— Encontro-me muito melhor.

— Por todos os deuses! — Zombou ela. — Errei na quantidade de veneno.

Ao ouvir, ambos sorriram, e o guerreiro, contente pelo cuidado que ela tinha tido com ele, murmurou olhando-a:

— Obrigado. Muito obrigado por preocupar-se comigo, Demelza.

A jovem assentiu.

Nos dias que estava com eles, sua percepção dos escoceses estava mudando. Havia pessoas boas e más em todos lados, fosse viking ou escocês. E, levantando-se para retornar à tenda, sussurrou:

— Não há de que. E agora descansa. Prometo-te que nem Brenda, nem Hilda, nem eu tentaremos escapar esta noite para que possa descansar.

E, dito isto, desapareceu no interior da tenda, sem saber que Aiden, do interior da sua, tinha-os estado observando todo o momento e sorria. Ela o fazia sorrir.

Capítulo 23

Dois dias depois, quando a tarde chegaram aos subúrbios de Aberfoyle, Aiden procurou um bom lugar para acampar com seus cavalos e seus homens.

Quando encontrou o lugar idôneo, acenderam uma fogueira, e, depois de indicar quem ficava de guarda, Aiden, Alastair e o resto dos escoceses decidiram ir ao Aberfoyle. Um pouco de diversão nunca seria mau.

Demelza, que não tinha ouvido o que aqueles diziam, parou a um dos guerreiros e perguntou:

— Moisés, o que ocorre?

Mas o guerreiro passou a seu lado com gesto antissocial e não lhe respondeu.

Necessitada de saber, a jovem se dirigiu então a Ivo:

— Por que paramos?

— Ao que parece, ficaremos a noite aqui — respondeu continuando seu caminho.

Demelza assentiu e, vendo que Moisés as observava a distância, murmurou:

— Não consigo entender Moisés.

— Porquê? — Perguntou Hilda.

Ao ver como ele a olhava de esguelha do alto de seu cavalo, Demelza murmurou:

— Não sei. Há algo estranho nele. E nos vigia de uma maneira estranha.

Brenda, que sacudia o pó de sua jaqueta, interveio ao ouvi-la:

— Normal. O tolo do Aiden e o mais tolo Alastair assim o pediram.
O que vai fazer o homem?

— Menina, pelo amor de Deus, não fale assim desses homens! —
Protestou Hilda.

Demelza e Brenda se olharam e, sorrindo, a primeira insistiu:

— Hilda... esses...

— Esses nada! — Grunhiu a mulher cortando-a. — Gostemos ou não, esses homens nos estão oferecendo seu amparo, sua comida, suas mantas. Mas se até nos compraram peles para que não tenhamos frio e...

— E me deixam prisioneira, Hilda. Não esqueça isso — matizou Brenda.

A mulher soprou, aquelas duas eram umas ingratas, quando Demelza, ao entender que se ficassem a noite ali poderia ser um bom momento para escapar, disse:

— Se decidem ir ao povoado e nós os acompanharmos, acredito que poderíamos ter alguma oportunidade de escapar.

— Já começamos! — queixou-se Hilda.

Confundida por seus sentimentos, Brenda rapidamente se interessou:

— Acredita-o de verdade?!

Imaginando por que iriam ali, a jovem ruiva ignorou o olhar que Aiden estava lhe dando nesse instante e prosseguiu:

— Uma vez os homens comecem a desaparecer para satisfazer suas necessidades...

— Que necessidades? — Inquiriu Brenda.

Hilda e Demelza a olharam com seriedade.

De verdade era tão inocente?

E a loira, ao compreender de repente a que se referiam, murmurou vermelha como um tomate:

— Esqueçam... esqueçam a pergunta.

Demelza suspirou e continuou dizendo:

— Como dizia, quando se dispersem, como muito ficarão dois homens a nosso encargo, e então eu...

— Pelo amor de Deus, Demelza, não os irás matar? — Assustou-se a loira.

A jovem soprou e baixou a voz:

— Não diga tolices, Brenda.

— Mas é que você tudo soluciona matando! — Insistiu.

Demelza meneou a cabeça e murmurou:

— Veja... com dissimulação, jogaremos nas suas taças umas ervas de Hilda e...

— Quer que os envenene? Por todos os Santos, Demelza — grunhiu a mulher.

— Oh, não, Demelza, não... — murmurou Brenda. — Esses homens são guerreiros e ao mesmo tempo amáveis e...

Desesperada, a viking murmurou:

— Mas tão má pessoa me acreditam, que uma diz se os quero matar e a outra se os quero envenenar?

Elas não responderam e, consciente da imagem que dava ao mundo, a ruiva explicou:

— Hilda, só quero que durmam, nada mais! Quando dormirem, pegaremos Unne e outros dois cavalos e poderemos escapar.

As mulheres se olharam. Sem dúvida, essa era a melhor opção que lhes tinha exposto em dias. E, olhando Brenda, a jovem viking pediu:

— Vá e diga a Aiden que queremos ir ao povoado para jantar.

— Eu?

— Sim, você.

— Não posso...

— Pode! Agora que sabe que é lady Brenda McAllan, não te dirá não. E, se lhe disser isso, recorde-lhe que seu pai, uma vez lhe deixem em sua casa, o recompensará por havê-la cuidado bem.

Imaginar o que Demelza dizia a horrorizou. O último que queria era chegar a seu lar. Entretanto, disposta a escapar do terrível futuro que lhe rondava, Brenda assentiu levantando o queixo.

Instantes depois, nervosa e seguida por suas companheiras, encaminhou-se para o lugar onde Aiden e Alastair estavam montados em seus cavalos e, disse com voz temperada:

— Exijo que Demelza, Hilda e eu lhes acompanhemos.

Ao ouvi-la, Aiden olhou à ruiva, que estava depois da jovem, e perguntou com curiosidade:

— Para que querem nos acompanhar?

— Temos a apetência de comer algo diferente.

Alastair ia protestar, quando Brenda, sem permitir-lhe grunhiu:

— Pelo dinheiro de nossa comida não se preocupem. Meu pai ou meu prometido lhes devolverão assim que me deixem em Inverness.

Com raiva, Alastair deu meia volta. O fato de pensar que a jovem a quem desejava e pela qual o coração pulsava com força ia desposar outro o martirizava. E, quando se dispunha a responder, Aiden se adiantou e indicou olhando à ruiva, que estava muito calada:

— De acordo. Mas o cavalo de Demelza fica aqui.

Ao ouvir, a jovem amaldiçoou em silêncio.

Sua intenção era escapar, mas, vendo que Aiden parecia ir um passo adiante dela, afirmou sorrindo:

— Parece-me perfeito que fique aqui.

Sua resposta em certo modo desconcertou o escocês, que, lhe estendendo a mão, indicou:

— Suba.

Sem duvidar, ela montou diante dele em seu cavalo e declarou com um sorriso:

— Obrigada por pensar em Unne. O descanso lhe virá bem.

Aiden não respondeu. Esse sorriso e sua boa disposição não podiam proporcionar nada bom. Então, recordando algo que tinha visto várias vezes e pelo que nunca lhe tinha perguntado, disse:

— A que se devem os pesadelos que tem pelas noites?

Ao ouvi-lo, o corpo da jovem se enrijeceu. Não imaginava que ninguém a tivesse visto nunca, nem ouvido, e replicou:

— Não sei de que falas.

Acostumado à sua reticência para tudo, o highlander insistiu:

— Embora seu aspecto melhorou e suas olheiras quase desapareceram, vi como desperta sobressaltada na metade da noite com a respiração acelerada. E isso só ocorre quando...

— Se não se importar, isso não é coisa tua.

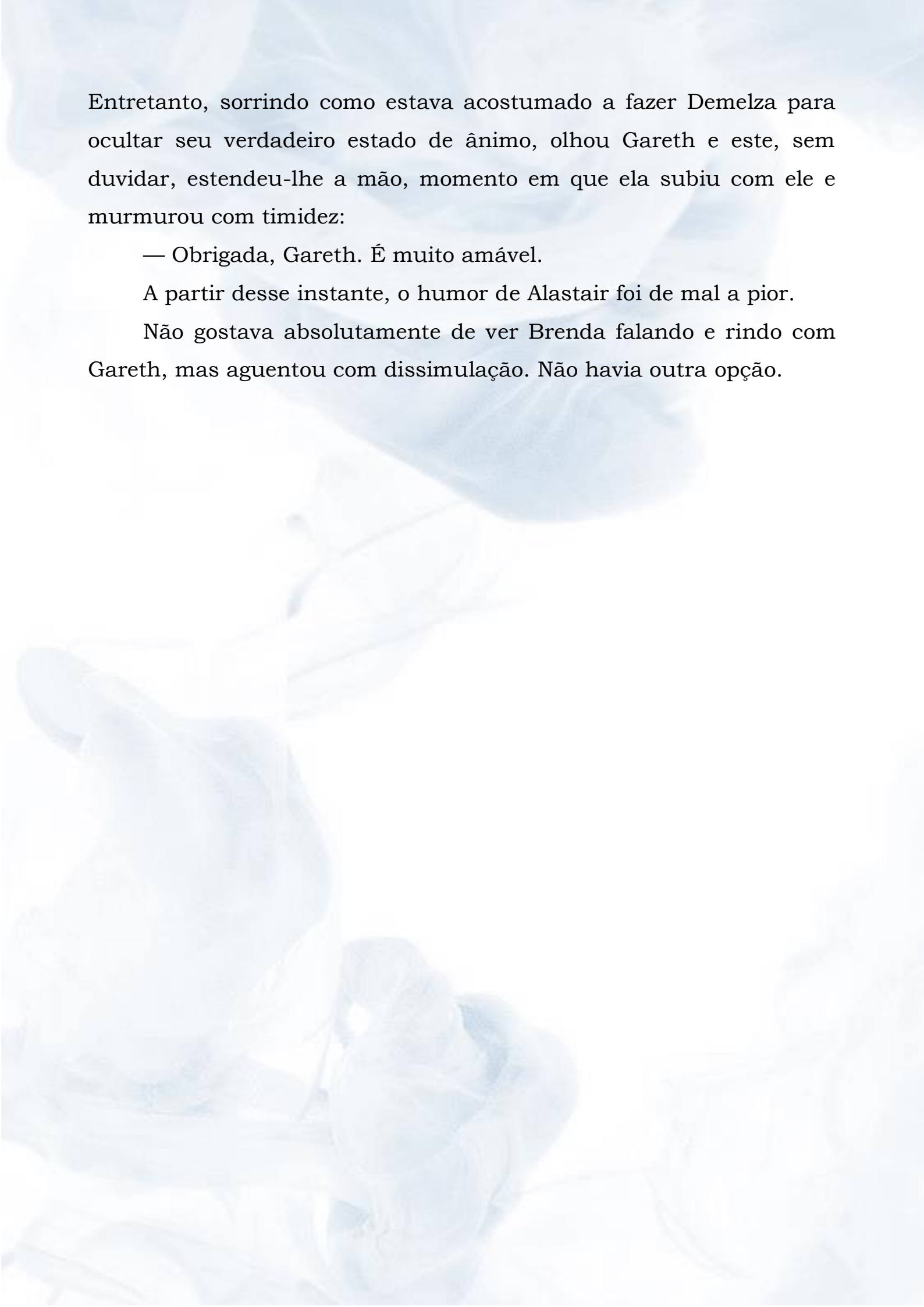
Aiden se incomodou que o interrompesse. Nenhuma mulher, à exceção dela, nunca se atreveu a interrompê-lo dessa maneira. Mas, sem querer complicar mais o momento, apontou:

— Se apoie em mim... não mordo.

A segurança que ele sempre demonstrava, respondesse ela o que respondesse, inquietou-a e, jogando mão na sua, olhou-o e replicou com um sorriso:

— Pois tenham cuidado, senhor... possivelmente eu, sim.

Brenda, que observava Alastair do chão para que a convidasse a montar junto a ele, tossiu com dissimulação. Mas, ao ver que este pedia a Hilda que o acompanhasse, amaldiçoou para seus adentro.



Entretanto, sorrindo como estava acostumado a fazer Demelza para ocultar seu verdadeiro estado de ânimo, olhou Gareth e este, sem duvidar, estendeu-lhe a mão, momento em que ela subiu com ele e murmurou com timidez:

— Obrigada, Gareth. É muito amável.

A partir desse instante, o humor de Alastair foi de mal a pior.

Não gostava absolutamente de ver Brenda falando e rindo com Gareth, mas aguentou com dissimulação. Não havia outra opção.

Capítulo 24

Um bom momento depois, quando chegaram ao povoado, surpreenderam-se de quão animado estava. As ruas estavam cheias de pessoas visitando o grande mercado, que, até sendo de noite, seguia aberto.

Alguns escoceses, Moisés entre eles, dispersaram-se, tinham seus próprios planos, enquanto que Aiden e outros de seus homens continuaram até uma taverna onde o highlander sabia que preparavam um bom guisado. As mulheres queriam jantar e aquele lugar era uma excelente opção.

Ao chegar frente ao local, detiveram-se e, quando ajudaram às mulheres a desmontar, estas se afastaram uns passos olhando com curiosidade a seu redor.

Que animado estava aquilo!

Hilda, consciente do perigo que corria sua menina, aproximou-se de Demelza e cochichou:

— Não é boa ideia que esteja aqui.

— Que bulício! — Exclamou Brenda surpresa.

Mas Hilda, preocupada, insistiu:

— Filha, alguém poderia te reconhecer. Viggo te busca. É uma temeridade estar aqui.

A jovem assentiu, sabia que ela tinha razão, mas falou olhando às pessoas:

— Se queremos escapar, estamos no lugar idôneo.

Aiden, que as observava com dissimulação enquanto murmuravam, dispunha-se a aproximar-se delas quando Alastair grunhiu, e ele, olhando-o, soltou-lhe:

— Se estiver assim pelo que imagino, esclareça suas ideias!

Alastair soprou. Na vida nunca havia se sentido tão desconcertado como nesse momento. E, enquanto via como um mendigo tropeçava ante as mulheres e caía ao chão, respondeu:

— Há muitas pessoas aqui, não acha?

Os dois amigos seguiam falando quando Demelza, comovida ao ver o mendigo no chão, rapidamente se agachou para ajudá-lo. E então seu coração se desbocou quando olhos azuis e cansados a olharam e ouviu:

— Minhas súplicas foram escutadas por Odin.

Boquiaberta e paralisada, a jovem murmurou:

— Harald...

Ao ver o que era o marido de Ingrid, vestido com farrapos, Hilda reagiu com rapidez e, agachando-se também, perguntou-lhe olhando com a extremidade do olho:

— Moço... o que faz aqui?

Brenda, que observava em silêncio, ao dar-se conta de que falavam o idioma que sua avó lhe ensinou, murmurou:

— Hold kjeft... alguém poderia lhes ouvir.

— Falas norueguês? — Perguntou Hilda surpresa de que lhes pedisse que se calassem nessa língua.

— Hah!

Sem dar crédito, as mulheres se olharam, quando Demelza perguntou:

— E por que não o havia dito?

— Porque não tinham me perguntado e era interessante saber o que pensavam de mim quando me chamavam «*menina torpe*» — sorriu Brenda, que, olhando para ele, murmurou: — Harald, não nos conhecemos, mas sou Adnerb e tenho sangue viking como você. É um prazer te conhecer!

— Por todos os Santos, menina, se cala! — Protestou Hilda.

Mas a jovem, desejosa de ajudar, continuou:

— Vá a Inverness. Procure meu pai, Callum McAllan, e ele te ajudará. Não tenha medo. Fale com ele. Diga-lhe de onde vem, mas sob nenhum conceito lhe diga que me viu, e ele te dará uma mão.

Demelza, com o coração desbocado, esquecendo-se disso, quis abraçá-lo.

Harald estava vivo. Frente a ela!

— O que... o que faz aqui? — Sussurrou. — Está louco?

Sorrindo pela primeira vez em muitos meses, Harald murmurou:

— Perdi-te, mas já a encontrei. Prometi a sua irmã que cuidaria de você, e assim será até meu último fôlego.

Emocionada, a jovem sorriu, quando ouviu Aiden gritar seu nome.

Voltou a cabeça e, ao ver que este lhe indicava que entrassem na taverna, ia dizer algo quando Harald falou:

— Deve continuar com esses escoceses. Eles lhe protegerão até que possa eu fazê-lo. Abrae os olhos, Demelza. Está em perigo.

— Mas, Harald...

— Dem... — insistiu ele levantando-se — me obedeça. Não se afaste desse McAllister e já falaremos.

Dito isto, curvado como um velho e coxeando, afastou-se delas.

Com gesto desconcertado, a jovem deixou de olhá-lo. Se seguia fazendo-o podia despertar suspeitas, e, sentindo como Hilda lhe dava a mão, deixou-se guiar por ela.

Aiden, que a observava, soube que algo ocorria ao vê-la piscar repetidamente. E, ao passar ao seu lado, parou-a e, agarrando seu queixo, olhou-a aos olhos e perguntou:

— Está bem?

Confundida pelo momento vivido, a jovem se apressou a assentir e respondeu com um direto:

— Sim.

Alastair, que caminhava com eles, abriu a porta da taverna e indicou com mofa dirigindo-se a Brenda:

— Depois de você.

Hilda entrou, depois Demelza e, ao fazê-lo, Brenda grunhiu:

— Oh, que cavalheiresco!

— Passe de uma vez... lady Brenda — falou ele.

Ao ouvir, a jovem parou e soltou com ironia:

— Melhor lady do que Te Cale, eu gosto mais.

Alastair amaldiçoou. Ela sabia como tirá-lo de seu juízo, quando ela, com o rosto avermelhado pela indignação, prosseguiu:

— O que faz por dinheiro, Alastair Matheson, é horroroso! Espero que com o que meu pai te dê por mim seja infeliz... muito infeliz.

O guerreiro soprou. Aquela mulher, com seus mordazes e graciosos comentários, não sabia se o fazia rir ou o zangava mais. Por isso, quando ela passou levantando o queixo, olhou para Aiden e balbuciou:

— Não vejo o momento de chegar a Inverness e perdê-la de vista.

Aiden, ainda confundido com respeito à Demelza, assentiu. Os olhos daquela moça eram incríveis. Trocavam de tonalidade segundo seu estado de ânimo, e a cor verde azulada que tinha visto momentos antes o tinha alertado. Nunca os tinha visto assim.

Não obstante, sem querer pensar mais nisso, olhou para Gareth e Ivo, que ficavam na entrada, e indicou:

— Vigiem bem os cavalos.

Estes assentiram.

No interior da taverna, ao ver chegar os bonitos Aiden e Alastair, as serventes os saudaram encantadas.

Brenda, ao ver como uma mulher de cabelo escuro se aproximava em excesso de Alastair, murmurou sem poder evitá-lo:

— Hore!

Para ouvir que a chamava «*cadela*» em norueguês, Demelza sorriu, quando a loira murmurou:

— Sinto irrefreáveis vontade de matar.

Demelza, ainda emocionada por ter encontrado Harald, sorriu e murmurou empurrando-a:

— Vamos à mesa que há junto à janela, fecha seu bico de ouro e nos sentemos.

Aiden saudava com candura às mulheres do local, mas, a diferença de outras vezes, olhava a seu redor. Alguns aldeões olhavam Demelza e Brenda com desejo. O fato de que vestissem calças, marcando assim suas curvas, provocava-os, e isso o inquietou. Devia estar atento para evitar problemas.

Quando as mulheres se sentaram, Demelza murmurou ainda tremendo:

— Hilda, está vivo!

A mulher assentiu e falou apertando a mão da jovem:

— Disse-lhe isso, minha menina... disse-lhe isso.

Emocionadas e felizes como há muito tempo não estavam, ambas sorriram. Durante um momento cochicharam sobre o assunto, até que

Demelza, vendo como Brenda observava uma mulher que revolia o cabelo de Alastair, murmurou:

— Meu conselho é que não olhe mais.

— Tento-o, mas meus malditos olhos o buscam — grunhiu ela.

A ruiva assentiu. Apesar de sua alegria por saber que Harald estava bem, seus olhos também procuravam Aiden, e ver como uma delas passava sua mão sem nenhum respeito pelo traseiro do escocês a incomodou.

O que lhe ocorria?

Por que lhe incomodava, se Aiden e ela não eram nada?

Deixando de olhar para não se zangar mais, apartou a vista e observou a postura do homem que estava sentado à mesa do lado. Tremia. Seus tremores eram evidentes, embora tentasse dissimulá-lo. Observou-o com curiosidade e viu a postura de seus ombros, que era estranha. Semioculto por seu capuz, seu gesto era áspero e, pelo modo como apertava a mandíbula, sem dúvida sentia dor.

— Odeio-o! — Resmungou Brenda olhando Alastair.

— Menina... se tranquilize — murmurou Hilda.

Mas Demelza já não podia prestar atenção a outra coisa. A forma como o homem do lado estava sentado e o modo como encurvava seu corpo lhe recordou seu irmão Haakon, depois de cair do cavalo, retornou com o braço ferido. A dor que Haakon lhe descreveu que sentia naquele momento era terrível, embora, graças a seu pai e aos conhecimentos deste, tudo acabou bem.

Nesse instante, Brenda se levantou e Hilda foi atrás dela. Demelza as olhou e viu que, seguidas por Aiden e Alastair, entravam na cozinha.

Mas aonde foram?

Incapaz de levantar-se, voltou a olhar ao homem que a seu lado sabia que sofria e perguntou:

— Senhor, encontra-se bem?

O desconhecido, de cabelo grisalho e roupas esfarrapadas, olhou-a por debaixo de seu capuz. Seus olhos eram tão escuros como a noite.

— Sim — afirmou tremendo.

Demelza não acreditou. E, agachando-se para olhá-lo nos olhos, murmurou sem pensar em sua própria segurança:

— Sei que está dolorido. Diz-me isso a tensão de seu corpo. E se você me...

Sem deixá-la terminar, o homem lhe deu as costas. Não tinha vontade de falar.

Vendo como ele tremia, a jovem insistiu sem dar-se por vencida:

— Poderia tentar solucionar o que lhe ocorre.

De novo ele negou com maus modos e, olhando-a, respondeu:

— Não mereço ajuda...

Não continuou. Não podia. Pensar que seu amigo Denzel tinha morrido na última emboscada lhe era muito doloroso, e murmurou:

— Me deixe em paz, moça.

O desespero na voz daquele homem surpreendeu Demelza, embora lhe surpreendeu seu olhar. Tinha um olhar triste, mas limpo e são. E, incapaz de calar, murmurou:

— Não sei por que diz isso, certamente terá suas razões. Mas seu olhar me faz saber que o ocorrido não foi algo que você provocou — e, pensando em seus próprios fantasmas, acrescentou: — Em ocasiões acontecem coisas impossíveis de evitar. Coisas que nos fazem mal e que inclusive podem acabar com nossa vida. Entretanto, aí estamos nós para demonstrar que, apesar dos apesares, e aconteça o que acontecer, seguiremos lutando e defendendo o que nos dite nosso coração.

Ao ouvi-la, o homem se voltou. Suas palavras cheias de positividade eram justo o que necessitava nesse momento. E, olhando a jovem de estranho sotaque que queria ajudá-lo apesar de seu sujo aspecto, perguntou:

— Por que quer me ajudar?

Ao ouvi-lo, Demelza esboçou um sorriso.

— Porque o necessita e, se eu puder fazê-lo, diga-me onde está o problema?

O escocês sorriu ao ouvir sua resposta. Tinha uma filha da idade daquela moça, a quem tinha ensinado esses mesmos valores. Mas, baixando a voz, murmurou:

— Mal tenho moedas para...

— Esqueça as moedas — o cortou ela e, levantando-se, ficou atrás dele e perguntou. — Posso lhe tocar?

O ancião assentiu e Demelza, sem duvidar, tocou seu ombro e seu braço. O desconhecido ofegou dolorido e ela, consciente de que lhe acontecia o mesmo que tinha ocorrido a seu irmão, indicou:

— Sei como solucioná-lo. Como se chama?

— Malcolm.

— Malcolm, sou Demelza e o que vou fazer vai doer, entendido?

Ele assentiu. Tudo o que fosse para deixar de sentir aquela agonia, quando a moça, olhando-o, disse pondo uma mão em seu ombro e agarrando sua mão:

— Contarei até três e depois darei um bom puxão.

Raivoso de dor e agradecido a partes iguais, o homem assentiu, quando a jovem disse:

— Um... dois...

Mas antes de chegar a três, puxou com todas as suas forças o braço e o homem, contendo um grito agônico, retorceu-se em seu assento, enquanto ela retornava ao dela.

Ninguém os olhou.

Ninguém tinha se precavido do ocorrido, e quando Hilda e Adnerb, depois de instantes, retornaram da cozinha sob o atento olhar de Aiden e Alastair, o homem murmurou olhando Demelza:

— Disse que contaria até três...

A ruiva sorriu e, lhe piscando um olho, cochichou recordando a seu pai:

— Sei. Mas a questão era lhe pegar despreparado.

O homem sorriu e afirmou movendo o braço com normalidade:

— Conseguiu-o, moça. Conseguiu-o. Muito obrigado por seu bom trabalho.

Contente por aquilo, Demelza declarou agradada:

— Como haveria dito meu pai, senhor, a ajuda e a humanidade se oferecem de coração.

O desconhecido assentiu ao ouvi-la e não disse mais.

Passados uns minutos, a comida demorava e Hilda, ao ver uma servente passar ao seu lado, disse ficando em pé:

— Deixe esse prato aqui.

A jovem, sem duvidar, caminhou para elas e, quando se dispunha a deixá-lo frente a Demelza, o homem que tinha sentado à mesa do lado perguntou:

— Desculpa, moça, poderia me trazer um prato como esse?

A garota o olhou e, ao ver seu aspecto sujo e esfarrapado, murmurou:

— Duvido que possa pagá-lo.

O comentário incomodou Demelza, que, antes de que o homem dissesse algo, olhou à servente e lhe soltou:

— Não duvide tanto e dê esse prato de guisado a esse homem, que lhe pediu com respeito e educação. E, em caso de que ele não possa pagá-lo, tenha por seguro que lhe pagarei. Então lhe sirva, vamos!

Dito isto, a servente deixou o prato na mesa do homem de maus modos.

— De novo, obrigado, Demelza — disse ele sorrindo.

— Desfrute do guisado, senhor — respondeu ela satisfeita. — Cheira de maravilha.

Ao ver aquilo, Hilda sussurrou dirigindo-se a ela:

— Não fale, filha. Se lembre de seu sotaque.

A jovem assentiu. Hilda tinha razão, e a mulher, consciente da fome dela, indicou levantando-se:

— Vou pedir mais guisado com batatas e pão para as três.

— No final o mato! — Grunhiu Brenda, que não deixava de vigiar Alastair.

Uma vez a sós, Demelza se sumiu em seus próprios pensamentos. Que Harald estivesse perto dela era algo bom. Extraordinário! Mas que lhe tivesse pedido que permanecesse com os escoceses a zangou, porque queria dizer que não podia escapar.

De novo, seus olhos se dirigiram para Aiden. Era um homem galhardo, alto, moreno e com incríveis olhos que, quando sorria, conseguia lhe iluminar o rosto. Com curiosidade, olhou às mulheres que estavam junto a ele. Todas estavam limpas, asseadas e em traje feminino e sensual;

Nada a ver com ela, que se vestia como um homem, para não falar de seu cabelo.

Irritada por pensar naquilo, ao olhar para a janela fechada, viu seu reflexo no cristal e retirou o cabelo do rosto com certa coqueteria. Sua aparência não era muito agradável, e estava pensando nisso quando Brenda murmurou:

— Se não o visse, não acreditaria. Você, sendo feminina. Morro de amor...!

— Odeio que morra de amor — grunhiu ela ofuscada.

Brenda sorriu e, olhando-a, indicou:

— Umedeça os lábios assim.

Sem saber por que, Demelza fez o que lhe dizia, quando a loira explicou:

— Lábios úmidos são muito tentadores e atraem os olhares. Tenho que te ensinar a ser presunçosa e vaidosa.

— Brenda! Eu não quero ser vaidosa — protestou a jovem.

— Sim, Demelza, sim. — Riu a loira. — Tem que ser presumida, acreditar em si e, como você diz, vaidosa. Comporta-te como um guerreiro e é uma mulher.

Irritada, ela fez um ruído com a garganta e Brenda acrescentou:

— Oh, não! Esse ruído que fez não é nada feminino. Tenha isso em conta.

— E quem te disse que quero ser feminina?

Com um sorriso, a moça loira afastou-lhe com carinho o cabelo do rosto, enquanto murmurava ignorando seu gesto de aborrecimento:

— Tem olhos maravilhosos que merecem ser admirados, por isso deveria retirar o cabelo do rosto. E, quanto a suas facções, são delicadas ao mesmo tempo que doces, embora se empenhe em mostrar continuamente sua ferocidade.

Demelza piscou, quando Brenda indicou com carinho:

— No dia que penteemos esse cabelo, adornemo-lo com fitas de cores e ponha um bonito vestido, estou convencida de que romperá muitos corações.

Aquilo, sua irmã Ingrid houvera dito em outra época, fê-la sorrir, e se dispunha a falar quando a outra cochichou:

— Embora intua o coração que desejas romper...

Demelza levantou as sobrancelhas e ela acrescentou:

— Tenho olhos, e, embora pareça tola e inútil em certas lides, sou consciente de que você gosta de Aiden McAllister tanto como me agrada o burro do Alastair. Ou me equívoco?

Demelza não respondeu, e Brenda, ao ouvir as gargalhadas das mulheres que rodeavam os dois highlanders, murmurou com aborrecimento:

— Se eu estivesse asseada, penteada, com um lindo vestido e em uma festa, asseguro-te, que quem iria rir seria eu quem ia se zangar seria esse burro. Mas, por desgrça, não é assim, e me sinto como você, opaca e suja.

Irritada que outra pessoa pudesse ler isso nela, Demelza cochichou:

— Não diga tolices.

— Ah, não... não... não, querida... Não diga tolices você. Falo de realidades.

Ver o gesto de Brenda cada vez que Alastair sorria a uma daquelas mulheres fez com que se precavesse de que ela sentia a mesma raiva ao ver Aiden sorrir. Mas, consciente de que aquilo era impossível por muitos aspectos, cochichou:

— Ele nunca olharia em mim.

— Porquê? — Perguntou Brenda.

Demelza sorriu e, comparando-se com as bonitas mulheres que ali havia, indicou:

— À vista está, não?

— É bonita, embora esconda sua beleza — falou sua amiga meneando a cabeça. — E, além disso, tem algo que elas não têm e que sinto que esse homem valoriza muito, e isso se chama coragem.

Demelza gostou que lhe dissesse aquilo.

— E, se por acaso não te deu conta — acrescentou a loira, — ele lhe olha com interesse quando acredita que você não percebe e...

— Sério? — Pergunto rapidamente.

— É obvio — afirmou Brenda. — Possivelmente eu não entenda de luta nem de espadas, mas sim entendo de olhares e de cortejo. Mãe tem me ensinando essa arte toda a vida, e te digo que esse homem lhe olha de uma maneira que não usa com nenhuma dessas ali.

Embora não sabia por que, Demelza gostou de sabê-lo, quando de repente alguém disse:

— Desculpem, senhoritas.

Ao ouvir, ambas olharam para um homem que estava de pé frente a elas. E Brenda, ao entender que Demelza não falava para evitar mostrar seu estranho sotaque, apressou-se a perguntar:

— O que deseja, cavalheiro?

O desconhecido sorriu e, apoiando as mãos na mesa, jogou seu corpo para adiante e, aproximando seu rosto ao de Demelza, perguntou:

— De onde é, formosura?

Ela o olhou, mas não respondeu. Quando o sujeito, alongando sua mão, acariciou o escandaloso cabelo loiro de Brenda, esta, lhe dando um tapa, falou:

— Hei... sem tocar.

O indivíduo lambeu os lábios, e, cravando seus olhos na ruiva, perguntou:

— Esse corte de cabelo, a que se deve?

Conforme disse isso, o olhar de Demelza se obscureceu, e o homem, com um asqueroso sorriso, afirmou aproximando-se mais dela:

— É verdade... A cor de seus olhos muda...

Conforme disse isso, Demelza amaldiçoou, e Brenda, entendendo que tinham problemas, grunhiu:

— Rogo-lhe, cavalheiro, que se afaste de nós já!

Mas ele não se moveu.

Quando tinha visto Demelza aparecer na taverna não podia acreditar.

Eram muitos quem a buscava, mas ele a tinha encontrado, por isso, lhe mostrando com certa dissimulação a adaga que tinha na mão, cochichou:

— Laug Iversent...

— Oh, meu Deus! — Murmurou Brenda ao ouvi-lo e intuiu de que não ia acabar bem.

— Olá, viking — murmurou o sujeito olhando-a.

Tratando de conservar a calma, Demelza observou que o homem grisalho e esfarrapado do lado o tinha ouvido. Mas, sem tirar olho do sujeito que estava de frente a ela, falou:

— Se não quiser morrer, saia agora mesmo daqui e se afaste de mim.

Ele estirou o pescoço, quando Brenda, pousando sobre a mesa a adaga que tirou da bota, declarou:

— Deve saber que estou zangada, e muito. E, quando isso acontece, nada bom pode ocorrer.

Surpresa por seu arranque, Demelza a olhou. E, ao ver seu gesto de aborrecimento, ignorando o sujeito, que não lhe dava nenhum medo, perguntou:

— Está muito zangada?

— Muito — soprou Brenda.

— Tanto quanto lhe chamam de feia?

— Mais! — Grunhiu ao ver Alastair sorrir na outra mesa.

O fato de que as duas o ignorassem e não se encolhessem de medo diante do que ia ocorrer, desconcertou o homem. E, de repente, Demelza, esquecendo-se de onde estavam e com quem, agarrou a cabeça do sujeito e a golpeou contra a mesa com toda sua raiva para depois lhe gritar na orelha:

— Sou Demelza Ovesen... e fez a minha irmã se zangar.

O golpe atraiu os olhares de todos, e Hilda deixou cair a bandeja das mãos.

— Mas o que...? — Murmurou Aiden ao levantar o olhar. Não pôde terminar a frase.

— Cuidado, moça! — Advertiu o homem grisalho que havia na mesa do lado ao ver as intenções do sujeito.

Aiden, junto de Alastair, apressou-se a chegar até a mesa, mas lhe era impossível. As pessoas cortavam seus passos e não podiam avançar.

Encolerizou-se!

Com determinação, Demelza lutou com ele, que sangrava pelo nariz, quando o ouviu murmurar em norueguês:

— Viva ou morta, virá comigo.

— Duvido-o — respondeu ela.

Brenda, nervosa, tentando ajudar sua amiga, agarrou a adaga que tinha deixado sobre a mesa e, lançando-se sobre o homem, a cravou na sua mão, enquanto em sussurros dizia:

— Døgenikt... åtseleter... dum... skrytepave⁴.

Boquiaberta ao ouvi-la insultar em norueguês, Demelza a olhou, enquanto o sujeito, dolorido, chiava e Brenda gritava com gesto feroz:

— Adverti-te que estava muito zangada.

O homem, ao ver a adaga atravessando sua mão, a tirou com força e, pondo-a contra o pescoço de Demelza, grunhiu em gaélico:

— Malditas... malditas sejam ambas. E você... Laug...

Sem pensar, Demelza, ao saber o nome que ia pronunciar, agarrou a cabeça dele, girou-a com brutalidade e o sujeito caiu ao chão sem vida um momento depois.

As pessoas ao seu redor não davam crédito.

Demelza e Brenda se olharam e esta última, tremendo como uma folha, perguntou:

— O... mataste?

— Sim — afirmou a ruiva acalorada. — Parti o seu pescoço.

Sua amiga assentiu. Mas, consciente da realidade de Demelza mais que nunca, indicou:

— Era ele ou você. Decidiu bem.

Nesse momento, Aiden e Alastair chegaram por fim até elas e o primeiro perguntou preocupado olhando à ruiva:

— Está bem? — Ela afirmou com a cabeça, e ele insistiu: — Mas o que aconteceu?

Demelza, ao ver que todos a olhavam, não abriu a boca, e Brenda, consciente de que não o fazia, indicou:

⁴ Tolo... inútil...estúpido...fanfarrão.

— Não... não sabemos. Estávamos sentadas esperando a comida e... e esse homem se lançou sobre nós e... e... bom...

— Está ferida? — Preocupou-se Alastair ao ver sangue em sua mão.

A moça loira, ao sentir como ele agarrava sua mão para ver a gravidade do ocorrido, pestanejou. Era a primeira vez que se preocupava com ela em vários dias. E, em um tom quente, murmurou umedecendo-os lábios:

— Possivelmente... não sei... pode...

As pessoas ao seu redor murmuravam. Aquela ruiva tinha partido o pescoço do sujeito do chão de uma maneira feroz.

Então, o homem esfarrapado de cabelo grisalho que estava sentado na mesa do lado interveio, falando oculto sob seu capuz:

— Eu vi tudo. Esse descarado era um viking. Ouvi-o falar em norueguês. — Todos se revoltaram. Um bárbaro entre eles? — Atacou às moças com a adaga e elas tiveram que atuar em defesa própria.

Ouvir isso fez com que todos elogiassem a destreza das jovens, e mais contra um viking. E Demelza, sem saber se fazia bem ou mal, o agradeceu. Se alguém tinha ouvido em sua totalidade o que tinham falado tinha sido ele. Momentos depois, o taberneiro ordenou tirar o corpo do viking de seu estabelecimento.

Aiden, que ainda não entendia o ocorrido, aproximando-se mais de Demelza, que tinha sangue no pescoço pelo ligeiro corte da adaga, murmurou:

— Preocupa-me. Mas por que você atrai tantos problemas?

A jovem, surpresa por sua inquietação, ia dizer algo quando Hilda, que curava a ferida do seu pescoço, afirmou alterada:

— Pelo amor de Deus, senhor... As pessoas são loucas... loucas!

— Especialmente os vikings! — Assegurou Aiden com fúria.

Ouvir isso fez a jovem soprar. Odiava que pensasse assim de seu povo e, sem poder calar-se, replicou:

— Loucos há em todas as partes, não acha?

Aiden, que observava o sangue em seu pescoço, meneou a cabeça, mas não respondeu. Estava zangado consigo mesmo por sua desorientação. Deveria ter estado mais atento.

Quando Hilda terminou sua cura e partiu novamente por um pouco de comida, ao ver que Brenda seguia falando com Alastair, Demelza murmurou:

— Medo me dá a noite que me espera... Sem dúvida, morrerá de amor!

Ao ver aqueles dois, Aiden assentiu.

— E ele morrerá de frustração.

Depois, sentando-se junto à ruiva, voltou a centrar toda sua atenção nela.

— Por que sinto que sua vida sempre foi assim?

— Assim? Como?

O highlander, sem querer separar-se de seu lado, sorriu. Ela o entendia perfeitamente, por isso murmurou com voz cálida:

— Ruiva Selvagem... sabe muito bem do que falo.

Ouvir essas palavras que tanto significavam para ela, junto ao bonito e inquietante sorriso dele, fez que todo seu corpo vibrasse e, depois de umedecer os lábios, Demelza afirmou sorrindo:

— Eu gosto que me chame assim.

Aiden se surpreendeu ao ouvir essa confiança, acompanhada desse gesto tão feminino e esse sorriso sincero, e perguntou:

— Você gosta que te chame «Ruiva Selvagem»? — Ela assentiu, e ele, agrado, acrescentou: — Posso te perguntar porquê?

Suspirando, a jovem o olhou nos olhos e respondeu com sinceridade:

— Porque assim me chamava minha família.

O highlander assentiu.

Aquela confiança, que não esperava, sentia que lhe tinha saído do coração. Ela nunca falava de seu passado, e menos ainda de sua família, e, consciente disso, perguntou:

— Nunca ouvi a Hilda, sua mãe, te chamar assim.

Demelza soltou uma gargalhada. Esse homem era muito sagaz.

— Aiden... Aiden... — murmurou.

Agora a gargalhada foi dele.

Ambos eram sagazes e experientes. E, necessitado que aquele momento de trégua entre eles continuasse, confessou:

— Eu gosto muito de como pronuncia meu nome.

— Sêrio?

— Sim.

— Porquê?

Agradado com aquela conversa que mantinham, incapaz de lhe mentir, declarou:

— Porque o diz de uma maneira diferente. Ninguém o pronuncia como você.

— Aiden! — Repetiu ela, e ele assentiu.

Com uma cumplicidade estranha, ambos se olharam. Atraíam-se. E ele, fazendo caso omisso das pessoas que os rodeava, assegurou: — Sinto não ter estado atento a esse sujeito.

— Não aconteceu nada.

— Sim. Sim aconteceu. Está sob minha proteção e eu...

— Não estou sob sua proteção — o cortou ela. — Viajo contigo, mas sei me defender sozinha.

Ouvir isso fez o highlander sorrir, que, assentindo, declarou:

— Não me cabe a menor dúvida de que sabe se defender sozinha, mas, insisto, deveria ter estado mais atento a quem estava a seu redor.

Divertida, ela cochichou então com certa vantagem:

— Estava ocupado — e, ao ver sua expressão de surpresa, acrescentou: — Te via muito a gosto rodeado dessas mulheres.

Que tivesse observado isso em certo modo gostou. Isso significava que o observava como ele a ela. E, aproximando-se um pouco mais, murmurou:

— Possivelmente se você não fugisse...

Demelza, ao entendê-lo, abriu a boca e, com mofa, sussurrou imitando a Brenda:

— Oh, Deus, senhor... que barbaridade está tentando dizer?!

Aiden soltou uma gargalhada. Aquela mulher era deliciosa. E, quando ia falar, ela acrescentou.

— Recordo-te... Aiden... que disse que eu não era a quem desejava.

O highlander assentiu. Desejava-a. Desejava-a muito e, contendo a vontade que sentia de aproximar sua boca à dela e beijá-la como aquele dia na taverna, afirmou em um tom íntimo e quente:

— Retiro o disse.

Demelza piscou. Não esperava ouvir isso. Não imaginava que seria capaz de ser tão sincero. E, ao ver como ele sorria com o olhar, meneou a cabeça e murmurou:

— E depois diz que os vikings são loucos...

Aiden voltou a rir a gargalhadas. Essa mulher o fazia rir.

— Eu gostaria de saber mais de você — comentou a seguir.

— De mim?

— Sim. Te conhecer.

Consciente do perigoso jogo que estava jogando, ela se apressou a adotar outra expressão e outra atitude. E, passando a mão pelo cabelo, respondeu:

— Não há nada que deva saber.

Ao ver a mudança que se originou nela ao dizer que queria conhecê-la, Aiden insistiu:

— Por que diz isso?

— Porque tenho certeza de que nada você gostaria.

— Isso nunca saberá se não me conta — replicou o highlander, que se sentia atraído como um ímã por ela.

Demelza sorriu. Estava claro que entre eles havia algo especial, mas, consciente de que aquilo nunca poderia ser, murmurou acabando com a magia do momento:

— Não esqueça que, uma vez chegemos a Inverness, nossos caminhos se separarão para não voltar a encontrar-se nunca mais.

Suas palavras e sua segurança lhe esmagaram e o desconcertaram.

— Tão segura está disso?

Com certo pesar, a jovem assentiu. Separava-os muitas coisas.

— Totalmente segura.

Aiden desejava conhecê-la, desejava beijá-la, e algo no modo em que ela o olhava-lhe fazia saber que o sentimento era mútuo. Mas, quando foi perguntar, Hilda apareceu e, deixando um prato de guisado sobre a mesa, indicou:

— Aqui tem, carinho... come.

Sua intromissão fez que ambos retornassem à realidade. O bonito momento tinha passado, e Aiden, levantando-se confundido, apontou:

— Sua mãe tem razão. Come.

Dito isto, deu meia volta e se encaminhou para o balcão, onde, depois de pedir-se algo para beber, perguntou-se o que era que lhe ocorria quando estava perto daquela Ruiva Selvagem.

Instantes depois, Demelza se uniu Brenda, e Hilda, pondo diante dela outro prato de comida, animou-a:

— Vamos, come você também.

Enquanto devoravam o guisado, as jovens se olhavam nos olhos e pareciam entenderem-se, conscientes ambas de que a luta poderia ter acabado muito mal.

— O que ocorreu — cochichou Demelza sorrindo — não foi muito feminino... Mas, sim, efetivo.

Ambas riram, e logo a ruiva afirmou:

— É valente, Brenda, mais do que acredita.

Encantada de ouvir isso, a jovem murmurou:

— Disse-o a sério?

Demelza assentiu. E, recordando como ela o tinha chamado, Tolo, inútil, estúpido e fanfarrão em norueguês, afirmou:

— Tão a sério quanto sabe insultar muito bem em... já sabe.

— Minha avó me ensinou, para horror de minha mãe.

De novo sorriram e prosseguiram comendo. Não havia mais o que dizer.

Pouco depois, quando na taverna se esclareceu o acontecido e às moças de desculpou de tudo, e Demelza ao ver que o homem esfarrapado das barbas brancas se levantava para partir, foi até ele e disse:

— Obrigada, Malcolm.

O ancião a olhou e, com um sorriso, murmurou ao ver que Aiden os observava:

— Obrigada a você, por sua bondade e sua gratidão. Nem todos compartilham um prato de um bom guisado e nem se preocupam com a dor de um velho esfarrapado. — Ambos riram por aquilo, quando ele, baixando a voz, acrescentou: — Moça, tome cuidado. Estando onde está e sendo quem é pode ser muito perigoso para você, a não ser que alguém corajoso a proteja.

— Sei me proteger — assegurou ela.

O ancião assentiu, não lhe cabia a menor dúvida, mas insistiu assinalando Aiden:

— Mesmo assim, o amparo de um homem nunca vem mau, Demelza.

Dito isto, e depois de esboçar um encantador sorriso, o ancião partiu.

A jovem agradeceu a advertência que aquele homem lhe tinha feito mesmo sabendo que era viking.

Por que sua vida tinha que ser tão complicada?

Aiden, que a tinha observado falar com o desconhecido, apressou-se a aproximar-se dela.

— Conhece-o? — Perguntou-lhe.

Demelza negou com a cabeça. Depois deu de ombros e, finalmente, suspirando, murmurou:

— Não. Mas sem dúvida seria um bom amigo.

Essa noite, quando retornaram de novo ao acampamento, Alastair e Brenda voltaram a discutir. Depois do ocorrido, parecia ter chegado a paz entre eles, mas uma vez tudo se solucionou, Alastair voltou a levantar uma barreira de indiferença entre ambos o que logicamente incomodou à loira.

Capítulo 25

Transcorreram dois dias, durante os quais Aiden foi testemunha de como, de novo, Demelza fugia dele. A jovem parecia ter esquecido sua aproximação aquela noite na taverna, e isso o desconcertava.

Já mais perto de Inverness, passaram por uma fazenda para recolher as trinta ovelhas que Alastair tinha comprado.

Demelza, que estava junto à Hilda sobre seu cavalo olhando com atenção as ovelhas, murmurou:

— Hilda, vê o mesmo que eu?

A mulher, que, como ela, observava o rebanho, afirmou:

— Sim, filha. Vejo-o.

Brenda, que lutava contra o vento, que balançava seus cabelos, olhou a seu redor ao ouvi-las e perguntou:

— O quê? Que eu não vejo?

Hilda e Demelza sorriram, e a segunda murmurou brincando:

— Além de seu inquietante cabelo?

Brenda amaldiçoou. Seu cabelo, que adorava e que lhe chegava abaixo do traseiro, era-lhe mais problemático a cada dia que passava.

— Nem me recorde isso... — grunhiu.

De novo, Hilda e Demelza riram.

— Falávamos das ovelhas — explicou a mulher.

— E?

— Não vê nada estranho? — Perguntou Demelza.

Brenda observou aos animais com atenção. Para ela eram todas iguais. Nada os diferenciava, à exceção da sujeira de sua lã, e falou:

— Não... O que tenho que ver?

A ruiva, aproximando-se então sua montaria para o cavalo da jovem, disse assinalando:

— Nesse grupo há pelo menos três ovelhas que eu não gosto nada. Hilda olhou para os animais que Demelza lhe indicava.

Ambas eram conhecedoras do assunto, pois tinham vivido em uma fazenda de ovelhas e cabras.

— Têm os úberes muito escuras e estão o dobro de seu tamanho — explicou Demelza. — Mau sinal.

Brenda, que a seu lado olhava os animais sem ver nada que chamasse sua atenção, ao ver como Aiden e Alastair falavam com o dono daquelas, murmurou:

— E por que eles não se dão conta do que dizem?

Demelza sorriu e, sem duvidar, afirmou:

— Porque acredito que eles entendem de cavalos e não de ovelhas. E estão tão cegos que as vão comprar sem se incomodarem de examinar primeiro. Um grande erro.

— Um terrível erro — conveio Hilda.

Durante um momento, Brenda, com a ajuda de Hilda, comprovou por si mesmo o mal estado dos úberes daquelas ovelhas.

— Terei que dizer a Alastair — cochichou a seguir.

— Eu não direi — respondeu Demelza.

— Porquê?

A jovem, sentindo-se magoada e vigiada durante todo o caminho, murmurou:

— Primeiro, porque odeia os vikings, e...

— Odeia-os por algo que eu os odiaria também — replicou a loira.

Demelza assentiu. Sem dúvida, sua amiga tinha razão, mas, sem querer rebater-lhe prosseguiu:

— E, segundo, porque não me perguntou.

Convencida do que era justo e do que não era, Brenda balbuciou olhando Alastair, que sorria:

— Ai, pobre... Odeio-o de como se comporta comigo, mas sinto pena pelo que lhe possa acontecer.

Demelza e Hilda sorriram ao ouvi-la. A pobre moça estava enamorada e perdida, e então a primeira a animou:

— Por que não o diz você?

— Eu?

— Sim, você.

— Mas... mas se eu não entendo de cabras.

— São ovelhas — a corrigiu Hilda sorrindo.

Brenda fez uma careta. Aquela aventura estava fazendo-a ver quão limitada era para tudo.

— Além disso — murmurou em norueguês, — acaso acreditam que esse tolo teimoso fará caso de algo que eu diga?

— Brenda, pelo amor de Deus! O que faz? — Repreendeu-a Hilda. Demelza assentiu divertida.

Desde que a jovem tinha confessado que sabia norueguês, quando falavam e Hilda não estava presente, faziam-no nesse idioma, e a ruiva murmurou lhe seguindo o jogo:

— Recorda, Adnerb. Embora não nos entendem, é melhor que não nos ouçam.

— Por Odin! É que querem me matar de desgosto?! — Protestou Hilda.

As duas jovens sorriram e voltaram a falar em gaélico.

— Se esse tolo teimoso não acreditar — cochichou Demelza, — antes de uma semana se arrependerá de não haver-lhe acreditado e terá que te pedir perdão.

— Dentro de uma semana já não estaremos juntos...

Hilda assentiu. Conforme tinha ouvido, ao cabo de cinco dias chegariam a Inverness, e insistiu:

— Pois, se não estarem juntos, pensa que dentro de uma semana se lembrará de você e se sentirá fatal por não havê-la escutado.

Brenda achou terrível ouvir isso, mas, ao entender o que ela dizia, preocupada, interessou-se:

— Tão grave é?

Demelza e Hilda assentiram, quando a segunda insistiu:

— Diga-lhe. Não acredito que seja tão caipira, de pelo menos, não observar o que vais lhe indicar.

Rapidamente, Brenda começou a mexer no cabelo. Devia estar apresentável para quando a olhasse. E Demelza, ao ver que o tempo passava e ela continuava arrumando o cabelo, grunhiu:

— O que esperas?

A jovem, ao ouvi-la, soube que estava se alongando o tempo, quando, sem se mover do cavalo, gritou:

— Alastair!

O highlander a ouviu, mas não a olhou e continuou negociando.

— Alastair! — Voltou a gritar.

Aiden olhou para seu amigo e, ao ver seu gesto carrancudo, apontou:

— Acredito que lhe chamam.

O outro negou com a cabeça, quando ouviu de novo:

— Alastair! Sei que me está ouvindo.

Aiden e ele se olharam, e o primeiro murmurou com mofa:

— Atende-a. Possivelmente seja importante.

Alastair olhou para seu amigo e, soprando, voltou-se para a jovem de cabelos loiros como o sol. Continuando, olhando-a sem ofegar por sua beleza, gritou-lhe com gesto feroz:

— Lady Te Cale, é tão irritante como um odioso viking. Te Cale, pois! Não me interessa nada de você.

Ato seguido, Aiden e ele soltaram uma gargalhada.

A palavra viking sempre era depreciativa em boca deles, algo que incomodava cada vez mais Demelza. Assim, Hilda, olhando-a, murmurou ao ver seu gesto feroz:

— Recorda onde estamos.

A jovem assentiu, e Brenda, furiosa pelo que Alastair acabava de lhe soltar, manifestou:

— Sua insolência algum dia será castigada.

— Tremo só de pensar! — Zombou ele.

Em busca de fôlego, a jovem olhou para Demelza. Ela estava séria, mas com um gesto a animou a dizer o que pretendia em um princípio.

— Sei que possivelmente acha que não entendo — começou Brenda, — ou que não sei, ou o que vou dizer seja algo que...

— Vá direto ao grão! O que quer? — Cortou-a Alastair.

A loira, a cada segundo mais cansada da antipatia que ele lhe demonstrava, ao ver seu gesto incômodo, moveu a cabeça e pensou em guardar silêncio. Mas não podia, tratava-se do futuro daquele teimoso, e finalmente disse:

— Deveria antes olhar bem aquilo que vais adquirir.

Ao ouvi-la, Aiden e o vendedor também a olharam e, com gesto de mofa, Alastair murmurou recordando sua mentira:

— Ahhhh... é verdade, a perita fazendeira! — E, ao ver como ela tomava ar, perguntou: — Acaso estas ovelhas não são o suficientemente boas para seu gosto?

Ver-se tratada como uma tola e entender suas palavras a fizeram olhar para Demelza, e, cravando seus olhos nela, sussurrou baixando a voz:

— Sinto irrefreáveis vontade de matá-lo.

Isso fez sorrir às mulheres. Brenda era deliciosamente graciosa.

Então, Demelza, consciente de que deviam advertir do que acontecia, murmurou:

— Esquece o aborrecimento e diga-lhe. Se não o fizer, te arrependerá pelo resto de sua vida.

Brenda assentiu e, engolindo a impotência que sentia, ao ver-se tratada como uma inútil, olhou de novo Alastair, que não lhe tirava olho, e indicou:

— Embora não mereça isso, deve saber que há várias ovelhas que não estão em boas condições.

Surpreso, ele levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Palavra de fazendeira experiente?

A jovem se moveu inquieta em sua sela. Soltar um impropério seria muito fácil, mas, procurando a frieza que estava aprendendo de Demelza, levantou o queixo e declarou:

— Advertido fica.

O vendedor, ao ouvir, protestou. Suas ovelhas estava bem. Mas Aiden, ao ver como Demelza e Hilda cochichavam olhando as ovelhas, indicou recordando que elas provinham de uma fazenda:

— Façamos. Não nos levará muito tempo.

Alastair amaldiçoou. O que sabia ela de ovelhas?

— Demelza — chamou, então, Aiden.

A jovem, ao ouvir seu nome, olhou-o, e ele perguntou:

— Entende um pouco de ovelhas?

Com gesto inocente, ela negou com a cabeça. O último que pensava fazer era ajudar a alguém que odiava os vikings, e respondeu:

— Não, senhor. Só de patos.

Por seu gesto inocente e o modo como Hilda tinha desviado o olhar compreendeu que sabiam mais do que estavam dispostas a reconhecer e, olhando a seu deslocado amigo, indicou:

— Examinemos essas ovelhas.

Depois da revisão, obrigaram ao vendedor a lhes trocar cinco delas por outras com melhor aspecto. Pouco depois, quando o grupo partia já com a nova mercadoria, Alastair passou com seu cavalo perto de Brenda e, ao ver que ela o olhava à espera de algo, disse com azedume:

— Obrigado.

A jovem gostou de ouvir isso, mas, quando se dispunha a lhe responder, ele cravou os talões nos lados de seu animal e se afastou a toda pressa.

— Maldito teimoso — soprou ela.

Hilda e Demelza se olharam e sorriram. Sem dúvida, aqueles dois eram iguais.

Capítulo 26

Os três dias seguintes, a chuva complicou tudo. Levar o rebanho de ovelhas junto com os cavalos frequentemente era tarefa complicada, mas fizeram o que puderam.

Por sua parte, Demelza observava Moisés com dissimulação. Não conseguia entender esse homem.

Muitas eram as noites nas quais, quando despertava por causa de seus pesadelos e saía da tenda, o guerreiro sempre estava perto, espreitando.

Por sua parte, Moisés tinha se acostumado que ela se deitasse a seu lado algumas noites para contemplar as estrelas. Ao princípio falavam pouco, mas, dia a dia, a confiança entre eles tinha ido fazendo-se mais extensa, embora sempre sentiam que, chegados a um ponto, ambos se freavam.

O que acontecia?

Desde a noite que tinha entregue as ervas para sua dor de dente, muitos outros tinham ido a ela ou a Hilda em busca de sanar ou, ou pelo menos, aliviar seus males.

Hilda os ajudava encantada. Aqueles homens eram boas pessoas e, como tal, teria que tratá-los, e o fazia com carinho e devoção.

Em silêncio, Demelza vigiava à sua maneira. Sabia que Harald andava por perto, embora não se deixasse ver nem ouvir, e disso ela gostava.

Uma noite, enquanto Moisés e ela contemplavam as estrelas, de repente um som que a ruiva reconheceu a fez sentar-se. Ao vê-la, Moisés a olhou e perguntou ao notá-la alarmada:

— O que ocorre?

Ela lhe ordenou calar. E, consciente de ter ouvido de novo o som de alerta de Harald, levantou-se e, agarrando sua espada, apontou:

— Alguém se aproxima.

Moisés, sem entendê-la, ia levantar-se também quando ouviu Gareth gritar:

— Meu senhor, atacam-nos!

De repente, o silêncio da noite se viu quebrado por ferozes gritos.

Homens sujos e esfarrapados, providos de paus e espadas, irrompiam no acampamento, quando Aiden, saindo de sua tenda, gritou ao ver aquilo:

— Agarrem as espadas!

O que em um princípio era uma noite tranquila se converteu de repente em uma autêntica batalha campal.

Todos lutavam, todos brigavam, e Demelza, sem duvidar, somou-se aos outros.

Ao ouvirem o estrondo, Brenda e Hilda colocaram suas cabeças pela abertura da tenda e se olharam espavoridas ao ver o que ocorria.

— Acredito... acredito que será melhor que fiquemos aqui — murmurou a mulher.

Brenda piscou assustada.

Seu primeiro instinto foi meter-se clandestinamente, mas, vendo Demelza lutar com a espada em mão, algo aflorou em seu interior e, agarrando a sua, declarou:

— Hilda... necessitam de minha ajuda.

— Mas, menina...

Quando a jovem saiu da tenda, olhou a seu redor.

Em sua atual vida se via em outra igual, e, retirando seu escandaloso cabelo do rosto, murmurou apertando com força a espada:

— Sou valente... sou corajosa...

Um desconhecido rapidamente ficou diante dela e, olhando-a, murmurou:

— Que succulento manjar temos aqui...

Nervosa e aterrada, Brenda, a quem as mãos tremiam, perguntou:

— O que... o que querem?

O homem, encantado de haver se encontrado com ela, murmurou sem deixar de mover-se:

— As ovelhas, os cavalos e, é obvio, você entre minhas pernas.

Ouvir isso e sentir o sujo olhar dele fez com que se arrepiasse todo os pelos do corpo de Brenda e, sem duvidar, lançou-se ao ataque. Com força, defendia-se daquele homem quando Demelza, ao vê-la, correu para ela e, tirando ao sujeito de cima dela que a envenenava, perguntou-lhe:

— Mas o que faz?

— Você o que acredita?! — Respondeu a loira.

E, quando a ruiva cravou sem piedade sua espada no estômago do homem, Brenda murmurou:

— Esse homem me disse que vinham pelos cavalos, as ovelhas e... Oh, Deus, não quero repeti-lo!

Demelza assentiu. Saber que não vinham por ela em certo modo a tranquilizou. Aiden e seus homens não podiam inteirar-se de que a buscavam.

— Retorna com a Hilda à tenda — indicou. — Te vão matar!

Mas o sangue de Brenda já tinha se revolucionado e, segura do que fazia, afirmou:

— Não, se antes os mato.

Ao ouvi-la, Demelza sorriu. Dia após dia, a evolução em certos aspectos da Brenda era mais que evidente, e, sorrindo, afirmou:

— Não pode negar... o sangue que corre por suas veias.

Brenda assentiu, e, instintivamente, ambas se voltaram e prosseguiram lutando para defender os cavalos e as ovelhas de Aiden e de Alastair.

Ao ver as duas mulheres batalhar com aquele arrojo, Aiden as olhou sem dar crédito, embora sua atenção se concentrou em Demelza.

A ferocidade e a contundência que ela demonstrava em cada movimento eram inigualáveis. Para ser uma mulher, era muito mão direita com a espada. E, quando abateu ao homem que tinha frente a si e, dando-se meia volta, foi por outro, o highlander piscou boquiaberto.

Mas de onde tinha saído aquela fera?

Alastair, por sua parte, ao ver Brenda enfrentando um sujeito, correu para ela e, ficando no meio para continuar ele com a luta, gritou-lhe:

— Mas que demônios está fazendo?

Ao ouvi-lo, a jovem se apressou a replicar:

— Por todos os Santos... Ajudando! Não o vê?!

— Vá se colocar em segurança. Já!

Mas ela se negou. Não pensava fazer o que lhe pedia, e Alastair, ao ver aquilo, amaldiçoou. Com ferocidade, acabou com o indivíduo e, voltou-se para a Brenda e grunhiu:

— Eu disse que...

A moça, ao ver que um sujeito aparecia por detrás dele agarrando com as duas mãos a espada, empurrou Alastair, que caiu ao chão, e, sem duvidar, fincou sua espada no corpo do indivíduo, que, arregalando os olhos, caiu para trás.

Boquiaberta, olhou-o. Tinha matado um homem. E, quando Alastair se levantou e ficou a seu lado, ela, reagindo, olhou-o e grunhiu sem querer pensar em nada mais:

— Que tal se deixar de me dar ordens e acabamos com isto de uma vez? Ou acaso teme que me ocorra algo e não possa cobrar sua recompensa?

E, sem lhe prestar mais atenção, a jovem deu meia volta e atacou outro homem. Isso sim, Alastair já não pôde tirar os olhos dela, e não precisamente pela recompensa.

Demelza, totalmente concentrada, acabava com todo malfeitor que ficava diante dela. Levava tempo sem manusear a espada. Levava tempo sem tirar aquela parte dela que seu pai tanto gostava, e, faminta de sangue, deixou-se levar.

Era letal, sabia, e, quando viu que um homem atirava Moisés ao chão e este perdia sua espada, correu para ele. Como uma fera, situou-se entre ambos e, sem duvidar, cravou sua espada no peito dele, que morreu instantaneamente.

Moisés a olhou boquiaberto e murmurou:

— Obrigado.

Demelza assentiu e, dando um chute à espada para aproximar-lhe indicou:

— Vamos... continuemos.

A ferocidade daqueles que pretendiam levar os animais foi se apagando. Os homens de Aiden eram bons combatendo.

Demelza foi em busca de Brenda. A moça respirava com dificuldade junto à tenda, e, aproximando-se dela, perguntou:

— Está bem?

A jovem assentiu e afirmou olhando as palmas de suas mãos:

— Oh, Deus...! Esfolei-as.

A ruiva observou suas mãos, que já não eram suaves e delicadas. E, quando se dispunha a dizer algo, Alastair apareceu a seu lado e disse enquanto lhe entregava ataduras:

— Vá com a Hilda. É necessário que cure isso.

Dito isto, correu para alguns homens para brandir sua espada, quando Brenda murmurou:

— Oh... que galhardo e corajoso é... Morr...!

— Sim, eu sei. Morre de amor — zombou Demelza, que, empurrando-a, insistiu: — Agora vá com a Hilda.

Quando ela desapareceu, a ruiva olhou a seu redor. O acampamento parecia recuperar a tranquilidade, e procurou por Aiden.

Onde estava?

Poucos eram os malfeitores que continuavam vivos, quando ouviu ruído de espadas chocando a suas costas. O som provinha do lugar onde estavam os cavalos.

Unne!

Rapidamente, dirigiu-se para ali e viu que quem lutava era Aiden, que brandia sua espada com mestria contra dois sujeitos. E, sem duvidar, correu para ele.

Ao vê-la chegar à carreira, o highlander gritou:

— Demelza, se afaste daqui!

Não obstante, ela negou com a cabeça. Aiden necessitava de ajuda. E, sem duvidar, apoiou-se em uma pedra, deu um salto para aproximar-se dele e, uma vez que caiu a seu lado, murmurou olhando-o com um sorriso e o olhar escuro:

— Sinto-o por você, mas uma mulher vai ajudá-lo agora.

Boquiaberto, ele observou como a jovem, sem perder força depois da corrida e o salto, enfrentava um dos sujeitos enquanto os cavalos se

moviam a seu redor assustados. Mas, consciente de que devia acabar com seu atacante para ajudá-la, concentrou-se nele.

Pouco depois, quando o sujeito jazia no chão, procurou com o olhar a jovem. Os cavalos o impediam, mas, guiando-se pelo som dos aços se chocando, localizou-os.

Concentrada, Demelza lutava com fúria com o sujeito. De novo, Aiden pôde comprovar sua tenacidade, a regularidade de suas estocadas e sua agilidade ao mover-se. Não conhecia ninguém que lutasse assim. Nem ele mesmo saberia fazer muitos de seus movimentos, quando, de repente, com uma força que o deixou perplexo, viu que passava a espada da mão direita à esquerda e, como se de uma lança se tratasse, arrojava-a cravando-a no peito do oponente.

Mas onde tinha aprendido aquela moça a lutar assim?

Ela, sem precaver-se de que Aiden a observava, com sangue-frio, aproximou-se do homem, apoiou o pé em seu estômago e tirou sua espada de seu corpo já sem vida. Depois olhou a seu redor até encontrar Unne. A égua estava sã e salva e, aproximando-se dela, a moça apoiou sua testa sobre a sua e murmurou em norueguês:

— Calma, tudo está bem. Estamos bem.

Aiden observava ainda com a respiração entrecortada a ruiva com a cabeça cheia de tranças junto a sua égua. Eram muitas as vezes que tinha visto a moça fazer esse gesto com Unne para comunicar-se com ela.

De repente, ouviu passos rápidos e, ao voltar-se, viu que se tratava de Moisés. Este tinha visto Demelza correr para ali e, ao ver seu senhor, deteve-se. Aiden o olhou com gesto áspero.

— Senhor — disse Moisés, — Demelza intuiu o ataque antes que ninguém.

— O quê? — Perguntou o highlander surpreso.

— Ela me avisou antes que Gareth. É a verdade, meu senhor. Fui testemunha.

Aiden assentiu. Aquela mulher não parava de surpreendê-lo, e, olhando seu homem, indicou:

— Retorne ao acampamento. Eu voltarei com ela.

Quando Moisés desapareceu, o escocês continuou olhando a jovem, que seguia junto a sua égua, quando de repente ela levantou a vista ao céu, abriu os braços e gritou:

— Estou bem! Estou bem!

Sem entender por que exclamava aquilo, Aiden pôs-se a andar em sua direção.

— Demelza...

Nesse instante ressonaram ao longe os gritos de vitória dos guerreiros de Aiden, o que significava que a batalha tinha acabado. O highlander se aproximou dela e perguntou:

— A quem disse que está bem?

Confundida e alterada pelo que tinha ocorrido, a jovem o olhou. Seus olhos seguiam escuros. Tinha gritado para que Harald soubesse, mas, sem dizer a verdade, murmurou:

— Simplesmente precisava dizê-lo.

Aiden, sem entendê-la, assentiu, mas perguntou:

— Moisés me disse que intuiu o ataque antes que Gareth desse a voz de alarme.

Ela tocou uma das tranças de sua cabeça. Aquilo era verdade, mas, tratando de tirar importância, falou:

— Foi questão de sorte. Ouvi um ruído e me alarmei. Nada mais!

O guerreiro não sabia o que pensar.

Intuíra que ali havia algo mais, a cor de seus olhos o dizia. Mas, admirando a jovem, que cada dia o fazia pensar uma infinidade de coisas, perguntou:

— Quem te ensinou a lutar desse modo?

A moça cabeceou e, necessitada de ser sincera, respondeu:

— Meu pai.

Aproximando-se mais dela, Aiden indicou:

— Seu pai deve ser um bom guerreiro.

Isso fez sorrir a jovem, que, assentindo, assegurou:

— O melhor.

De repente, Aiden se precaveu de que ela tinha sangue no rosto, e, tocando-a com urgência, perguntou tremendo:

— Encontra-te bem?

Os olhos de Demelza, escuros como a noite, começaram a clarear e, respirando com dificuldade pelo esforço que tinha feito, assentiu. Mas, ao ver que ele também tinha sangue na bochecha, perguntou preocupada enquanto Unne se aproximava de Haar:

— Feriram-lhe?

Quando suas mãos tocaram o sangue para certificar-se de que não era dela, uma chispa de energia surgiu entre ambos. Olharam-se nos olhos e então, Aiden, aproximando sua boca da dela, beijou-a e Demelza deixou.

Aquele beijo, carregado de tensão, ardor e necessidade à luz da lua, rodeados pelos cavalos, tinha sido muito desejado por ambos fazia tempo. Suas bocas secas e sedentas, não só de água, saboreavam-se, desfrutavam-se, e quando Aiden deixou cair sua espada ao chão e agarrou a jovem entre seus braços, ambos souberam que seria difícil deter aquilo.

Um beijo... dois...

Uma carícia... três...

Um gemido... seis...

A necessidade que tinham de tocarem-se, de beijar-se e de possuírem-se de repente se fez insuportável e, quando o desejo os fez entender que ou paravam ou já nada poderia freá-los, olharam-se nos olhos e Aiden murmurou:

— Desejo-te tanto que...

Acelerada porque ela também o desejava, a jovem pôs sua mão sobre seus lábios para que não continuasse falando. Não, aquilo não devia seguir. E, alongando-se de seus braços, uma vez seus pés tocaram o chão, deu um passo atrás e murmurou:

— Não pode ser.

Aiden, incapaz de entender suas reticências, quando seus olhos e seu corpo cada vez que se juntavam lhe indicavam outra coisa muito distinta, perguntou:

— Por que não pode ser?

Cada vez mais confundida por tudo o que aquele homem a fazia sentir, Demelza murmurou incapaz de calar:

— Porque sou aquilo que detesta.

Sem entender suas palavras, Aiden ia perguntar quando ela acrescentou:

— Tenho que retornar a Hilda. Estará preocupada.

Confundido e sem saber como reagir, o highlander assentiu.

— Sim. Será melhor que vá com ela.

Acalorada e desconcertada, mas seguida pelo escocês, Demelza retornou sem roçá-lo ao acampamento, onde os homens, ao cruzarem com ela, agradeceram por sua valentia. Ouvindo seus comentários, Aiden se sentiu bem. Gostava que seus homens agradecessem à moça

pelo que tinha feito. E, depois que ela seguiu seu caminho para a tenda, Alastair indicou aproximando-se de seu amigo:

— Esses sujeitos vieram pelos cavalos e as ovelhas.

Aiden assentiu e Alastair, ao ver seu gesto, perguntou:

— O que te ocorre?

Aiden o olhou.

Demelza o transtornava, mas, sem querer deixar ver mais do que ele mesmo queria reconhecer, depois de indicar a seu amigo que estava bem, ordenou dirigindo-se a seus homens:

— Quero um relatório de danos já!

Quando Demelza entrou na tenda onde estavam Hilda e Brenda, a primeira, ao vê-la, perguntou com preocupação:

— Minha vida, está bem?

A ruiva soltou sua espada e assentiu, nesse momento Brenda, a quem Hilda estava enfaixando as mãos, afirmou:

— Oh, Deus, Demelza, lutei! Fui corajosa e lutei!

Sua amiga sorriu. E, entendendo como ela se sentia, que já não era a jovem tão inocente, afirmou:

— Sim, Brenda. E eu morro de amor por você, porque é uma guerreira.

Capítulo 27

Depois daquela batalha, da qual saíram vitoriosos, os escoceses começaram a olhar Brenda e Demelza com outros olhos. Sem dúvida, as mulheres eram corajosas, e gostavam desse reconhecimento.

Entretanto, de novo a ruiva parecia fugir de Aiden. Cada vez que se aproximavam, que se beijavam, ocorria o mesmo, algo que ele não conseguia entender. Com dissimulação, o highlander observava o trato dela com Moisés e via a estranha relação entre o sujeito mais estranho e calado do acampamento com ela. Tratou de entendê-los, mas a única certeza a que chegou foi que, como ambos eram estranhos, suas próprias raridades faziam com que se entendessem.

Por sua parte, Alastair, depois do ocorrido, aproximava-se de Brenda por preocupar-se com o estado das feridas de suas mãos. Ela, encantada, ao princípio desfrutou desses cuidados, mas quando tentou aproximar-se mais dele e o escocês a cortou lhe dizendo que se preocupava com ela só para que a mercadoria chegasse em boas condições a seu pai, ela se zangou e, de novo, as discrepâncias entre ambos deixaram todos loucos.

Enquanto isso, Aiden seguia sendo consciente dos pesadelos de Demelza. Via-os. Sabia e não dizia nada, mas não parava de perguntar-se o que era que a assustava, e o que ocultava.

Aquela moça de estranho corte de cabelo não era como Brenda. Não procurava continuamente que ninguém se preocupasse com ela, nem estar bela, nem que escutassem seus queixa. Era, bem ao contrário. Mal tentava fazer-se notar e não protestava por nada, embora sua maneira de estar alerta em todo momento fez Aiden saber

que não podia confiar-se nela, pois sem dúvida tentariam escapar assim que pudessem.

Uma noite, estava pensando nisso sentado aos pés de uma árvore quando Demelza, saindo de sua tenda, encaminhou-se para o lugar onde o cozinheiro fervia água e, depois de colocar um pouco de uma chaleira em uma terrina, dirigiu-se para Moisés.

Durante um momento, eles conversaram com cordialidade. Estava claro que a jovem ganhou o respeito de muitos de seus homens, Moisés entre eles, e juntos estiveram até que lhe estendeu a terrina com urgência e logo se afastou dele.

Ao ver a pressa com que saía, Aiden ficou em pé e divisou como, na escuridão, internava-se no bosque.

Mas aonde ia?

Tentando que ninguém se fixasse nele, Aiden rodeou um par de tendas, até que se enfiou no caminho que a jovem tinha tomado, mas não a viu. Parecia haver-se desvanecido.

Demelza, que tinha ouvido um ruído que para ela tinha sido vital durante muitos anos, dirigiu-se sem duvidar para ele.

Com cautela, saiu do acampamento e, quando viu que ninguém a seguia, deixou-se guiar pelo som, até que finalmente Harald apareceu ante ela, e a moça, lançando-se em seus braços em busca de proteção, murmurou:

— Estava muito preocupada com você.

O viking assentiu, e, abraçando-a com todo o carinho do mundo, murmurou enquanto os tecidos que o cobriam caíam ao chão:

— Tão preocupada como eu por você.

Em silêncio, permaneceram abraçados por segundos, falando-se em silêncio, e, quando se separaram, ela disse:

— Obrigada por avisar na outra noite.

Harald sorriu e murmurou negando com a cabeça:

— Esses escoceses têm muito que aprender ainda.

Divertidos, ambos sorriram, quando ela, contemplando seus belos olhos azuis, dispunha-se a perguntar algo, mas ele, consciente do que precisava ouvir, murmurou:

— Daria sepultura a todos. Tudo está bem, Demelza.

A jovem assentiu. Saber aquilo era importante para ela.

— Fiquei louco quando me inteirei de seu rapto — acrescentou ele. — Hilda e você estão bem?

Sem querer preocupá-lo, a jovem assentiu.

— Sim, calma. E você?

Harald, que por estar na Escócia não lhe estava sendo fácil, suspirou.

— Estes escoceses são um pouco complicados — ambos riram de novo, — mas não seria justo se não dissesse que também encontrei com boas pessoas e com noruegueses que se ocultam para não terem problemas.

— Eles não estão à corrente de minha procedência — explicou então Demelza. — Se soubessem, não sei se seriam tão...

— Pois, para não sabê-lo — cortou ele, — vi como o tal Aiden McAllister se preocupa contigo, e algo me faz intuir que não a desagrada.

Surpresa pelo que Harald tivesse podido ver, a ruiva grunhiu:

— Pois viu errado. Muito errado. — E, como não queria seguir falando daquilo, acrescentou: — A avó de Brenda, a jovem que nos acompanha, era viking. Ela, sim, sabe de onde viemos e podemos contar com sua ajuda e sua descrição. E, como ela disse, poderá ir à fortaleza McAllan em Inverness, seu pai te ajudará.

De novo, ambos sorriram, quando este murmurou:

— Não sabia como te localizar depois de seu rapto, até que ouvi que alguém a tinha visto na Escócia e... então vim como pude e te encontrei. Devemos retornar a Noruega. Aqui não temos nada.

Demelza sorriu, não havia nada que desejasse mais que aquilo. Mas então o olhar de Harald se escureceu e ele declarou:

— Dem... não sou o único que está na Escócia.

Imediatamente, ela compreendeu o que queria lhe dizer e, movendo-se, perguntou:

— Viggo está aqui, verdade?

Harald assentiu.

— Quer te matar — falou com raiva.

— Sei. Algum de seus capachos já o tentaram, mas eu o matarei antes — afirmou ela convencida.

Seu cunhado sorriu com tristeza ao ouvir. Essa era a forte Demelza que sempre tinha conhecido, e, passando sua mão por sua bochecha, murmurou:

— Recorda-me tanto a ela...

Com pesar, ambos se olharam, quando o som de ramos se quebrando os pôs em alerta. Harald, tomando de novo os sujos tecidos que estavam no chão, sussurrou:

— Agora vai. Seguir-te-ei de perto, e não te ocorra se afastar desse McAllister. E, dito isto, desapareceu de sua vista.

Demelza fechou os olhos e sorriu. Que Harald estivesse vivo era o melhor que lhe tinha acontecido em muito tempo. E, de repente, o céu se iluminou. Uma luz verde o atravessou e, emocionada, murmurou pondo-se a correr:

— Ingrid...

Capítulo 28

Aiden, que se deixava guiar pelos sons, inquietou-se ao vê-la correr.

Aonde ia?

Duvidava que queria escapar, pois não partiria sem Hilda, sua suposta mãe.

Mas por que corria?

De repente, o som de cascos de cavalo o pôs em alerta e, ao olhar para trás, viu Unne e Haar, que passaram quase roçando-o.

Sem entender o que acontecia, Aiden acelerou sua carreira. Seus próprios passos não se ouviam com o som dos cavalos. Correu e correu sem perder de vista a jovem, até que ela de repente se deteve e, depois de saudar os cavalos, que estavam a seu lado, olhou ao céu e se deixou cair ao chão.

Alheia à cercania de Aiden, Demelza contemplava o céu. Pela primeira vez desde que tinha chegado a terras escocesas, as cores da aurora boreal pareciam querer dançar, e as observou emocionada. Ingrid estava ali.

Rosas... verdes... brancos... aquela dança que tantas vezes tinha desfrutado com sua irmã a fez emocionar-se, e, sem poder evitar, lágrimas se transbordaram de seus olhos.

— Não! — Amaldiçoou retirando-lhe com brutalidade.

Sozinha, na escuridão da noite, longe de sua terra e acompanhada por aqueles dois cavalos, Demelza pensou em sua família e no triste destino que lhe esperava. Devia deixar Brenda a salvo para poder continuar seu caminho.

Encontrar Viggo para matá-lo ou morrer.

Estava pensando nisso quando as luzes do céu, tal como tinham aparecido, esfumaram-se, e a moça murmurou com voz trêmula:

— Ingrid, dance. Dance eternamente, irmã.

Escondido depois de uma árvore, Aiden a olhava. O que lhe ocorria?

Pensou em aproximar-se dela, quando, de repente, Haar e Unne, a modo de amparo, deitaram-se ao lado da jovem.

Perplexo pelo que observava, o highlander piscou. Os cavalos só se deitavam quando se sentiam cômodos, seguros e confiantes. Para eles essa posição era tremendamente vulnerável, e Demelza, sem pedir-lhe tinha-o conseguido.

Sem tirar o olho dela, Aiden viu como a jovem, com carinho, enquanto contemplava o céu, tocava as cabeças deles, e então, fechando os olhos, sorriu. Sorriu de tal maneira que lhe acelerou o coração. Nunca tinha visto uma expressão tão doce, afetiva e bonita. Nem sequer Annabelle sorria assim.

Estava observando-a quando um murmúrio incoerente chegou aos ouvidos.

Demelza dizia algo. Falava. Que dialeto escocês tagarelava? Emprestou atenção. Aguçou o ouvido, mas era impossível. Não entendia o que dizia.

Finalmente, a jovem se levantou, e, depois de revolver o cabelo com graça, os cavalos se levantaram imitando-a.

Agradada pelo carinho e o amparo que tinha recebido dos animais em um momento tão íntimo e especial para ela, aproximou sua testa à de Haar. Falou com ele durante instantes e o cavalo cabeceou. Depois o fez com Unne. A égua pareceu entendê-la e cabeceou também, e a jovem sorriu.

— Como você faz?

Ouvindo aquela voz, a jovem se sobressaltou. Estava tão concentrada em sua pena, em suas lembranças e nos animais que não tinha estado alerta se por acaso havia alguém perto, e respondeu feliz de haver se afastado de Harald:

— A que se refere, senhor?

O highlander, aproximando-se dela, olhou-a aos olhos. Ainda os tinha frágeis e úmidos, algo estranho nela, e indicou com uma suavidade que inquietou Demelza:

— Aiden. Estamos sozinhos.

Ela assentiu, pensou em Harald e a seguir murmurou com docilidade olhando ao chão:

— De acordo... Aiden.

Seu nome. Cada vez que ela dizia seu nome este soava de um modo especial. Sua forma de pronunciá-lo era diferente pelo modo em que arrastava a primeira letra, e gostava. Adorava ouvi-lo de sua boca.

Mas o rosto de Demelza estava triste. E, colhendo com sua mão o queixo daquela, fez que o olhasse e lhe perguntou:

— O que te ocorre?

Ela não respondeu, odiava que pudesse ter visto sua parte vulnerável, quando ele, sem afastar seus olhos de seu rosto, insistiu:

— O que pode estar recordando para que a tristeza te alague deste modo?

A moça deu um passo atrás, mas ao ver que ele se aproximava de novo a ela em busca de uma explicação, sem saber por que, indicou:

— Recordar aos seres queridos sempre é...

Não pôde continuar. As malditas lágrimas de novo queriam sair. Mas, engolindo-as junto com a emoção, ia dizer algo mais quando ele perguntou:

— Isso é o que te faz despertar pelas noites sobressaltada? — Demelza não respondeu. Estava claro que seguia sem confiar nele, e Aiden insistiu: — Em ocasiões, chorar é bom. Por que se contém?

A jovem soprou e, levantando o queixo, afirmou:

— Eu não choro.

— Porquê?

Ela pensou em seu pai. No homem que tinha ensinado a diferença entre a debilidade e a fortaleza, e respondeu friamente:

— Porque não.

Suas palavras voltaram a surpreendê-lo. Geralmente, as mulheres estavam acostumadas ser mais choronas que os homens. Mas, tentando chegar a ela, murmurou:

— Me permita te dizer que até o guerreiro mais bárbaro, feroz e terrível chora. E quem diga o contrário mente.

Ao ouvir, a jovem o olhou e, levantando as sobrancelhas, perguntou:

— Você chora?

Aiden sorriu. Ele tinha deixado sem responder essa pergunta dias antes. E, baixando a voz, cochichou:

— Isto o direi aqui e agora, mas, uma vez dito, negá-lo-ei, entendido? — Ela assentiu. — Recorda quando te contei que tive que sacrificar meu cavalo? Pois sua perda me fez chorar. Chorar em solidão.

A Demelza gostou de saber que o highlander tinha confessado aquilo tão íntimo e, pensando em seu pai e na dor que muitas coisas lhe tinham ocasionado na vida, murmurou:

— Supostamente, os homens não choram.

— Fazê-lo não subtrai valor, nem dignidade, embora se acredite o contrário.

— Isso que diz é bonito...

— Não sei se é bonito ou não — sorriu ele, — mas é uma realidade. Em silêncio, ambos se olharam e sorriram.

Aiden a fazia sorrir. Aquele highlander que guardava distância ante seus guerreiros, na intimidade, estava lhe demonstrando que era um homem afetuoso e próximo, e mais ainda quando, lhe tirando uma mecha vermelha do rosto com carinho, murmurou:

— Quando o coração governa sobre a razão, não se pode fazer nada para ir contra.

As suas palavras chegaram ao coração da jovem, quando de repente Haar se aproximou de seu dono e, com o focinho, mordiscou-lhe no ombro. Esse gesto, tão incomum no animal, fez com que Aiden o olhasse, e Demelza, ao ver sua expressão de desconcerto, sussurrou:

— Junte sua testa com a dele.

Sem duvidar, Aiden fez o que lhe pedia enquanto a ouvia dizer:

— Haar te nota próximo neste instante. Sente-te em paz. Permita-lhe que perceba o batimento de seu coração, que te roce e te cheire. Fale-lhe. Haar gosta que lhe falem com carinho, não só lhe dando ordens. E recorde: vigie seu corpo, sua tensão, ou isso passará para ele.

Enfeitiçado por tudo o que ela sussurrava a seu lado, o escocês se deixou levar. Apoiou sua testa na do animal e não disse nada. Só desfrutou do prazer de escutar os batimentos de seu próprio coração e de sentir o do animal.

Assim estiveram uns minutos, até que finalmente o cavalo se moveu e, quando afastou sua cabeça da dele, Aiden o acariciou sorrindo.

— Muito bem, amigo. Muito bem.

Demelza, imóvel, tinha observado o momento, e, ao ver que Haar procurava com o olhar Unne e ia com ela, murmurou:

— Entregue-lhe uma prova de amor e contará com sua fidelidade.

— Uma prova de amor?

— Sim.

— A um cavalo?

— Sim, a um cavalo. Por que não? — Afirmou sorrindo.

Divertido pelo que aquela dizia, Aiden piscou e insistiu:

— Mas isso não é o que as mulheres solicitam aos homens?

Recordando sua irmã, Demelza suspirou e respondeu pensando nela:

— Imagino, embora não seja meu caso.

Necessitado de saber mais sobre aquela enigmática mulher, ele inquiriu:

— Alguma vez solicitaste uma prova de amor?

— Não.

— Porquê?

— Porque nunca desejei os cuidados de um homem.

Sua rapidez ao responder e seus olhos lhe disseram que não devia continuar, quando ele, para que ela voltasse a olhá-lo com confiança, perguntou:

— Voltando para o cavalo... se explique. A que se refere com isso da prova?

Demelza sorriu.

— Uma prova de amor é algo que, se se entregar de coração, fará ver, sentir e perceber sua lealdade, seu amor, sua amizade, sua honestidade, sua confiança e um sem-fim de coisas mais.

Ele a olhou boquiaberto. Vê-la tão relaxada falando com ele era maravilhoso, e, encantado com o momento que estava vivendo, perguntou a seguir:

— Não dizia que não entendia de cavalos?

A jovem riu e, suspirando, respondeu:

— E não sei, mas tenho boa sintonia com os animais.

— Com os patos? — Zombou-se ele.

— Essencialmente com os patos e os gansos — declarou sem duvidar.

Enfeitiçado, e sem deixar de sorrir, Aiden seguiu os movimentos de Haar.

Ter compartilhado aquele momento tão íntimo com ele tinha sido uma das melhores coisa que lhe tinham acontecido nos últimos tempos.

Quando o animal se deteve junto à égua de Demelza, olhando a jovem perguntou:

— Algo me diz que, além de patos, entende de ovelhas, verdade?

— Ela sorriu. Sem dúvida não tinha podido enganá-lo. Então, ele, ao compreender que não ia responder, disse simplesmente: — Obrigado.

— Por que, Aiden?

De novo escutou seu nome. Cada vez que ela o dizia, algo em seu interior se revolia e seu coração se desbocava como nunca em sua vida. Aproximou-se mais dela. Demelza não se moveu. Não podia.

O que lhe ocorria?

E então, Aiden, sem saber por que, pousou sua testa sobre a da jovem, como a tinha visto fazer centenas de vezes com sua égua, e, em um tom tremendamente íntimo, murmurou:

— Por se implicar na luta como no outro dia. Por dizer meu nome como o diz, e por me ensinar a apreciar algo tão único e especial como você e seu olhar.

Sem mover-se, e com as testas unidas, ambos se olharam nos olhos em silêncio, até que Aiden, sentindo que um vendaval se levantava em seu interior, murmurou:

— Não sei o que me ocorre quando estou contigo, mas...

Acalorada como nunca em sua vida, Demelza fechou os olhos. A atração era mútua.

Como em outro tempo tinha contado sua irmã, agora era as mãos dela que suavam, o coração se acelerava e a necessidade de tocar o highlander era tremenda. Mas, consciente de que aquilo não podia ser por muitos motivos, deu um passo atrás.

Sentindo que seu gesto era devido ao medo e à desconfiança, Aiden voltou a dar outro passo para ela. Negava-se a afastar-se, a atração que sentia era irresistível. E, quando a moça não se moveu, posando sua mão em sua cintura, murmurou:

— Por que me atrai tanto... Ruiva Selvagem?

Ela o olhou. A atração era mútua.

— Não me chame assim... — sussurrou.

Ele sorriu e, aspirando o aroma de sua pele, insistiu:

— Por que, se me disse que gostava?

Demelza recordou nesse momento, sem saber por que, tinha-lhe aberto seu coração, e, consciente de que não podia acontecer nada do que imaginava, murmurou:

— Aiden... não o faça.

Incapaz de atende-la, e saltando todos os limites que havia se auto imposto desde que aquela mulher tinha aparecido em sua vida, ele pousou sua boca sobre a dela e, sem roçá-la, murmurou desejoso de ganhar sua confiança:

— Enfeitiça-me... atraindo-me... tenta-me... — Com carinho, passeou seus lábios sobre os dela e insistiu desejoso de mais: — Mas, apesar de tudo o que me faz sentir, nunca faria nada que você não desejasse tanto quanto eu.

Exaltada como nunca em sua vida, a respiração de Demelza se acelerou, e, incapaz de calar, murmurou:

— Eu não rogo.

Isso fez com que Aiden sorrisse. Recordava haver dito o mesmo a ela.

E, convencido, afirmou:

— Eu, por ti, rogaria.

Ao ouvi-lo, o coração de Demelza se acelerou mais ainda.

A atração que sentia por Aiden nunca tinha sentido com Viggo, apesar de que ele tinha sido seu marido.

Aiden não a beijava; só a tentava, convidava-a a tomar seus lábios. Esse ato, que tanta repulsão lhe causava com Viggo, com Aiden era tentador.

Terrivelmente tentador e desejável. E, finalmente, incapaz de conter aquele louco desejo, a moça pousou seus lábios sobre os dele e, ao sentir sua quentura, sem duvidar o beijou.

A chispa que sentiram naquele instante os fez tremer, e Aiden, agradado porque ela tivesse dado o primeiro passo, deixou-se levar com tato.

Demelza era cálida, apetitosa, ao tempo que escorregadia. Não era uma mulher da qual ainda pudesse confiar, mas com uma irresistível posse, apertou-a contra ele e a desfrutou.

Suas respirações se aceleraram, suas mãos se tocaram e, quando um grunhido de satisfação saiu da boca do highlander, a jovem se assustou e, com brutalidade, separou-se dele.

O medo e o desconcerto que ele viu em seus olhos era completamente novo, e, sem mover-se, perguntou:

— O que ocorreu?

As más lembranças dos momentos íntimos com seu marido se apoderaram da mente de Demelza. *Não*. Não queria voltar a passar por aquilo, e, negando com a cabeça, murmurou:

— Não... senhor... não é uma boa ideia.

Que o chamasse desse modo quando estavam sozinhos achou estranho.

Porquê? E por que aquele olhar assustado?

Ela deu então outro passo para trás e sussurrou:

— Não devemos continuar. É... é melhor... deixá-lo aqui.

Aiden, acreditando entender de repente aquele medo em seu olhar, amaldiçoou.

Quem tinha sido o animal que lhe tinha feito mal?

Mas, dando um passo adiante para aproximar-se de novo dela, disse olhando-a aos olhos:

— Nunca... escuta, Demelza... Nunca faria nada que você não quisesse.

A jovem fechou os olhos e, sem saber por que, perguntou:

— Promete-o?

Boquiaberto pelo que lhe dizia, que sem dúvida ratificava o que imaginava, Aiden assegurou:

— É obvio, Demelza. É obvio que prometo.

Aquelas palavras, aquele homem e seu olhar não tinham nada a ver com Viggo. Se com este só sentia repulsão, com Aiden era justamente o contrário. E, necessitada de um carinho que nunca precisara antes, esquecendo-se de seus medos, aproximou-se dele e, enredando a gema de seus dedos naquele espesso cabelo escuro, atraiu-o para si para beijá-lo com gosto e possessividade.

Aiden cada vez entendia menos.

Mas por que com aquela mulher tudo era assim?

E, surpreso, mas desejoso daquele contato, apertou-a contra seu corpo e se aprofundou no beijo.

Extasiada pelas milhares de coisas que aquele homem a fazia sentir, a jovem se entregou. E, quando ele a agarrou entre seus braços de novo para colá-la a ele, de repente ouviu:

— Senhor... Meu senhor...!

Aqueles gritos chamaram a atenção de ambos, que rapidamente se olharam aos olhos. O mágico e excitante momento que se originou entre eles se acabou, e nenhum sabia o que dizer.

As vozes dos homens se ouviam cada vez mais próximas, quando Aiden, olhando-a, disse tocando o cabelo com confusão:

— Falaremos disto mais tarde, entendido?

A jovem, sobressaltada como nunca em sua vida, assentiu, quando Aiden a soltou no chão e ela rapidamente deu dois passos para afastar-se dele. Deviam recompor-se antes de que os homens chegassem até eles. Instantes depois, Gareth apareceu e os olhou com curiosidade.

— Senhor — disse, — Scott viu rondar lobos perto do acampamento, e falta uma ovelha.

Aiden se alarmou ao ouvir. Os lobos eram um grande problema. E, agarrando Demelza pelo braço, indicou-lhe lhe assinalando a égua:

— Monte e retornemos.

Quando os três chegaram ao acampamento, Demelza desmontou de seu cavalo e Aiden e seu homem do dele, Alastair se aproximou deles.

— Estão localizados naquela direção — indicou. Aiden olhou para o lugar onde assinalava e ele continuou: — É uma alcateia de quatro. Não há mais.

O highlander assentiu e, olhando dois de seus homens, disse:

— James, Kenneth, venham conosco. O resto fique aqui.

Demelza, ao ver que agarravam o arco e as espadas, ainda acalorada, perguntou ao escocês:

— O que ides fazer?

Ao ouvi-la, Aiden a agarrou pelo braço e a afastou alguns passos.

— Com respeito ao que ocorreu...

— Isso não me interessa, não há por que falar disso, posto que não vai voltar a acontecer — o cortou. Ele se dispunha a replicar, quando a ruiva insistiu: — Só me interessa saber o que ides fazer com esses lobos.

Irritado pelo rechaço que via em suas palavras e em seu olhar, ele falou:

— Vá com as mulheres.

Mas Demelza, sem mover-se, insistiu levantando a voz:

— Perguntei o que ides fazer?

Ao ouvi-la, Alastair, vexado por ter perdido uma ovelha, respondeu:

— Matá-los antes de que voltem a fazê-lo outra vez.

— E se não ter sido eles quem tenha levado a ovelha?

Aiden meneou a cabeça ao ouvi-la.

— Os lobos nunca trazem nada bom. E agora, por favor, vá com as mulheres.

Não obstante, ela não se moveu, e insistiu:

— Mas...

Ao ver como seus homens o observavam, Aiden levantou então a voz e ordenou:

— Moisés, leve-a.

O guerreiro se aproximou imediatamente da jovem e, irritado por ter que fazer aquilo, murmurou:

— Demelza, tenho que...

— Calma, Moisés — o cortou ela zangada. — Já caminharei eu mesma.

Quando ela se pôs a andar para a tenda em que se encontravam Hilda e Brenda, Alastair se aproximou de seu amigo e, baixando a voz, perguntou:

— De onde vêm a ruiva e você?

Aiden não respondeu, e seu amigo insistiu:

— O que fazia você com essa mulher?

Ao recordar o ocorrido, entretanto, sorriu como um tolo e, olhando seu amigo, respondeu:

— Vamos logo por esses lobos.

Capítulo 29

No interior da loja, Demelza se movia inquieta.

E se em sua busca encontravam com Harald?

Aquilo a martirizou, mas depois, pensando, intuiu que nunca o fariam.

Se até o momento não se precaveram de que os seguia, sem lugar a dúvidas, não iriam descobri-lo agora.

Mas então pensou naqueles lobos.

No lugar de onde ela provinha, havia lobos bons e lobos maus. Não gostava que julgasse a toda a espécie pela problemática que ocasionavam alguns, por isso grunhiu:

— Não acho justo. Possivelmente esses animais não...

— Oh, por favor... — chiou Brenda de repente.

Hilda e Demelza olharam a jovem, e esta, que estava se penteando, ao ver um nó que tinha arrancado com o pente, exclamou:

— Meu cabelo! Vou ficar calva...

Demelza soprou ao ouvi-la. A obsessão dela por seu cabelo a superava.

— Que tal se pensar em outra coisa que não seja seu maldito cabelo ou a pele de suas mãos?

Boquiaberta, Brenda piscou e indicou tocando-lhe.

— Mas... mas como não vou pensar em algo que me preocupa tanto?

— Por Odin! — Murmurou Demelza desesperada.

Decidiu deixar de prestar atenção ao que a moça seguia dizendo sobre seu cabelo, quando de repente a ouviu comentar:

— Demelza, os lobos são assassinos.

— Não!

— Como que não? — Insistiu a jovem penteando-se.

— Nisso está equivocada — afirmou a ruiva.

Hilda, que sabia o porquê de sua afirmação e da veemência de Demelza ao defender a espécie, ia dizer algo quando a jovem soltou:

— Recorda que te falei de Wulf?

— Sim — afirmou Brenda.

— Pois Wulf era meu lobo.

Boquiaberta, Brenda deixou de pentear-se e, como se tivessem descoberto outro mundo, perguntou:

— Tinha um lobo?

— Sim.

— Sêrio?

Demelza olhou Hilda e assentiu.

— Wulf se criou em casa conosco. Era carinhoso, intuitivo, leal, ajudava-nos a cuidar das ovelhas e das cabras. E foi meu mais fiel companheiro, até que Viggo o matou por me defender.

Ao recordá-lo, Brenda assentiu e, continuando, perguntou surpresa:

— Quando me falou de Wulf, disse que era um cavalo.

— Disse-o você, e reconheço que eu corroborei. Mas não. Era meu lobo.

A loira assentiu sem dar crédito. Demelza seguia surpreendendo-a. Mas, ao ver seu gesto, grunhiu:

— A sério se surpreende de que queiram acabar com esses lobos quando você soluciona tudo matando?

Demelza soprou, e, tentando entender o que ela havia dito, indicou:

— Mato a quem o merece.

— Mas também se pode dialogar antes de...

— Podia-se dialogar com os sujeitos que nos atacaram na metade desta noite?

Consciente da resposta, Brenda respondeu:

— Não. Eram eles ou nós.

Demelza assentiu. Ao fim parecia que a moça começava a entender as coisas. E, olhando-a, disse:

— Compreendo a educação que recebeste. Suas formas e suas maneiras. Mas tenta compreender você a minha. No lugar de onde eu venho, quem o faz: paga. Não há mais.

Brenda assentiu. Aquilo mesmo lhe havia dito sua avó centenas de vezes, e, olhando-a, murmurou em norueguês:

— Como dizia a bárbara de minha avó, quem o faz: paga.

— Exato!

— Moças, Por Deus — lhes recriminou Hilda. — Não utilizem essa linguagem!

Demelza e Brenda sorriram.

— Sou escocesa como você, Brenda — acrescentou Hilda. — Mas, depois de conviver com esses bárbaros, como você os chama, aprendi que se fizer algo mal deve pagar por isso.

— Mas tem que ser com a morte sempre? — Insistiu Brenda.

Demelza, que pensava em um modo de ajudar os lobos, insistiu sem levantar a voz:

— Aqui o assunto é que, pelo mero feito de ser lobos, esses homens vão...

A risada escandalosa de Gareth no exterior interrompeu sua conversa.

E, depois de abrir o tecido da tenda para ver o que ocorria, de repente as mulheres viram que ele se aproximava com uma ovelha e dizia:

— Encontrei-a!

Ver o animal vivo fez Demelza entender que devia fazer algo e, fechando de novo a tenda, disse olhando Brenda:

— Viu? Vê como os lobos não a tinham levado? — E, depois, dirigindo-se a Hilda, acrescentou: — Saia e distraia-os.

— O que vais fazer?

Demelza a olhou, e a mulher, ao entendê-la, murmurou:

— Filha...

— Mas aonde se supõe que vai? — Murmurou Brenda deixando o pente sobre uma manta.

A moça ruiva, alterada pelos acontecimentos, olhou a ambas e protestou:

— Tenho que ser rápida ou matarão esses lobos por algo que não fizeram.

Hilda, consciente de que aquela sairia da loja, com ou sem sua ajuda, dando-se por vencida, dirigiu-se a Brenda e indicou: — Venha comigo e repete tudo o que eu diga ou faça.

— Mas...

— Brenda — a cortou Demelza. — Não tenho tempo para tolices.

— Os lobos não são nenhuma tolice.

A ruiva assentiu, mas, necessitada de sair, insistiu:

— Por favor...

Depois de uma graciosa careta, Brenda acessou e, seguindo Hilda, saiu da tenda. Segundos depois, do interior, Demelza viu Moisés e Gareth falarem com elas e, sem ser vista, saiu e pôs-se a correr. Devia chegar a tempo.

Guiada pelas pegadas dos escoceses e pelo ruído que faziam, correu tudo quanto podia. Mas, para sua desgraça, quando chegou, viu três lobos mortos no chão.

Horrorizada, apressou-se para o lugar onde estavam Aiden e Alastair e, aproximando-se deles, gritou:

— Parem!

Os highlanders amaldiçoaram ao vê-la. *Que fazia ali?*

— A ovelha apareceu — insistiu ela.

Alastair nem se moveu, e Aiden, aproximando-se dela, grunhiu:

— Não te disse que ficasse com as mulheres?

— A ovelha apareceu — repetiu a jovem sem amedrontar-se. — Não foram os lobos.

Os escoceses tinham encurralado uma bela loba cinza e branco que lhes mostrava com ferocidade os dentes. Demelza a olhou, e, ao conectar-se com seu olhar, soube que o animal estava disposto a morrer.

— Deixem-no. Deixem-no em paz — insistiu.

Aiden tratou de segurá-la, mas ela, depois de lhe dar um chute na tíbia, soltou-se e, aproximando-se da loba, que a olhava com ferocidade, murmurou:

— Calma, calma...

Alastair e Aiden se olharam preocupados. *Que fazia aquela louca?*

— Fica quieta, mulher! — Falou Aiden nervoso.

Mas Demelza não escutava, só olhava a loba, que a observava com os dentes ensanguentados. E, ao ver que junto a ele havia um par de lobinhos mortos, murmurou:

— Mas... mas o que fez?

Horrorizada, ia dar um passo mais quando o animal se lançou para ela, nesse momento Aiden lançou uma flecha que lhe atravessou o corpo.

Quando a loba caiu aos pés da jovem, soltou um uivo que lhe chegou ao coração. E, quando viu o animal arrastar-se para retornar para junto de seus lobinhos mortos, gritou:

— Como?! Como foram capazes de fazer isto?!

Com o coração acelerado pelo que tinha estado a ponto de ocorrer, Aiden a agarrou por braço e vozeou:

— Está louca!

— Me solte!

— Mas você não teme a nada? — Insistiu ele.

A jovem o olhou e, sem duvidar, negou com a cabeça.

— Mas não vê que esse lobo poderia ter te matado? — Insistiu ele furioso.

De um tranco, Demelza se soltou de sua mão e, olhando-o, murmurou frenética:

— Eu disse que a ovelha estava viva. Eles não a levaram — e, assinalando à loba, insistiu com raiva: — Falam com desprezo dos vikings, mas são piores que eles. Esta loba defendia seus lobinhos... por que...? Por que não a deixaram em paz? Por que tivestes que matar também aos lobinhos?

— Porque os lobos nunca trazem nada bom. São como os vikings: melhor mortos que vivos — respondeu Alastair, que sorria junto de Aiden.

Conforme disse isso, Demelza o olhou fixamente e, com a raiva instalada em seu semblante, falou:

— Espero que algum dia tenha que engolir suas palavras.

Sem entender o motivo de seu terrível aborrecimento, Aiden se aproximou da jovem, e ela, afastando-se, soltou:

— Senhor... não me toque.

Aiden se deteve. Não a tocou.

Queria voltar a ter entre seus braços à Demelza carinhosa, suave, entregue.

Mas o que lhe acontecia?

Ela, alheia ao que eles pensassem, aproximou-se da loba, que mal se movia, e, ajoelhando-se junto dela, pousou a mão sobre sua cabeça e a acariciou com carinho. Seu fim estava perto.

Estava tocando-a quando, a seu lado, um dos lobinhos se moveu. Era branco. Pequeno. Diminuto. E Demelza, sem duvidar, agarrou-o. Aquele lobinho não podia ter mais de dois meses. E, ao sentir Aiden a seu lado, falou:

— Se a você ou qualquer um de seus homens ocorrer matar este lobo, juro por minha vida que iram lamentar.

Aiden e Alastair se olharam e, quando este último se dispunha a responder, Demelza, olhando à loba, que tinha morrido, murmurou lhe fechando os olhos com suas próprias mãos:

— Eu o cuidarei. Prometo-lhe isso.

Depois, ante os olhos de todos, a jovem se esfregou contra a loba morta.

Precisava impregnar-se de seu aroma para que o lobinho a reconhecesse e a aceitasse. Seu pai tinha lhe ensinado essas coisas quando encontraram Wulf, e isso ficaram muito marcadas em Demelza.

Continuando, quando se levantou do chão com o pequeno lobo branco nos braços, todos a olhavam. Ninguém criava um lobo. Aquilo era de loucos.

Todos os temiam. Por isso, Aiden disse:

— Solte esse animal.

— Não.

— Demelza... — insistiu com fúria.

— Disse que não — respondeu ela com a mesma raiva.

— É um lobo — murmurou Alastair.

— E?

Todos se olharam. Ninguém entendia o que a jovem pretendia fazer, quando Alastair acrescentou:

— Os lobos não convivem com as pessoas.

Ela o olhou desafiadora, não pensava soltar ao animal, quando Aiden interveio:

— Demelza, esse animal crescerá. Suas mandíbulas são poderosas. É um depredador e...

— ...é dispensável como um viking, não é mesmo?

Sem entender a que vinha esses comentários, o escocês insistiu:

— Se o levar ao acampamento, ele...

— É um lobinho! — Grunhiu irritada. — Acaso temem um lobinho? — Os homens se olharam entre si, e Demelza, levantando o queixo, prosseguiu: — Disse que quem estava vigiada era Brenda e que eu podia partir quando quisesse. Pois bem, se o lobo não viajar comigo e com o grupo, Hilda e eu viajaremos com ele sozinhas.

Alastair piscou, aquilo era uma loucura. Mas Aiden, incapaz de afastar-se da moça, e menos ainda depois do ocorrido um momento antes, disse aproximando-se dela:

— É consciente de que me põe em uma difícil situação?

A jovem o olhou e afirmou:

— Sim.

Aiden começou a mover-se desesperado enquanto seus homens o olhavam com seriedade.

O que devia fazer?

E, tomando uma decisão, sem lhe importar o olhar dos outros, declarou:

— Esse maldito animal não é de meu agrado. E se permito que siga conosco para Inverness é porque é um lobinho e porque, uma vez chegemos ali, ambos ficarão. Isso sim, porque não nos trará mais o mínimo problema...

— Ao mínimo problema — cortou Demelza doída para ouvir suas palavras, — serei eu quem me afastarei de você.

Dito isto, a jovem caminhou com o lobinho branco em suas mãos em direção ao acampamento, sem entender por que lhe doía tanto saber que ele a excluía de sua vida.

Capítulo 30

No dia seguinte, os homens de Aiden olhavam o lobo de soslaio. Aquele animal, até sendo um lobinho, era algo perigoso para todos, não tinha capacidade no grupo, e, embora o aceitassem, muitos criticaram a atitude de Aiden. Moisés foi o primeiro.

Por que o permitia?

O pequeno lobo, que Demelza chamava na intimidade de Nidhogg, que na mitologia viking significava «dragão que habita nas profundezas do mundo», era Lyle

Frente a todos os outros, era um nome que Brenda tinha eleito.

Aiden e Demelza, depois de seu encontro no bosque, pareciam fugir um do outro.

Nenhum estava disposto a dar seu braço a torcer, apesar de que na distância se vigiavam, buscavam-se, e, cada um a sua maneira, recordava os beijos carregados de desejo, luxúria e, por que não...? De excitação.

A relação entre Alastair e Brenda seguia sendo fria, distante, e isso martirizava a jovem. Só restavam dois dias para chegar a Inverness. O que seu coração sentia, e quando olhava para Alastair era aquilo que sempre tinha desejado, e não sabia o que fazer para chamar sua atenção. O que a moça não sabia era que, até sem olhá-la, ele estava a par de seus movimentos.

Em silêncio iam cavalcando quando Aiden, ao ver como Alastair olhava com dissimulação para trás, murmurou:

— Está bem. Não se preocupe.

Seu amigo, ao ouvi-lo, retesou-se e não disse nada. Até que, passado um momento, perguntou:

— Chora?

Aiden sorriu e, ao voltar a cabeça para comprovar o que seu amigo tinha perguntado, depois de olhar a jovem, fixou-se em Demelza, que observava a seu redor com curiosidade, e respondeu:

— Neste instante, lady Te Cale está tranquila.

Ao ouvir, Alastair sorriu, e Aiden aconselhou:

— Deixa de chamá-la assim ou a fará zangar ainda mais.

Seu amigo assentiu. Martirizava-o saber que a jovem chorava, mas o que mais o martirizava era a decisão que tinha tomado. Sabia que levar aquela moça a sua família e com o homem que eles tinham eleito para ela não era uma boa opção, e menos sabendo que ela tinha fugido dele.

Mas como não fazê-lo quando ela o tinha tomado por tolo?

Seus pensamentos o martirizavam.

Em vingança pela ousadia de Brenda, queria lhe demonstrar quão duro era, embora sua dureza, conforme se aproximavam de Inverness, começava a cambalear.

Ele não era assim.

Quando chegaram nos arredores do lago Ness, Aiden decidiu que deviam passar a noite ali. Por isso, depois de encontrar um pequeno povoado e acomodar os cavalos e as ovelhas aos subúrbios, Alastair desceu de seu cavalo com gesto tosco. Aiden, que estava a seu lado, ao desmontar, olhou-o e indicou:

— Se seguir assim, meus homens lhe terão mais medo que do lobo.

Alastair o olhou e, zombando, disse:

— Medo do lobo?... — E, agarrando uma manta, falou: — Ainda não entendo por que esse maldito lobo viaja conosco. Bom, sim... para ser sincero, sim, sei — matizou, fazendo com que Aiden olhasse o céu. — Esse animal é um perigo para todos, e você sabe. Sabe que quando receber a chamada da natureza terá que matá-lo.

Aiden cabeceou. Ele tampouco entendia por que tinha permitido. Mas o caso é que ali estava, com Demelza. E, consciente de que o fazia por ela, e por tê-la perto, olhou-a e, ao ver que ela desmontava de sua égua, murmurou com certo remorso:

— Não se apresse. Amanhã chegaremos a Inverness. E já nem o lobo nem elas serão nossa responsabilidade.

Alastair assentiu confuso.

Nesse instante se aproximou Douglas, o cozinheiro, e Ivo, e, depois de falarem com eles, quando estes partiram, Aiden disse:

— Aproximar-me-ei do povoado e pelo que me pedem.

— Importa-te que não o acompanhe e aproveite para tomar um banho no lago? — Perguntou Alastair.

Ele negou com a cabeça e seu amigo se afastou.

Quando ficou sozinho viu que Haar, seu cavalo, movia-se nervoso.

Estava claro aonde queria ir, e Aiden, segurando-o com força, murmurou furioso por querer o mesmo que ele:

— Não, amigo. Deixa-a tranquila.

Seus homens montaram rapidamente o acampamento, enquanto o cozinheiro tirava vários coelhos de uma grande bolsa. Sem perder tempo, Hilda se aproximou e, depois de ajudá-lo a limpá-los, começou a cozinha-los. Precisava sentir-se útil.

Sentadas sobre uma rocha, Demelza e Brenda observavam os homens mover-se a seu redor enquanto o pequeno lobo dormitava sobre sua proprietária.

Era impossível dar um passo sem que Moisés ou Gareth as perseguissem, especialmente Brenda, que, desnorteada, murmurou:

— Tenho as mãos destroçadas.

Demelza voltou a cabeça para ela e, ao ver que as olhava, ia dizer algo quando ela prosseguiu:

— Mãe estará muito zangada. Não só pelo que tenho feito, mas também pelo estado de minha pele e meu cabelo. E quando vir as palmas de minhas mãos... uf...!

— Brenda...

— Mãe sempre disse que uma mulher decente tem que ser feminina e asseada, e eu... eu... olhe que características tenho!

Demelza sorriu. Tanto ela como Brenda se vestiam como homens e sua limpeza não era a de uma lady.

— Seja positiva — cochichou, — e pensa que...

— Oh, Deus... amanhã estaremos em meu lar! — Balbuciou desesperada.

Consciente do desgosto da jovem, a ruiva insistiu:

— Quanto antes chegue, poderá voltar a ser uma mulher asseada de pele suave e cabelos sedosos.

Brenda assentiu, mas, desnorteada, murmurou:

— Sim, mas a que preço? Alastair desaparecerá de minha vida e nunca mais voltarei a vê-lo. — E, surpreendendo-a, acrescentou endurecendo o tom: — Matarei meu prometido.

Ao ouvir, Demelza a olhou, e ela insistiu:

— Decidido, o mato!

— Brenda! — Riu. — Mas o que está dizendo?

A jovem soprou desesperada.

— Estou enlouquecendo, Demelza. Não quero me casar com esse homem. Nego-me! Mas... mas assim que chegue, minha mãe insistirá em que se celebre essas bodas, antes que Brochan volte atrás.

— Possivelmente com sua fuga tenha pensado...

Brenda negou com a cabeça e, com um gesto que lhe fez saber que não mentia, murmurou:

— Nunca o fará. Uma vez me encurralou contra uma parede e, enquanto sentia seu pestilento fôlego em meu pescoço, disse que me desejava porque nunca tinha estado com ninguém que tivesse sangue viking.

Demelza, entendendo-a, assentiu e, irritada por saber aquilo, sussurrou:

— Calma. Não penso consenti-lo.

Nesse instante, as jovens viram Alastair que se afastava com uma manta sobre seu ombro, e Brenda, irritada pela teimosia dele, protestou:

— Maldito teimoso.

Demelza assentiu. Em algumas coisas não eram tão diferentes os escoceses dos vikings. E, quando se dispunha a falar, ela grunhiu:

— A realidade é que não temos aonde ir. Nem você, nem eu.

Com pesar, a ruiva assentiu. A realidade que se apresentava era dura, complicada. E, entendendo os medos da jovem, falou:

— Sobre isso queria falar contigo.

— Diga — murmurou Brenda.

Demelza tomou ar e, aproveitando que Hilda não estava, começou a dizer:

— Hilda acredita que ficaremos contigo alguns dias em sua casa para logo prosseguir nosso caminho. Mas a verdade é que eu irei sozinha, e necessito que ela fique ali contigo, que a proteja e a ame.

Ao ouvir, sua amiga murmurou olhando as palmas das mãos, que cada dia estavam melhor:

— Mas que tolice está dizendo?

— Brenda...

— Podem ficar em Inverness as duas. Meu pai te protegerá. Não têm que retornar a...

— Brenda...

— Em Inverness estará a salvo de malfeitores que queiram te capturar para te levar a seu marido.

— Não é meu marido! — Grunhiu ela furiosa.

Seu olhar raivoso fez com que Brenda compreendesse seu equívoco.

— Sinto muito... — murmurou, — sinto muito... sinto o equívoco.

— Deixa-o! — Cortou-a ela. Não queria falar de sua situação.

Em silêncio permaneceram instantes, até que Brenda, incapaz de calar o que pensava, insistiu:

— Hilda enlouquecerá se você se for. A vai destroçar, ou acaso não sabe?

Demelza assentiu. Sabia a dor que aquilo provocaria à única mãe que tinha tido, e indicou:

— Não posso levá-la comigo. Não quero que nada lhe ocorra, e eu... eu...

— Ah, não... não volte a me dizer que vai morrer, porque não vou permitir isso!

Demelza sorriu.

— Meu presente depende de mim. O futuro não — suspirou, e insistiu: — me prometa que cuidará de Hilda quando eu não estiver. Por favor... por favor.

Brenda, consciente da loucura dela, afirmou sem querer pensar mais nisso:

— É obvio que a cuidarei. — E, desesperada pelo que ela dizia, insistiu:

— Mas pense, também pode continuar sua viagem junto de Aiden e Alastair, e ir a suas terras no Keith.

— Não.

Então, aproximando-se de sua amiga, a loira baixou a voz e murmurou:

— Pense-o. Aiden poderia ser um bom marido para você. Além disso, é tão bonito e galhardo que...

— Mas que tolice está dizendo? — A jovem escocesa suspirou quando Demelza, terminando de fazer as tranças no cabelo, murmurou: — Ele não me interessa.

— Mente muito mal!

— Não minto!

Brenda sorriu e, finalmente, a ruiva apontou:

— Certamente que alguma ou muitas mulheres esperam a sua volta.

— Conforme me disse Alastair, no dia que dava um passeio com ele, ambos são solteiros.

A ruiva sorriu para seus adentro, mas, incapaz de desfrutar disso, afirmou:

— Já sabe que eu não acredito no amor.

— Demelza, Aiden McAllister é um bom partido, e duvido muito que não queira se casar com ele.

— Mas o que diz?! — Grunhiu. — O último que preciso é um marido. Já tive um que quase me mata, e, como não o conseguiu, ainda quer me matar.

Brenda negou com a cabeça.

— Aiden não é assim. Ele pode te proteger. Não permitirá que...

— Não necessito que ninguém me proteja — a cortou. — Sei fazê-lo sozinha.

A jovem de cabelos loiros assentiu, não lhe cabia a menor dúvida, mas insistiu:

— Demelza, buscam-na para matar. Se a encontrarem, a capturarão para te levar a esse maldito homem, mas como... isso... é muito perigoso. Durante quanto tempo evitará que esse tal Viggo te encontre e acabe com sua vida?

Sem poder evitar, a moça soprou. Sua amiga tinha razão, e, acariciando o lobo, que dormitava sobre ela, afirmou:

— Com um pouco de sorte, antes eu o encontrarei e ele morrerá.

— Não seja teimosa! E pensa que esse home...

Mas a jovem se interrompeu de repente. Aiden tinha aparecido diante delas montado em seu cavalo e, as olhando, perguntou curioso:

— A que se deve esse repentino silêncio?

As jovens intercambiaram um olhar.

— A nada em especial — falou a ruiva.

Aiden assentiu e, sem querer dar mais voltas ao assunto, exigiu:

— Demelza, venha comigo. — A jovem negou com a cabeça. Sua negativa, acompanhada de seu olhar desafiador, irritou Aiden, que insistiu: — Não o vou repetir.

Brenda, ao ouvi-lo, empurrou a jovem, que, sem muita vontade, levantou-se com o lobo nos braços.

— Lá onde vamos, seu peculiar amiguinho não pode vir — disse ele então. — Deixe-o com lady Brenda até que retornemos.

Demelza fechou os olhos e amaldiçoou.

Quem era ele para organizar seu tempo?

Mas, quando ia protestar, Brenda, colhendo com carinho o lobinho, indicou:

— Vai. Eu cuidarei de Lyle até que retorne.

Continuando, Demelza, agarrando a mão que Aiden lhe estendia, montou com ele no cavalo, e, quando ia perguntar, ele se adiantou e anunciou:

— Sua égua fica aqui.

Com mau gesto, a jovem olhou para frente.

Haar começou a trotar e ela, sem olhá-lo, perguntou:

— Aonde vamos, senhor?

— Ao povoado.

Saber isso a inquietou. Estava visto que os lugares concorridos não eram bons para ela, e desta vez, olhando-o, falou:

— Preferiria ficar no acampamento e...

— E eu prefiro que venha comigo — sentenciou ele.

Demelza soprou. Estava claro que tinha que ir por bem ou por mal. Aiden sorriu ao ouvi-la, enquanto desfrutava de roce de seus corpos e de seu maravilhoso aroma.

Demelza cheirava a vida.

Quando Brenda ficou a sós com o lobinho, olhou a seu redor. Por um lado, estava Hilda, com o cozinheiro, rindo enquanto preparavam a comida.

Por outro, os guerreiros falavam, e, depois de olhar para o lugar onde Alastair partira sozinho, não duvidou. Colocou Lyle na tenda e foi atrás dele.

Tinha que queimar todas as oportunidades antes de chegar a seu destino. Tinha que ser como Demelza se queria conseguir sobreviver.

Capítulo 31

Enquanto Brenda caminhava pelo bosque, ia tocando no cabelo com desespero. Como podia ser tão mal?

Logo olhou suas botas e soprou.

Se Alastair a visse com bonitos vestidos que estava acostumada a utilizar e o cabelo arrumado, sem dúvida alguma cairia rendido a seus pés. Mas ali estava ela, como diria sua mãe, como uma selvagem e vestida como um guerreiro sujo.

Estava pensando nisso quando viu o homem que não tirava da cabeça de pé ao fundo. Estava frente ao lago, tirando a roupa.

— Oh, Deus... — murmurou a jovem.

Alastair, olhando o horizonte, tirou a camisa, e Brenda observou os músculos de seus braços, de suas costas longa, e murmurou acalorada abanando-se com a mão:

— Por são Fergus.

Boquiaberta estava olhando-o tão somente vestido com a calça quando ele, alheio que tinha visita, começou a desabotoá-la Brenda, assustada, rapidamente se voltou. Não estava bem ficar olhando.

Isso não era de senhoritas decentes!

Se sua mãe ou qualquer um se inteirava de que estava olhando, taxá-la-iam do que não era.

Mas a curiosidade não podia com ela...

Alastair, aquele guerreiro fazendeiro, tão diferente de qualquer outro homem que tivesse conhecido, nunca poderia com ela.

Olhava? Não olhava?

E, uma vez que se decidiu a fazê-lo, deu meia volta e viu que Alastair se lançava ao lago nu.

Durante um momento o observou nadar e lavar-se escondida entre a arbustos.

Aquele homem nu era incrível, tremendamente atraente.

De sua posição, viu onde ele tinha deixado a manta e suas roupas e rapidamente ideou um plano. Assim, atirou-se ao chão para não ser vista, rastejou por ele como tinha visto Demelza fazer e, quando agarrou a roupa e a manta, as levou.

Com os pertences de Alastair em seu poder, e, tirando as ervas que lhe tinham ficado coladas à roupa, voltou a olhar o lago, onde ele se afastava nadando. Brenda levantou então o queixo e se dirigiu para a borda.

Uma vez ali, olhou para os lados e, ao ver uma rocha, aproximou-se dela e se sentou. Continuando, tirou as ataduras das mãos e decidiu esperar. Cedo ou tarde, ele teria que sair da água.

Inquieta, observou como o escocês, em um dado momento, detinha-se, dava meia volta e retornava nadando. Até que, de repente, parou e, olhando-a, perguntou:

— Lady Te Cale, pode-se saber o que faz aí?

Sobressaltada, mas sem demonstrá-lo, a jovem falou:

— Vejo que nada muito bem.

Alastair se aproximou um pouco mais até ficar de pé no lago, e, com gesto áspero, perguntou:

— Por que não tem as ataduras nas mãos?

Brenda, as movendo, as olhou e indicou:

— Porque elas limitam meus movimentos, e já estão muito melhor.

Quando disse isso, nenhum deles falou, até que Alastair indicou:

— Tenho que sair da água.

Sem mover-se, ela o apressou:

— Pois saia.

Alastair a olhou boquiaberto. O descaramento dela era tremendo.

— Se por acaso não tinha se dado conta, estou nu.

Brenda percorreu com o olhar cada milímetro de seus ombros e, engolindo seco com dissimulação, respondeu como o tivesse feito Demelza:

— Pois, notei... embora não acredite, tinha me dado conta!

Sem dar crédito à pouca vergonha da loira, o highlander perguntou:

— O que pensaria seu prometido se soubesse o que está fazendo?

Sem querer pensar nele, mas sim pensando nela, Brenda replicou:

— Sinceramente, não acredito que pensasse nada bom. Mas sabe? Não me importa nada o que ele pense de mim. Possivelmente por isso fugi.

Alastair, furioso ao recordar aquele homem, olhou para o lugar onde tinha deixado sua roupa, e, quando ia protestar, ela disse:

— Pois sim. Eu as tenho.

O highlander grunhiu:

— Dê-me agora mesmo se não quer que me zangue.

— Mas já não está zangado?

— Brenda...

— Lady Te Cale para você.

Assombrado pela ousadia dela, Alastair meneou a cabeça sem entender quando Brenda insistiu:

— Vais escutar-me e, se a única maneira de que o faça é não te entregando a roupa, que assim seja!

Alastair achou engraçado sua maneira de dizer aquilo enquanto tremia pelo medo que sentia, mas, sem demonstrar quão tolo ela o fazia, finalmente falou:

— Muito bem. O que quer?

— Quero que me escute.

— E o que é que estou fazendo?

— Pois está discutindo comigo.

Alastair fechou os olhos.

Nunca tinha conhecido uma mulher mais complicada que aquela. E, acalmando seu próprio nervosismo, cruzou os braços sobre o torso nu e indicou:

— De acordo. Escutarei.

Brenda sorriu ao ouvir e, mordendo os lábios, começou a dizer:

— Sinto haver mentido. Não sou uma mentirosa, mas... mas não podia contar a verdade no referente a mim porque sabia que, se o fazia, deixaria de me olhar do mesmo modo, coisa que assim aconteceu.

Alastair não disse nada, e ela prosseguiu:

— Sempre quis me casar por amor. Encontrar essa pessoa especial a quem tomar a mão e despertar com ele. Mas minha mãe...

— Sua mãe vela por você...

— Não — o cortou. — Meus pais, ou, concretamente, minha mãe vela por seus próprios interesses. Sempre me trataram não como a uma filha, mas sim como algo que devia cuidar, até que pudesse fazer uma boa troca.

Alastair teve pena ao ouvir isso, e, sem mover-se de seu lugar, escutou suas penas, seus desejos, suas carências. A vida daquela moça, encerrada em seu lar, não era a que ninguém querería ter, por muito bem que vivesse.

— E embora saiba que não sou manhosa em nada e pouco posso fazer...

— Não diga isso — a cortou.

Brenda suspirou e, encolhendo os ombros, afirmou:

— É a verdade, Alastair. Viver o que estou vivendo junto à Demelza me faz ver quão inútil sou para muitas coisas. Embora... bem, reconheço que a coragem está chegando para mim. Mas... mas... se me comparar com ela... não sei fazer nada! Nem sequer sei como pentear o cabelo sozinha...

Alastair riu ao ouvir, e Brenda, com uma graciosa careta, afirmou:

— Conhecer Demelza me fez me dar conta de minha realidade. Ela é forte, valente. Poderia sobreviver sozinha nas estradas, enquanto eu morreria de fome e de frio. E mais, se não chegasse a conhecê-la quando esses homens nos deixaram cativas, já estaria morta e esquartejada em pedacinhos em qualquer bosque.

Alastair não gostou de imaginar aquilo, mas, quando ia replicar, ela acrescentou:

— E agora, depois de te contar minha penosa ao mesmo tempo angustiosa vida, só espero que me perdoe antes de chegarmos a Inverness e desculpe minhas mentiras ou minhas omissões. Não obstante, queria que visse em mim uma mulher interessante e atrevida, não a uma parva que não sabe fazer nada.

Em silêncio, olharam-se.

Em silêncio, tentaram-se.

Estava claro que entre eles havia algo mais, quando o highlander perguntou:

— Alguma outra coisa que devo saber de você e que tenha omitido?

A jovem pestanejou.

Sabia a aversão que ele sentia pelos vikings e por que. E, intuindo que aquilo podia provocar de novo seu distanciamento, murmurou:

— Não. Acredito... acredito que lhe contei tudo. Embora, bem...

Ouvir isso pôs Alastair em alerta, quando ela prosseguiu:

— A verdade é que... isto... que vou dizer uma senhorita que se aprecie não deveria dizê-lo, mas necessito que saiba que me sinto irresistivelmente atraída para você como nunca me sentei atraída por um homem.

— Brenda...

— E, não. Eu não dou de presente meus beijos a ninguém. Bom, para ser sincera, uma vez Wilson McDorman... Oh, que moço esse Wilson! Mas isso foi a muito tempo.

— Wilson McDorman? — Perguntou ele franzindo o sobrecenho.

Ao ouvir, a jovem sorriu e murmurou encolhendo os ombros:

— Só foram um par de beijos... pouco mais.

— Pouco mais?

Retirando com graça o cabelo do rosto, a moça, nervosa, prosseguiu:

— Mas nada a ver com seus quentes beijos. Isso foi...

— Brenda...

— Foi... Oh, Deus! Não sei o que foi! Mas te beijei, beijou-me, e senti o desejo de muito mais e... e então quis que você... que você e não Brochan me...

— Brenda, pare! — Grunhiu ele.

Ao ouvi-lo, a jovem o olhou, e este indicou com gesto de apuro:

— Roguei-te que parasse. Sou um homem.

Seu gesto lhe fez saber que devia fazê-lo e, apressada, murmurou:

— Oh, Deus! Quando estou nervosa falo e falo. Embora, ora, pararei. Mas, por favor, me diga que não voltará a me chamar Lady Te

Cale e que me perdoa por minhas mentiras. É que, se não o fizer, não poderei viver, e já tenho o bastante tendo que me casar com Brochan para saber que você não me perdoou.

Com um sorriso, Alastair assentiu. Aquela moça era diferente.

— Perdoo-te, Brenda — afirmou, — e não voltarei a te chamar desse modo.

A jovem fechou os olhos e sorriu ao ouvi-lo.

Passasse o que acontecesse esse instante, dava-lhe igual. Alastair a tinha perdoado. E, ao abri-los e ver como a olhava, murmurou:

— Agora acredito que deveria te entregar sua roupa, verdade?

Alastair assentiu e, quando ela se dirigiu além de umas árvores para agarrar a roupa e a manta, sorriu. Gostava daquela moça e muito, tanto que começava a duvidar de entregá-la em Inverness.

Quando a jovem deixou a roupa frente à borda, olhou-o e indicou:

— Já pode sair.

Consciente de sua nudez, o highlander zombou:

— Fá-lo-ei encantado. Não me importa que me veja nu.

Ao ouvir, Brenda ficou vermelha como um tomate e replicou apressada:

— Acredito... acredito que é melhor me voltar.

Quando ela se voltou, o escocês saiu da água, divertido e ignorando a manta para secar-se, agarrou a calça e o pôs. Era melhor fazê-lo antes de que outras coisas lhe passassem pela mente, e com Brenda... sem dúvida e eram muitas.

Enquanto o fazia, pensou em tudo o que ela tinha contado, e por fim entendeu o proceder da jovem, apesar de sua inconsciência. Ao mesmo tempo, compreendeu que ele nunca poderia lhe dar a vida que aquela moça tinha e que com certeza merecia. Ele só era um guerreiro, agora proprietário de uma velha fazenda, que estava disposto a

progredir. Nada a ver com a cômoda vida que ela podia levar na fortaleza com seus pais.

Quando teve a calça e as botas postas, ao ver que Brenda lutava com seu descontrolado e maravilhoso cabelo, aproximou-se dela e parando-se a suas costas, murmurou:

— Escuta, Brenda...

— Está vestido?

Alastair sorriu e, depois de olhar suas calças, afirmou:

— Sim.

Nada mais a dizer, a jovem se voltou e, ao encontrar-se com o torso nu dele, engoliu saliva e perguntou arregalando muito os olhos:

— Mas não disse que estava vestido?

O highlander voltou a sorrir. A inocência dela era deliciosa. E, agarrando sua camisa, a pôs por cima e afirmou:

— Estou-o. Asseguro-te que o estou.

Brenda suspirou. Tê-lo meio nu diante dela era uma pura tentação, quando, sem mover-se, indicou:

— Alegra-me ter esclarecido o ocorrido contigo...

— Mas...

— Mas o quê?

— Vai parar falar?

— Estou deixando — grunhiu ela.

Alastair meneou a cabeça. Aquela moça era um torvelinho de perguntas.

— Está me interrompendo — replicou.

— Eu?

— Sim... você...

Brenda levantou as sobrancelhas com gesto de surpresa. Aquele gesto pareceu muito delicioso para Alastair, quando ela perguntou:

— Disse que não havia nenhuma mulher te esperando a sua volta, verdade?

Ele pensou em Moira. Mas, consciente da fria relação que mantinha com ela, indicou:

— Assim é. Não há ninguém me esperando.

Ela sorriu, um sorriso que encheu a alma e o coração de Alastair e, sem apartar seus olhos dela, murmurou:

— Em seu caso não se pode dizer o mesmo...

O sorriso da Brenda desapareceu. Então, o escocês, feito muito dúvidas, acrescentou:

— Sinto pelo que está acontecendo. Espero que, uma vez retorne a seu lar, encontre uma boa solução.

— Duvido que de hoje para amanhã a encontre.

Alastair suspirou. Ele também o duvidava.

— Não quero me casar com Brochan... — sussurrou ela então olhando-o aos olhos, — não...

Aquelas palavras retumbaram na mente de Alastair, ele tampouco o queria, e murmurou:

— Me alegro de saber que sua família está viva e sinto que a relação com sua mãe seja...

— Complicada — o cortou ela.

— Também me alegra que não vá dando de presente seus beijos a qualquer um e...

Não pôde continuar. Brenda, ignorando tudo o que sua mãe tinha ensinado durante anos, levantou-se e, pousando sua boca sobre a dele, deu-lhe um doce ao mesmo tempo rápido beijo nos lábios. Quando se separou, murmurou olhando-o:

— Sim. Sou uma descarada! Mas não sei o que me ocorre quando estou contigo, Alastair, mas é ver-te e querer te beijar, algo que com

Brochan nunca me ocorreu, nem ocorrerá. Contigo... em troca, contigo iria ao fim do mundo. Mas não o vê? Não vê que meu coração pulsa desbocado por você?

Enfeitiçado pela jovem, ele assentiu e, sem poder conter um segundo mais o desejo que sentia, agarrou-a pela cintura, atraiu-a para si e, pousando sua boca sobre a dela, beijou-a sem pensar em Brochan. Não nesse momento.

Brenda permitiu aquela posse. Sua boca era dele, como a dele era dela. Um beijo. Dois... quatro... e quando acabaram no chão e suas mãos revoavam por seus corpos, Alastair murmurou olhando-a:

— Fico doente ao pensar que está prometida.

Sobressaltada ao mesmo tempo que assustada, a jovem assentiu e, desejosa de viver aquele momento, murmurou:

— Morro de amor...

Ele a olhou confundido, e, sem poder reter sua língua, sussurrou olhando-a aos olhos:

— Eu, sim, morro de amor.

Ouvi-lo dizer aquilo era bom, e Brenda insistiu:

— Me beije e não pense.

De novo houve beijos, carregados de desejo, de necessidade, e quando Alastair sentiu que seu corpo lhe pedia mais, pensando, deteve-se. Não devia continuar.

— Lady Brenda... — murmurou.

— Brenda — corrigiu ela lhe cobrindo o rosto de doces beijos.

Totalmente rendido ante a jovem que estava deitada sobre ele, o escocês insistiu:

— Brenda... não sou o que seus pais querem para você.

Ouvir isso a fez parar, e, segura, indicou:

— Mas é o que eu quero para mim.

Alastair se levantou, então, com ela sentada escarranchado sobre ele e seguiu dizendo:

— Minha vida não tem luxos. Meu lar é humilde e...

— Quem quer luxos, se o tenho?

Cada vez mais assombrado pelo que aquela jovem era capaz de dizer, depois de um novo beijo dela, Alastair insistiu:

— Brenda... eu gosto... claro que eu gosto. E pensar que outro é quem tem que casar-se contigo me deixa louco. Mas, precisamente porque sinto algo muito poderoso por você, e desejo seu bem-estar, não posso te pedir que deixe sua acomodada vida e venha comigo. Seria muito egoísta por minha parte... e...

A jovem, emocionada pelo que ouvia, sorriu e, pondo um dedo sobre seus lábios para sossegá-lo, murmurou com uma sensualidade que o deixou sem palavras:

— Alastair, seja egoísta. Seja tão egoísta como eu estou sendo.

— De que falas?

Brenda, tão consciente como ele de suas próprias carências, indicou:

— Sei que não sou a mulher que te conviria para sua fazenda, mas quero ser essa mulher. Sou egoísta. Penso em mim e no que desejo. Por isso, eu gostaria que você também fosse egoísta e pensasse no que desejas. Possivelmente você e eu não sejamos o casal idôneo pela infinidade de coisas que nos separam, mas sei que, se nos dermos uma oportunidade, poderíamos ser muito felizes juntos.

— Seria uma loucura!

— Bendita loucura!

Ambos riram. O que estava ocorrendo nesse instante entre eles era uma autêntica loucura.

Então, de repente, a jovem viu algo que se sobressaía do bolso da camisa do escocês. Parecia um pendente. E, depois de agarrá-lo e ler o que estava gravado nele, perguntou movendo-se:

— Quem é Moira?

Ele, ao ver o pingente que tempos atrás tinha comprado no mesmo lugar onde conheceu Brenda, ia falar quando ela, levantando-se, grunhiu:

— Odeio-te! Quem é Moira?

— Brenda...

— Brenda?! Ah, não... prefiro ser lady Te Cale a partir deste momento — e, ao ver como ele a olhava, vozeou: — Acaso tem algo que me contar?

Alastair suspirou e, levantando do chão, ia agarrar a jovem quando esta, separando-se dele, falou:

— Eu aqui, te abrindo meu coração, dizendo coisas que uma mulher decente nunca deveria dizer e... e... agora resulta que você também tem segredos.

Oh, Deus! Que razão tem Demelza no referente a não confiar nos homens.

Consciente de que a jovem merecia uma explicação, Alastair se dispunha a dar-lhe quando ela, furiosa, soltou-lhe com força um chute na tíbia. Ao sentir o golpe, ele grunhiu:

— Pode-se saber por que o fez?

— Moira! Por que tem um pendente com um nome de mulher em seu poder?

Ele ia responder, mas ela, furiosa pelo que acabava de descobrir, afastou-se dele e exclamou:

— É... é... Esquece tudo o que disse!

— Brenda...

— Lady Brenda para você — gritou caminhando de retorno ao acampamento com seu comprido cabelo ondeando ao vento.

Aquilo era revoltante.

Alastair, furioso e irritado pelo acontecido, correu atrás dela e, quando a teve entre seus braços, ignorando as patadas que a loira tentava lhe dar, olhou-a aos olhos e disse:

— Eu tenho um passado, como você. Entende melhor agora meu aborrecimento ao saber que estava prometida?

— Está prometido?

Ele negou com a cabeça.

— Moira é uma jovem a quem estive cortejando. E se comprei este pendente para ela foi para...

— Para quê? — Gritou frenética.

Ao ver a fúria, o desconcerto e a desilusão no olhar dela, Alastair compreendeu o que era a verdadeira paixão. Brenda não só era loucura, era pura paixão, intensidade, sentimentos, algo do que Moira carecia. E, sem soltá-la, murmurou:

— Comprei-o para lhe pedir que fosse a senhora de minha fazenda...

— Oh, Deus... que humilhação. Me solte! — Vozeou zangada.

Aquilo era terrivelmente humilhante para ela, mas Alastair, convencido cem por cem da decisão que tinha tomado, falou olhando-a aos olhos:

— Não. Não vou soltar-te.

— Odeio-te! — Gritou ela.

— Não, céu... não me odeia — afirmou ele sorrindo enquanto a segurava para que não o arranhasse.

Zangada como nunca antes em sua vida, a jovem tentou soltar-se, até que, cansada, parou, e ele declarou olhando-a aos olhos:

— Minha adorada ao mesmo tempo inquietante Brenda, depois de te conhecer, me desconcertar e me deixar louco, graças à paixão que alberga e que acordadas em mim, dei-me conta de que não quero te soltar. E não quero fazê-lo porque me nego a permitir que outro que não seja eu beije sua boca, caminhe tomando sua mão ou desperte cada manhã a seu lado. Porque a quem tem que beijar e com quem tem que despertar e caminhar é comigo, só comigo porque, como disse você... morro de amor!

Brenda, ao ouvi-lo, deixou de lutar. Alastair estava lhe dizendo coisas maravilhosas, quando prosseguiu:

— Não sei se será uma loucura o que você e eu sentimos se mal nos conhecemos, mas estou disposto a ser egoísta como me pediste. E se vai se casar com alguém será comigo, só comigo, e não com esse tal Brochan.

A jovem, com os olhos alagados em lágrimas, mal podia respirar. Não sabia se tinha entendido bem o que o escocês havia dito. Ao ser consciente de sua confusão, ele a soltou e, quando viu que ela não se movia, pousou um joelho no chão e perguntou olhando-a aos olhos:

— Brenda, se casará comigo esta noite antes de chegarmos a Inverness?

Boquiaberta, pelo giro dos acontecimentos, ela não soube o que dizer. Se se casava com ele, todos seus problemas resolveriam.

— Diga algo, por favor — insistiu Alastair.

Brenda, que tinha esperado aquele mágico momento toda sua vida, retirando o cabelo do rosto, murmurou:

— Meu cabelo... meu aspecto em geral não é o melhor para responder a uma pergunta como essa...

Ele sorriu agradado. Aquela moça era incrível.

— Está linda aqui e agora, e com isso me agrada — afirmou.



Encantada e atordoada por tudo o que ele a fazia sentir,
finalmente a jovem declarou com um bonito sorriso:

— Sim, Alastair. Desejo me casar contigo.

Capítulo 32

Aiden e Demelza entraram no povoado, ele se precaveu de que a moça quase se cobria por inteiro com a pele que usava. Isso chamou sua atenção, e em um dado momento perguntou:

— O que acontece?

— O que acontece do quê?

Com um sorriso tolo, ele olhou para os bonitos olhos e perguntou:

— Por que tenho a sensação de que se esconde?

Ouvir isso a incomodou. O último que desejava era que ele pudesse suspeitar de algo, e, retesando-se, replicou:

— Equivoca-te. Não sei de que falas.

Aiden não disse nada, quando de repente ao longe viu um grupo de homens que se afastavam com seus cavalos e imediatamente os reconheceu. Aquele grupo estava composto pelo pai de Brenda, seu prometido e vários homens mais. Sem lugar a dúvidas, retornavam a Inverness.

O highlander deteve seu cavalo e, pelo modo em que o corpo de Demelza se retesou, soube que ela também os tinha reconhecido. Em silêncio, observaram como eles se afastavam, quando Aiden murmurou em seu ouvido:

— Acredita que deveria lhes dizer que...?

— Não! — Apressou-se a responder ela.

Estavam olhando-se nos olhos quando ele insistiu:

— Mas vamos para Inverness. Brenda está conosco e...

Causava pena e intranquilidade de sua amiga, Demelza negou com a cabeça, e, tentando ganhar algo mais de tempo para procurar uma solução, murmurou:

— O destino de Brenda já está escrito. Seja benevolente com ela e lhe dê ao menos um dia mais de liberdade.

— Amanhã chegaremos a Inverness.

— Pois lhe dê de presente esta noite — insistiu.

O highlander assentiu e, olhando naqueles belos olhos que tanto o atraíam, perguntou:

— O que fará você quando chegarmos ali?

Demelza suspirou, não tinha nada claro, e indicou:

— Estarei uns dias com Brenda, mas logo continuarei meu caminho.

— Retornará às Orcadas? — Perguntou Aiden.

Recordando que lhe havia dito que ela e Hilda eram dali, a jovem assentiu. Odiava ter que lhe mentir, mas não podia lhe dizer que, uma vez conseguisse que Hilda ficasse com Brenda, ela e Harald procurariam Viggo para, possivelmente, morrer depois.

Continuaram seu caminho em silêncio, cada um sumido em seus próprios pensamentos, até que, ao chegar frente a uma grande loja, Aiden se deteve e, depois de desmontar e ajudar a jovem descer, murmurou agarrando sua mão:

— Me acompanhe. Temos que comprar várias coisas.

Assim que entraram na loja, todos os olharam, e rapidamente ouviram alguém mencionar o nome do irmão do Aiden.

— Acredito que vou ter que começar a me preocupar com as más companhias que me rodeia — zombou Demelza.

— Deveria — sorriu Aiden. — Sem dúvida... deveria.

E, olhando a lojista, que o observava com certa reticência, pediu-lhe o que necessitava e ela trabalhou em excesso para preparar-lhe o pedido.

Com curiosidade, Demelza olhou a seu redor e, ao ver um bonito tecido de cor azul, aproximou-se dele e o tocou. Estava pensando que sem dúvida sua irmã Ingrid teria gostado quando ouviu seu lado:

— Agrada-te?

A jovem assentiu, e Aiden indicou:

— Você gostaria que o comprasse para você?

Sentir que se preocupava com ela a fez sorrir, mas negou com a cabeça.

— Agradeço-lhe, mas já me proporciona tudo o que necessito.

Ouvir isso Aiden achou engraçado. Sem dúvida, aquela não era uma mulher caprichosa. E, embora algo lhe dizia que desejava lhe dar caprichos, conteve-se. Assim era melhor.

Com curiosidade, Demelza prosseguiu passeando pela loja. Ali havia desde queijo a carne e luxuosos tecidos, especiarias, calçado ou joias, e, curiosa, estava admirando a mercadoria quando a lojista indicou:

— Tenho joias maravilhosas. Não deixe de olhar, moça.

Demelza se aproximou do lugar onde a mulher lhe indicava. As joias escocesas eram parecidas com as nórdicas, e uma delas chamou sua atenção.

Aproximando-se mais, fixou-se em uma em concreto. Aquele broche lavrado em prata com uma pedra negra como a noite em seu centro era muito parecido com a de seu pai. Com curiosidade, aproximou-se mais e mais e comprovou que não é que se parecesse, mas sim, era exatamente igual.

O coração começou pulsar com força.

Não. Não podia ser verdade o que imaginava.

E, atraída como um ímã, tocou-o enquanto sua respiração se acelerava.

Momentos depois, agarrou-o e, sem duvidar, revirou-o do avesso. O gancho estava torcido e atrás, gravado em norueguês, dizia: «*antes de entrar em um lugar, note por onde se pode sair*».

Demelza começou a tremer.

Como tinha podido chegar aquele broche ali?

Bloqueada por ter em suas mãos aquilo que para seu pai tinha sido tão especial, e que tinha perdido junto a toda sua família naquela fatídica noite, inconscientemente, levou o broche aos lábios e o beijou.

Seu pai. Seus irmãos. Sua vida. Aquele broche era parte de seu passado, e tremeu, de raiva, de pena e de angústia.

— O que te ocorre? — Ouviu de repente a seu lado.

Ao abrir os olhos se encontrou com Aiden junto a ela, e, incapaz de conter suas emoções, abriu a mão e sussurrou:

— Meu pai tinha um muito parecido.

Conforme disse isso, soube que deveria ter calado, pois poderia lhe trazer problemas.

Então, a vendedora se aproximou deles e, ao ver a joia nas mãos dela, comentou:

— É um broche muito bonito.

Aiden olhou para Demelza. De novo tinha aquela cor verde azulada no olhar. Isso significava surpresa. E, tirando o broche das suas mãos, ao olhar no reverso viu a estranha gravura, e perguntou:

— O que se supõe que está escrito aqui?

Demelza não respondeu, não devia fazê-lo. E a vendedora, olhando o que Aiden lhe assinalava, afirmou:

— Não sei, senhor.

O escocês o olhou, e, seguro do que dizia, afirmou endurecendo o tom:

— Esta gravura é pagã, mulher. Vende coisas vikings?

A vendedora esboçou um sorriso. Não era a primeira vez que vendiam algo assim.

— Senhor — falou, — dedicamo-nos a comprar e a vender. O artesanato nórdico é muito apreciado por estas ladeiras, e, se uma peça assim cair em nossas mãos, não duvidamos em comprá-la para logo vendê-la.

Sem querer ouvir nada mais, Aiden soltou então o broche com desprezo e murmurou:

— Não desejo saber mais, mulher. Me diga quanto tenho que te pagar pelo que te pedi.

A vendedora assentiu e indicou dando-se meia volta:

— Me acompanhem. Tenho-o no mostrador.

Demelza se pôs-se a tremer.

Não podia partir dali sem o broche de seu pai, e, lhe olhando, sussurrou:

— Te... rogarei que compre esse broche.

— Não.

— Por favor — insistiu sem mover-se. — Juro que lhe pagarei por isso...

Aiden, parando, voltou-se e perguntou:

— Me pagará por isso? Como, se não tem uma moeda?

Ela se removeu no lugar. Ele tinha razão, mas falou:

— Trabalharei para lhe pagar. Prometo-o.

— Nem pensar! E agora, venha, vamos!

— Não! — Gritou ela levantando a voz.

Todos os presente os olharam, e Aiden, encolerizado, cravou seus escuros olhos nela e falou:

— Se voltar a me gritar ou a desobedecer uma ordem, o vai lamentar, ouviste-me?

Demelza não respondeu, e o escocês, dando meia volta, prosseguiu caminhando. Desesperada, ela foi atrás dele e insistiu agarrando-o pelo braço:

— Por favor, compre esse broche.

— Disse que não!

— Porquê? — Inquiriu consternada.

Aiden, sem olhá-la, respondeu com aspereza:

— Não quero nada viking perto de mim.

Demelza ofegou incômoda. Aiden odiava o seu povo com todo seu ser. E, necessitada de saber por que, perguntou:

— Por que odeia tanto os vikings?

Irritado por sua pergunta e por seu comportamento, ele duvidou se responder ou não. Mas, ao ver que ela o observava em espera dá uma explicação, finalmente esclareceu:

— Como a muitos de nós, esses bárbaros sangrentos e selvagens arrebataram a pessoas que amava... Como não ia odiá-los?

Demelza suspirou e não disse mais nada. Vikings e escoceses se odiavam pelo mesmo assunto e pouco podia fazer.

Mas aquele teimoso a ia privar do único que desejava no mundo, além de matar Viggo. E, sem duvidar, retornou junto ao broche e, ao ver que Aiden e a vendedora falavam, agarrou-o rapidamente e o guardou.

Aquilo era dela, pertencia a sua família e ninguém o ia arrebatá-la.

Com dissimulação, aproximou-se até Aiden, que prosseguia falando com a mulher, e, quando ela se afastou, Demelza perguntou olhando-o:

— Vamos?

— Um instante.

Ela se revolveu inquieta e, precisando sair dali, anunciou:

— Espero-te fora.

Não obstante, ele negou com a cabeça. A última vez que o tinha esperado junto a seu cavalo tinha tido um estranho percalço com um homem que tentou lhe roubar, e, agarrando-a pelo braço, perguntou:

— A que se deve esta pressa?

Demelza tentou manter a calma.

— Necessito de ar — respondeu.

Aiden levantou uma sobrancelha. E, ao ver como os olhos dela se tornavam cinzas, amaldiçoou entre dentes.

— Lembranças! — E, ao ver sua mão direita fechada em um punho com força, inquiriu: — O que leva aí?

Irritada por ter sido descoberta, mas sem querer dar seu braço a torcer, a ruiva grunhiu:

— Nada.

Mas ele insistiu:

— Demelza, o que leva na mão?

— Nada — voltou a dizer ela.

Aiden e ela se desafiavam com o olhar, quando ele aproximou seu rosto ao dela e falou:

— Meu irmão foi um ladrão, entre outras muitas coisas, mas eu não o sou, e não quero que, por estar contigo, me acusem de ladrão. Assim, perguntar-lhe-ei isso pela última vez: o que tem escondido na mão?

Irritada por ter sido descoberta e não ter escondido melhor o broche, Demelza pensou que não podia partir sem ele, e então decidiu fazer algo que Brenda lhe tinha ensinado e que nunca imaginou que faria. Assim, fechou os olhos, pensou em seu pai e, quando a emoção a embargou, ao sentir uma lágrima correr por seu rosto, soluçou abrindo a mão:

— Aiden... por favor.

Ele amaldiçoou ao ver o broche, mas, ao precaver-se das lágrimas da jovem, algo em seu interior se encolheu. Demelza era dura, ela nunca mostrava seus sentimentos. E, desconcertado por tudo, sem querer compadecer-se dela, tirou-lhe o broche das mãos e falou:

— Sua lição de hoje é: nunca subestime a um escocês.

As lágrimas não tinham sortido o efeito desejado. E, ao ver como Aiden deixava sobre o mostrador o broche que tanto significava para ela, a jovem ia dizer algo quando ele grunhiu:

— Saia e me espere fora, já! E procure não se colocar em nenhuma confusão ou o pagará.

— Mas...

— Disse já! — Bramou.

Consciente de que, fizesse o que fizesse, nada o faria trocar de opinião quanto ao broche, a jovem, zangada, deu meia volta, limpou as lágrimas e saiu da loja. Uma vez fora, o ar fresco lhe deu no rosto e, aproximando-se do Haar, murmurou entristecida:

— Só queria o broche de meu pai... só isso.

Capítulo 33

Retornava afligida ao acampamento. Tinha tido na mão algo que tinha pertencido a seu pai, algo dele, mas aquele teimoso escocês o tinha arrebatado de novo.

Estava pensando nisso quando Aiden, incapaz de calar um segundo mais, perguntou:

— Já te passou o sufoco?

Demelza não o olhou.

Tinha-lhe resultado humilhante fingir que chorava e não conseguir seu propósito. Sem dúvida, ela não tinha a arte da Brenda.

— Lembra que me disse que seu pai a ensinou a não roubar — comentou ele então.

Que o escocês mencionasse o homem que mais tinha amado no mundo e que lhe tinha ensinado tudo o que ela sabia na vida a fez com que o olhasse.

E, com a emoção de sua lembrança latente, indicou:

— Meu pai me ensinou muitas coisas, além de não roubar. Sem dúvida, ele não estaria muito orgulhoso do que fiz hoje, mas... mas te pedi... supliquei-te que o comprasse para mim. Esse broche era importante e...

— Porquê? Por que era importante?

— Porque sim. Porque estou convencida de que nunca voltarei a ver um igual a esse.

Aiden a olhou sem dar crédito. Nem em um momento como esse era capaz de justificar-se com ele.

Mal sabia algo dela. Nunca falava de seu passado. Evitava responder quando ele ou qualquer um lhe perguntavam algo. O que ocultava?

E, parando Haar no meio do bosque, desceu do cavalo e, uma vez que ela esteve também no chão, como sempre, separou-se dele. Aiden soprou e logo perguntou cansado:

— Por que faz sempre isso?

— O quê?

Ele deu um passo à frente, aproximou-se dela e, olhando-a aos olhos, respondeu:

— Se afastar de mim.

Demelza não se moveu, e ele insistiu:

— O que teme?

— Não sei de que falas.

— Sabe perfeitamente do que falo. O que teme? Por que desperta pelas noites sobressaltada? Por que se encolhe se me aproximo mais conta você? Por que tenho a sensação de que sempre está alerta?

E quando, confundida por suas perguntas, ela ia afastar de novo, o escocês perguntou agarrando-a pelo braço com delicadeza:

— Acaso eu a trato mau ou me porto mal contigo?

— Não.

— Então por que sinto que não confia em mim?

A jovem o olhou. Teria gostado de poder falar com ele. Justificar-se.

Possivelmente se tivessem se conhecido em outro momento e em outras circunstâncias, tudo teria sido diferente. Mas a realidade era o que era, e lhe confessar que era viking era um grande erro.

Ao ver seu gesto confuso, Aiden soube que estava se aproximando e, necessitado de sua proximidade, murmurou:

— Prometi-te que nenhuma vez faria nada que não desejasse, esqueceste-o?

A jovem gostou de ouvir isso, sempre tinha sido assim, e respondeu:

— Não. Não o esqueci.

Aiden, sentindo-se como um tolo pelos sentimentos que o transbordavam e por não conseguir entender aquela mulher, acrescentou desesperado:

— Não sei o que teme. Não sei do que foge. Não sei por que não me conta. Mas, sim, sei que me oculta coisas que acredito que deveria saber, ou acaso me equívoco?

Demelza negou com a cabeça, tinha razão em tudo o que dizia, e, incapaz de não se comunicar com ele, murmurou:

— Aiden... sei que procura respostas. Mas, me acredite, é melhor que não lhe dê. Se lhe desse, possivelmente...

— Possivelmente o quê? — Insistiu Aiden.

A jovem soprou. O momento não era fácil, e, como pôde, soltou:

— Possivelmente já não me olharia como me olha.

O highlander cada vez entendia menos. Nenhuma mulher o tinha desconcertado como ela o fazia.

Mas a realidade era que não podia tirar Demelza da cabeça, aquela estranha jovem que sempre estava metida em problemas. E, necessitado de justificar-se, comentou sem pensar em suas palavras:

— Disse que entregasse uma prova de amor a meu cavalo para que confiasse em mim, verdade?

— Sim.

Aiden a olhou à espera de algo que não chegou, e, incapaz de calar um segundo mais, perguntou:

— Está me dizendo que um cavalo é capaz de entender essa prova de amor e você não?

Ela piscou boquiaberta.

A que se referia?

Quando, de repente, aquele homem, abrindo seu coração de par em par, declarou:

— Para tê-la perto estou permitindo que me desafie, que me grite, que me minta, que quase me mate, que me roube. Inclusive estou permitindo que esse maldito lobo viaje conosco apesar do que meus homens pensem. — Ela assentiu e ele prosseguiu: — Não sou tolo, Demelza, e também sei que Hilda não é sua mãe, verdade?

— Aiden...

— Ao menos me diga que nisso tenho razão.

A jovem tomou ar e, disposta a ser sincera, afirmou:

— Não me pariu, mas para mim é minha mãe.

Ele assentiu. Que Demelza fosse capaz de afirmar algo assim o fazia ver que começava a confiar nele um pouco, quando, incapaz de calar um segundo mais, disse:

— Penso em você a cada instante do dia. Observo-te constantemente e sorrio como um tolo se te vejo sorrir. Preocupo-me se não dorme, se desperta sobressaltada ou se seu gesto estiver sério e pensativo. Por meu passado, nunca acreditei em cortejos e temas de coração, e inclusive quando vi meus amigos atordoados com suas mulheres nunca os entendi, até que, de repente, a conheci.

Ela piscou sem poder dizer nada, quando ele prosseguiu:

— Me julgue. Ria de mim pelo que acabo de te confessar, mas estou enlouquecendo cada vez que penso que amanhã tenho que te deixar em Inverness e tenho que me separar de você — e, ao ver que ela só o olhava, exclamou levantando a voz: — Não tem nada que dizer?!

Demelza não reagiu. Nunca teria imaginado que um homem como aquele pudesse lhe dizer coisas tão maravilhosas, quando ele, dando um passo atrás, murmurou:

— Está claro que estou bancando o tolo e que você não sente nada por mim.

O coração de jovem se acelerou ao ouvir de sua boca a confissão. Aquele homem, tão diferente do que tinha sido seu marido, sentia algo por ela. Aquele escocês estava abrindo seu coração de uma maneira que nunca teria imaginado. E, quando Demelza se dispunha a falar, ele deu um passo atrás para afastar-se dela, meteu a mão sob a pele de seu casaco, tirou uma pequena caixa e, estendendo-lhe disse carrancudo:

— Tome seu maldito broche.

Conforme ouviu isso, Demelza olhou o que lhe estendia e, depois de agarrá-lo, abriu-o. Tinha-o! Tinha o broche de seu pai!

Emocionada e comovida por tudo o que ele a fazia sentir e por aquele detalhe tão maravilhoso, olhou o escocês e, deixando-se levar pelo coração, se aproximou e perguntou:

— Compraste-o para mim?

— Você o que acredita? — Grunhiu ele irritado pela absurda pergunta.

Demelza fechou os olhos e, de repente, a imagem de Ingrid e ela deitadas no chão, olhando ao céu, retornou a sua mente. Recordou quando sua irmã, olhando-a, havia-lhe dito: *«Algum dia chegará esse homem especial que te dará de presente uma linda e excepcional prova de amor, e saberá que ele e só ele é o dono de seu coração»*.

E, sim, esse homem tinha chegado e, como dizia Brenda, ela morria de amor!

Embora fosse complicado, se não impossível, que acontecesse algo entre eles.

Não obstante, Demelza, refugiando-se em seus braços como nunca antes o tinha feito, apertou-se contra ele e murmurou emocionada:

— Obrigada... obrigada... obrigada...

O highlander sorriu ao sentir aquele abraço tão desejado. Aquela estranha moça conseguia que fizesse coisas que nunca pensou que faria, e, incapaz de não aproveitar aquela cercania, beijou-a na testa e murmurou enquanto contemplava o azul safira de seus olhos:

— É para você. Só para você.

Demelza ficou então nas pontas dos pés e lhe deu um delicado beijo nos lábios. Aiden era um homem carinhoso, fiel e atento, como tinha sido seu pai, e, feliz de ter conhecido o que uma vez sua irmã encontrou, murmurou:

— Esta foi uma linda prova de amor.

Surpreso porque ela o tivesse entendido como tal, Aiden sorriu, quando a jovem declarou:

— É bom, Aiden McAllister. É um escocês maravilhoso, atento, galante e um sem-fim de coisas mais. Alguém a quem me encantou conhecer e a quem levarei sempre em meu coração, e se não fosse por minhas circunstâncias...

— Circunstâncias? Que circunstâncias?

Demelza sorriu, deu-lhe outro doce beijo nos lábios e prosseguiu:

— E, com respeito a suas provas de amor, obrigada por todas e cada uma, mas... mas... não sou digna delas. Você merece uma boa mulher que...

— Que tolices está soltando?

Que dissesse aquilo a Aiden era revoltante, quando ela, pondo um dedo sobre seus lábios para que calasse, insistiu:

— Não sou o que você acredita, nem serei nunca o que deseja.

— Porquê? Por que diz isso? — E, recordando algo ao que tinha dado mil voltas em sua mente, insistiu: — Por que uma vez me disse que é o que detesto?

Demelza fechou os olhos.

Pela primeira vez em sua vida, quis ser uma simples moça apaixonada, e, aproximando sua boca a dele, murmurou para sossegá-lo:

— Aiden McAllister, não falemos mais e me beije.

Incapaz de negar-se, ele obedeceu.

Senti-la tão doce, tão cálida, tão entregue, era algo novo para ele e, quando o beijo acabou, ao perceber como o desejo se acrescentava entre ambos, dispunha-se a falar quando lhe pediu:

— Continuemos... Aiden...

Um beijo...

Dois...

Sete...

Abraçados, seus corpos caíram ao chão. Uma vez ali, Aiden ia falar de novo quando ela, deixando-se levar pela paixão, apoderou-se de seus lábios e o sossegou. Não queria que falasse, só desejava desfrutar do momento, um bonito momento que sempre pudesse recordar.

As carícias se intensificaram, e, quando a excitação de Aiden foi tremendamente evidente, longe de assustar-se, Demelza passou a mão por cima de sua calça e disse:

— Como bem me prometeu, não me fará nada que eu não queira.

Acalorado e tremendamente excitado ao entendê-la, ele a olhou.

— Tem certeza?

A jovem assentiu.

Louco e embevecido pelo modo como ela o fazia se sentir, quando as calças de ambos desapareceram e as mãos de Aiden tocaram a tibieza sedosa e cálida daquela mulher, ao ver que ela ofegava, ele murmurou:

— Demelza, acredito que...

— Não... não pare.

— Mas...

— Não me fará mal. Continue... — Seu convite deteve Aiden, quando ela, necessitada de dizer ao menos uma verdade, sussurrou: — Estive casada.

— Como?! — Perguntou ele surpreso.

Demelza o beijou. Toda ela era muitas surpresas. E, mentindo, afirmou uma vez que o beijo acabou:

— Ele está morto... não pense que entrego meu corpo a qualquer um.

Aiden assentiu e, ciumento porque outro tivesse posto as mãos sobre aquela mulher, ao sentir como ela abria suas pernas para ele, colocou-se em posição olhando-a aos olhos e, ao notá-la tensa, murmurou com carinho:

— Hei... Ruiva Selvagem... me olhe...

A jovem obedeceu. Continuando, Aiden beijou com carinho sua testa, depois a ponta de seu nariz e finalmente sua boca. Queria e necessitava que aquele momento fosse para ela tão especial como era para ele, e, sentindo-a tremer não só de excitação, sussurrou:

— Merece um confortável leito e não... — Ela voltou a tremer, e, com gesto protetor, ele murmurou: — Calma, céu... calma...

Ouvir isso fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas de emoção. Viggo e Aiden, por sorte, não tinham nada a ver. Uma pessoa

era brutalidade e a outra, doçura. Uma pessoa era terror e a outra, amor. E, tentando acalmar seus medos e suas inseguranças, Demelza sorriu e murmurou aproximando sua boca a dele:

— Desejo-te mais que nada nesta vida...

Enfeitiçado, excitado e enlouquecido pelo que ela lhe dizia, o highlander, com delicadeza, colocou seu ereto pênis na úmida entrada de Demelza. O simples roce os fez ofegar, e, quando ele pouco a pouco começou a entrar nela, Demelza se arqueou, cravando seus dedos na pele dele.

Esse movimento por parte dela para Aiden pareceu a coisa mais sensual do mundo. Aquela moça, que se empenhava em ser sempre uma fera guerreira, era doce, cálida, sensual. Algo que ele tinha sido capaz de ver, apesar de todas as travas que lhe colocava. E, ao sentir que o olhava aos olhos, sorriu e se desfez quando lhe devolveu o sorriso.

Gostosa e entregue, Demelza desfrutou entre os braços do escocês. Aiden era cuidadoso, atento, suave, nada a ver com a besta má do Viggo. Um beijo. Dois. Um sussurro. Uma carícia. E seu corpo se rendeu. Relaxou até tal ponto que seus quadris adquiriram vida própria, e, necessitada de tudo ele, moveu-se e então foi ele quem ofegou.

Pela primeira vez, Demelza desfrutava do roce de dois corpos. Desfrutava de beijos, de carícias, de olhares cúmplices carregados de desejo, e, quando o êxtase estalou entre os dois deixando-os felizes e satisfeitos, Aiden a beijou com doçura e, depois de afastar-se de cima dela para não a esmagar, deitou-se a seu lado.

Permaneceram em silêncio durante segundos, até que ela procurou sua mão e a agarrou. Aiden gostou que ela tomasse a iniciativa, e sorriu.

Saber que tinha estado casada tinha sido toda uma surpresa. Se ele tivesse uma mulher como ela, não queria perder de vista. Mas, então, algo em seu interior despertou.

E se as reações de Demelza eram por culpa do seu marido? Podia ser que fugisse dele?

Sem poder evitá-lo, voltou a cabeça para olhá-la.

A jovem contemplava a lua. Estava linda, Demelza era deliciosa. E, sem poder remediá-lo, fixou-se na marca que ela tinha na bochecha.

Como a tinha feito? E se tinha sido seu marido?

A cada instante mais irritado pelas coisas que passavam por sua cabeça, necessitado de respostas, Aiden perguntou:

— Quanto tempo esteve casada?

A expressão de Demelza mudou. Falar daquilo não lhe era fácil.

Mas ele, olhando-a, implorou:

— Se for contar uma mentira, prefiro que não fale.

Ela assentiu. E, depois de pensar no que ele queria, necessitada de apoiar-se em alguém, murmurou:

— Mal foram alguns meses e...

O trote de um cavalo que se aproximava os pôs em alerta, e Aiden, levantando-se, apontou a calça dela e indicou agarrando a seu:

— Vista-se, já!

Rapidamente ambos o fizeram, e quando ele tirou sua espada e Demelza sua adaga da bota, diante deles apareceram Alastair e Brenda sobre o cavalo dele. Em silêncio, os quatro se olharam, e Alastair, ao ver a camisa por fora da calça de seu amigo e o cabelo de Demelza repleto de ervas, perguntou em tom zombador:

— Mas o que ocorre aqui?

Demelza suspirou e, ao ver o sorriso acusador de Brenda, atravessou:

— Melhor... não diga nada.

A jovem sorriu, quando de repente a ruiva, ao cair na conta, perguntou:

— O que fazem juntos e aonde se dirigem?

Alastair, apeando do cavalo, para depois ajudar Brenda, disse aproximando-se de Aiden:

— Tenho que falar contigo.

O highlander, irritado pela interrupção, e sem entender o que faziam aqueles dois juntos, assentiu, e, quando os dois homens se afastaram, Brenda cochichou olhando sua amiga:

— Ora... Ora... Mas não dizia que...?

— Te cale!

Divertida, a jovem de cabelo loiro murmurou então lhe tirando umas folhas do cabelo:

— Urzes... a primavera o altera, que curioso!

Demelza suspirou e, ao ver ela sorrir, grunhiu:

— Do que ri?

— De suas bochechas vermelhas e sua calça meio abotoada.

Rapidamente, a ruiva se precaveu de que tinha razão e, quando se dispunha a replicar, ouviu:

— Ai, Demelza, o que tenho que te contar...

Ela olhou sua amiga e, com mofa, perguntou:

— Que morre de amor, verdade?

Brenda sorriu e, enquanto ela se abotoava a calça, cochichou:

— Algo melhor... Caso-me!

Demelza a olhou e, sem entender nada, ia dizer algo quando ela prosseguiu emocionada:

— Alastair e eu... casamo-nos! Vamos ao povoado em busca de um padre que officie a cerimônia e os necessitamos como padrinhos.

— O quê?!

— Hilda, Moisés e o resto estão preparando um bom jantar para celebrar quando retornarmos. Não acha uma ideia incrível?

Os pelos de todo o corpo de Demelza se arrepiaram. A última vez que tinha estado em umas bodas tinha sido terrível. Mas não, não devia pensar nisso.

Aquilo era o passado e não voltaria a ocorrer. E Brenda, vendo seu desconcerto, olhou para Alastair e Aiden, que o escutava sem dar crédito, e afirmou:

— Se me casar com Alastair hoje, amanhã, quando chegarmos a Inverness, serei uma mulher com marido e o que há com Brochan se romperá.

— Mas estás louca?

A jovem loira assentiu e, com um gracioso gesto, afirmou:

— Sim!

— Mas Brenda, seus pais...

— Minha mãe se deprimirá e certamente estará dois meses em cama. E meu pai, uma vez conheça o Alastair, me perdoará. Sei, Demelza, eu sei.

A ruiva assentiu boquiaberta. O que aqueles dois queriam fazer era uma autêntica loucura, que, dependendo de como fosse Brochan e os pais dela, poderia sair tudo mau.

— Falou a Alastair do sangue que corre por suas veias? — Perguntou então baixando a voz.

Brenda negou com a cabeça.

— Não — murmurou.

— Mas...!

— Demelza, cala!

— Ele odeia tudo o que tenha a ver com os vikings. Em realidade, chama-te Adnerb... Se nem sequer sabe seu verdadeiro nome! O que está fazendo?

Tinha-o sopesado. Mas, incapaz de querer pensar em outra coisa mais que no amor que sentia por ele, cochichou:

— Tenho medo. Se o conto, possivelmente já não queira casar-se comigo. Como vou fazer?

— Mas, Brenda, ele...!

— Sei... sei o que vai dizer, mas me ama. Me disse que me ama, e acredito que me perdoará. E... e estou tão feliz neste momento, sinto-me tão viva e tão forte que não quero danificar este maravilhoso momento.

— Brenda... pensa.

— O mau é meu cabelo. Não sei o que fazer com ele!

— Brenda... — repreendeu.

— Ora... ora... — grunhiu ela.

As duas mulheres se olharam em silêncio. Sem falar se estavam entendendo, quando Demelza murmurou:

— Está louca! Quando Alastair se inteirar de...

— Do que tenho que me inteirar? — Perguntou o mencionado aproximando-se com seu amigo.

As duas moças se olharam, e Brenda se apressou a responder:

— De que não entendo de ovelhas. Se disse aquilo aquele dia foi porque Demelza me informou.

Todos a olharam. Estava mais que claro que ela não entendia nada de ovelhas.

— Não disse que só entendia de patos? — Atravessou Aiden zombador.

Demelza sorriu e, com apuro, afirmou sem saber realmente o que responder:

— E gansos... não o esqueça.

Então, Alastair soltou uma gargalhada. E, agarrando Brenda pela cintura, deu-lhe um beijo nos lábios e afirmou:

— Aiden aceitou ser meu padrinho. O pediste a Demelza?

Brenda sorriu e, olhando sua amiga, perguntou:

— Seria minha madrinha?

Todos a olharam.

Em que confusão Brenda estava se estava colocando?

E finalmente, sorrindo, apesar da que estava segura que ia se atar, Demelza assentiu.

— Claro que sim.

Emocionada, Brenda chiou e a abraçou enquanto Alastair montava em seu cavalo. E, nesse momento, cochichou-lhe ao ouvido:

— Você me ensinou a viver o presente. O futuro já chegará.

Ouvir isso fez à ruiva sorrir, quando Alastair, agarrando Brenda para sentá-la diante ele, disse:

— Vamos. Montem. Temos que encontrar um pároco que queira officiar as bodas.

— Tem certeza? — Perguntou Aiden.

Alastair, encantado, olhou para Brenda, que ante ele sorria, e afirmou:

— Como nunca em minha vida, amigo.

Aiden assentiu e, depois de montar em seu cavalo, estendeu a mão a Demelza, que imediatamente a aceitou.

Quando a jovem se acomodou na frente dele, enquanto o cavalo de seus amigos se encaminhava já para o povoado, Aiden perguntou esperando que ela como sempre fugisse:

— Está bem?

Ao entender o motivo de sua pergunta, a jovem afirmou com a cabeça.

— Melhor que nunca.

Aiden sorriu. Essa resposta tão positiva era muito mais do que esperava, e, depois de beijá-la nos lábios, perguntou:

— Acredita que fazem bem?

A jovem suspirou ao ouvi-lo, e, sabendo o que ele pensava, respondeu:

— Vivem o presente. O futuro já chegará.

— Isso é um grande erro.

— Porquê?

— Porque terá que valorizar as consequências — indicou ele. — Se algo me ensinou a vida, depois de ser o irmão de quem sou, é a valorizar as consequências derivadas dos atos que não medita no presente.

Demelza assentiu. Entendia que em parte tinha de razão, mas, pensando que a vida teria que vivê-la, afirmou:

— Em ocasiões, para ser feliz, terá que deixar-se levar pela loucura e a paixão, e acredito que esta é uma dessas ocasiões.

Aiden sorriu. E, recordando o que diziam antes de que chegassem seus amigos, murmurou:

— Embora esteja feliz por eles, sinto que nos interrompessem. Por isso te convoco a falar em outro momento com franqueza e tranquilidade.

— Já falaremos — assegurou ela.

Devia-lhe muitas explicações que certamente nunca lhe daria, mas, vivendo o presente, disse:

— Eu gosto muito de você, Aiden McAllister... muito.

Encantado como estava se desenvolvendo os acontecimentos, ele a beijou e, quando suas bocas se separaram, afirmou:

— Sinto algo muito especial por você.

Ouvir isso deu vida a Demelza, e, tirando seu lado sarcástico, perguntou:

— Tanto como para não pensar no futuro e se casar comigo esta noite?

Conforme disse isso, até ela mesma se assustou.

Mas o que havia dito?

E Aiden, que não esperava absolutamente essa pergunta, depois de coçar a cabeça, murmurou:

— Bom... pois... na verdade... não acredito que...

— Era brincadeira, Aiden, como vamos casar? — Zombou ela sendo rápida, e, incapaz de calar, murmurou: — Seus bonitos olhos sorriem, embora sua boca não o faz, haviam-lhe dito isso alguma vez?

Uma gargalhada encheu o ar, e Aiden, lhe dando um quente beijo nos lábios porque assim gostava, respondeu:

— Não. Mas eu gosto de ouvir o de sua boca.

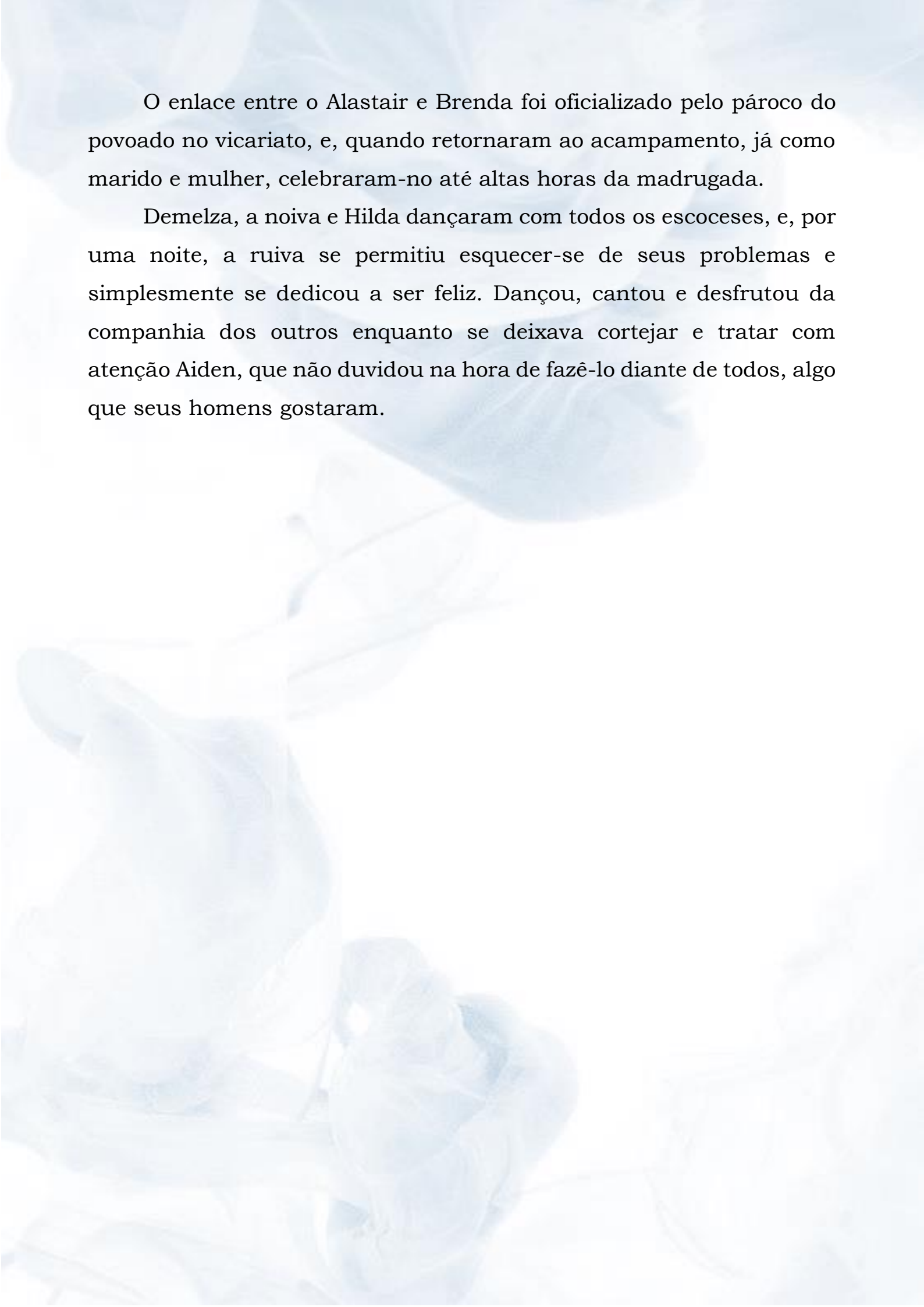
Um novo beijo. Outro... Outro... Quando, pararam, o escocês perguntou, ao ver o olhar sereno dela:

— E, voltando para tema de nossos amigos, deveria saber algo importante antes do enlace?

Sem mudar seu sorriso, ela negou com a cabeça. Nunca delataria Brenda, embora soubesse que isso lhe traria mais problemas. Entretanto, necessitada de que algo bonito saísse de tudo aquilo, beijou-o e declarou:

— Só que Lady Te Cale está loucamente apaixonada por ele. E que com segurança o deixará louco enquanto morrem de amor!

E, dito isto, Aiden sorriu e açulou a seu cavalo.



O enlace entre o Alastair e Brenda foi oficializado pelo pároco do povoado no vicariato, e, quando retornaram ao acampamento, já como marido e mulher, celebraram-no até altas horas da madrugada.

Demelza, a noiva e Hilda dançaram com todos os escoceses, e, por uma noite, a ruiva se permitiu esquecer-se de seus problemas e simplesmente se dedicou a ser feliz. Dançou, cantou e desfrutou da companhia dos outros enquanto se deixava cortejar e tratar com atenção Aiden, que não duvidou na hora de fazê-lo diante de todos, algo que seus homens gostaram.

Capítulo 34

À manhã seguinte, nada mais ao despertar, o primeiro que fez Aiden foi pensar em Demelza. A noite anterior, depois de um encontro furtivo no bosque no qual, de novo, voltou a desatar a paixão incontrolável entre ambos, ela decidiu retornar junto à Hilda. Não quis passar o resto da noite com ele em sua tenda, que tinha que dormir à intempérie.

Porquê?

Porque Hilda e ela emprestaram sua tenda aos recém-casados, que necessitavam de intimidade.

Aiden, que não pôde descansar por toda a noite, só podia pensar em como aquela jovem de cabelos vermelhos o observava enquanto faziam amor. Seus olhos, sua maneira de olhá-lo, tudo nela era quente e perturbador.

O highlander fechou os olhos e se repreendeu.

Que fazia pensando outra vez naquilo?

E, incômodo, levantou-se, saiu de sua tenda e olhou para o lugar onde sabia que aquela teimosa descansava à intempérie. Seguia adormecida enrolada em sua manta, e, como um tolo, sorriu.

Aquela moça estava fazendo que se questionasse em muitas coisas, muitas. Tantas que nem ele mesmo entendia por que o fazia, mas o caso é que ali estava, tomando decisões.

De repente, Demelza se moveu, e, como se um ímã o atraísse, Aiden foi para ela e se sentou a seu lado. Gostava de contemplar como despertava, e, com carinho, acariciou seu rosto e saudou:

— Bom dia.

A jovem, ao sentir sua doce carícia, acompanhada de sua bonita voz, sorriu sem abrir os olhos e murmurou:

— Bom dia, senhor.

— Aiden — corrigiu ele.

Surpresa, Demelza abriu os olhos e se sentou com o cabelo no rosto.

Mas onde estava dormindo?

E, enquanto via os homens passar diante dela, ia falar, quando ele, surpreendendo-a, deu-lhe um beijo nos lábios diante de todos, que bramaram felizes.

— A partir de agora serei sempre Aiden para você.

Boquiaberta por suas palavras e pelo beijo, Demelza o olhou e sussurrou:

— Mas seus homens...

— De meus homens me encarrego, de acordo?

Ela, confusa, assentiu como uma tola.

O rosto de Aiden e suas palavras a faziam sentir uma vez mais o mesmo da noite anterior, e soube que estava cometendo um erro de novo. Mesmo assim, não retificou, quando ele feliz perguntou:

— Passou bem ontem à noite?

Demelza assentiu e murmurou recordando o acontecido:

— Foi uma festa incrível.

Ele gostou de vê-la tão receptiva e, olhando-a com atenção, afirmou:

— Pois quando chegarmos a Keith, meu lar, a festa que organizaremos será ainda maior.

— A Keith?

Aiden, que tinha passado a noite pensando naquilo, assentiu.

— Sim, a Keith. Primeiro nos aproximaremos de Inverness para informar aos pais de Brenda do enlace, e posteriormente todos — disse recalçando a palavra — iremos as minhas terras no Keith, onde se casará comigo e seremos marido e mulher.

— Como?!

— O que ouviste.

— Eu disse que me casarei contigo?

— Sim.

— Duvido-o.

— Não o duvide — replicou ele com segurança.

Demelza ficou repentinamente séria. Ninguém decidia por ela.

— Não é meu pai, nem tampouco meu dono — grunhiu irritada.

— E não me casarei contigo se eu não o decidir assim. E assim que...

Aiden aproximou sua boca da sua. Beijou-a com desejo, propriedade e devoção, e, quando seus lábios se separaram, afirmou:

— Será minha mulher.

Ela negou com a cabeça. Não voltaria a casar-se com ninguém por obrigação.

— Isso terá que vê-lo — soprou.

O escocês sorriu ao ouvi-la. Gostava de seu caráter combativo, e decidiu guardar silêncio.

Demelza, por sua parte, retirou o cabelo do rosto. Seu plano ia ao traste.

Brenda não viveria em Inverness, a não ser com Alastair, por isso ela deveria acompanhar Hilda até a fazenda deles, e ainda por cima agora Aiden queria casar-se com ela.

Mas que loucura estava ocorrendo?

Estava dando voltas ao assunto quando Aiden, ao intuir o que pensava, disse:

— Quanto às Orcadas...

— Irei — cortou ela.

O highlander, que já imaginava que seria assim, falou:

— É obvio que irá, mas comigo. Seu marido.

— Não.

— Sim.

Demelza amaldiçoou. Aquilo era impossível.

— Não insista nisso de marido — replicou. — E não necessito que ninguém me acompanhe. Que você e eu tivéssemos intimidade ontem à noite não dá pé a nada mais. Não exijo nada, e só espero que você tampouco o faça, entendido?

Consciente de sua independência, e irritado porque não o necessitasse, ele não se moveu. Aquela teimosa era um osso duro de roer, e, disposto a fazer o queria em tudo o que tinha em mente, informou:

— Acompanhar-te-ei. E o farei, porque...

— Aiden... não... não é necessário.

O aborrecimento dele crescia por segundos ao sentir seu desapego, e, cravando seu escuro olhar nela, sentenciou:

— Irei. Não se fala mais nisso.

A jovem fechou os olhos. Tudo se complicava.

Por que a vida colocava tudo tão difícil?

Estava pensando nisso quando o ouviu dizer:

— Eh... Ruiva Selvagem... — Demelza abriu então os olhos e ele, com um sorriso que lhe desfez o coração, murmurou: — É muito bonita quando acorda.

Aquele galanteio, e aqueles olhos sorridentes tocaram de novo o coração da jovem e, quando se dispunha a responder, ele colocou a mão por debaixo da manta e lhe acariciou com desejo a parte interna

das coxas. Demelza tremeu de excitação. Aiden a fazia tremer, e não precisamente de medo.

— Quer que escandalizemos a seus homens? — Murmurou sorrindo.

Divertido pela cumplicidade que existia entre eles, apesar das barreiras que ele tinha que saltar continuamente para chegar até ela, Aiden retirou a mão e disse contendo suas apetências:

— Ontem à noite, quando se enrolou na manta, dormiu rapidamente.

— Acredito que bebi demais.

Ele sorriu, ainda recordava os beijos e os momentos vividos a noite anterior, e indicou:

— Quanto ao que te tenho proposto, temos que falar...

— Se se refere a nosso matrimônio, esquece-o.

Aiden assentiu. Sem dúvida não tinha sido boa ideia lhe dizer aquilo nada mais ao despertar, mas sem dar-se por vencido indicou:

— Se levante. Come algo e, durante o dia, procuraremos o momento para falar disso.

Continuando, voltou a lhe dar outro quente beijo nos lábios e se afastou em direção aonde estavam seus homens.

Sem poder remediá-lo, Demelza o seguiu com o olhar, enquanto sentia como seu coração pulsava a toda velocidade. De repente, a palavra amor adquiria significado para ela, e se assustou. Como podia estar apaixonada por um escocês e um escocês dela?

Estava pensando nisso quando Hilda se aproximou.

— Pelo amor de Deus, Demelza, o que não me contaste? — Exclamou, e, ao ver como a olhava, acrescentou: — Oh, filha... é tão bom moço, tão atento, tão amável e protetor, que não posso acreditar na sorte que tiveste.

Demelza soprou ao ouvi-la.

Por que estava dando a Aiden tanto crédito naquilo?

E, quando se dispunha a responder, Hilda acrescentou a toda pressa:

— Vou ajudar Douglas a preparar a comida. Logo falamos.

Assim que se foi, Demelza voltou a deitar-se e tampou a cabeça com a manta.

Não podia estar acontecendo aquilo.

Separavam-no muitas coisas. Coisas importantes que, quando ele as soubesse, certamente não chegaria a lhe perdoar.

Irritada, amaldiçoou. Ela não queria enganar Aiden como estava fazendo Brenda.

Nesse instante, ouviu que alguém tossia a seu lado.

Ao saber de quem provinha aquela tosse, rapidamente se desentupiu a cabeça para encontrar-se com o olhar brincalhão da Brenda. Estava radiante, feliz, sorridente. E, agradada de saber que tudo estava bem, Demelza a saudou:

— Bom dia, senhora Matheson.

Rapidamente, Brenda se deitou a seu lado e, agarrando a manta, jogou-a por cima das duas.

— Ai, Demelza — cochichou olhando-a, — nunca pensei que... que...

Ela sorriu. Falar da intimidade no leito conjugal sempre era complicado, e, tentando ajudá-la, perguntou:

— Foi paciente e considerado?

Brenda assentiu emocionada. Alastair tinha sido tudo o que ela sempre tinha imaginado, e, sorrindo, murmurou:

— Oh, Meu Deus... senti meu corpo explodir.

— Morreu de amor?

Ambas riram, quando ela cochichou gesticulando:

— E quando vi isso... isso tão... tão... Oh, Deus...!

— Brenda!

A jovem, ainda surpresa por aquela faceta da vida conjugal da qual tão pouco lhe tinham falado, insistiu:

— Mas isso é sempre assim? Cada vez que... vai crescer tanto?

Demelza soltou uma gargalhada. Não o podia remediar, e, chorando de rir, afirmou trocando de idioma:

— Sim, Adnerb... crescerá cada vez que...

— Oh, Deus... — assentiu emocionada.

Os comentários da recém-casada ante o que acabava de descobrir junto a Alastair eram engenhosos ao mesmo tempo que ocorrentes e, durante um bom momento, as duas, ocultas sob a manta, riram a gargalhadas, até que de repente ouviram:

— Carinho... o que faz aí deitada?

As jovens se olharam, e Demelza cochichou:

— É seu marido.

Vermelha como um tomate, Brenda assentiu e disse sem a tirar a manta da cabeça:

— Minha vida, estou falando com Demelza.

Olhando para o chão, onde estavam aquelas dois, o highlander suspirou.

— Recolhe suas coisas quando puder. Partimos para Inverness.

— De acordo...

Durante segundos, ambas guardaram silêncio e, ao ouvir que as pisadas dele se afastavam, Brenda balbuciou:

— Morro de vergonha quando o olho. O que fizemos foi... foi... tão... íntimo que...

— Não quero saber! — Cortou-a Demelza rindo. E, ao ver o gesto de sua amiga, acrescentou: — O que fizeram são coisas de marido e mulher. E, se juntos as desfrutarem, melhor!

Brenda sorriu e afirmou mordendo o lábio:

— Asseguro-te que as desfrutei tanto que as coxas ainda me...

— Brenda! — Riu Demelza.

Estavam divertidas quando a jovem desposada perguntou:

— E você o quê?... Vi que Aiden e você se internavam no bosque.

Demelza assentiu, e logo murmurou confundida:

— Só posso dizer... Oh, Meu Deus!

— Oh, Meu Deus! — Riu Brenda.

Contente de falar daquilo como teria feito com sua irmã Ingrid, Demelza suspirou necessitada de justificar-se.

— Esta manhã me despertou. Deu-me um beijo diante de seus homens e logo me disse que vamos casar.

— Oh, Meu Deus! Aiden e você, casados! — Murmurou a jovem piscando.

De novo riram por seus comentários, até que Demelza baixou a voz ao máximo e cochichou:

— Mas não pode ser, e me sinto mau. Muito mal.

— Porquê?

— Porque não estou sendo sincera e ele está sendo comigo, sim. E... e sinto que o coração me desboca quando está perto de mim porque eu gosto de seus cuidados, seus beijos, seus olhares cúmplices, mas... mas não posso. Não devo me casar com ele. Eu tenho obrigações que...

— Deixa de tolices, Demelza.

— Sou tudo o que Aiden detesta e... e... seus homens, não se dá conta?

— É uma excelente mulher... pensa-o assim.

— Brenda, respeito que você esconda certas coisas de sua vida a Alastair, mas eu não devo. Sou quem sou e venho de onde venho. Não posso ignorá-lo. Não posso mentir o resto de minha vida dizendo que sou das Orcadas e, bem... além disso está Harald. Ele está aqui por mim. E logo estará Viggo. Odiaria que esse mau homem fizesse mal a Aiden. Se algo lhe ocorresse por minha culpa, eu...

— Demelza. Você me ensinou a viver o presente sem medo algum, por que não o vive você também?

— Não temo por mim, mas sim pelas pessoas que me rodeiam, não entende? — E, ao ver o gesto dela, insistiu: — Aiden tem razão. O que façamos no presente pode trazer consequências no futuro e eu... eu...

— Acaba de dizer que Aiden tem razão?

Ao precaver-se de suas palavras, Demelza assentiu surpresa.

Pela primeira vez deixava de ver aquilo que seu irmão sempre tinha defendido do presente para entendê-lo como Aiden lhe tinha explicado, e murmurou tocando-a na cabeça: — Oh, Deus... estou mal... Isto não pode estar acontecendo.

Brenda sorriu divertida.

— Não está mal. Está apaixonada e morrendo irremediavelmente de amor!

Horrorizada, a jovem ruiva retirou o cabelo do rosto. E de repente estava consciente de que todas as coisas que sua irmã lhe dizia que sentia referente a Harald, ocorriam a ela quando pensava em Aiden.

— Tão profundo são os seus sentimentos por ele? — Ouviu então que lhe perguntava Brenda.

Demelza assentiu, consciente pela primeira vez de quem era sua máxima debilidade. A realidade a tinha transbordado. Estava tentando

passar nas pontas dos pés por aquele transe, mas Aiden, com sua persistência, seu carinho e sua entrega, não estava pondo fácil.

— Pois então — suspirou sua amiga — tem que o valorizar, mas se prefere ficar ancorada em um passado que nada bom pode te trazer ou viver junto a ele seu presente e seu futuro. Veja, Demelza, me disse muitas isso vezes de que o que tenha que ser: será. E, quanto ao Harald, deveria falar com ele e se justificar. Se ele conheceu o amor, saberá como se sente, e duvido que queira te separar do Aiden.

— Mas...

— E, antes de que diga nada mais, me deixe acrescentar que não conheci seu pai nem seus irmãos, mas estou segura de que eles quereriam que fosse feliz e se sentisse amada e protegida. Aiden te oferece tudo isso: felicidade, um lar, amparo. Por que não baixa a guarda e pensa uma vez em sua vida?

Demelza suspirou olhando sua amiga. Aquela moça parecia outra, distinta da que tinha conhecido, e sussurrou:

— Incrível!

— Incrível, o quê?

E, sorrindo, porque o necessitava e gostava, murmurou:

— Incrível que ainda não tenha falado de seu cabelo.

Dito isto, as duas seguiram rindo sob a manta, enquanto, não muito longe dali, os highlanders as observavam.

— Me dão medo essas risadas — murmurou Alastair.

— E a mim — conveio Aiden, evitando comentar o que tinha falado com Demelza.

Alastair, ainda em uma nuvem pelas decisões que tinha tomado nas últimas horas, disse então olhando o anel que usava no dedo:

— Agora só resta brigar com os pais de Brenda e o que foi seu prometido, que não acredito que tomem muito bem nossas bodas.

Aiden o olhou. O gesto preocupado de seu amigo o fez sorrir, e disse para tranquilizá-lo:

— Falaremos com eles e o entenderão. Calma.

Uma nova gargalhada das moças chamou de novo sua atenção. Estavam as observando quando elas se sentaram e tiraram a manta de suas cabeças. Mas, ao ver que eles as olhavam, voltaram a rir a gargalhadas e a cobriram-se de novo.

— Melhor não perguntarmos do que falam... — declarou Aiden sem deixar de sorrir como um tolo.

— Melhor — assentiu Alastair, feliz como nunca em sua vida.

Capítulo 35

A chegada a Inverness foi mais rápida do que em um princípio Brenda desejava.

Durante o caminho, a jovem faladora foi se apagando e uma estranha intranquilidade se apoderou dela, quando Demelza, aproximando sua égua do seu cavalo, cochichou:

— Deveria falar com Alastair já!

Brenda a olhou e, gesticulando, murmurou:

— E o que lhe digo?

— Diga a verdade — suspirou a ruiva.

— Não me atrevo — murmurou ela com gesto preocupado.

Demelza meneou a cabeça. Mostrava-se tormenta.

— Mas... acaso acredita que não vai descobrir? — Insistiu.

Brenda amaldiçoou, e mais ainda ao ver Hilda gesticular. Martirizava-a pensar no aborrecimento de Alastair, e, esporeando seu cavalo, afastou-se de Demelza no momento em que esta murmurava:

— Pequena teimosa é você também.

Aiden, que observava Demelza como sempre, ao ver seu estranho comportamento, aproximou-se dela com o cavalo.

— O que ocorre?

— Nada — murmurou a jovem acariciando Unne.

— Demelza...

— Que não ocorre nada... nada!

Aquele «*nada*», acompanhado daquele sorriso, fez Aiden entender que algo não estava bem, e indicou:

— Demelza... estou perguntando isso com tranquilidade. Odeio surpresas, e mais se não forem agradáveis.

A jovem se curvou. Sem lugar a dúvidas, o que encobriam não ia ser nada agradável, e, açulando Unne, disse enquanto se afastava:

— Logo falamos. Hilda me chama.

Aiden amaldiçoou ao vê-la partir e, em voz baixa, murmurou:

— Maldita seja, ruiva. O que ocorre agora?!

Ao ver sua mulher incômoda, Alastair aproximou seu cavalo do dela e, agarrando-a como se fosse uma pluma, levantou-a de sua sela e a sentou diante dele. Brenda o olhou com gesto acovardado, e então ele sussurrou lhe dando um beijo na testa:

— Tranquila, céu. Eu falarei com eles.

Doeu na jovem ver seu olhar, seu sorriso, e sentir seu amparo.

Como podia ter chegado a essa situação?

Como podia ter omitido algo tão importante?

E, por isso, com um fio de voz, perguntou:

— Você me ama?

Ele sorriu ao ouvir. Adorava aquela mulher como nunca tinha adorado a ninguém, e com segurança afirmou:

— Mais que a minha vida.

Brenda sorriu emocionada e, sem lhe tirar os olhos, indicou:

— Nunca esqueça que meu amor é você. Só você.

Agradado, Alastair lhe deu um doce beijo nos lábios. Adorava sua mulher. Possivelmente não fosse o que ele algum dia tinha imaginado, mas era a proprietária de seu coração e nada poderia remediá-lo.

Em silêncio, e sumidos em seus pensamentos, seguiram trotando junto ao grupo, quando ao longe apareceu o lar de Brenda. A fortaleza McAllan.

Todos pararam para observá-la, e Demelza, no lombo de sua égua, sussurrou:

— É enorme.

Aiden, que tinha se detido junto a ela, assobiou ao ouvi-la.

— Esse é seu lar, Brenda? — Perguntou Hilda boquiaberta.

A jovem assentiu olhando aquele lugar que tinha sido seu cárcere.

— Sim.

Surpreendentemente, aquela fortaleza murada e suas terras eram muito mais extensas do que nenhum tinha imaginado, e, ao sentir o olhar pasmo de Alastair, a jovem o tranquilizou com um gesto. Aquela fortaleza murada era para deixar nervoso a qualquer um.

Depois que Brenda lhes indicou onde podiam acomodar às ovelhas e aos cavalos para que descansassem, Aiden ordenou a seus homens que ficassem no acampamento. Em seguida, ele, junto a Alastair e sua mulher, Hilda e Demelza, que levava a lobinho metido em uma espécie de bolsa a suas costas, prosseguiu o caminho.

Quando a comitiva se foi aproximando do portão de entrada, a enorme porta da casa se abriu e por ela saíram várias pessoas. Brenda, ao ver seu pai, engoliu saliva. Seu gesto era sério, carrancudo, tão carrancudo como o de sua mãe, e murmurou:

— São meus pais e meus irmãos.

Alastair assentiu. Apesar do nervosismo que estava por dentro, por fora não se notava nada, e, agarrando com força sua mulher, sussurrou:

— Tudo irá bem.

— Isso espero... — falou ela.

Aiden, ao ver aquele homem que tinha conhecido dias antes observando-os da porta de sua casa, aproximou seu cavalo ao de seu amigo e lhe indicou:

— Me deixe que o eu saúde primeiro.

Alastair assentiu e, quando chegaram frente a eles e detiveram seus cavalos, ninguém se moveu, até que Aiden disse:

— Boa tarde, Callum McAllan... recorda-me?

O homem assentiu.

— Bem-vindo a meu lar, Aiden McAllister.

Mas o homem só tinha olhos para sua filha. Sua apreciada filha. E, sem poder evitá-lo, com a emoção na garganta, perguntou:

— Adnerb, meu tesouro, está bem?

— Callum! — Protestou a mulher que estava atrás dele.

Ouvir aquele nome de boca de seu pai emocionou a jovem, apesar do gesto carrancudo de sua mãe.

Alastair, que a segurava, perguntou então surpreso:

— Adnerb?!

Ela olhou para Demelza, que suspirou, e, voltando-se para seu marido, murmurou:

— Meu nome é assim.

— O quê?! — Murmurou ele, quando a moça se desfez de suas mãos com diligência, desceu do cavalo e correu para seu progenitor.

— Pai... Sinto muito, me perdoe... me perdoe, mas não podia me casar com Brochan... Por favor, pai... entenda-o... por favor.

Sem mover-se, todos observaram como a jovem abraçava a seu pai, que a beijava no rosto enquanto a mimava e a embalava com verdadeiro amor, nesse momento Alastair perguntou olhando Demelza:

— Sabia que se chamava Adnerb?

Ela o olhou com receio, e Aiden, que já a conhecia, afirmou ao ver também olhar a Hilda para o outro lado:

— Sem dúvida sabiam. Ambas sabiam.

Alastair franziu o cenho irritado. Por que Brenda não o tinha contado?

Tão surpreso como seu amigo, Aiden ia acrescentar algo quando se precaveu de que Demelza e o irmão de Brenda que tinha conhecido na taverna intercambiavam um olhar cúmplice.

— Ruiva... — murmurou, — se por acaso não o recorda, odeio surpresas.

Demelza suspirou, sem dúvida ainda ficavam muitas por descobrir.

Brenda abraçou então seus irmãos, que a receberam com verdadeiro carinho. Estavam felizes, ditosos, e sorriam de felicidade.

De onde se encontrava, Demelza observou a frieza de sua mãe e recordou imediatamente de Urd. Durante os beijos e os abraços de sua família, aquela não se moveu e, quando o fez foi para aproximar-se de Brenda e lhe soltar uma bofetada sem mediar palavra.

— Toda a vida cuidando de você... Ingrata! — Cuspiu.

— Mãe...

— Que gênio tem essa mulher — murmurou Hilda.

— Muita — grunhiu Demelza contendo-se.

— Toda a vida te ensinando a ser uma dama, cuidando de sua pele, suas maneiras, sua virtude e... e... olhe como vem. Parece um sujo e pestilento guerreiro. E seu cabelo... Oh, Meu Deus, o que tem feito com seu bonito cabelo?!

Ao ver aquilo, Alastair desceu rapidamente do cavalo. Não ia permitir que ninguém falasse desse modo com sua mulher, e Aiden o seguiu.

Mas então Brenda, sem saber por que e, sem derramar uma só lágrima, tirou a adaga que levava oculta na cintura.

— Adnerb! — Gritou seu pai ao vê-la.

A jovem olhou a todos surpresa por seu próprio arranque e, depois de pedir a Alastair tranquilidade com o olhar, cravou seus olhos em sua mãe e começou a dizer:

— Mãe, nunca fui seu orgulho, nem o serei. Mas se algo aprendi neste tempo que estive fora daqui foi me conhecer, a me valorizar e a me respeitar, algo que...

— Por todos os Santos — grunhiu ela sem escutá-la enquanto olhava horrorizada a adaga. — O que pensa fazer?

— Mãe...

— Não só retorna suja, malvestida e feia, mas sim também leva uma arma em suas mãos. Oh, Deus... que unhas e que mãos! Solte isso imediatamente!

Ao ouvir aquilo de «*feia*», Demelza se alarmou. Mau, mau... Quando Brenda murmurou:

— Mãe, não te suporto.

E, guardando a adaga no cinto, tomou a mão do Alastair, que cada vez entendia menos, declarou:

— Pai, mãe, irmãos... apresento-lhes Alastair Matheson. Meu marido.

Conforme disse isso, a mãe levou a mão à cabeça e gritou:

— Nãoooooooooo!

— Simmmmm — afirmou Brenda.

— Nãoooooo.

— Simmm.

A mulher cambaleou e, em um fio de voz, murmurou com dramatismo:

— Mas... mas está prometida...

— Já não estou — respondeu ela.

— Mas seu prometido é Brochan.

— Agora sou a esposa de Alastair Matheson — afirmou Brenda.

A mulher se abanou com a mão. E, antes de que caísse ao chão, com uma calma que deixou surpresos a todos, seu marido Callum pediu:

— Cameron, Angus... filhos, segurem a sua mãe, que vai desmaiar!

Eles se apressaram a agarrá-la e, em um segundo, a mulher desabou.

— Bendito seja Deus! — Assustou-se Hilda descendo rápida de seu cavalo para ajudar.

Com resignação, os moços, junto a uma preocupa Hilda, levaram-na ao interior da casa, enquanto Aiden, Alastair e Demelza não entendiam nada, quando Brenda disse olhando-os:

— É o de sempre. Desgosto, desmaio, e agora virão as recriminações, os choros e a brotoeja.

Sem poder evitar, todos sorriram, e Demelza murmurou descendo de sua égua:

— Era verdade o que dizia quando falava dela.

— Já viu que sim. Mãe é muito peculiar.

Alastair, enquanto via que o pai da moça saudava Aiden com afabilidade, perguntou dirigindo-se a sua mulher:

— Por que me ocultaste que se chama Adnerb?

A jovem engoliu com dificuldade e a seguir murmurou em um tom de voz calmo:

— Adnerb é Brenda ao contrário.

Alastair piscou, não entendia nada, quando Callum, o pai da jovem, retirando sua filha para um lado, olhou ao highlander e perguntou:

— De verdade se casaste com minha filha?

— Sim, senhor — respondeu ele alto e claro.

— Você?! — Exclamou ele.

— Sim, eu! — Assegurou.

Demelza se apressou a colocar-se junto de Aiden e Alastair. Se a coisa ficava feia, queria ajudar. E Brenda, ao ver como seu pai e seu marido se olhavam, agarrou a mão fria de Callum e disse:

— Pai, Alastair e Aiden me salvaram... bem, salvaram a Demelza, Hilda e a mim de alguns homens que nos mantinham cativas. E... quanto ao Alastair, ama-me por ser quem sou, cuida-me, protege-me e eu o amo. Sou feliz, pai! Sou feliz, como sei que você quer que o seja. E... E... morro de amorrrrrrrrrrrrrrrrrrr!

O homem corpulento assentiu, e, surpreendendo a todos, ato seguido abriu os braços e abraçou Alastair.

— Moço — exclamou, — nem imagina o feliz que me faz que ame a minha filha! Sou Callum, pai de Adnerb, e agora também seu sogro. Bem-vindo à família! — E, rindo, gritou aos serventes que colocavam a cabeça pela porta: — Preparem uma opípara janta com o melhor que tenhamos. Adnerb retornou morta de amor. Casou-se e esta noite vamos celebrar.

Os criados, encantados, desapareceram para fazer o que seu senhor lhes pedia, quando este, olhando ao marido de sua filha, afirmou:

— Que felicidade... que felicidade!

Boquiaberto, Alastair olhou a um desconcertado Aiden, que entendia tão pouco quanto ele. Nem uma recriminação. Nenhuma má cara. Nada. Aquele homem, sem conhecê-lo, tinha-o aceito sem problemas.

Então, os moços que tinham ajudado a sua mãe saíram de novo pela porta, e Callum disse olhando-os:

— Cameron, Gordon, Angus, Clive, saúdem seu cunhado. Ama a sua irmã por ser quem é, sem lhe importar nada mais. Pelos deuses, que alegria!

Os quatro jovens sorriram e estreitaram a mão de um desconcertado Alastair, que se apressou a apertar enquanto observava sua mulher. Sua aceitação tinha sido fácil, excessivamente fácil, e, uma vez que terminou e Brenda se aproximou dele, perguntou-lhe:

— O que quer dizer seu pai com isso de que te amo por ser quem é, sem me importar nada mais?

Acalorada e encurralada, a jovem murmurou com um gracioso gesto:

— Coisa deles...

Aiden, que estava achando estranho como seu amigo, ao encontrar-se com o olhar de Alastair deu de ombros. Entendia tão pouco quanto ele.

De repente, Demelza se voltou para a direita e ficou sem fala.

A poucos passos deles, seu cunhado Harald se aproximava levando pelas bridas um corcel. Estava limpo, asseado e tinha bom aspecto.

Quando tinha chegado?

O viking, com tato e tranquilidade, olhou Demelza enquanto se aproximava do grupo. Seus claros olhos azuis lhe pediram prudência, e ela, sem pestanejar, entendeu-o e olhou para outro lado.

Como lhe havia dito Brenda, quando Harald chegou a Inverness e Callum McAllan soube de onde vinha, ajudou-o sem problemas. Esse sim, em nenhum momento lhe falou delas. Ninguém devia saber que se conheciam.

Quando o viking chegou até eles, Brenda olhou Demelza com dissimulação porque ela também o tinha reconhecido, e, ao ver seu cavalo, exclamou feliz:

— Ross!

Todos olharam ao animal; aquele cavalo escuro com a mancha branca no quarto traseiro era o mesmo que lhe tinham roubado.

— Este homem, Harald, encontrou-o — informou Callum. — O cuidou e Ross o guiou até casa. E o melhor de tudo é que é um ferreiro excelente.

Aiden assentiu ao ouvi-lo, mas, ao ver que Demelza baixava a vista ao chão, perguntou:

— O que te ocorre?

Rapidamente, a jovem levantou a cabeça e ele, ao observar que a cor de seus olhos era azul safira, soube que estava surpresa e desconcertada.

Então, ela, tentando dissimular como se sentia, respondeu piscando em busca de que lhe saísse alguma lágrima:

— Nada... É só que me emocionei ao ver o Ross.

Sem entender a que se devia seu baixo estado de ânimo, Aiden a observava quando Callum perguntou aproximando-se dela:

— O que leva nas costas, moça?

Demelza se voltou, e ele, ao ver o animal dormindo, murmurou com um sorriso:

— Santo Deus... Dizem que os lobos são perigosos.

— Não mais que as pessoas — replicou ela com segurança.

Seu comentário fez graça a Callum, que comentou:

— Você é a jovem dos olhos bonitos. Recordo-a da taverna. Qual era seu nome?

— Demelza.

O homem assentiu e, ao recordar como ela e Aiden se beijaram e este a protegia do olhar de Brochan, perguntou dirigindo-se ao highlander:

— Esta preciosidade é sua mulher?

Essa pergunta o pegou tão de surpresa que Aiden não soube o que responder.

Estava confundido com tudo o que estava ouvindo. E Demelza, ao ver seu gesto, tomou a dianteira e indicou:

— Oh, não, senhor. Não somos nada disso. Simplesmente ele me libertou junto a sua filha e os acompanho pela estrada. Breve nossos destinos se separarão, pois eu continuo caminho às Orcadas.

Aiden enrugou o sobrecenho ao ouvi-la. Mas o que estava dizendo?

Callum piscou.

— Não posso acreditar — murmurou ele boquiaberto.

— Pai... fala como a avó — murmurou então Gordon com um sorriso.

Conforme disse isso, Demelza ficou consciente de seu erro: tinha falado muito. E Brenda, precavendo-se do que ia ocorrer, e disposta a impedi-lo, aproximou-se de seu pai e disse agarrando-o pelo braço:

— Acredito... acredito que é melhor que entremos.

— Mas ela... — protestou o homem.

— Temos sede — insistiu sua filha.

De novo, Aiden ficou em alerta. O que queria dizer Callum que sua filha não lhe permitia?

Estava pensando nisso quando um dos irmãos da Brenda se colocou junto à Demelza e, com galanteria, saudou:

— Sou Cameron, irmão de Adnerb, e me alegra que uma mulher tão bonita como você visite nosso lar.

Ela, apressada, depois de cruzar um olhar com Harald, sorriu, quando outro dos jovens caminhou para ela e, tomando sua mão, a beijou e indicou:

— Um prazer te conhecer, Demelza. Sou Angus.

Depois, aproximaram-se os outros dois irmãos de Brenda.

Todos estavam contentes de tê-la ali, e Aiden, ao vê-la rodeada por aqueles quatro, sentiu-se incômodo. Não achava graça que olhassem e cortejassem aquela que queria que fosse sua mulher.

Então, Callum, desfazendo-se da mão de sua filha, aproximou-se de Demelza com um sorriso que lhe tocou o coração e disse:

— Primeiro Harald e agora você...

Acalorada, Brenda se abanou com a mão.

— Pai, acredito que...

— Adnerb, você sabia? Sabia de Demelza?

Todos a olharam.

A moça ficou vermelha como um tomate, e, sentindo-se entre a espada e a parede, afirmou sem poder remediar:

— Sim, pai. Claro que sabia.

— Oh... Oh... — murmurou a ruiva, dando a entender por gestos a Harald o que estava a ponto de ocorrer.

Aiden e Alastair se olharam.

Mas o que acontecia ali, que eles não se inteiravam de nada?

E a que se devia esse «Oh... Oh...» de Demelza?

E, incapaz de calar um segundo mais, Aiden agarrou a jovem pelo braço para aproximá-la a ele e retirar um dos jovens, e ia perguntar quando um emocionado Callum murmurou dirigindo-se a ele:

— Moço, se antes te respeitava, agora respeito mais ainda. E a você também, Alastair. Que ame a minha filha e a proteja me deixa

cheio de orgulho e de tranquilidade. Nem todos os escoceses aceitam, amam e cuidam dos vikings com tanta complacência.

Conforme disse isso, Aiden e Alastair se olharam.

Vikings?

— Pai... — interveio Brenda assustada, — entremos em...

Alastair agarrou então sua mulher pela mão e, puxando-a, olhou-a nos olhos e apontou:

— Minha vida... estamos falando. Não interrompa.

De repente, Aiden olhou para Demelza.

Sem saber por que, em sua mente tudo começou a encaixar, e, quando ia perguntar, Callum olhou a jovem de cabelo vermelho e lhe perguntou em norueguês:

— De onde é?

O coração de Demelza se acelerou e olhou para Harald, que observava em silêncio. Depois olhou para Aiden. Seu gesto de aborrecimento e de mal-estar dizia tudo. Pensou em mentir, em ocultar sua procedência. Mas não podia, algo lhe impedia de seguir fazendo-o. E, suspirando, respondeu no mesmo idioma que ele:

— Senhor, sou de Ski, um lugar próximo a Oslo.

Ao ouvi-la, Aiden exclamou alterado por não entender nada:

— Em que idioma fala?!

Callum ao ouviu, mas, incapaz de deixar de tagarelar, indicou em gaélico:

— Minha mãe era de Bergen, conhece-o?

Sentir o olhar incômodo de Aiden a estava matando. Aquela revelação estava mudando tudo.

— Sim, senhor — assentiu. — Conheço Bergen.

Aiden não podia acreditar.

Demelza era viking? Pagã?

Estava pensando nisso quando Alastair, compreendendo-o tudo como seu amigo, perguntou a seu sogro com gesto feroz:

— Sua mãe era de Bergen?

— Sim.

— Era viking? — Insistiu Alastair.

Callum assentiu e, ao ouvir o rugido furioso dele, murmurou enquanto levantava as mãos ao céu e olhava para sua filha:

— Adnerb... — e, lendo o susto em seu olhar, perguntou sem acreditar: — Por Odin, o que fez, filha?

O silêncio se apoderou do lugar.

Nenhum sabia o que dizer, quando os irmãos dela, vendo o panorama, intercambiaram um olhar e Gordon se apressou a dizer:

— Acredito que é melhor que entremos em casa se por acaso mãe nos necessita...

Mas ninguém se moveu.

O desconforto era esmagador, quando Alastair, aproximando-se de sua mulher, balbuciou:

— Tem sangue viking?

Apressada e vermelha como um tomate, Brenda tocou seu revoltado cabelo e afirmou:

— Sim.

O bramido de frustração que soltou o highlander deve ter sido ouvido em toda Escócia, e mais quando, olhando-a, vozeou colérico:

— E quando pensava me dizer isso Adnerb?!

A jovem se encolheu e ele insistiu olhando também Demelza:

— Quando iam confessar que são vikings?

Brenda não respondeu, não lhe saíam as palavras, quando a ruiva, para lhe dar uma mão sem se importar com suas próprias consequências, mentiu olhando os dois escoceses carrancudos:

— Se ela não lhes contou a verdade foi porque eu lhe disse que não o fizesse.

— Você disse o quê?! — Exclamou Alastair.

Brenda, ao ouvir, não pôde consentir e, plantando-se ante seu marido, declarou:

— Isso não é verdade.

— Te cale, Brenda — balbuciou Demelza sentindo o olhar escuro de Aiden.

— Não, não vou me calar — gritou ela e, olhando Alastair, acrescentou: — Se não te contei a verdade foi porque decidi calar isso. Quando Demelza se inteirou de que ia me casar contigo, rogou-me que fosse sincera. Mas... mas... como sê-lo? Sei quanto odeia os vikings pelo que te ocorreu, mas te amo, Alastair, e você me ama...

— E, sabendo que o que mais odeio no mundo é um viking, você vai e se casa comigo. Perfeito, querida Brenda! Ou, melhor, a partir de agora te chamarei... Adnerb.

O desconforto era extremo. Callum não compreendia nada. Os irmãos da jovem tampouco. Harald, que mal entendia o idioma, estava fora do lugar. O problema era grande, quando Aiden, olhando-os, pediu:

— Callum, poderia nos deixar a sós uns minutos?

O homem duvidou. Seu gesto já não era tão amável como um momento antes, quando Alastair, tentando respeitar aqueles cãs, insistiu:

— Senhor, se não se importar, eu gostaria de falar com minha esposa sem que haja ninguém de sua família perto.

Callum suspirou. O escocês tinha direito a lhe pedir aquilo; era o marido de sua filha. Por isso, e com pesar, depois de fazer um gesto com a cabeça a seus filhos, os cinco se afastaram.

Fizeram-no todos exceto Harald. Ele não entendia o idioma, mas algo o fazia compreender a situação. Demelza o necessitava e ele estava ali para ajudá-la.

Ofuscado, ao ver que aquele sujeito loiro e grande os observava com os braços cruzados, Aiden se dirigiu a ele de maus modos:

— E você o quê? Acaso não me ouviu?

Harald não se moveu. Assentou bem os pés no chão. Não pensava deixar Demelza a sós com ele. E, quando Aiden se aproximou dele com agressividade, a jovem ruiva se apressou a interpor-se em seu caminho e soltou olhando ao escocês:

— Não te entende.

Aiden amaldiçoou e, recordando o que o pai de Brenda havia dito segundos antes, olhou-o com mau gesto.

— Outro maldito viking.

— Nem te ocorra tocá-lo — falou então Demelza.

Aquela advertência, dita por ela, encolerizou-o mais e, olhando-a, bramou:

— Acaso vai dizer-me o que tenho que fazer?

Tão furiosa quanto ele, vendo que queria lutar com ele, ela murmurou:

— Se tocar em Harald por ser viking, asseguro-te que, como viking, não ficarei quieta.

Aiden levantou uma sobrancelha.

Sempre tinha ouvido que as mulheres vikings eram tão ferozes quanto eles.

Agora entendia aquela maneira de ser de Demelza.

— Atacar-me-ia para defendê-lo? — Perguntou desconcertado.

Essa maldita pergunta rompeu o coração a jovem.

Adorava Aiden. Ele era o homem que a tinha feito sorrir e desfrutar da vida como nunca, mas Harald era sua família, o único que tinha. E, sem duvidar, afirmou:

— Sim.

Zangado por ouvir isso, que não entendia, Aiden olhou seu amigo, quando Brenda, incapaz de calar, declarou:

— Aiden, Harald é seu cunhado.

— Como?! — Bramou o escocês.

— Não, Brenda! — Atravessou a ruiva.

Mas ela, desobedecendo sua amiga, prosseguiu:

— Harald foi quem avisou Demelza no dia do ataque. — E, retorcendo-as mãos, acrescentou: — Graças a ele e a sua vigilância, pudemos com esses homens que nos atacaram e...

— Este viking nos vigiava? — Perguntou Aiden enfurecido.

— Sim.

— Não posso acreditar nisso! — Balbuciou Alastair boquiaberto.

— Pois acredite nisso.

— Brenda! — Grunhiu Demelza, e, olhando-a, inquiriu: — Por que não se cala de uma vez?

Desesperada, e vendo o desastre que estava vindo, a jovem meneou a cabeça e murmurou em norueguês:

— Porque acredito que já mentimos muito e, nós gostemos ou não, chegou o momento de dizer a verdade. E... e para que entenda que Harald é alguém de sua família.

— Maldita seja! — Grunhiu Alastair ao ouvi-la.

E, antes de que pudesse dizê-lo, Aiden, irritado por não inteirar-se do que elas falavam, bramou:

— Falem em gaélico!

Demelza amaldiçoou. Tudo aquilo não poderia ter saído pior. E, voltando-se para um deslocado Harald, disse enquanto desprendia a bolsa onde tinha o lobo:

— Leve-o. Logo o buscarei.

Com gesto protetor, o viking agarrou a bolsa e, depois de olhar Aiden, que o observava com seriedade, finalmente murmurou dirigindo-se à moça:

— Se esse escocês a tocar ou te fizer dano... o mato.

Demelza assentiu.

— Calma. Antes eu o mato.

— Demelza, mas o que diz?! — Repreendeu-a Brenda.

A ponto de explodir de indignação ao ver que eles falavam um idioma que não entendia, Aiden bramou:

— Disse que falem em gaélico!

A viking, sem fazer caso a ninguém, sem medo, olhou ao homem que sabia que daria a vida por ela e insistiu em norueguês:

— Parte e leve Nidhogg. Logo falamos.

— Certeza?

— Sim, Harald. Certeza.

Dito isto, o viking cravou seus impactantes olhos claros nos escuros do highlander que os observava com cara de aborrecimento. Ambos eram homens de palavra, homens de honra. E, finalmente, o viking, depois de haver-se feito entender com o olhar, deu meia volta e partiu.

— Exijo saber o que falou com ele — disse então Aiden zangado.

Consciente de que só Brenda os tinha entendido, Demelza indicou sem medir as consequências:

— Não falei nada que te incumba.

Sua resposta irritou Aiden mais ainda.

Mas aquela mulher não sabia onde estava o limite? E, irritado, perguntou:

— Alguma vez disse alguma verdade?

Demelza o olhou.

Como bem tinha imaginado, no momento em que se inteirasse de sua procedência todo mudaria. E o primeiro que tinha trocado tinha sido seu olhar. Já não a olhava do mesmo modo. Por isso, afirmou consciente de que tudo estava perdido:

— É obvio que sim. Embora nunca saberá quando.

Alastair os escutava sem dar acreditar, e, incapaz de calar, murmurou:

— Sua ousadia vai te trazer muitos problemas, Demelza.

— Já os tenho — replicou ela sem mover-se.

Quando estiveram os quatro a sós, nenhum falou, só se olhavam, quando Brenda, soluçando, murmurou olhando seu marido:

— Sinto muito, minha vida... o...

— Adnerb?

— Sim...

— Viking?

— Mas...

— Como pudeste? Como pudeste me enganar assim? — Insistiu ele irritado.

A jovem suspirou. Sentia-se fatal.

— Eu... o sinto — murmurou, — mas tinha medo de...

— Medo? — Gritou ele, e, agarrando-a pelo braço, indicou: — Você e eu vamos falar do que é o medo, querida Adnerb.

Demelza, ao ver como a levava, dispunha-se a ir atrás deles quando Aiden se interpôs em seu caminho.

— Pelo seu bem, deixa-os. São marido e mulher e têm que falar.

A jovem não se moveu. Gostasse ou não, ele tinha razão, e, ao ver como a olhava, murmurou:

— Disse-te que se soubesse sobre mim não ia gostar.

O highlander assentiu ao recordá-lo, e, quando ela se aproximou para tentar explicar-se, sem saber por que, ele deu um passo atrás.

— O que... o que faz? — Perguntou Demelza doída.

Aborrecido e irritado, Aiden falou com a voz rouca:

— O mesmo que estive fazendo desde que te conheci.

Demelza suspirou e, necessitada de sua cercania mais do que ela queria, murmurou olhando-o:

— Aiden...

— Viking, ladra e mentirosa... Que mais?

Ouvir isso lhe doía, até sabendo como devia sentir-se ele. O que tinha descoberto tinha sido uma grande decepção para ele. E, ao ver sua frieza, guardando seus sentimentos, tirou aquele lado cru e impessoal que tão bem dominava e indicou assinalando a seus amigos, que discutiam a escassos passos dali:

— Olha pelo lado bom. Ao menos, não te casaste comigo.

Aiden ouvir isso soube de novo que era provocação e, esticando as veias do pescoço, falou:

— Sem dúvida é bárbara por sua irritada ousadia. E dou graças ao céu de haver me informado antes de ter cometido esse irreparável erro.

Dito isto, e necessitado de espaço para esclarecer suas ideias, encaminhou-se para seu cavalo. Desejava perdê-la de vista.

Demelza o seguia com o olhar de pena quando Alastair passou furioso por diante dela e Brenda gritou segurando-o:

— Alastair...

Zangado, ele se desfez de más maneiras de sua mão e, com a fúria no olhar, gritou-lhe:

— Se afaste de mim, Adnerb.

— Mas, Alastair, sigo... sigo sendo Brenda e...

— Adnerb. Seu nome é Adnerb — matizou ele.

Essa maneira tão cortante de dizê-lo fez com que a jovem parasse, mas, necessitada de ser escutada, insistiu:

— De acordo, meu nome é Adnerb e... e meu pai está preparando uma festa pelo...

— Você acredita que estou para festas? — Bramou Alastair.

Brenda suspirou. Sentia-se fatal, mas insistiu:

— Disse-lhe que o sinto, que o fiz mau. Que mais quer que faça?

Alastair deu meia volta e, incapaz de calar, soltou:

— Não quero que faça nada. Já tem feito o bastante. Mas agora, querida Adnerb, me permita que eu diga o que quero fazer ou não.

E, ofuscado, voltou-se de novo e continuou seu caminho.

Desfeita em muitas lágrimas, Brenda não se moveu nem insistiu. As coisas que ele havia dito tinham sido duras, cortantes. Sem dúvida as merecia, mas sua dureza tinha quebrado seu coração.

Demelza tampouco se moveu. Possivelmente o melhor era que partissem.

Quando os dois highlanders montaram em seus corcéis e se afastaram sem as olhar, notou que Brenda lhe dava a mão e, olhando-a, ouviu que dizia:

— Dum...! Dum...! Dum!

Ouvi-la chamar Alastair de «tolo» em norueguês, sem saber por que, fez Demelza sorrir, e murmurou no mesmo idioma:

— Bleklager.

Ambas se olharam.

Demelza havia dito «o sinto», e Brenda balbuciou:

— Odeia-me. Odeia-me e não vai querer... nada de mim.

— Isso diz porque está zangado, mas passará. Alastair te ama, ama-te tanto como você a ele, e quando pensar...

— Tenho sangue viking, Demelza...

Ela assentiu, mas, consciente da verdade, falou:

— É uma boa pessoa, Brenda...

— Adnerb. Rogo-te que a partir deste instante me chame por meu nome — corrigiu ela. Já não havia nada que ocultar.

Demelza assentiu, entendendo-a à perfeição, e prosseguiu:

— Alastair sabe que é boa, e, embora esteja zangado, espero que seu coração o faça pensar. Já o verá.

Adnerb secou as lágrimas dos olhos e murmurou olhando-a:

— Sinto ter falado de Harald, mas...

— Não se preocupe. Fez bem. Harald é minha família e à família se terá que cuidá-la e protegê-la. Além disso, esses escoceses presunçosos deveriam muito bem saber que se seus cavalos e suas ovelhas não correram perigo foi graças a Harald.

Ambas se olharam. Seus corações estavam quebrados. E, quando Demelza acreditou que Adnerb ia começar a chorar, Hilda saiu pela porta e perguntou ao ver os escoceses, que se afastavam:

— Mas o que ocorreu?

Demelza tomou ar e lhe contou à mulher, que as olhava assustada, quando Adnerb suspirou:

— Amo Alastair e meu coração chora por ele, mas meu cabelo e eu necessitamos de um banho com urgência.

Ouvir isso fez Demelza sorrir e, sem querer pensar em nada mais, afirmou:

— Nós também necessitamos desse banho.

Capítulo 36

No acampamento, a situação era tensa.

A volta de Alastair e Aiden sem as mulheres era estranho aos homens, que observavam como eles gesticulavam zangados e não entendiam nada.

— Não pode ser. Não me posso acreditar isso! — Grunhia Alastair.

Aiden, que tampouco dava crédito ao acontecido, afirmou com frieza:

— Pois sinto te dizer que é.

— Como posso estar casado com uma viking? — Bramou seu amigo.

Aquilo atraiu os olhares de vários dos homens, quando Alastair insistiu fora de si:

— Não... não entendo como não me dei conta. Como não nos demos conta!

Aiden soprou. Ele tinha razão.

Embora desde o começo intuía que Demelza ocultava algo, nunca teria imaginado que pudesse tratar-se de nada parecido.

— Alastair — murmurou, — quanto a Brenda...

— Brenda! Mas se chama Adnerb... Adnerb!

— Adnerb, Brenda... ambas são da mesma pessoa.

— Enganou-me. Ela sabia de minha aversão por esses bárbaros e, mesmo assim, casou-se comigo. Estou casado com uma viking cujo nome é Adnerb. Como acredita que me sinto?

— Imagino que mal — afirmou tentando manter a calma apesar do defraude que se sentia também.

Não era fácil.

Não era prato de bom gosto saber que aquelas duas não só tinham brincado com eles, mas também tinham mentido em algo tão importante. Os vikings e os escoceses não se davam bem. Não se suportavam. Eles mesmos tinham lutado em mais de uma ocasião contra aqueles pagãos.

Entretanto, tentando manter a calma, Aiden murmurou:

— Alastair, tem que falar com...

— Não quero falar com ela! Nem sequer desejo voltar a vê-la.

— Alastair...

— Casou-se comigo me enganando, acaso nosso enlace é verdadeiro? Ou, pelo contrário, poderei anulá-lo?

Aiden não soube o que responder. Possivelmente aquilo anulasse o enlace.

Não obstante, ele tinha seu próprio quebra cabeça. Demelza, a mulher que tinha conseguido lhe fazer pensar no amor e falar como um tolo, era viking, uma maldita viking! E, pensando nela, insistiu:

— Mesmo assim... tem que falar com sua mulher. Ou acaso quer retornar a casa sem ela?

Alastair não respondeu, não podia, e Aiden insistiu:

— Tanto faz se chama Brenda ou Adnerb. Valorize o que sente por ela e...

— Não sei, Aiden... Não sei nem o que pensar.

Os homens, que os escutavam sem poder remediar, começaram a formar grupos. Entre eles cochichavam sem entender nada, até que de repente Alastair gritou de novo zangado:

— Mas como pudemos estar viajando com essas pagãs e não nos haver dado conta? Como?!

Quando seu amigo soltou aquilo, Aiden olhou para seus homens, que os rodeavam. Amaldiçoou ao distinguir seus gestos desconcertados, quando Gareth perguntou:

— Meu senhor, é verdade?

E, quando se dispunha a responder, Ivo insistiu levantando a voz:

— Essas mulheres são vikings?

Alastair soprou ao ouvir, e Aiden, adiantando-se, plantou-se ante seus homens e declarou:

— Merecem uma explicação que ainda não sou capaz de lhes dar. Mas, sim, ao que parece, são vikings.

De repente, ouviu-se um murmúrio generalizado. Os vikings não eram bem recebidos entre eles por distintos motivos.

— Mesmo assim — acrescentou Aiden, — estiveram conosco e eu gostaria que...

Ivo cuspiu no chão com raiva e, olhando-o, falou:

— Morte aos vikings. Não importa se for homem ou mulher.

Ouvir seu tom de desprezo incomodou Aiden e Alastair pela primeira vez.

Aquelas moças eram vikings, mas realmente mereciam aquele ódio?

E, quando Aiden se dispunha a reagir, Moisés falou empurrando ao Ivo:

— Modera seus comentários, e mais quando se tratar de Demelza, Brenda ou Hilda.

— Mas são vikings! — Insistiu ele.

— São mulheres pagãs, Moisés! — Gritou Sean.

O mencionado afirmou com a cabeça, mas, depois de olhar a seu senhor, que o observava com curiosidade, insistiu:

— Ivo, Hilda te cuidou quando o necessitou. A você, Gareth, arrumou sua roupa. Quanto a você, Sean, preocupou-se com seu problema na pele. E a todos... cuidou-nos com carinho e cozinhou para nós! Acaso nos envenenou? — Continuando, olhou a todos e insistiu: — E, quanto a Brenda e a Demelza, acaso é mentira que defenderam os cavalos e as ovelhas sem pensar em suas vidas? Trataram de lhes matar por ser vikings enquanto dormiam?

Ninguém disse nada. Ninguém se moveu.

— Eu gosto dos vikings tão pouco quanto vocês — acrescentou Moisés ao final, — mas essas mulheres nos demonstraram que são boas pessoas, e como tais deveríamos trata-las.

A partir desse instante se iniciou um debate sobre o assunto entre os homens enquanto Aiden os escutava. Tentava entender tanto uma parte como a outra, mas quando foi falar alguém gritou:

— Aproxima-se um cavaleiro!

Todos levantaram o olhar. Alguém se aproximava sozinho deles.

Rapidamente, todos empunharam suas espadas, quando Alastair disse alto ao distinguí-lo:

— É o pai de Bren... Adnerb.

— Um viking! — Grunhiu Ivo.

A queixas dos homens de Aiden se fizeram ouvir, quando este indicou levantando a voz:

— Esse homem se chama Callum McAllan e será bem-vindo neste acampamento, essencialmente porque estamos em suas terras. Ficou claro?!

— Mas, senhor... — grunhiu outro de seus homens.

— Ficou claro?! — Insistiu ele levantando a voz.

Ao sentir seu duro olhar, Ivo retirou a mão de sua espada e indicou baixando a voz:

— Irei... irei ver se os cavalos têm suficiente água.

Quando ele se afastou, o resto se dispersou também, e, quando ficaram sozinhos Aiden e Alastair, este último murmurou observando como Callum se aproximava:

— A que virá agora?

Aiden suspirou.

— Sem dúvida, a entender o que passou.

Segundos depois, ele chegou frente a eles e Aiden saudou:

— Boa tarde, Callum.

O homem, já não era tão afável como pela manhã, assentiu e perguntou olhando-os:

— Podemos falar?

Ao ver que Alastair assentia com a cabeça, Aiden lhe disse que sim. Callum desceu de seu cavalo e os seguiu.

Entraram na tenda de Aiden, e Callum, que estava tão inquieto como eles, apressou-se a dizer olhando Alastair:

— Sei como deve se sentir, moço, mas...

— Sabe? — Bramou ele. — Oh, não... acredito que não pode saber e nem imaginar. Sua filha... enganou-me. Tomou-me por um tolo, e, conhecendo certas coisas pessoais e importantes para mim, mesmo assim, casou-se comigo!

Callum cabeceou. Tinha falado longamente com sua filha e ela tinha contado o que ocorria. E, olhando para Alastair, insistiu:

— Sei que o que ocorreu a sua família foi terrível, e entendo seus receios quanto aos vikings, mas...

— Não... não entende, senhor, me acredite que não!

Callum, ao ver a raiva no olhar de Alastair, disse então sem deixar-se intimidar:

— Minha mãe foi sequestrada de Bergen por escoceses que mataram a sua mãe e seu irmão. Depois a trouxeram para aqui, onde foi vendida como escrava. Durante meses foi maltratada e humilhada, até que meu pai a encontrou meio morta na ladeira de um rio e, sem saber de sua procedência, recolheu-a e a levou junto a sua família, que a cuidou. Como imagina o medo, a raiva e o ódio que minha mãe podia albergar para os escoceses podiam ser muito similares ao que você alberga pelos vikings. Mas a diferença entre minha mãe e você é que ela soube distinguir entre pessoas boas e pessoas más, sem importar que fossem daqui ou dali.

Essa revelação surpreendeu aos highlanders, quando Callum prosseguiu:

— Meus pais se apaixonaram. Casaram-se apesar das dificuldades que supunha a procedência de minha mãe, e dessa união eu nasci. E, sim, tenho sangue viking, mas também escocês, como tem minha filha Adnerb, que herdou o nome de sua avó, por muito que se empenhe as pessoas ou você mesmo em ignorá-la. E, dito isto, quero que saiba que entendo seu aborrecimento, moço. Minha filha não foi sincera contigo e não te deu a opção de escolher, como assim deveria ter sido. Por isso, e entendendo seu desconforto por estar unido a ela, vim te dizer que se o deseja, farei com que sua união se anule esta mesma noite.

Alastair ficou sem palavras ao ouvir.

Por muito zangado que estivesse com ela, pensar em anular o enlace o incomodava. Ele amava à moça. Mal a conhecia, mas sem dúvida sentia algo muito forte por ela. Estava lhe dando voltas quando o pai dela insistiu:

— Pensa no que te disse. Se assim o desejar, minha filha deixará de ser sua mulher antes do amanhecer.

Confundido e desconcertado, Alastair assentiu e logo, olhando-os, disse:

— Se não se importar, preciso respirar um pouco de ar fresco.

E, dito isto, o highlander de cabelo claro saiu da tenda.

— Sinto o ocorrido — murmurou então Callum dirigindo-se a Aiden. — Sinto-o muito.

O escocês assentiu. O gesto dele lhe indicava que não mentia.

— A situação não está sendo nada fácil para Alastair — murmurou.

— Entendo-o. Me acredite que o entendo. Mas, se me permitir isso, direi que cresci pensando que as pessoas não têm que porque julgar-se antes de conhecer-se, especialmente porque sempre me prejudgaram. Como meus pais me ensinaram, há pessoas boas e más no mundo, e nem todos os escoceses são bons, nem todos os vikings são maus.

Aiden assentiu. A ele mesmo o prejudgavam por ser o irmão de quem era e o compreendia melhor que ninguém.

— Tem razão — declarou. — Mas também tem que entender que nos tempos que vivemos não fazemos mais que ouvir maldades dos vikings e...

— Se vivesse na Noruega, ouviria as maldades dos escoceses. Ou acaso não sabe que quem sequestrou Hilda e Demelza, em sua terra, eram escoceses?

Esse dado, que Aiden desconhecia, fê-lo piscar, quando ele continuou:

— Foram levadas a força de seu lar, como foi minha filha, pelas mãos de escoceses. E, se vocês não chegassem a cruzar em seu caminho, teriam vivido a mesma agonia que minha mãe.

Imaginar a angústia que a mãe dele teve que passar, e que provavelmente as moças teriam passado, não era agradável, e, pensando em Demelza e no pouco que sabia dela, murmurou:

— Desconhecia o que me conta. Demelza me disse que escoceses as raptaram nas Orcadas e...

Callum negou com a cabeça e, cravando seus olhos nele, insistiu:

— Mentiu-te. E, embora fez mau, teve que fazê-lo para proteger-se. Como você teria reagido ou seus homens se tivessem sabido que era uma viking? Acaso a teriam ajudado ou possivelmente a teriam combatido e humilhado?

Aiden não respondeu. No fundo sabia que o que ele dizia era verdade, quando o homem murmurou com gesto triste:

— A fortaleza dessa moça é incrível. Com o que viveu, outra mulher, em seu lugar, teria se afundado.

Necessitado de saber a verdade, Aiden começou a perguntar a Callum, e este lhe contou sem duvidar. Sem piscar, o highlander entendeu tudo o que ele lhe contava, enquanto os pelos de todo o corpo se arrepiava. Conhecer a verdade do ocorrido a Demelza era duro, dramático. Que a moça tivesse visto morrer toda sua família diante dela era horrível, aterrador, até que ele se calou e Aiden perguntou confundido:

— Você sabia que Harald era seu cunhado?

Callum negou com a cabeça.

— Não, não sabia. Inteirei-me faz um momento porque ele me procurou e me contou isso. Mas sabe? Que esse homem, sem preocupar-se com a sua própria segurança, esteja na Escócia para procurá-la e protegê-la pela promessa que fez a sua mulher, faz-me saber que é uma boa pessoa. Uma pessoa com coração, com honra, e uma pessoa na qual alguém pode confiar.

Aiden assentiu. Sem dúvida, ele tinha razão.

— Harald — prosseguiu Callum — também me contou que o marido de Demelza a busca para matá-la e está aqui, na Escócia.

Aiden piscou sem dar acreditar. *Mas seu marido não estava morto?*

E, antes de que pudesse perguntar, o homem adicionou:

— Esse descarado que ainda se acredita seu marido e...

— Como ainda se acredita seu marido? — Disse Aiden interessado.

— Demelza e esse tal Viggo estão divorciados. — Ao ver o gesto de Aiden, Callum acrescentou: — O povo viking aceita o divórcio se ocorrem determinadas coisas que...

— Que coisas? — Perguntou ele sem poder evitar, enquanto notava como seu corpo se retesava pelo que intuía que ia ouvir.

Envergonhado por falar daquilo, Callum baixou a voz e contou tudo o que Harald lhe tinha relatado.

A cada palavra que ouvia, o coração de Aiden desacelerou. Agora entendia os medos, a raiva, os pesadelos e a frustração de Demelza.

Mas por que tortura tinha passado?

Conforme escutava Callum, sua raiva se acendia. A cada palavra queria proteger, cuidar e mimar Demelza como nunca tinha querido antes e isso o confundia mais e mais, até que falou:

— Tenho que falar com Harald.

— Com Harald?

— E necessito de você para que nos ajude a nos entender.

Callum assentiu. Conhecer a história da moça parecia ter mudado o conceito que Aiden tinha de muitas coisas, e encantado afirmou:

— Será um prazer, moço. Mas...

— Callum — o cortou ele. — Só quero falar com ele. Nada mais.

O homem de cabelo grisalho assentiu e a seguir murmurou estreitando sua mão:

— Não sabe quanto me alegra ouvir isso.

Com gesto sério, ambos se olharam, e logo Callum cochichou baixando a voz:

— Oxalá pudesse me ajudar com o marido de minha filha. Esse moço eu gosto como marido para ela, e me consta que Adnerb está muito apaixonada por ele.

Aiden moveu o pescoço incômodo, e, conhecendo seu amigo, indicou:

— Chegado a este ponto, não saberia o que te dizer. Consta-me que Alastair ama a sua filha, mas...

— Seu sangue viking, não é?

O highlander assentiu. E Callum, consciente de que possivelmente o futuro para sua filha não fosse tão bonito como ele queria, perguntou:

— Virão à festa desta noite?

Aiden pensou. Todo seu interior lutava contra si mesmo, mas, necessitado de falar com Harald, afirmou:

— Ali estaremos.

Um bom momento depois, quando Callum partiu, Aiden penava no que tinha descoberto. Era-lhe difícil assimilar tudo pelo que tinha passado Demelza, e, necessitado de falar, foi procurar seu amigo. Tinha que falar com ele.

Essa noite, Aiden e Alastair, junto com seus homens, depois de tomarem um banho no lago e rasparem as barbas, encaminharam-se para a morada do Callum McAllan. Havia uma festa e, embora seu humor não fosse o melhor, queriam desfrutar dela.

Capítulo 37

Na fortaleza do Callum McAllan, a atividade era frenética.

Adnerb, que finalmente tinha recuperado seu nome diante todos, depois de tomar um bom banho no qual chorou como levava tempo sem fazê-lo, por que de mau tinha feito as coisas com todos, armou-se de coragem e foi falar com sua mãe.

Como era de esperar, a mulher não deixou fácil. Tudo eram recriminações, sermões, críticas. Mas aquela experiência tinha ajudado a jovem a compreender a importância relativa das coisas, e todas as queixa de sua complicada mãe tanto fazia.

A falha tinha sido dela e o assumia como tal, mas quando sua mãe voltou a lhe falar de Brochan, quando Alastair a repudiasse, olhando-a com uma ferocidade que nunca tinha tido antes, fez-lhe saber que preferia ingressar em um convento o resto de sua vida a expor-se a um enlace com ele.

Ao ouvi-la, a mulher o aceitou. Se sua filha antes valia pouco por seu sangue viking, depois do ocorrido, possivelmente o melhor seria que entrasse em um convento e se esquecesse do assunto.

Quando acabou a desagradável conversa com ela, Adnerb saiu do quarto e suspirou. A relação com sua mãe sempre tinha sido difícil e aquilo havia se tornado impossível. Estava claro que nunca se entenderiam.

Nunca.

Estava pensando nisso quando, ao abrir a porta de sua própria habitação, ficou sem fala ao ver Hilda e Demelza. A moça de cabelo vermelho estava linda, vestida com um vestido azul que se aderiria

perfeitamente a seu corpo. Agradada, sorriu, e se dispunha a adulá-la quando esta murmurou:

— Que bonita está, Brenda...

— Me chame Adnerb — corrigiu ela. — Sou Adnerb a partir de hoje, e que pese a quem pesar.

Demelza sorriu e, sem apartar seus olhos dela, insistiu:

— Está linda, Adnerb. E seu cabelo está maravilhoso!

Com um gesto feminino, e depois aparar o cabelo, que voltava a estar desenredado e adornado com flores, ela enrugou o nariz e afirmou com um sorriso:

— Eu sei!

— Adnerb! — Repreendeu-a Hilda.

A jovem sorriu e, esquecendo-se de suas penas, levantou o queixo e cochichou:

— Repreendendo-me ou não, sei que estou bonita. Linda! E meu cabelo está espetacular, ao mesmo tempo que limpo e sedoso.

— Mas como é muito orgulhosa?! — Zombou Demelza.

Adnerb meneou a cabeça e, lhe piscando um olho, afirmou:

— Você está linda.

Ela, tocando-se com carinho o cabelo, que Hilda tinha arrumado, suspirou.

— Preferiria voltar a usar minha antiga roupa.

— Sua roupa! Filha, Por Deus, não diga tolices — se queixou a mulher. — Essa roupa não era tua. Era de um ladrão e que nós a roubamos.

Demelza assentiu, mas insistiu olhando-se no espelho:

— Mas não vê o ridícula que estou assim vestida?

— Ridícula porquê? — Perguntou Adnerb.

— Pareço... pareço... — murmurou ela com gesto áspero.

— Feminina?! — Sugeriu Adnerb.

Demelza assentiu com um sopro. Aquele vestido acentuava sua cintura, seus quadris e inclusive seus seios, aspectos de seu físico que ela nunca tinha querido potencializar. E, cavando o decote, ia protestar quando Hilda afirmou:

— Efetivamente. Parece uma mulher. Tem curvas, beleza e um sem-fim de encantos, minha vida. É uma mulher! — E, lhe entregando um pano, acrescentou: — Guarde este lenço, possivelmente o necessite durante a noite.

— Não vou necessitar.

— Guarda — insistiu isso ela. — Nunca se sabe quando poderia necessitá-lo.

— Não penso espirrar — protestou a jovem.

Ela e Adnerb sorriram, quando esta última declarou com graça:

— É uma linda mulher que atrairá olhares. Os primeiros, serão de meus irmãos, que estão como loucos por dançar contigo esta noite.

Demelza suspirou e, olhando de novo o decote de seu vestido, onde guardou o lenço, murmurou:

— É que...

Para sossegá-la, Hilda agarrou o pingente que a ruiva tirou e que era tão importante para ela e, colocando-o disse:

— Neste decote brilhará seu belo talismã da sorte.

Ao ver o pingente em seu pescoço, o gesto de Demelza se adoçou. Sem dúvida a sua irmã Ingrid teria se encantado de vê-la assim, e, dando-se por vencida, afirmou:

— De acordo. Mas amanhã quero de novo as calças e...

— Queimei-as — mentiu Hilda.

O gesto da moça mudou e, quando Hilda saiu do quarto, Adnerb cochichou tocando o anel que ela usava no dedo e que lhe tinha dado:

— Calma. Meus irmãos têm calças, que roubarei para você.

Isso fez Demelza assentir, que olhando-se no espelho, colocou o broche que Aiden tinha comprado e que pertencia a seu pai. Quando o colocou em um lado do vestido, perguntou:

— A sério que não estou ridícula?

Adnerb sorriu e afirmou agarrando suas mãos:

— Está bela. Tão linda que, quando Aiden te veja, não poderá afastar seus olhos de você.

— Duvido-o — zombou ela. — Vi em seus olhos a decepção ao conhecer minha procedência. Não acredito nem que venha à festa. Deve me odiar.

Adnerb encolheu então os ombros e murmurou guardando seu lenço na cintura de seu vestido:

— Meu pai foi falar com eles e, embora não me assegurou isso, acredita que há possibilidades de que esses teimosos apareçam.

Demelza gostou de sabê-lo, mas, pensando em seu cunhado e no cuidado que devia ter com eles, falou:

— Tenho que falar com Harald, sabe onde está?

— Certamente nas cavaliças. Por certo, meu pai e ele tiveram uma conversa.

Demelza assentiu com a cabeça.

Gostasse ou não, sabia que era o melhor. Acabaram-se as mentiras. E, depois de lhe piscar um olho a moça, a que já amava, saiu a toda pressa do quarto.

Em seu caminho passou pelo salão onde ia se celebrar a festa e viu pessoas que não conhecia. Todos a olharam encantados, e Demelza, sorrindo, saudou-os com a mão. Os convidados começavam a chegar.

Sem olhar para trás, correu às cavaliças e sorriu ao ver Harald ao fundo. Ele estava agachado tocando seu lobo Nidhogg com carinho.

Sem necessidade de mover-se, o viking soube que Demelza tinha entrado; os olhos do lobo o disseram. E, sem olhá-la, murmurou em norueguês:

— Não sabe quanto me alegra que esteja aqui.

Demelza sorriu e, quando Harald se voltou para olhá-la, perguntou ao ver seu gesto desconcertado:

— O que ocorre?

Harald piscou boquiaberto.

Nunca tinha visto Demelza tão bonita, tão espetacular. Assim vestida era em extremo feminina, e, assentindo, afirmou:

— Está linda.

Ao ouvi-lo, a jovem sorriu e, piscando como fazia Adnerb, declarou com graça:

— Eu sei!

Harald, divertido, soltou uma gargalhada e, abrindo os braços, acolheu Demelza com carinho e murmurou enquanto a beijava na cabeça:

— Ruiva Selvagem, Ingrid estará muito feliz por você. Muito.

A jovem assentiu e, quando se separou dele, perguntou olhando o lobo dormir:

— Como se levou Nidhogg?

O homem olhou o animal e sorrindo afirmou:

— Comeu, brincou e agora está dormido.

Demelza sorriu. Aquele lobo branco era uma preciosidade. E, recordando algo, perguntou:

— É verdade que o pai de Adnerb falou contigo?

— Sim — assentiu Harald. — É um bom homem. Ajudou-me sem duvidar quando me apresentei a ele e lhe disse quem era, e, chegados a este ponto, merecia a verdade.

Demelza o entendeu, e a seguir perguntou:

— O que sabe do Viggo?

O gesto de Harald mudou e murmurou com pesar:

— Encontrei-o, Demelza.

— O quê?! — Murmurou a jovem em um fio de voz.

— Encontrei-o no povoado onde ele e seus homens se escondiam, mas, ao chegar, só achei morte e destruição.

Demelza amaldiçoou. E, quando ia dizer algo, ele apontou o broche que ela tinha no vestido e indicou:

— Um de seus homens deixou esse broche ali à espera de que você o encontrasse. O plano de Viggo era que esse sujeito te interceptasse na loja e te levasse a ele para matá-la, mas foi impossível. Aiden lhe deu medo. E, quando esse highlander e você partiram da loja, eu me ocupei dele. Ao que parece, Viggo sempre soube onde estava, e se não atacou é porque de certo modo teme Aiden McAllister. Sabe quem foi seu irmão e algo lhe diz que enfrentar Aiden não seria bom.

Demelza se curvou. Quão último queria eram problemas para os que a rodeavam.

— E como sabe de tudo isso? — Perguntou.

Harald respondeu apoiando um pé em uma madeira:

— O homem que levou o broche a essa loja me disse antes de morrer, como me disse onde se escondia Viggo.

Demelza assentiu.

— Tem que saber que entre os homens que lhe acompanham há um que informa Viggo de seus movimentos — apontou então Harald.

A jovem piscou sem dar crédito. Saber que Viggo tinha alguém entre os homens de Aiden era terrível, perigoso.

— Se não o matei é porque espero que Aiden o mate por você — acrescentou ele.

Demelza fechou os olhos. Temia perguntar o nome dele.

Todos, absolutamente todos os homens que tinham convivido com ela naqueles dias tinham sido amáveis, encantadores, e, incapaz de suportar aquilo, disse imaginando de repente de quem podia tratar-se:

— Temos que sair daqui.

— Agora não, ruiva.

— Devo encontrar Viggo e matá-lo.

— Agora não. Acabo de te dizer que não sei onde está.

— Mas, Harald...

— Demelza — a cortou ele, — esse homem se rodeia de homens perigosos e sem escrúpulos como ele. Nós só somos dois. Gostemos ou não, você e eu não podemos com todos eles. Partir daqui, do amparo que Callum ou Aiden nos oferecem, seria uma temeridade. Temo por sua vida e...

— Tanto faz, Harald... eu temo pela vida destas pessoas que nos ajudam. Não podemos permitir que Viggo se aproxime deles. Não posso consentir que... que aconteça outra vez o que se passou e...

Harald pôs então um dedo sobre seus lábios para sossegá-la e indicou:

— Sua única opção hoje é continuar junto a esse highlander que a olha embevecido. Enquanto esteja a seu lado estará protegida. Pensa-o. Isso nos dará tempo, ou seja, de saber onde se esconde Viggo e...

— Mas, Harald, não quero que Aiden ou seus homens tenham problemas. Não me perdoaria que lhes ocorresse algo por minha culpa. Devem me odiar já o bastante por ser viking e, em cima, que minha condição complique suas vidas. Não. Nego-me.

— Não quer saber o nome do sujeito que informa ao Viggo de seus movimentos?

Curvada, pensou. Já sabia. E, negando com a cabeça, murmurou:

— Dentro de dois dias sairemos daqui e...

— Demelza, está me escutando?

Mas a jovem já não escutava.

A raiva de sentir Viggo perto e o temor de que fizesse mal a quem a tinha ajudado, e, necessitada de encontrar-se com ele, replicou:

— É obvio que te escutei, mas acredito que foi você que não me ouviu.

Harald amaldiçoou. Aquela teimosa nunca mudaria. E, olhando-a, murmurou desejoso de saber:

— Quanto a esse McAllister...

— Aiden?

Harald assentiu e, ao ver seu sorriso, Demelza soprou e perguntou colocando-as mãos na cintura:

— Deixe-me ver, o que ocorre?

Divertido ao ver a jovem em uma teimosia em que nunca a tinha visto, cochichou:

— Não sei. Diga-me você.

Demelza, boquiaberta pelo que lia em seus olhos, ia protestar quando ele afirmou:

— Via como te olhava. Comprou-te o broche e vi...

Bloqueada, ela trocou sua postura e protestou ao recordar:

— Por todos os deuses, Harald, o que viu?

O viking meneou a cabeça sorrindo.

— Vi como se beijam, e te conheço, Demelza. Nunca te vi sorrir para um homem assim. Você gosta dele, como ele gosta de você e...

— Harald! — Grunhiu enquanto ele ria.

Boquiaberta pelo que ele contava e seu gesto brincalhão, a moça não soube o que dizer, quando aquele insistiu:

— Possivelmente tenha encontrado a felicidade que Ingrid te profetizou, embora seja ao lado de um escocês.

Ouvir isso lhe arrepiou.

O que tinha tido com Aiden tinha sido o mais bonito que lhe tinha passado na vida, mas isso tinha mudado. Agora que ele sabia qual era sua procedência, tudo aquilo era passado, e indicou:

— Equivoca-te.

— Algo me diz que não me engano. Sou um homem, Demelza. E sei a diferença entre olhar uma mulher ou a sua mulher. E esse homem a olha como sua mulher.

A cada instante mais deslocada, a jovem murmurou:

— Agora que sabe que sou viking, já não me olhará.

Harald deu de ombros e, com segurança, afirmou:

— Tolo seria se não o fizesse.

Dito isto, Demelza ia falar quando Hilda entrou nas cavaliças.

— Demelza, vamos. A mãe de Bren... Adnerb quer ver-te.

— Para quê?

— Não sei, filha. Mas por cortesia tem que ir — insistiu a mulher.

Ato seguido, Demelza olhou para Harald e murmurou baixando a voz:

— Falaremos mais tarde. E, no referente ao homem do grupo do Aiden que passa as informações a Viggo, me prometa que não comentará com ninguém.

— Dem...

— Prometa-me isso por Ingrid! Eu falarei com ele e o solucionarei. Embora não muito convencido, Harald finalmente assentiu.

— Prometo-o.

Dito isto, Demelza voltou a olhar o lobo, que dormia, e, depois de sorrir a seu cunhado, partiu.

Capítulo 38

Quando Aiden, Alastair e vários de seus homens chegaram a porta da grande fortaleza, apearam de seus cavalos. Haar estava nervoso. Tinha sentido o cheiro de Unne e estava como louco por ir atrás dela. Aiden, que era consciente disso, segurou-o.

Callum McAllan, ao ser avisado da chegada desses convidados em particular, saiu para recebê-los com um grande sorriso, e Aiden, dirigindo-se a seus homens, disse ignorando seus olhares de receio:

— Recordem, se comportem a todo momento.

Eles assentiram ofuscados quando Callum saudou-os ao chegar de frente a eles:

— Sede bem-vindos a meu lar, que agora é seu também. Passem ao salão. Ali têm bebida, comida e algumas convidadas desejosas de lhes conhecer.

Os homens observaram seu senhor e, depois de lhes dirigir um olhar de advertência, Aiden lhes indicou:

— Vão. Eu irei também.

Assim que se afastaram, Callum olhou para Alastair e murmurou:

— Obrigado por vir, moço.

O highlander assentiu com gesto sério, quando ele perguntou:

— Pensaste no que te propus?

Alastair engoliu com dificuldade. Adorava a filha dele, queria-a, mas era incapaz de saber se poderia perdoar o que tinha ocorrido.

— Sim — afirmou.

— E o que decidiste? — Insistiu Callum esperançado.

Alastair olhou para seu amigo, depois olhou suas mãos e finalmente, levantando o queixo, indicou:

— Será melhor que anule o enlace.

Assim que ouviu aquilo, Callum se entristeceu. Sem dúvida, sua filha ia sofrer.

E Aiden, surpreso pela decisão de seu amigo, perguntou olhando-o:

— O que faz?

Alastair sacudiu a cabeça confundido.

— Simplesmente, o que tenho que fazer.

Sem entendê-lo, Aiden se aproximou mais dele e murmurou para que Callum não o ouvisse:

— Acreditei que amava Adnerb. Acreditei que...

— E é verdade, mas, por muito que a ame, não posso ignorar que seu povo matou a minha família.

— Mas, Alastair...

— Não, Aiden. Não insista.

Embora com pena pela decisão que seu amigo tinha tomado e que sabia que o faria infeliz, o highlander assentiu. Se ele não queria falar mais do assunto, devia respeitá-lo. E, olhando a um triste Callum, foi falar quando ele lhe adiantou:

— De acordo, moço. Falarei com o conselho esta noite e, uma vez acabada a festa, o divórcio entre Adnerb e você será efetivo.

Alastair assentiu. Isso seria o melhor. E, depois de um tenso silêncio, finalmente Aiden perguntou:

— Callum, Harald sabe que quero falar com ele?

O homem assentiu, e, sem querer pensar no que sua filha tinha decidido fazer se ele a repudiava, afirmou:

— Vamos, espera-nos nas cavalariças.

Callum pôs-se a andar e os dois escoceses o seguiram, quando Aiden, olhando o seu carrancudo amigo, perguntou:

— Está seguro do que vais fazer?

Alastair soprou, mas, sem querer dar seu braço a torcer, afirmou:

— É obvio que sim.

Harald estava no fundo das cavaliças, brincando com o lobo. Ao vê-los, colocou o animal em um lugar de onde não pudesse escapar e, depois de dizer a Callum algo em norueguês, preparou-se para falar com eles.

Olhando-se com certo desafio, Harald e Aiden dialogaram tendo como intérprete Callum, que tentava mediar entre eles como podia. O escocês perguntou tudo o que quis a respeito de Demelza, e Harald, ao princípio coibido e depois mais relaxado, respondeu omitindo o que tinha prometido a Demelza.

Sem conhecer realmente o escocês, o viking sabia que a única oportunidade que sua querida cunhada tinha de sair ilesa daquilo era aquele homem e, fosse como fosse, tentaria que a ajudasse.

Quando Aiden tinha satisfeito sua curiosidade, Harald disse dirigindo-se a Callum:

— Agora lhe pergunte o que ele quer de Demelza.

Ao ouvir, o homem piscou, e Harald insistiu:

— Por favor. Eu gostaria de sabê-lo.

Aiden os observava sem entender nada, quando Callum murmurou: — Harald quer saber o que você quer de Demelza.

Alastair riu ouvir isso e, cochichando em direção a seu amigo, apostilou:

— Isso... responde. E o que você quer de Demelza?

Aiden, incômodo ao ver que os três homens o observavam, respondeu tentando manter a frieza:

— Diga que quão único quero é ajudá-la.

Callum comunicou e Harald, ao ouvi-lo, assentiu e indicou com gesto feroz:

— Pois lhe diga que, se só quiser isso, que não volte a beijá-la e nem tocá-la, porque, se o fizer, matá-lo-ei.

Callum ficou de olhos arregalados, e Aiden se apressou a dizer ao ver seu gesto incômodo:

— Quero saber o que disse. Palavra por palavra.

McAllan secou o suor da testa. Aquilo não estava sendo fácil para ele. E, meneando a cabeça, traduziu:

— Diz que, se só quer protegê-la, não quer que volte a beijá-la e nem tocá-la, porque, se o fizer, mata-te.

— Sua ousadia é própria de um viking — falou Alastair ao ouvi-lo.

Aiden riu com provocação ao ouvir. Sem entender o que ele havia dito, Harald se estirou e insistiu sem se importar se tinha todas as de perder:

— Diga a esse escocês que, se a roçar, o mato.

Callum negou com a cabeça. Não pensava repetir aquilo.

Então, Aiden, sem entender nada à exceção do gesto do viking, afirmou olhando Callum:

— Diga a este maldito bárbaro de olhos claros que tome cuidado, ou será eu quem o mate.

— Por todos os deuses! — Murmurou Callum, a cada instante mais acalorado.

— O que ele disse? — Perguntou Harald sem pestanejar.

Callum finalmente traduziu e então o viking sorriu.

Durante segundos, Aiden e Harald se olharam aos olhos.

Possivelmente falando não se entendessem, mas com o olhar se entendiam à perfeição. E nenhum disse mais. Não precisava.



Capítulo 39

Demelza saiu do quarto onde a mãe de Adnerb vertia muitas lágrimas na cama, ao encontrar-se com sua amiga esperando-a, murmurou:

— Sua mãe é o dramatismo personificado, e marcas de brotoeja tem por todo o corpo.

A jovem loira sorriu. Sua mãe sempre tinha sido assim.

— Acaso acredita que não sei? Bom, o que te disse?

Começaram a caminhar pelo corredor, quando Demelza, ordenando em sua mente tudo o que a mulher lhe havia dito, indicou:

— Além de me repetir o mau que você fez, quão decepcionada está contigo e que espera que saia logo desta fortaleza, não demorou nem um segundo em me dizer que tenho que cuidar da minha pele, as mãos... e já nem lhe conto o que há dito sobre meu cabelo.

Ambas sorriam por aquilo quando viram que Hilda se aproximava.

— Meninas... têm que descerem ao salão.

— Alastair veio? — Perguntou Adnerb esperançada.

Hilda, que tinha visto e falado com os homens de Aiden, afirmou:

— Sim.

Isso a fez sorrir e, pestanejando, murmurou:

— E está muito zangado?

A mulher a olhou. Não tinha visto Alastair porque ainda não tinha entrado na fortaleza, mas seus homens tinham comentado seu estado de ânimo.

— Não sei o que te dizer, céu... não sei.

A jovem meneou a cabeça. Estava claro que não ia perdoá-la. E, encolhendo os ombros, declarou:

— De acordo. Se ele decide anular nosso matrimônio, tenho que aceitá-lo sem pigarrear por não ter sido sincera com ele desde o primeiro momento.

— Anular seu matrimônio? — Perguntou Demelza.

Adnerb assentiu e, com tristeza pelo que tinha falado com Callum, afirmou:

— Meu pai lhe ofereceu essa possibilidade. Pelo meu erro, apesar de ser escocês, pai lhe disse que poderia solicitar o divórcio ao conselho e... — Adnerb não continuou. Não podia. Mas, continuando, levantando o queixo, afirmou tomando forças: — tanto faz o que eu pense ou sinta, agora já nada depende de mim.

Conforme disse isso, sentiu que o coração lhe rompia em mil pedaços, e, ao ver como as outras a observavam, perguntou:

— O que ocorre?

Hilda não disse nada, mas Demelza, que já adivinhara, falou:

— Não vai chorar?

— Não.

— Nem vai dramatizar? — Insistiu.

Adnerb suspirou. Aquela viagem e sua aventura, além de lhe fazer conhecer o amor, tinham-lhe feito entender muitas coisas da vida.

— Não e não — respondeu. — Atuei mau e, aconteça o que acontecer, tenho que assumir as consequências e respeitar as decisões.

Demelza e Hilda se olharam ao ouvir sua resposta. Quando se conheceram, aquilo teria sido motivo de uma grande manha de criança.

Mas então, Adnerb, parando de repente, olhou-as e balbuciou com os olhos alagados em lágrimas:

— Se... Alastair solicita o divórcio, acredito que morrerei!

Demelza assentiu. Essa sim... era Adnerb. E Hilda, enternecida, abriu os braços, onde a jovem se refugiou enquanto a mulher murmurava:

— Ai, menina... já estranhava que você não chorasse.

Com carinho, Demelza tocou sua cabeça enquanto sua amiga chorava. Entendia sua pena, sua dor, mas também sabia que teria que respeitar a decisão de Alastair.

Assim permaneceram uns instantes, até que Hilda anunciou:

— Vou à cozinha. Quero ajudar a preparar o succulento jantar.

Quando a mulher partiu, ao ficarem sozinhas, Demelza com carinho sussurrou:

— Não chore mais.

— E se já não me ama?

— Ama-te.

— Mas... e se sua teimosia lhe impede de escutar a seu coração?

Aquela era uma possibilidade. Alastair, como escocês, sentia-se enganado e ofendido. Mas Demelza insistiu:

— Adnerb, não sabe o que Alastair querará.

— Sim, eu sei — afirmou ela. — Acredito que sei e por isso estou assim.

A ruiva suspirou e, quando ia dizer algo, Adnerb, cujo estado de ânimo trocava constantemente, disse limpando-as lágrimas com as mãos:

— Acabou-se! Não estou disposta de que me veja chorar.

— Essa é a atitude.

— Se me acredita uma selvagem pagã, encontrará o que acredita.

— Calma, Adnerb...

— Demelza — a cortou, — acaso acredita que não pensam isso de mim e de você?

Em um primeiro momento, ela não disse nada. Não sabia. E, encolhendo os ombros, logo afirmou:

— Reconheço que sou viking e em certo modo sou selvagem.

— Só é selvagem, quando tudo soluciona matando? — Zombou Adnerb.

Demelza suspirou e, olhando-a, insistiu:

— Isso só o faço quando é sua vida ou a minha em jogo. Recordo-o.

— Mataria Alastair — balbuciou ela.

Ao ouvi-la, a ruiva sorriu.

— Deixa ver... de momento vai manter a calma e não vai matar a ninguém. Antes de dar nada por certo, observa a atitude de Alastair com você e quanto ao que deseja. Mas enquanto isso... tranquilidade.

Sua amiga assentiu e, tomando ar, ia descer a escada quando perguntou:

— Tenho o cabelo bem?

Demelza sorriu. Aquela moça era um carrossel de emoções. E, olhando-a, afirmou:

— Deixou-o belo. Tão bonito que quando Alastair a vir vai se apaixonar novamente.

A jovem sorriu então com segurança e murmurou enquanto começavam a descer pela escada:

— Prometo manter a calma e a tranquilidade.

Em silêncio, ambas desceram, mas, quando chegaram ao último degrau Adnerb murmurou ao ver alguém entrar:

— Oh, não... agora não...

Rapidamente, Demelza olhou para a porta e divisou Brochan, que tinha sido o prometido de sua amiga. Ao vê-las, ele se dirigiu para elas sem duvidar e, parando em frente à que ia ser sua mulher, murmurou:

— Adnerb, é verdade que...?

— Sim — o cortou ela. Não precisava que continuasse.

Brochan assentiu com gesto antissocial. Aquilo tinha sido um autêntico despropósito da parte dela, e, aproximando-se o agarrou-a pelo braço e falou:

— É minha. Como pudeste se entregar a outro?

Demelza não gostou de ouvir isso e sentir a raiva dele, e, lhe dando um toque na mão para que soltasse Adnerb, falou:

— Sem tocar. — E, quando ele a olhou surpreso, acrescentou: — Ela não é tua.

Brochan trocou então seu tom por outro mais íntimo e se dirigiu à ruiva:

— Você é a viking que viajava com ela?

O modo como pronunciou a palavra viking fez Demelza entender o terrível futuro que Adnerb teria tido a seu lado, e, sem apartar seus olhos dele, afirmou:

— Sim.

Brochan sorriu. Percorreu avidamente com o olhar o tentador corpo de Demelza, detendo-se em seus seios, e, ignorando a que tinha sido sua prometida, perguntou:

— Desejas um marido que a proteja?

— Eu?!

— Sim, você.

— Não.

— Eu poderia cuidar de você... — insistiu comendo-lhe com os olhos.

Ao ouvir, Demelza sorriu sem poder conter-se. O asco que aquele sujeito e seu olhar lhe provocavam revolveu seu estômago, e, incapaz de calar, balbuciou:

— Não necessito amparo. E antes de ter um marido como você o mato.

Adnerb soltou uma gargalhada. Demelza a imitou, e Brochan, ofendido pela falta de vergonha delas, falou jogando fogo pelos olhos:

— São umas selvagens. Não podem dissimulá-lo.

— Se isso o disser como uma ofensa, equivocaste-te! Não há nada que eu goste mais que ouvir que sou uma selvagem — zombou Demelza.

A cada segundo mais zangado com elas, Brochan agarrou o braço de Demelza e a sacudiu, nesse momento ela deixou de sorrir e, cravando seus impactantes olhos claros nele, falou:

— Se não quiser morrer aqui e agora, eu aconselho que me solte.

O homem não se moveu. E, quando Adnerb ia protestar, um empurrão que alguém deu em Brochan por detrás o fez soltar Demelza e cambalear-se.

— Eh, o que está ocorrendo aqui? — Perguntou alguém com voz autoritária.

Ao levantar a vista, Demelza se deu conta de que quem tinha empurrado Brochan tinha sido Harald. Seu gesto lhe transmitia que estava muito zangado, e rapidamente lhe pediu calma com o olhar. Instantes depois, Callum, Aiden e Alastair se aproximaram deles.

Brochan olhou para Harald de má maneira, mas quando ia falar, Callum interveio sem lhe dar opção:

— Brochan, apresento-te o marido de Adnerb, Alastair Matheson. Alastair, Brochan era o prometido de minha filha.

Os dois homens se olharam com rivalidade, enquanto o coração da recém-casada se desbocava. Alastair estava muito bonito. Asseado e barbeado, era um homem incrivelmente atraente. E, sem poder evitá-lo, sorriu. Sorriu agradada de seu marido, que nem a olhou.

Nesse momento, Alastair só tinha olhos para Brochan. Aquele sujeito, que, por seu gesto, não estava muito feliz pelo ocorrido, e, para deixar claras certas coisas, aproximou-se de Adnerb sem duvidar, agarrou-a pela cintura e disse com toda a educação que pôde:

— Um gosto te conhecer, Brochan.

O mencionado assentiu, mas, zangado por tudo, replicou:

— Se a situação tivesse sido diferente, poderia dizer o mesmo, mas não o é.

Alastair assentiu sem mover-se. Não pensava ceder nem um centímetro de seu espaço, quando Callum, tenso no momento, prosseguiu:

— Brochan, este é Aiden McAllister e...

— O irmão de Jesse...?

— Sim, o mesmo — o cortou Demelza irritada por suas palavras.

Então, Aiden a olhou e, com gesto feroz, perguntou:

— O que ocorria aqui quando chegamos?

Entrar e ver como aquele sujeito sacudia Demelza o havia posto frenético, embora o primeiro em reagir tivesse sido Harald.

Demelza, de repente consciente do que ali podia organizar uma luta se não mediava, apressou-se a responder:

— Não ocorria nada. Só estávamos conversando.

— Certeza? — Insistiu Aiden sem acreditá-la.

— Sim — assegurou ela, e logo, olhando para Harald, indicou falando em norueguês:

— E você, muda esse rosto.

— O que disse, mulher? — Perguntou Aiden furioso.

Demelza o olhou. E, sem intimidar-se por seu gesto severo, indicou:

— Simplesmente disse a Harald que mude o rosto.

Callum, consciente de que o ar podia cortar-se com uma faca, levou rapidamente Brochan ao interior da sala, nesse momento Alastair soltou sua mulher. Adnerb estava linda, encantadora. Vê-la asseada, arrumada e com aquele maravilhoso vestido o tinha deixado sem ar, e mais quando ela sussurrou olhando-o:

— Está muito bonito e...

— Morro de sede — a cortou ele afastando-se de seu lado sem lhe permitir que terminasse a frase.

Quando já partia, todos o olharam, e Demelza, sem poder remediar, murmurou em norueguês:

— E dizem que os vikings são teimosos.

Harald sorriu. Adnerb também, e no mesmo idioma respondeu:

— Maldito escocês teimoso... se pudesse, abria-lhe a cabeça.

Aquilo fez rir Harald e Demelza, mas não Aiden, que protestou com mau gesto:

— Pode-se saber o que estão dizendo?

Sem vontades de repeti-lo, Adnerb puxou o braço de Harald e insistiu sem trocar de idioma:

— Vamos tomar algo e aproveitá-lo bem. Se estes teimosos escoceses não sabem desfrutar da vida, ao menos nós façamo-lo.

Harald, depois de cruzar um olhar com Demelza, que assentiu, entrou com Adnerb no salão. Uma vez sozinhos, Aiden, sem trocar sua expressão de aborrecimento, apesar do confundido que estava por ver a ruiva tão bonita, tão feminina, tão tentadora, protestou:

— Enganou-me, mentiu-me, desafiou-me, toma-me como tolo, fala ante mim em outro idioma... Qual será o seguinte?

Demelza o olhou, e, recordando algo que lhe havia dito, replicou com ironia:

— Sua lição de hoje é: nunca subestime a uma mulher viking.

Ele piscou boquiaberto. A ousadia dela não tinha limites. E, baixando a voz, murmurou:

— Agora está rindo de mim?

Ao ouvi-lo, a jovem se sentiu fatal. Aiden não merecia nada de tudo o que estava ocorrendo, e, suspirando, murmurou:

— Meu nome é Demelza Ovesen. Sou filha de um viking e uma escocesa e me criei em Ski com uma família maravilhosa — afirmou omitindo Urd. — E se sei falar seu idioma é porque Hilda, a quem considero minha mãe, ensinou-me desde pequena. Sei que não esteve bem em reservar essa informação, mas não podia fazer outra coisa. Os escoceses odeiam aos vikings, e dizer que eu sou uma não era uma boa opção...

Em silêncio, Aiden a observava com atenção.

Vê-la com o rosto totalmente limpo, o cabelo penteado e vestida com um delicado e feminino vestido era algo que não se esperava, e, desconcertado, escutava-a enquanto sentia que não podia fazer nada, exceto admirá-la.

Demelza, ao ver seu gesto e senti-lo tão calado, finalmente se interrompeu e perguntou sem apartar o olhar dele:

— Pode-se saber o que te ocorre?

Aiden reagiu e, inconscientemente, dando um passo atrás que não passou despercebido a jovem, respondeu:

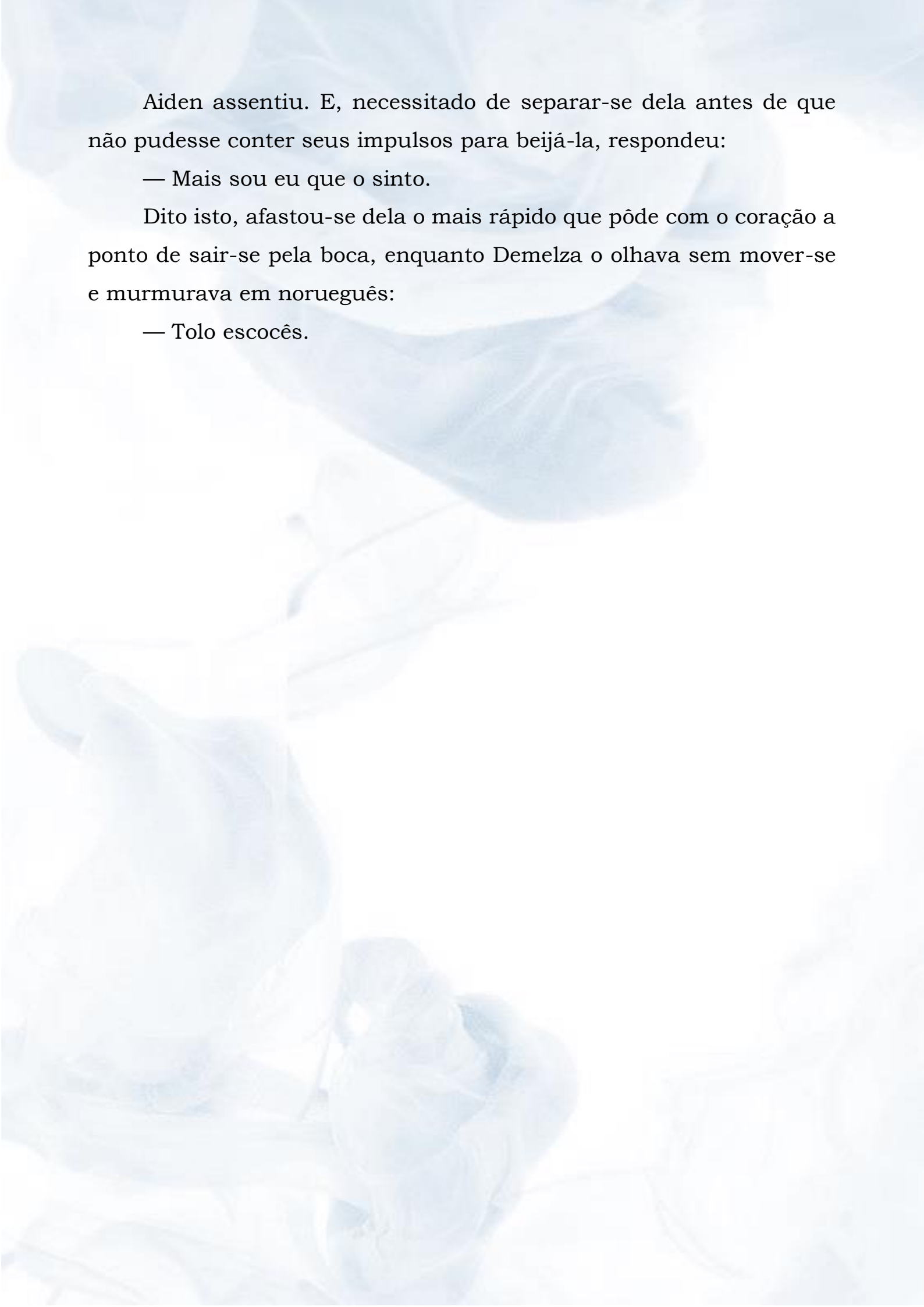
— Escuto o que diz.

Demelza, que compreendeu aquele passo atrás, assentiu e a seguir disse com certo pesar:

— Sinto haver mentido.

— Me permita que o duvide.

— De verdade que o sinto — repetiu.



Aiden assentiu. E, necessitado de separar-se dela antes de que não pudesse conter seus impulsos para beijá-la, respondeu:

— Mais sou eu que o sinto.

Dito isto, afastou-se dela o mais rápido que pôde com o coração a ponto de sair-se pela boca, enquanto Demelza o olhava sem mover-se e murmurava em norueguês:

— Tolo escocês.

Capítulo 40

Aiden entrou no salão e rapidamente localizou Alastair.

Ele bebia em um canto do salão, junto a seus homens, enquanto observava como Callum falava com Adnerb e ela assentia muito séria.

Sem fazer caso das mulheres, que a sua passagem o olhava com agrado, Aiden agarrou de uma mesa uma jarra de cerveja. Estava sedento. Demelza e tudo o que sentia por ela o desconcertava, e, quando se aproximou de seu amigo, este grunhiu:

— Estamos rodeados de vikings.

— Isso já sabíamos quando decidimos vir, não? — falou ele.

Alastair assentiu. Odiava aquilo, mas não podia deixar de procurar com o olhar Adnerb, que estava linda. Aquela era sua mulher, sua bonita mulher.

Mas, afastando os olhos dela, grunhiu:

— Não sei ainda o que fazemos aqui.

Aiden assentiu. Ele tampouco entendia e, quando foi responder, Gordon, um dos irmãos de Adnerb, aproximou-se deles.

— É agradável lhes ver por aqui — comentou e, cravando o olhar em Alastair, murmurou: — Sinto que tenha mudado de opinião no referente a minha irmã, mas o respeito. Adnerb não procedeu bem contigo e você merece ter sua oportunidade.

Alastair o olhou, e Aiden interveio ignorando o último comentário:

— Como disse a seu pai, obrigado pelo convite.

— Aqui — sorriu Gordon — todos é bem recebido.

Essa frase, dita nesse momento, fez com que os dois highlanders se olhassem, e Alastair, sem poder conter um segundo mais, e perguntou:

— As pessoas que nos rodeiam são o que imagino?

Gordon entendeu perfeitamente a pergunta, e afirmou:

— Negá-lo seria uma ofensa para mim e sem dúvida também para você. Por este salão corre sangue viking, mas também corre sangue escocês.

Alastair e Aiden voltaram a olharem-se, quando ele acrescentou:

— Somos muitos os que vivemos na Escócia e que temos que ocultar que temos sangue viking. Nós não escolhemos viver aqui ou ali. Simplesmente nascemos e tentamos sobreviver apesar de que ninguém nos põe isso fácil, porque para os vikings somos escoceses e para os escoceses somos vikings.

Nesse instante se abriram as portas de outro salão e Callum anunciou levantando a voz:

— Amigos, entremos em jantar.

Gordon, ao ouvir seu pai, sorriu e disse enquanto se afastava:

— Desfrutem da comida. Espero que vocês gostem.

Uma vez que foram seguindo aos convidados, Aiden olhou Alastair e, quando ia falar, Brochan se aproximou deles de novo e perguntou olhando-os:

— Criadores de cavalos e de ovelhas?

Os highlanders o olharam, e Aiden, assentindo, afirmou:

— Sim. Por quê?

Brochan sorriu.

— Pois o sinto — murmurou, — mas, assim que se saiba que Adnerb e Demelza são suas mulheres, ninguém querará fazer entendimentos com vocês. Vos espera um futuro muito negro.

Demelza, que não estava muito longe deles, fechou os olhos ao ouvi-lo. Gostasse ou não o que Brochan dizia, era a crua realidade.

— Acaso lhe pedimos conselho? — falou então Alastair.

Brochan sorriu, e Aiden, enojado pelo que ele dizia, soltou-lhe:

— Se afaste de nós se não desejar que, aqui e agora, quem não tenha um futuro seja você.

Demelza se afastou então deles e de repente viu Moisés. Aproximou-se dele e, olhando-o nos olhos, perguntou com azedume:

— O que está fazendo?

O homem, que nesse instante bebia uma jarra de cerveja, deixou de fazê-lo, quando ela cochichou:

— Quando Aiden se inteirar, o matará, se é que eu não o mato antes!

Moisés ficou arrepiado, e em voz baixa perguntou:

— Por que diz isso, Demelza?

— Bem sabe, Moisés, não sou tola.

O guerreiro, ao sentir-se descoberto, fechou os olhos e, quando os abriu de novo, perguntou olhando-a:

— O que sabe?

Demelza amaldiçoou e, sem querer responder a sua pergunta, falou:

— Advertido está, caçador.

Depois de chamá-lo com raiva «carniceiro», afastou-se ante o atento olhar dele para aproximar-se de Adnerb.

Quando todos os convidados da festa entraram no salão, ali ficaram tão somente Aiden, Alastair e seus homens. Todos se olhavam sem saber o que fazer. Se seu senhor não entrava, eles tampouco o fariam.

Adnerb, que tinha falado com seu pai e este lhe havia dito o que Alastair tinha decidido fazer, tentava tranquilizar-se junto à Demelza, embora não fosse fácil. Tinha prometido que acataria sua decisão com frieza, mas, ao ver que eles duvidavam sobre entravam ou não no salão para jantar, murmurou com raiva:

— Sêrio?

E, antes que Demelza a parasse, a jovem de cabelo chamativo, agarrando a saia com as mãos, caminhou até eles e disse parando diante deles:

— Sim. Meu nome é Adnerb e tenho sangue viking porque minha adorada avó o era. — Nenhum disse nada, e ela prosseguiu: — E agora, me odeiem o quanto lhes agrade, mas não façam desfeita com meu pai de rechaçar seu convite. — E, olhando Alastair, acrescentou: — Quanto a você, fique tranquilo, terá o que pediste esta mesma noite.

— Não vejo o momento de acontecer — falou Alastair furioso.

Demelza, ao ver a tensão entre eles, olhou de esguelha para Moisés e indicou:

— Adnerb, entremos no salão.

Mas ela não se movia, só olhava a quem até este momento era seu marido. E, ao ver que este sorria, falou com desprezo:

— Aceito essa anulação. Não me interessa estar casada com um homem como você.

Os escoceses se olharam desconcertados enquanto o gesto de Alastair se obscurecia. Então, Aiden, vendo o percal, deixou sua taça sobre a mesa e disse:

— Acredito que o melhor será irmos.

Outros assentiram, mas Demelza, plantando-se diante deles, perguntou com autossuficiência:

— Acaso temem que nós, os selvagens, lhes matemos?

Isso fez com que todos a olhassem.

Ninguém respondeu, e ela, cravando os olhos em Moisés, insistiu:

— De verdade acreditam que por termos sangue viking somos tolos e não sabemos quando corremos perigo ou não?

Incômodo, Moisés se moveu, e Aiden, alheio ao que ela pensava, ao ver o desconcerto em seus homens, respondeu com segurança:

— Nós não tememos a nada.

Demelza sorriu ao ouvi-lo e, levantando o queixo, replicou cravando seus frios olhos azuis nele:

— Que curioso! Nós tampouco. Daí que Callum lhes tenha convidado a sua fortaleza e estejam aqui como convidados, inclusive providos de suas espadas.

Os highlanders murmuravam, quando a moça continuou ignorando Aiden:

— Sim. Eu também sou viking. E se estou nestas terras é porque escoceses como vocês me sequestraram de más maneiras e me trouxeram aqui. Dito isto, acaso não posso pensar que os escoceses são malditos selvagens que destroem lares e famílias?

Os homens se olharam entre si. Ninguém soube o que responder.

— Para sua sorte, meu conceito mudou — continuou ela encorajada. — Possivelmente, assim pensava, quando vivia na Noruega, mas agora, depois de os conhecer, sei que há pessoas boas e más na Escócia, como há em minha terra. Entendo que estão em um lugar onde nunca imaginaram estar, com pessoas que para vocês não valem nada. Mas na verdade os tratamos mal ou ofendemos por ser escoceses? Ou, pelo contrário, foram recebidos nesta fortaleza com amabilidade e Adnerb, Hilda e eu os cuidamos quando precisavam?

Ninguém se moveu. Ninguém respondeu. Quando Adnerb, cada vez mais zangada, interveio:

— Oh, Demelza, deixe-os. Que se vão!

Mas Demelza, incapaz de não prosseguir com o que queria dizer, cravou seus olhos escuros de raiva em Aiden, que a observava em silêncio, e criticou:

— Não posso e nem quero pedir perdão por ser a pessoa que sou, e menos por ter protegido minha vida ocultando uma informação que, dita em outro momento, haver-me-ia tirado a vida. E, se você ou eles são incapazes de se colocarem em meu lugar, não serei eu quem me colocarei no seu. Agora, se querem partir, as portas da fortaleza estão abertas e ninguém os retém aqui.

E, continuando, a jovem, com o coração pulsando a mil pelas coisas que o olhar de Aiden a fazia sentir, deu-se meia volta e indicou olhando a sua amiga:

— Adnerb, vamos jantar.

Quando elas se afastaram, os highlanders começaram a cochichar, nesse momento Alastair murmurou aproximando-se de Aiden:

— Estou tão impressionado que não sei o que fazer.

Ele assentiu. As palavras de Demelza haviam tocado de uma maneira brutal seu coração, e, voltando-se para seus homens, apontou:

— Já sabem toda a verdade sobre quem elas são. E, dito isto, e sem que sirva de precedente, quero saber o que opinam a respeito.

— Deveríamos ir, senhor. Aqui não temos nada — protestou Ivo.

Os homens começaram a falar e, surpresos, Alastair e Aiden foram testemunhas de como a grande maioria deles entendiam às jovens e ficavam de seu lado. Eles, em sua situação, fariam o mesmo.

Os escutaram, e Aiden se dirigiu a Alastair:

— Agora a última palavra é sua. Estamos aqui por você, por seu enlace ou pela anulação do mesmo com Brenda e...

— Adnerb — o corrigiu ele.

E, convencido de que não queria partir e de que devia falar com sua mulher, acrescentou:

— Entremos. Todos temos fome.

Dito isto, os escoceses entraram no grande salão, onde, ao vê-los, Callum sorriu.

Da mesa principal, Adnerb observou que Alastair se sentava com seu povo, mas não se importou. Tal e como estava de nervosa, preferia que Demelza estivesse a seu lado, quando esta murmurou:

— Seja forte.

— Sou. Mas... mas odeio que esse maldito cabeçudo não recorde as coisas bonitas que me disse e... e... Ora... esquece-o! — Protestou ela.

Demelza olhou então a seu redor.

— Sabe onde está Hilda?

Adnerb negou com a cabeça, mas murmurou:

— Disse que ia à cozinha para dar uma mão.

Demelza assentiu. Conhecendo Hilda, certeza que estaria ali. E, disposta de que a tristeza não lhes amargurasse a noite, a nenhuma das duas, disse:

— Escuta, Adnerb, o que está feito não se pode mudar. Como haveria dito meu pai, terá que assumi-lo e continuar seu caminho, e por isso acredito que chegou o momento de voltar a desfrutar do presente, porque o futuro logo virá.

— Uma mais que acertadíssima apreciação do seu pai — assentiu ela sorrindo apesar da tristeza que albergava seu coração.

Capítulo 41

O suntuoso jantar foi saboroso e succulento.

As cozinheiras de Callum McAllan se esforçaram para tratar com atenção os convidados, e sem dúvida alguma o conseguiram. O pão de cevada, legumes e centeio, os deliciosos pescados defumados e a carne assada fizeram com que todos aplaudissem felizes, e mais ainda quando chegaram as sobremesas, entre os que não faltou um delicioso bolo de framboesas e amoras.

Satisfeitos, Aiden e seus homens desfrutavam daqueles manjares, quando Moisés afirmou levantando uma jarra:

— Esta cerveja está deliciosa.

Todos assentiram. A cerveja, feita com cevada, mel fermentado e água, era uma maravilha, mas Gareth, incapaz de dar seu braço a torcer, afirmou:

— Se me derem a escolher, fico com a cerveja escocesa, embora reconheça que esta não está nada mal.

— Nada mal — cochichou Ivo, que já tomara várias taças a mais.

Os homens riram por aquilo, quando começaram a ouvir palmas. Segundos depois, Callum, junto a sua filha, Harald e Demelza, levantaram-se ante os aplausos de todos.

— O que ocorre? — Perguntou Alastair.

Aiden, que seguia com o olhar em Demelza, deu de ombros. Não entendia nada.

— Não sei — respondeu. — Agora o veremos.

Eles se colocaram no centro do salão, começaram a soar alguns golpes secos, que se seguiu o som de gaitas de fole e, depois destas, vozes que começaram a cantar.

Com graça, Demelza e Adnerb começaram a dançar ao redor de Callum e Harald, que sorriam encantados. Aquilo parecia uma dança típica de sua terra, que eles conheciam e desfrutavam dançando.

De onde estava, Aiden não tirava os olhos da ruiva. Estava linda com aquele vestido azul e o cabelo penteado. Seu sorriso e seu rosto relaxado mostravam uma faceta dela que até o momento não tinha conhecido, e estava desfrutando disso quando viu que o resto dos presentes, homens e mulheres, levantavam-se e formavam várias filas.

Para que o faziam?

Sem mover-se, Aiden observou como os homens observavam Demelza.

Ver seus olhos, seus olhares, e sentir que estes percorriam o corpo da jovem ao dançar lhe incomodou.

Por que tinham que olhá-la assim?

Tentando desfrutar do momento, voltou a cravar a vista nela, naquela jovem problemática que tanta dor de cabeça estava dando.

E, ao vê-la sorrir e desfrutar, sorriu também. Sorriu como um tolo.

À primeira peça do baile foi seguida pela segunda e uma terceira, e tanto Adnerb como Demelza dançavam com todos aqueles que pediam. As filas se organizavam para dançar com os quatro que tinham aberto o baile, e posteriormente se formaram mais filas para poder dançar primordialmente com as mulheres.

Os homens de Aiden, integrados na festa, começaram a dançar com jovens que por ali havia. E Alastair, ao ver que sua mulher dançava com todos menos com ele, ia queixar-se quando Aiden, que estava tão irritado como ele por ver Demelza, grunhiu:

— Não proteste, acaso não quer anular seu matrimônio?

Alastair amaldiçoou. O carrossel de emoções que estava sentindo o tinha em um atordoamento, e murmurou:

— Acredito que me precipitei.

— Você saberá — afirmou seu amigo sem afastar seus olhos da ruiva.

De novo começou outro baile e Alastair voltou a amaldiçoar. Adnerb não o olhava, estava claro que tinha acatado sua decisão, e de repente se assustou.

E se agora fosse ela que não quisesse saber mais nada dele?

Ver como outros punham suas mãos sobre a cintura de sua mulher o estava deixando louco, e, ao olhar para seu amigo e ver seu gesto, ia falar quando este lhe adiantou:

— Sabe que cheguei a propor casamento a ela?

Boquiaberto, Alastair o olhou.

Sabia que gostava de Demelza, mas não até esse ponto.

— Mas já o esqueci — acrescentou Aiden. — Seria inaceitável por muitos motivos.

Alastair assentiu e não disse nada. Compreendia perfeitamente como podia sentir-se seu amigo por dentro e decidiu calar. Sem dúvida era o melhor.

Durante um momento, os dois escoceses observaram às mulheres que se cravaram em seus corações dançar, rir e desfrutar em braços de outros homens. Não era fácil presenciá-lo. Sentiam-se incômodos de ver sua felicidade. E, quando Alastair não aguentou mais, falou irritado:

— Acredito que deveríamos levá-las daqui.

Ao ouvi-lo, Aiden sorriu.

Apesar de todas as barreiras que estava pondo, ele também pensava assim e, olhando-o, perguntou:

— Não acredita que estamos loucos?

Alastair assentiu olhando sua bonita mulher.

— Sem dúvida. Tê-las ao nosso lado complicará muitas coisas.

— Sei — afirmou Aiden. — Mas não tê-las ao nosso lado seria um erro.

— Um grave erro — matizou seu amigo.

Conforme disse isso, um homem se sentou junto deles, e se dirigiu a Alastair:

— Parabéns, moço. Já me disse Callum que é o marido de Adnerb, embora por pouco tempo.

O escocês assentiu sem muito humor, quando aquele cochichou:

— Eu gostava mais de você do que de Brochan. Sempre considerei que era excessivamente velho para a moça.

Alastair não respondeu, e ele, bebendo de sua cerveja, acrescentou:

— É uma pena que não queira seguir casado com essa mulher, quando poderia desfrutar dela e da poligamia, que, se por acaso não sabe, está permitida no povo viking.

Ouvir isso fez com que Alastair piscasse. Tinha ouvido dizer, mas nunca tinha acreditado.

— Sou escocês como vocês — murmurou então o homem baixando a voz — e, ao me casar com Freya, esse dado foi o primeiro que meu sogro me especificou. Deitar-se com outras mulheres não só estava permitido, mas também inclusive era necessário.

— O quê?! — Perguntou Aiden boquiaberto.

O homem, que já tomara várias taças a mais, sorriu e, levantando-se, cochichou antes de partir para dançar:

— E não só está permitida aos homens, mas também às mulheres.

— Como?! — Grunhiram Aiden e Alastair enquanto viam elas rirem e dançar com outros.

Com expressão de surpresa e desconforto, ambos agarraram suas jarras de cerveja e beberam.

O que aquele homem acabava de dizer era uma autêntica barbaridade.

Todos sabiam que os vikings eram estranhos, muito estranhos. Permitiam coisas como aquelas, que para eles eram impensáveis. Suas mulheres eram só deles, como eles eram só delas.

Durante segundos, nenhum falou, até que Alastair murmurou olhando seu amigo:

— Então... é verdade!

— Está visto que sim — falou Aiden a contra gosto. — Não eram só falatórios.

Sem dar crédito, ambos menearam a cabeça para olhar às mulheres que, alheias a seus pensamentos, divertiam-se dançando com os homens que encantados as convidavam a dançar, quando Aiden, enlouquecido de ciúmes, murmurou levantando-se:

— Acabou-se. Tanto faz se é viking ou escocesa. Tenho que falar com ela.

— Opino como você — afirmou Alastair imitando-o.

E, sem pensar mais, os dois escoceses foram por suas mulheres.

Capítulo 42

Caminhando entre as pessoas, os dois highlanders se separaram em busca do que necessitavam. E, quando Alastair chegou até onde queria, agarrou Adnerb pela cintura, aproximou-a dele e, olhando ao sujeito que dançava com ela, soltou:

— Reivindico dançar com minha mulher.

A jovem, surpresa com aquilo, e ainda furiosa com ele, empurrou-o para afastá-lo de seu lado.

— Não reclame o que em breve deixará de ser teu — declarou.

Alastair meneou a cabeça boquiaberto.

— Bren... Adnerb, o que acha se falarmos?

Nervosa ao mesmo tempo zangada, a jovem assentiu e, convidando-o a segui-la, indicou:

— Muito bem, falemos. Me siga.

E, sem mais, desapareceram do salão.

Ao ver aquilo, Aiden sorriu.

Ele não era o marido de Demelza, não podia reclamá-la como tinha feito seu amigo. Mas, incapaz de esperar um segundo a mais, encaminhou-se para o lugar onde ela dançava e, sem esperar a vez na fila de homens que aguardavam, foi até ela e sussurrou agarrando sua mão:

— Me acompanhe.

Ela o olhou deixando de dançar.

— O que acontece?

— Venha comigo.

— Não.

— O quê?!

— Estou dançando. O que ocorre?

Como um tolo, Aiden não soube o que dizer. Nunca tinha cortejado uma mulher e menos ainda tinha demonstrado em público esse interesse. Estava atordoado por isso quando o sujeito que dançava com a jovem, com um sorriso, indicou assinalando a cauda da fila:

— Amigo... tem que esperar sua vez.

Aiden olhou para o lugar onde ele apontava. Ali havia como dez homens esperando. E, sem soltar Demelza, cravou o olhar no sujeito e lhe falou:

— Amigo... eu não tenho por que esperar a vez.

— Convencido! — Zombou Demelza.

Aiden, ao ouvi-la, olhou-a e falou:

— Não me zangue, Ruiva Selvagem...

Surpresa pela mudança dele, ela replicou:

— Não me zangue você...

O highlander amaldiçoou sem acreditar e, sem olhar, insistiu:

— Tenho que falar contigo.

— Agora?! — Perguntou ela, acalorada pelo baile.

Ver a mão daquele desconhecido sobre a cintura de Demelza estava pondo doente Aiden, que, puxando-a, grunhiu enquanto a jogava no ombro:

— Sim, agora!

Horrorizada pelo que aquela besta escocesa estava fazendo, a moça esperneou sobre seus ombros enquanto os assistentes os olhavam, aplaudiam e sorriam.

Aquilo era humilhante, tremendamente humilhante para Demelza. E, uma vez transpassaram as portas da fortaleza e Aiden a soltou no chão, ela se separou dele de um empurrão e falou furiosa:

— Se voltar a fazer algo parecido, juro que lhe mato.

— Baixa essa fumaça... viking.

— Quando você baixar... escocês.

Desta vez, Aiden sorriu ao ouvir.

A luz da lua se refletia no bonito rosto da jovem, e, necessitado dela, aproximou-a de seu corpo com rapidez e, olhando-a a escassos milímetros, sussurrou:

— Nunca farei nada que não deseje, mas agora desejo b...

Não pôde terminar porque foi ela quem o beijou.

O desejo era mútuo. Abrasador. Insaciável.

Ambos se desejavam. Ambos se buscavam. Ambos se necessitavam.

Corretamente, Aiden a apertou contra seu corpo e, caminhando com ela pendurada de seu pescoço, dobrou uma esquina. Ali, entre as sombras, ninguém os veria dar rédea solta a sua louca paixão.

Um beijo... dois... quatro...

As mãos de Aiden voavam sob o vestido da moça, e, quando uma delas subiu lenta e tentadoramente pelo rosto interna de suas coxas, Demelza fechou os olhos e vibrou, no momento em que Aiden afirmou sorrindo:

— Sua lição esta noite será...

— Te cale ou serei eu quem te faça saber qual é sua lição! — ordenou ela excitada.

Sem olhares, e sem se importar onde estavam, a ruiva lhe desabotoou a calça com urgência, quando ele perguntou:

— O que faz?

Ver a surpresa em seus olhos o fez rir e, acariciando-a com carinho e decisão, seu duro pênis respondeu sem duvidar:

— Me aproveitar de você.

Louco pelo que ela o fazia, sem pensar em nada mais, o highlander agarrou as meias da jovem por debaixo do vestido e as arrancou. Ambos se olharam excitados.

Ato seguido, içou-a entre seus braços, apoiou-a contra a fria e dura parede da fortaleza e, uma vez a teve onde queria, murmurou:

— De acordo, Ruiva Selvagem... aproveitemos de juntos.

Dito isto, olhando-a nos olhos, colocou seu ardente e sedoso membro na deliciosa umidade dela e Demelza ofegou enquanto vibrava de prazer.

Aiden começou a afundar-se nela, uma e outra vez, e, depois de um ardoroso beijo que os fez tremer, murmurou:

— Faço loucuras por você... só por você.

Demelza assentiu acalorada enquanto ele, incapaz de frear o desejo que sentia, saía e entrava dela com desejo e desespero, até que ao cabo de um momento um incrível e maravilhoso clímax se apoderou de ambos.

Depois de instantes, quando seus corpos pararam de mover-se, olharam-se nos olhos. O que ocorria entre eles era mágico e especial e, sem falar, voltaram a se beijar com calma.

Logo ela baixou as pernas ao chão e Aiden murmurou:

— Não sei o que pensar.

Ao ouvi-lo, a jovem levantou os olhos para ele. Já não a olhava do mesmo modo que no dia anterior. E, quando se dispunha a dizer algo, o escocês murmurou enquanto lhe tocava a cicatriz da bochecha:

— Isto ele lhe fez, não é? — Sem entender bem sua pergunta, ela não respondeu, e Aiden, aproximando sua testa da dela, murmurou: — Harald me contou o seu passado.

— Falaste com ele? — Perguntou a moça deslocada.

Aiden assentiu.

— Callum mediu para que pudéssemos nos entender. — Demelza assentiu, e ele acrescentou com voz raivosa: — Sei que esse animal te maltratou e matou a sua família. E te juro por minha vida que, quando o encontrar, vou matá-lo com minhas próprias mãos por ter ousado fazê-lo.

Ouvir isso em certo modo agradou a jovem.

Saber que Aiden faria tudo aquilo por ela era maravilhoso, mas não. Não podia ser. Ela tinha que matar Viggo. E, separando-se dele bruscamente, exclamou:

— Você não sabe nada!

Aiden a olhou. Entendia sua raiva, sua frustração, seus medos. E, desejoso de estar com ela e de ganhar sua confiança, murmurou:

— Demelza, tanto faz quem você seja ou quem eu seja.

— Equivoca-te. Não é o mesmo — e, recordando as palavras de Brochan, insistiu: — Ninguém permitirá que sejamos felizes, e seu negócio de cavalos se...

— Não importa o que pensem outros, te tendo a meu lado. Acaso não o vê?

Desarmada por ver que ele estava disposto a atirar todo seu futuro pela amurada para estar a seu lado, a moça soube que não podia consenti-lo. Se o fizesse, podia chegar o dia no que ele, cansado da situação, a reprovasse. E, não, não poderia viver com aquilo. Assim, com toda a dor de seu coração, acariciou seu rosto e, trocando sua atitude carinhosa, procurou em seu interior aquela que tanto odiavam quem a amava e, olhando-o desafiante, soltou:

— Aiden, que desejas de mim?

Sua pergunta e, em especial, seu tom de voz o pegaram despreparado.

Com suas palavras, seus feitos, sua preocupação, acreditava que lhe faria entender o que desejava dela, e, irritado, respondeu:

— Você o que acredita?

Horrorizada pelo medo que sentia por tudo, mas disposta a obter seu propósito, Demelza replicou sorrindo com certa liberdade:

— Se o que desejava era me tirar as meias, já o conseguiu.

— O quê?! — Perguntou ele deslocado.

E, ao ver seu desconforto, ela acrescentou esticando mais ainda a corda:

— O que acha de retornarmos à festa? Eu gostaria de seguir dançando, bebendo e rindo com outros homens interessantes que estava conhecendo até que você se colocaste por meio.

Sua frieza depois do que tinha ocorrido...

Seu desapego depois do que tinham falado...

Aquela versão fria e egoísta de Demelza machucava Aiden, que, dando um passo atrás para afastar-se dela, perguntou:

— Realmente as vikings são assim?

Ao ouvir, ela levantou uma sobrancelha.

— Assim, como?

Incômodo, ele terminou de abotoar a calça e, assumindo a mesma frieza que a jovem, respondeu:

— Acaba de fazer o amor comigo e já está pensando em se divertir te com outros... — Sem saber por que, ela sorriu, e então ele acrescentou: — Ah... esquecia que seu povo permite a poligamia. Claro, agora entendo tudo.

Cada palavra que ele dizia lhe doía mais que a anterior. Embora respeitava o assunto da poligamia e em seu momento, quando estava casada com Viggo, tinha-lhe servindo muito bem que ele se deitasse

com outras mulheres, não era algo que aceitasse de bom grado. Mas, desejosa de incomodá-lo, afirmou:

— Desfrutar de outros homens sempre é enriquecedor. Ao nos casássemos, graças à poligamia podemos desfrutar de outros corpos, não acha tentador?

O gesto de Aiden se endureceu mais ainda. As veias do pescoço se incharam. E Demelza, esticando mais e mais a corda, zombou:

— Por Odín! Disse algo que o tenha ofendido?

Ele a olhou boquiaberto. Aquela viking era uma descarada. Uma desalmada. E, zangado com ela, e sem vontade de seguir escutando-a, falou:

— Nem me atraí a poligamia nem quero me casar contigo.

Demelza sabia. Sabia que chegaria esse momento, mas, incapaz de demonstrar o dano que tudo aquilo fazia, revestindo-se de frieza que durante quase toda sua vida tinha usado, perguntou:

— Mas não dizia que queria que eu fosse sua mulher? — De novo, ele não respondeu, e ela, sorrindo e afastando um passo, afirmou: — Ah, ora... acabo de recordar que sou viking, pagã, bárbara. Sou tudo isso que tanto detesta e...

— Te cale! — Bramou Aiden ofuscado.

Se tinha ido a aquela festa tinha sido por ela.

Se a tinha separado daqueles homens com quem dançava tinha sido para estar com ela.

Mas agora, vendo seus frios olhos, seu insensível olhar e sentindo sua afiada língua, o highlander cabeceou e indicou:

— Não sei o que faço aqui, nem por que tento falar contigo uma e mil vezes. Está claro que você e eu nunca estivemos destinados a nos entender, e acredito que isto, sim, tem que acabar aqui e agora. Você é a última mulher com quem quereria compartilhar minha vida.

— Pretende me ofender dizendo isso?

Aiden amaldiçoou. Mas ela não tinha limites? E, quando ia responder, Demelza se voltou para que não visse como a cor de seus olhos se enchia de pena e desespero, começou a caminhar para a casa e indicou:

— Muito bem. Já está tudo dito. Retornemos à festa.

Sem acreditar, Aiden a seguiu ofuscado. Não cabia dúvida de que tudo tinha terminado.

Capítulo 43

A celebração continuava e todos desfrutava da bebida, a música e o bonito momento.

O conselho que Callum tinha requerido para solucionar o assunto de sua filha o reclamava. Deviam arrumar o problema originado por Adnerb.

Com dissimulação, Callum tinha observado como um momento antes sua filha e o que era seu marido partiam do salão. Seus gestos não pareciam muito felizes e os tinha ouvido discutir. Seguiam zangados. Agora, aproximando-se de Adnerb, que estava junto a uma mesa agarrando uma jarra de cerveja, perguntou-lhe:

— Encontra-te bem?

A jovem, que tinha passado um mau momento com Alastair porque o que parecia que começava bem finalmente tinha acabado em desastre, depois de dar um gole a sua cerveja, murmurou:

— Não saberia te dizer, pai.

Callum suspirou. Ver sua tristeza depois ter conhecido a felicidade no olhar de sua filha não era agradável, e murmurou:

— Reuni o conselho. Esperam-me e...

— Solicite a anulação, pai.

— Tem certeza, filha?

Depois da conversa mantida com Alastair, que tinha começado com beijos apaixonados, mas terminado com recriminações, a jovem bebeu um gole de sua cerveja e, suspirando, afirmou:

— Sim, pai. Amo-o, mas pelo que fez ele nunca me perdoará.

Callum procurou Alastair com o olhar, que estava falando com os guerreiros de Aiden. Esse homem gostava de sua filha, e insistiu:

— Possivelmente se falassem de novo com mais tranquilidade...

— Falar?! — Grunhiu Adnerb. — Eu tentei, pai. Mas ele chegou a um ponto que não pode parar de discutir. Sente-se enganado. Culpa-me de lhe haver mentido e...

— É que errou, filha... errou.

Ela assentiu, sabia que tinha razão.

— Falei com sua mãe — prosseguiu Callum, — e ela me disse que prefere ingressar em um convento a se expor a um outro enlace.

— Sim, pai... é o que desejo.

O homem suspirou. Quão último desejava para sua filha era uma vida monacal e, disposto a evitar aquilo, que sem dúvida seria um erro, insistiu:

— Escuta, Adnerb. Se esqueça de Brochan. Não permitirei que se case com ele, mas falei com Joseph Vinal e seu filho Kirk estaria disposto a ser seu marido se você quiser.

— Me casar com o filho do Joseph Vinal?

— Sim.

— Com o Kirk?

— Sim, filha, com o Kirk.

Adnerb se surpreendeu. Em outro momento aquilo teria sido uma boa solução. Kirk era jovem, agradável, aventureiro, mas, depois de Alastair passar por sua vida, já nada poderia ser igual.

Alastair, ao ver sua mulher e o pai dela conversando, inquietou-se.

Do que falavam?

E, separando-se dos outros, agarrou uma jarra de cerveja e, com sigilo e sem ser visto, começou a aproximar-se deles.

Então, Callum vendo Kirk dançar apontou-o e disse:

— Ali está ele, Adnerb.

Ela o olhou. Era um dos moços com os que tinha estado dançando e, sorrindo, cochichou:

— Kirk é muito bonito, pai. E tem boa plantação.

Callum assentiu.

— Acredito que esse menino poderia te fazer feliz uma vez que deixe de estar casada com Alastair. E, o melhor, não estará longe de casa, filha. Pense-o.

— Sem dúvida, Kirk seria uma boa opção e teríamos belas crianças loiras — zombou Adnerb sorrindo para seu pai.

Alastair, que tinha escutado a última parte de sua conversa, perguntou tão surpreso quanto ofendido a partes iguais:

— A sério já está procurando com quem me substituir?

A voz irritada de Alastair soou atrás dela e Adnerb fechou os olhos. Depois da desastrosa discussão que tinham tido, aquilo podia ser a gota que enchesse o copo, e, voltando-se para olhá-lo, disse:

— Alastair, não sei o que ouviste, mas...

— Sei muito bem o que ouvi — replicou zangado.

A jovem amaldiçoou. A decepção nos olhos dele era patente, e, ignorando que seu pai estava junto a eles, insistiu:

— Alastair...

— Não posso acreditar nisso... Já estão planejando novas bodas. Mas acaso não têm sentimentos? — Exclamou Alastair colérico.

— Moço... — intercedeu Callum, — vejamos...

— Pai... o deixe para mim.

Mas Alastair deu meia volta e, zangado como nunca antes em sua vida, caminhou para a porta. Callum olhou para sua filha enquanto

esta punha-se a correr atrás dele. Ao chegar à porta, a jovem se colocou diante de seu marido e soltou:

— Pode-se saber por que não me deixa explicar?

Mas Alastair já não raciocinava. Já não escutava.

O que tinha ouvido era revoltante. Uma ofensa para ele.

Mas com que classe de mulher fria e calculista se casou?

Demelza e Aiden, que entravam nesse instante pela porta, ao ver aqueles dois discutindo, apressaram-se a ir para eles, quando ouviram Alastair gritar:

— Não necessito explicações! Sei o que ouvi. E agora... corre para esse tal Kirk...

— Alastair, por favor... não sabe o que está dizendo.

— Saia do meio, mulher.

A jovem se corroía de raiva com que ele disse e, consciente de que já nada voltaria a ser como antes, falou:

— Está visto que para ti volto a ser Lady Te Cale.

O escocês a olhou. Ela para ele era muitas coisas, mas, ofuscado, vozeou:

— Não faz mais que me dar dor de cabeça!

A jovem não se moveu, e Aiden, arrasado por seu próprio problema, perguntou aproximando-se:

— Mas o que lhes ocorre?

Alastair soprou e, necessitado partir dali, falou:

— Ocorre o que tinha que ocorrer. Esta mulher e eu não nos entendemos! Retorno ao acampamento e ao amanhecer tomarei rumo para Keith com ou sem você.

Demelza olhou para sua amiga e Adnerb protestou:

— Ouviu algo, tirou suas próprias conclusões e não me deixa explicar. O que faço?

Aiden e Demelza se olharam desafiadores. Estava claro que ali nenhum tinha futuro, quando Alastair disse olhando ao pai da sua mulher:

— Callum, me faça saber que volto a ser um homem sem mulher assim que o conselho aprovar.

— Alastair! Mas, me escute... — grunhiu Adnerb.

— Te cale! — Falou ele furioso. E, desejoso de lhe fazer dano, soltou: — Minha Moira me dará uma vida mais tranquila e sossegada que você.

— Sua Moira?! — Bramou a jovem encolerizada.

Quando a moça loira disse isso, Alastair se deu conta de seu erro, mas, incapaz de retificar, assentiu:

— Sim, minha Moira!

Zangada ao ouvir, a jovem ia responder quando Alastair acrescentou:

— E agora... vá refugiar-se nos braços desse tal Kirk e se esqueça de que eu existo.

Ato seguido, Adnerb, furiosa, agarrou força e, lhe dando uma patada na tíbia que o dobrou em dois, gritou fora de si:

— Pois que seja muito feliz com a sua Moira!

E, dito isto, a jovem, com as lágrimas nos olhos, deu meia volta e partiu a toda pressa do salão. Demelza, confundida com aquilo, olhou para Aiden. Com segurança seria a última vez que poderia vê-lo na vida.

Durante uns segundos, ambos se olharam, até que finalmente este, zangado, falou em direção a seu amigo:

— Vamos daqui. Sem dúvida, já nada nos retém neste lugar.

O coração de Demelza parou ao ouvi-lo, mas, sem lhe mostrar sua dor, voltou-se e seguiu sua amiga, no mesmo momento em que Alastair se incorporava e com mau gesto murmurava:

— Quase me rompe a perna... Será sempre bruta!

Callum, que nunca tinha visto sua filha assim, surpreso por seu arranque, ia falar quando Alastair insistiu olhando-o:

— Vai e fala com o maldito conselho. Quero recuperar minha liberdade e não voltar, ou seja, não ter nada com sua filha.

— Mas, moço...

— Callum, por favor! — Vozeou ele.

Quando o homem partiu, Alastair, dolorido, saiu da fortaleza junto de Aiden.

Uma vez fora, seu amigo perguntou:

— Mas o que ocorreu? O último que vi é que se beijavam e...

— Ouvi-a escolhendo marido junto a seu pai.

— O quê?!

Zangado como nunca, Alastair caminhou para seu cavalo e, quando chegou a ele, falou:

— Essa maldita pagã está me enlouquecendo, e não estou disposto a permitir isso.

Aiden não disse nada. Entendia perfeitamente as palavras dele, e, quando montou em seu cavalo, Alastair lhe perguntou:

— E Demelza?

Ele moveu a cabeça e, sem vontade de falar, replicou:

— Não é a classe de mulher que eu esperava.

Cinco minutos depois, todos os homens de Aiden estavam no exterior.

Aproveitassem ou não da festa era o mesmo. Esta tinha acabado para eles.

Capítulo 44

Adnerb vertia muitas lágrimas em seu quarto.

Não chegava a entender o que tinha ocorrido com Alastair.

— Só estava brincando com meu pai — disse olhando Demelza, — mas... mas esse escocês presunçoso não quis me escutar e... Oh, Deus! Por que tudo sempre sai mal para mim? Porquê?

A ruiva suspirou e, entendendo suas palavras, murmurou:

— Se acalme. Falaremos com ele e...

— Não! Não tenho nada para falar com ele... Que se vá com... com sua Moira! Ai, Deus... morro de penaaaaaaaaaaaaa!

A raiva ao pronunciar esse nome fez com que a pena de Adnerb se redobrasse, e então sua amiga murmurou abraçando-a:

— Moira não significa nada para ele.

— Mas ele disse minha Moira!... Ele disse!

Demelza assentiu, ela também tinha ouvido, e, segura do que dizia, afirmou:

— Mas só disse para te incomodar. Ele estava zangado, doído, e queria te machucar.

— Odeio-o!

Demelza sorriu. Sem dúvida, aquele sujeito que ela odiava era puro amor, e, consciente do ocorrido entre ela e Aiden, afirmou:

— Ama-te... não o duvide.

Adnerb se levantou da cama e se encaminhou para a janela. Ali, sentou-se no batente e, quando Demelza se aproximou dela, murmurou observando o céu iluminar-se:

— As cores vão dançar.

Ao ouvir, Adnerb a olhou, e Demelza, sorrindo ao ver como o céu se iluminava em tons verdes, violetas e brancos, apostilou:

— A minha irmã Ingrid e eu adorávamos nos deitar no bosque e olhar como as cores dançavam para nós.

— Sério?

Demelza afirmou com a cabeça e, continuando, murmurou com pesar:

— Na Noruega há muitas lendas que contam que essas cores são o reflexo das espadas das valquírias, os sorrisos de meninos dançando ou as almas de mulheres que morreram apaixonadas e...

Não pôde continuar. Recordar sua irmã era doloroso. E Adnerb, agarrando suas mãos, murmurou:

— Calma.

Demelza assentiu, e sua amiga, ao ver seu olhar, perguntou:

— Tudo bem com Aiden?

A jovem negou com a cabeça e, sem ocultar que ela o tinha provocado, contou-lhe o ocorrido e, quando terminou, murmurou:

— Afastei-o de mim pelo seu bem.

— Por todos os Santos, Demelza, o que fez?

Ela olhou aquele bonito céu que tanto gostava de observar e murmurou:

— Fiz o que tinha que fazer.

— Mas, Demelza...

— Escuta, Adnerb, sempre te disse que sou das que pensam no presente e que o futuro já virá. Mas Aiden não é meu futuro, por isso, pensei em seu futuro e me dei conta de que não devo interferir nesse futuro.

Ambas ficaram então em silêncio, sumidas em seus próprios pensamentos. A festa tinha terminado desastrosamente, mas ali estavam elas, olhando as cores do céu ao iluminar-se.

— Aqui é tão bonito como na Noruega? — Perguntou Adnerb.

Demelza sorriu com pesar.

— É parecido.

— Mais bonito aqui ou lá? — Insistiu ela.

Com um sorriso nos lábios porque o céu e as cores que ante elas tinham visto eram espetaculares, a ruiva afirmou:

— Em ambos os lugares é belo. Não saberia te dizer.

Voltaram a guardar silêncio uns instantes, até que Adnerb declarou olhando-a:

— Ingressarei em um convento. Falei com meus pais e...

— Mas que tolice está dizendo?

A moça loira a olhou e assentiu.

— Quando deixar de ser a mulher de Alastair não quero ser a de ninguém mais. Conheci o amor. Experimentei esse sentimento que sempre sonhei e... e, embora meu pai já encontrou com quem me casar...

— Brochan?

— Não. É um moço de minha idade, Kirk. Mas não quero. Desejo manter em minha lembrança Alastair. O meu amor.

De novo, ambas calaram enquanto da janela viam partir os convidados. A celebração tinha acabado, quando de repente Adnerb, ao ver sair um grupo de homens acompanhado por seu pai, sussurrou:

— O conselho parte.

Ambas entenderam o que queria dizer aquilo e, enquanto observavam um cavaleiro que se afastava, a moça acrescentou:

— Alastair agora saberá que volta a ser um homem livre. Como eu sou uma mulher sem marido.

Demelza olhou sua amiga com tristeza. Sabia quanto amava ao escocês, e, incapaz de não dizer nada, sussurrou:

— Sinto muito, Adnerb. Sinto-o muito.

— Sei — falou ela. E, com os olhos alagados em lágrimas, murmurou: — Estou triste, afundada, destroçada e...

— E por isso mesmo — a cortou Demelza — tem que se levantar e seguir lutando por você e pelo que quer.

— Mas... como? Como fazer isso que me pede?

A jovem ruiva sorriu.

Ela mesma não sabia como o tinha conseguido em sua vida tantas vezes, mas com segurança afirmou:

— Acreditando em você. Acredita em você e o conseguirá.

Adnerb assentiu. Uma lágrima rolou então por seu rosto e, olhando-a, murmurou:

— Ser ou ter sangue viking e se apaixonar por um escocês não é o ideal, verdade?

Pensando em sua própria experiência, Demelza negou com a cabeça.

— Não — assegurou. — Não é o ideal.

Ambas sorriram com tristeza quando Adnerb, tentando alegrar-se, afirmou:

— Embora, bem... apesar dessa eventualidade, meus avós se apaixonaram e o único que os separou foi a morte.

— Meus pais também — conveyo Demelza com um triste sorriso.

— Possivelmente... possivelmente por isso eu sempre procurei o amor puro e verdadeiro — prosseguiu Adnerb. — Esse amor sem barreiras, sem limites, do que tanto me falou minha avó.

De repente, deslizou-se um papel por debaixo da porta do quarto.

Demelza e Adnerb o olharam, e esta última perguntou:

— O que é?

Sua amiga se apressou a recolhê-lo do chão e, olhando disse:

— Será para você. É seu quarto.

Adnerb, retirando seu escandaloso cabelo loiro dos olhos, agarrou o papel que ela lhe entregava e, ao abri-lo e lê-lo, murmurou com gesto de susto:

— Oh, Deus... é para você!

Surpresa, a moça ruiva agarrou o que sua amiga lhe estendia trememente e leu:

Demelza:

Tenho em meu poder a sua querida Hilda. Espero-te no final do porto de Inverness antes do amanhecer.

S. M. L.

Sem acreditar, a jovem leu outra vez a nota.

Não, não podia ser. Aquilo não podia estar ocorrendo. Hilda, não.

— Quem é S. M. L.? — Perguntou Adnerb.

Demelza, que parecia em estado de choque, negou com a cabeça.

— Não sei... mas o matarei.

Adnerb, ao ver a jovem tão paralisada, agarrou forças e, fazendo com que a olhasse, pediu:

— Se tranquilize. Nada acontecerá com Hilda.

Demelza tremia, e a moça loira, sentindo que nesse instante ela devia ser a forte, murmurou:

— Antes de nos alarmar, procuremo-la pela fortaleza com dissimulação. Ninguém tem que notar que acontece algo ou se assustarão.

Sem falar, as duas saíram do quarto em busca de Hilda e, com precaução para não alertar a todos, buscaram-na pela fortaleza, mas não a encontraram. Por isso, retornaram de novo ao quarto de Adnerb e, com a porta fechada, Demelza murmurou trememente:

— Tenho que ir ao porto. Hilda... necessita-me.

Sua amiga, consciente da gravidade do assunto, assentiu e indicou olhando a nota:

— Está em gaélico, por isso o tal S. M. L. deve ser escocês. Ao menos sabemos que não é Viggo, embora provavelmente seja um de seus malfeitores, que lhe buscam.

Demelza assentiu e afirmou sem saber quem ele era ou o que queria dela:

— Isso é o único positivo que vejo em tudo isto.

Não disposta a permitir que fosse só aquele lugar, Adnerb assegurou:

— Irei contigo.

— Nem pensar! — Protestou Demelza.

— Ou vou contigo ou não vai.

— Correrá perigo!

— Sou sua irmã!

— Adnerb... pense-o...

— Disse que vou contigo — insistiu ela.

— Mas se Alastair...

— Alastair — a cortou— já não é ninguém em minha vida. Recorda-o.

Tentando manter a mente fria, Demelza retorceu as mãos e, sem levantar a voz, falou:

— Por todos os demônios, Adnerb, para que queres vir comigo? É perigoso! Não sabemos quem é esse homem nem quais são suas intenções. Acaso sabe lutar para te defender?

— Não. Não sei lutar como você — grunhiu e, abrindo uma caixa, acrescentou, — mas sei dialogar e tenho joias valiosas que, se as dou a esse sujeito, possivelmente poderá esquecer-se do que oferecem por você e soltar a Hilda.

Demelza olhou o que ela tinha nas mãos. Sem dúvida, era um bom botim, e, pensando em Hilda, murmurou olhando suas expressões:

— Necessitamos de roupas. Não... não podemos ir assim.

Adnerb soltou as joias sobre o aparador e, depois de lhe dar um abraço, afirmou:

— Irei procurar as roupas de meus irmãos. Não te mova daqui.

Nervosa, Demelza viu a jovem sair da estadia enquanto seu coração parecia querer sair do peito. Hilda, sua Hilda estava em perigo. E ela se sentia culpada. Se não tivesse estado tão pendente de Aiden, teria se precavido antes de seu desaparecimento.

Amaldiçoou sentindo-se fatal. Por sua culpa... Por sua falta de atenção Hilda corria perigo.

Horrorizada, pensava nisso quando a porta do quarto se abriu e Adnerb voltou carregada com uma infinidade de objetos. Rapidamente, as duas jovens tiraram os bonitos e delicados vestidos, deixando-os jogados pelo chão, e se vestiram com roupa de homem, mais cômoda para cavalgar.

Enquanto se vestiam, Demelza comentou:

— Harald me disse que um dos homens que viajou conosco é um informante de Viggo.

Adnerb parou e, surpresa, perguntou:

— O quê?! Mas quem é?

A jovem ruiva, preocupada com Hilda, baixou então a voz e sussurrou:

— Moisés.

— Moisés?! — Exclamou boquiaberta Adnerb.

Demelza assentiu e afirmou com pena:

— Sim. Sempre me observa e me vigia com dissimulação. Hoje, quando o repreendi na festa e vi que o tinha desconcertado... Sei que é ele!

Acabaram de colocar a roupa, jogaram peles com capuz por cima e se precaveram de que o escandaloso e comprido cabelo de Adnerb não ficasse ao descoberto. Era muito comprido para escondê-lo. E, nem curto, nem pouco, e ela, agarrando a adaga que agora sempre a acompanhava, com um movimento seco e decidido, o cortou ante o rosto de surpresa de Demelza.

Boquiaberta ao ver sua amiga com seu cabelo na mão, a ruiva exclamou:

— Mas o que fez?

— Me libertar — murmurou ela em um fio de voz.

Demelza não acreditava, e, enquanto via ela sorrir, murmurou:

— Mas... seu cabelo.

A jovem assentiu e, soltando-o no chão o cabelo pelo qual tanto se preocupou em outro tempo e que tanto sua mãe apreciava, declarou:

— Cortaria igualmente no momento em que ingressasse no convento, por que não agora?!

Sem acreditar, Demelza terminava de cobrir-se bem com a pele quando Adnerb murmurou olhando-se ao espelho:

— Além disso, não pretendo me apaixonar por ninguém. Para que mais preciso de meu aspecto?

Demelza não respondeu, quando ela perguntou olhando-a:

— Tenho uma curiosidade.

— Diga.

— O que vai fazer quando conseguir acabar com Viggo?

Ao ouvir, a jovem ruiva respondeu sem duvidar:

— Retornar a Noruega.

— Voltaria a fazer queijos?

— Possivelmente.

Adnerb assentiu e a seguir perguntou disposta a tudo:

— Ensinar-me-ia a fazê-los?

Quando Demelza ouviu isso, olhou-a e Adnerb esclareceu:

— Aqui já não tenho nada, exceto ingressar em um convento. E pensei que, se você me deixasse, poderia ir contigo, Hilda e Harald a Noruega e...

Emocionada por aquilo, Demelza a abraçou e, segura de que queria à moça em sua vida, afirmou:

— Tê-la a meu lado será uma honra.

Ambas sorriram por aquilo, quando, separando-se, Demelza disse ficando repentinamente séria:

— Mas de momento recuperemos primeiro Hilda. O resto já se verá.

— Exato. Vivamos o presente — matizou Adnerb.

Demelza amarrou o cinturão para que não lhe caíssem as calças, ao ver que sua amiga se olhava no espelho e tocava o cabelo, afirmou:

— É bonita com o cabelo comprido e com o cabelo curto.

Adnerb sorriu com tristeza, e olhando o aspecto das duas vestidas de homens, com o cabelo pelos ombros, murmurou:

— Escocesas ou vikings, somos dois desastres, verdade?

Sua pergunta fez sorrir Demelza, que declarou consciente de sua realidade:

— Sinto te dizer que sim.

Adnerb deu de ombros, já nada se importava. E, levantando o queixo, afirmou lhe entregando parte de suas joias para que as guardasse:

— Não percamos um segundo mais. Vamos pela Hilda.

Demelza sorriu e, enquanto saíam pela porta, indicou:

— Sua avó deve estar muito orgulhosa de ti.

Com toda a prudência do mundo, as duas jovens percorreram os corredores da fortaleza evitando os servos até que conseguiram sair da mesma.

Sem fôlego, dirigiram-se às cavalariaças. Necessitavam de seus cavalos.

Mas, ao aproximar-se, viram que junto à entrada havia dois homens conversando que rapidamente Adnerb identificou como dois de seus irmãos. Durante um momento esperaram que eles partissem, mas ao ver que não se moviam, Demelza murmurou inquieta:

— Devemos entrar nas cavalariaças.

Adnerb observou seus irmãos Angus e Cameron falar e, disposta a fazer o que sua amiga dizia, indicou:

— Cubramos as cabeças com os capuzes das peles e caminhemos como dois homens. Eles nem nos olharão.

— Tem certeza? — Perguntou Demelza.

— Sim. Muito segura.

Instantes depois, as duas mulheres, arqueando um pouco as pernas e arrastando os pés, começaram a caminhar para as cavalariças. Ouvindo ruído, Angus e Cameron olharam para trás, e, ao ver dois homens, puseram-se a andar enquanto continuavam conversando.

Nas cavalariças, as duas moças romperam a rir, e Demelza ia dizer algo quando Adnerb declarou:

— Contigo tenho uma boa professora.

Sorrindo, as duas correram sigilosamente até seus cavalos. Unne e Ross deram coices ao vê-las, quando de repente ouviram um ruído perto delas.

Rapidamente, Demelza e Adnerb se agacharam.

Quem vinha?

A ruiva levantou a cabeça. Se fosse Harald, seria difícil enganá-lo, mas, por sorte, o ruído o tinha feito o lobinho.

Demelza o agarrou com carinho, estreitou-o contra seu corpo e, quando o deixava de novo em seu redil, murmurou:

— Prometo retornar. Prometo-lhe isso.

Com o mesmo sigilo que tinham entrado, saíram então das cavalariças, e, quando se viram amparadas pelas árvores, ambas montaram em seus cavalos e Demelza pediu olhando Adnerb:

— Agora guia-me até o porto.

A jovem assentiu, e, sem perder tempo, ambas foram em busca de Hilda.

Capítulo 45

No acampamento, Alastair recolhia suas coisas furioso. Pensar em Adnerb era muito doloroso, quando Aiden insistiu:

— Equivoca-te uma vez mais.

— Duvido que me equivoque.

— Por que não para, respira e pensa no que...?

— Amigo, essa mulher já riu o suficientemente de mim, não acredita?

Os homens de Aiden os olhavam em silêncio a distância. O que ocorria era do domínio de todos, mas simplesmente observavam e calavam, nada tinham que dizer a respeito, quando Aiden insistiu:

— Possivelmente o que ouviu não...

— Sei o que ouvi!

Aiden assentiu e, baixando a voz para que só seu amigo o ouvisse, perguntou:

— E a que veio mencionar Moira?

Alastair soprou. Nem ele mesmo sabia por que o tinha feito.

— Não sei. Sinceramente, não sei.

Ao ver a pouca vontade que seu amigo tinha de falar, Aiden finalmente se sentou para observá-lo. Alastair movia suas coisas de um lugar para outro, sem tom nem som, quando se ouviu um de seus homens gritar:

— Aproxima-se um cavaleiro!

Aiden se levantou, Alastair se aproximou dele e o primeiro apontou:

— Acredito imaginar a que vem.

Alastair não disse nada, e, quando o cavaleiro chegou até eles, depois de olhar aos escoceses com precaução, disse:

— Procuo Alastair Matheson.

— Sou eu.

O cavaleiro, sem duvidar, entregou um pergaminho ao tempo que lhe dizia:

— Para você, de parte de meu senhor, Callum McAllan.

Dito isto, o homem deu meia volta e desapareceu cavalgando por onde tinha chegado.

Os escoceses ficaram olhando Alastair.

Todos sabiam o que possivelmente dizia aquele pergaminho, e Aiden, ao ver seu amigo paralisado olhando, tocou-o no ombro e pediu:

— Me acompanhe.

Em silêncio, os dois se dirigiram para a tenda de Aiden, e, uma vez dentro, este disse:

— Abre-o e lê o que diz.

Sem pigarrear, seu amigo fez o que lhe pedia, e, depois de ler, declarou atirando o pergaminho:

— Sou um homem livre. Já não estou casado com Adnerb McAllan.

Aiden assentiu e, ao ver como ele olhava ao chão, perguntou:

— Isso era o que queria não?

Confundido, Alastair assentiu.

— Sim.

De novo o silêncio se apoderou do lugar quando Aiden, seguro de sua decisão, murmurou:

— Então que recolhamos o acampamento podemos partir para o Keith. O que acha??

— Parece-me bem.

Conforme disse isso, Alastair era consciente de que, sumido em seu próprio problema, não tinha se preocupado por seu amigo.

— Você está bem? — Perguntou-lhe.

— Sim — afirmou Aiden sem querer falar do assunto.

— Demelza...

— Prefiro que nem fale seu nome — o cortou.

Alastair assentiu, mas, incapaz de não soltar o que lhe rondava pela cabeça, acrescentou:

— É consciente de que nos quebramos o coração duas malditas vikings?

Aiden o olhou. Era uma tolice negá-lo, por isso afirmou:

— Pelo que sou consciente é de que nunca mais voltarei a pensar nas ridículas provas de amor e, muito menos, abrirei meu coração a mais ninguém.

Ambos sorriram, quando Alastair, ao ver o olhar triste de seu amigo, perguntou:

— Está seguro de que quer partir?

Depois de segundos de silêncio, nos quais Aiden lutou de novo contra seus sentimentos, pois era consciente de que era impossível tentar algo com Demelza, murmurou:

— Sim, Alastair. Muito seguro.

De novo, olharam-se. O modo como se sentiam por todo o ocorrido era algo novo para ambos. Por isso, Alastair, incapaz de entender o que acontecia a suas cabeças, pediu necessitado de estar sozinho:

— Quando me disser, estarei preparado.

E, ato seguido, saiu da tenda, deixando Aiden desconcertado.

Sentando-se no chão, Aiden tirou da calça o lenço de Demelza que ele guardou no bolso sem que ela se desse conta quando tinha deixado cair no exterior da fortaleza. Além das lembranças, aquilo seria o único



que entesouraria dela, da mulher viking de extrema coragem que tinha quebrado seu coração. O aproximou do nariz, e, instantaneamente, o maravilhoso aroma da jovem o alagou. E, sem poder evitá-lo, fechou os olhos e murmurou:

— Ruiva Selvagem... como vou viver agora sem você?

Capítulo 46

Harald estava deitado no meio do bosque com os olhos fechados.

As cores dançando no céu, um momento antes tinha desfrutado, era algo que ao Ingrid, sua mulher, teria ficado encantada de ver.

Ainda recordava os dias com ela. Sua risada. Sua maneira de desfrutar da vida, sua maneira de amá-lo. Toda ela tinha sido sempre alegria e tenacidade, e, emocionado, abriu os olhos e olhou ao céu, que já se obscureceu, enquanto murmurava:

— Minha vida, dançará eternamente para mim.

E, ato seguido, triste e abatido pela terrível perda, rompeu a chorar.

Dizia-se que os homens não choravam, mas ele sim o fazia. Não podia controlar a terrível tristeza que a perda de sua mulher lhe tinha ocasionado, e chorou com desconsolo enquanto sentia que necessitava um abraço daquela mulher que já nunca mais poderia dar-lhe. Quando finalmente se acalmou e secou as lágrimas, levantou-se pesaroso.

Pensar em retornar à fortaleza de Callum não era o que mais gostava, mas devia voltar. Demelza estava ali.

Em seu caminho ouviu cascos de cavalos. O porto de Inverness estava perto e sem dúvida era um lugar tremendamente concorrido.

Pensou em Demelza e sorriu. Aquela pequena ruiva tinha conseguido chegar sã e salva a terras estrangeiras, e saber que Aiden McAllister a protegia lhe dava um pouco de tranquilidade.

Chegando às imediações da fortaleza, decidiu aproximar-se das cavaliças. Desejava ver Unne e a lobinho antes de ir dormir.

Mas, ao entrar, rapidamente chamou sua atenção não ver a égua.

Onde estava?

Aproximou-se até sua baia e, ao ver que ali só estava o pequeno lobo em seu redil, inquietou-se.

Imediatamente, olhou para o lugar onde devia estar o cavalo de Adnerb e, não vê-lo tampouco, murmurou:

— Não, Dem... Não... não... não...

A toda pressa, correu para a fortaleza e, ao entrar, viu que a festa se acabou. Os criados recolhiam taças e pratos. E, disposto a procurar Callum, voltou-se quando o encontrou de frente com dois de seus filhos.

— Harald, o que te ocorre? — Perguntou o homem ao ver seu gesto decomposto.

— Onde estão Demelza e Adnerb?

Callum suspirou e respondeu negando com a cabeça:

— Ah... essas moças são complicadas, muito complicadas!

— Onde estão?

— Acredito que no quarto de minha filha.

— Sim — afirmou Cameron. — Me consta que estão ali porque as vi entrar depois da discussão com Alastair.

— Por Odín, nem me recorde isso! — Protestou Callum.

Sem tempo a perder, nem de perguntar o motivo da discussão, Harald correu ao primeiro andar da fortaleza.

Callum, Cameron e Gordon o seguiram sem entender nada e, ao chegar a um corredor onde havia várias portas, Harald perguntou:

— Qual é o quarto de Adnerb?

— Mas moço, o que ocorre? — Perguntou Callum preocupado.

— Qual é? — Insistiu Harald.

Rapidamente Gordon abriu uma porta e, sem duvidar, Harald entrou. Ali não havia ninguém, e, ao ver os bonitos vestidos atirados no chão, bramou:

— Onde estão?!

Gordon entendeu imediatamente sua preocupação e, fechando os olhos, murmurou sem acreditar:

— Outra vez?

— Outra vez, o quê? — Perguntou Callum entrando no quarto. Ao ver aquilo, o gesto se decompôs e murmurou: — A vou matar. Desta vez a mato.

Mas Harald não o escutava. Só pensava aonde poderiam ter ido aquelas duas, e, dirigindo-se a eles, exclamou:

— Maldita seja... aonde foram?

Preocupado, depois de olhar a seus filhos e ver que eles não sabiam nada, Callum não soube o que dizer, quando Harald acrescentou:

— Seus cavalos não estão na baia e...

— O quê?! — Bramou Callum.

— Procurem Hilda! Rápido! — Exigiu Harald.

— Pai, isso não é o cabelo de Adnerb?

Todos olharam ao chão, onde estava esparso o belo cabelo loiro da moça, e Callum murmurou:

— Pelo amor de Deus... Mas o que tem feito desta vez?

Então, Cameron e Gordon sorriram, e o primeiro murmurou:

— Quando mãe se inteirar, verá!

Alarmado, Callum começou a vozear.

Onde estava sua filha?

Onde estava Demelza?

De repente, a mãe do Adnerb entrou na habitação alarmada pelos gritos.

— Mas o que ocorre?

E, antes que ninguém pudesse dizer nada, a mulher observou no cabelo que havia no chão e, levando as mãos à boca, murmurou em um fio de voz:

— Oh, meu Deus... Oh, meu Deus...

Callum suspirou e, ato seguido, pediu olhando a seus filhos:

— Cameron, Gordon, segurem sua mãe, que vai desmaiar.

E dito e feito. A mulher desmaiou e os moços a deixaram sobre a cama de Adnerb.

Harald não entendia nada. Não compreendia aonde tinham ido as jovens e, ao ver que Hilda tampouco estava ali, murmurou dando uma patada nos vestidos do chão:

— Dem... quando te encontrar, vou matá-la.

Os vestidos e o cabelo loiro de Adnerb voaram pelos ares, e, ao ver uma nota que saía de debaixo do monte de roupa, o viking a agarrou. Leu-a, mas não a entendeu porque estava em gaélico, e então pediu entregando-lhe ao Callum:

— O que diz aqui?

O homem a agarrou tremente e traduziu.

Demelza: Tenho em meu poder a sua querida Hilda. Espero-te no final do porto de Inverness antes do amanhecer.

S. M. L.

Uma vez que terminou de lê-la em voz alta, olhou para Harald e perguntou:

— Quem é S. M. L.?

Sem entender nada, ele negou com a cabeça e, agarrando o papel, falou:

— Como chegou aqui esta nota?

Todos se olharam, ninguém sabia nada, e, dirigindo-se a Callum, o viking pediu então:

— Reúne seus homens. Fale com eles. Interrogue-os. Forçe-os. Precisamos saber quem entregou esta carta às mulheres.

Callum assentiu, e Harald, dando meia volta, começou a descer os degraus de dois em dois, nesse momento Callum e seus filhos começaram a segui-lo enquanto gritavam:

— Vamos contigo!

— Não — exclamou ele voltando-se.

— Mas é minha filha — insistiu Callum.

Harald assentiu, entendia-o, mas eles não eram guerreiros. E, necessitado de discricção para que as mulheres não corressem mais perigo do que necessário, falou:

— Me acreditem se lhes disser que serão mais úteis ficando aqui.

— Mas...

— Irei em busca de Aiden McAllister e seus homens. Eles me ajudarão.

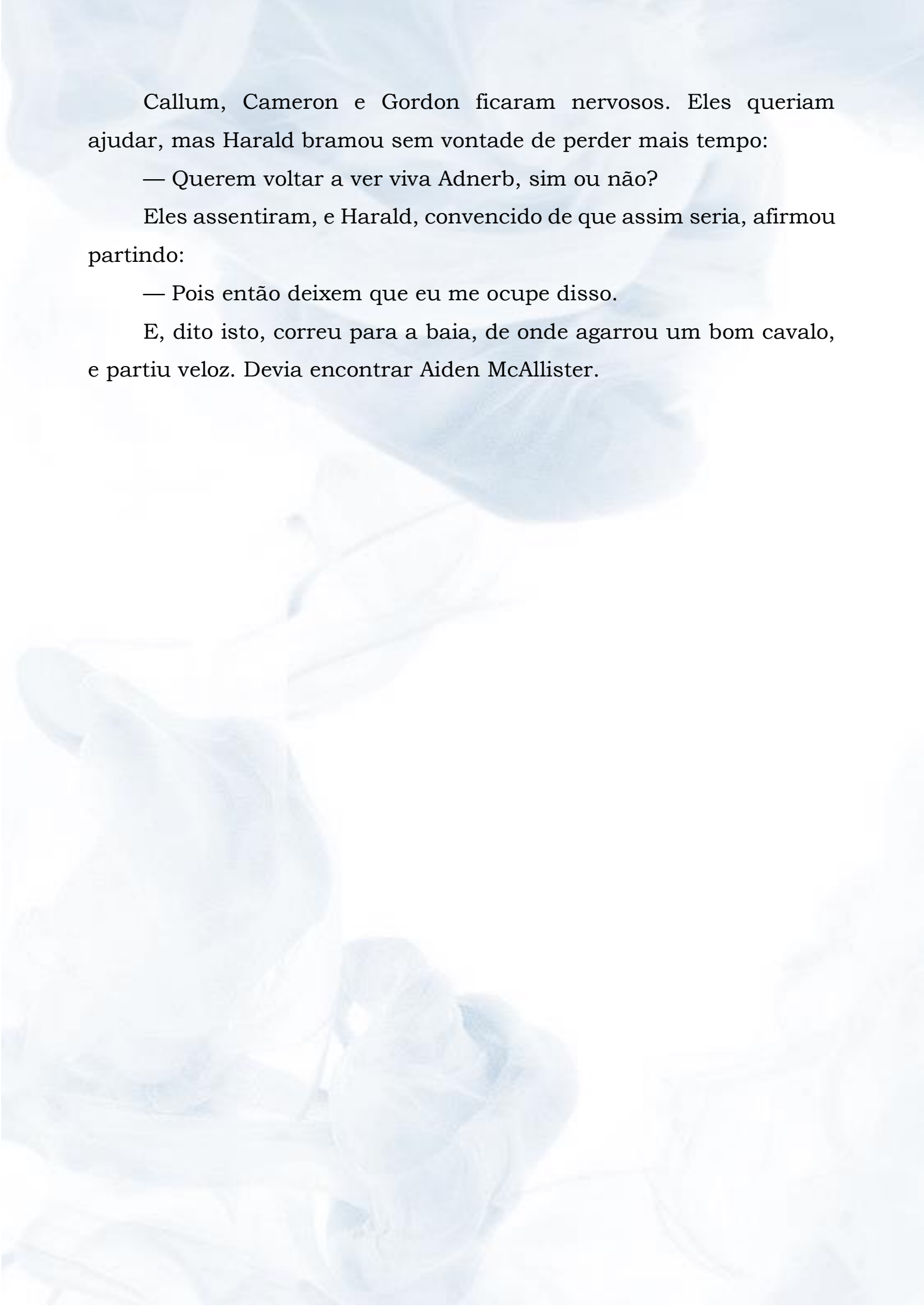
— Duvido-o — grunhiu Callum.

— Porquê?

— Partiam para suas terras esta mesma noite — e, ao ver o gesto desconcertado de Harald, o homem acrescentou: — As coisas não terminaram muito bem entre eles e as moças.

Harald assentiu, mas, deixando-se levar por seu instinto, assegurou:

— Me ajudarão.



Callum, Cameron e Gordon ficaram nervosos. Eles queriam ajudar, mas Harald bramou sem vontade de perder mais tempo:

— Querem voltar a ver viva Adnerb, sim ou não?

Eles assentiram, e Harald, convencido de que assim seria, afirmou partindo:

— Pois então deixem que eu me ocupe disso.

E, dito isto, correu para a baia, de onde agarrou um bom cavalo, e partiu veloz. Devia encontrar Aiden McAllister.

Capítulo 47

Depois de um momento de quietude e tranquilidade no interior da tenda, onde Aiden pôde ordenar suas ideias e suas prioridades, quando saiu observou que seus homens já tinham recolhido o acampamento.

Aproximando-se de Gareth, ultimou a formação do grupo e, logo, disse dirigindo-se a outros:

— Comproven que estamos todos antes de partir.

Os homens assentiram felizes, estavam desejosos de chegar a suas casas, quando Moisés, aproximando-se dele, indicou:

— Meu senhor, não encontro Ivo.

Sem lhe dar importância, Aiden falou:

— Não retornou conosco da festa?

Moisés negou com a cabeça.

— Vi-o bebendo e cortejando uma serva na fortaleza, mas, que eu recorde, não o vi voltar.

Aiden assentiu, sem dúvida seu homem e aquela moça estavam desfrutando de algum prazer, e indicou irritado por ter que esperar:

— Daremos um tempo. Já retornará.

Moisés assentiu, e dando meia volta, dispunha-se a afastar-se quando se ouviu:

— Aproxima-se um cavaleiro!

Aiden sorriu.

— Aí o tem — indicou dirigindo-se a Moisés. — Já volta.

Mas Alastair levantou a cabeça e, olhando ao longe, declarou:

— Esse não é Ivo.

Quando todos olharam ao cavaleiro, souberam que Alastair tinha razão, e Aiden, ao reconhecê-lo, murmurou surpreso:

— Harald?!

Que o viking aparecesse ali sozinho não podia significar nada bom.

Quando chegou frente dele e, depois de saltar do cavalo, Harald começou a falar atropeladamente em norueguês.

— Não te entendo — o interrompeu Aiden.

Os homens o olhavam com desconfiança. Aquele sujeito alto, loiro e de olhos azuis, não era um amigo. Um viking não podia trazer nada bom em seu acampamento.

Mas Harald insistia mastigando as palavras:

— Demelza... Adnerb...

Aiden tocou o cabelo e assentiu nervoso.

— Sim. Fala delas.

— O que fizeram agora essas duas? — Perguntou Alastair alarmado.

— Não sei... amigo... não sei... — disse Aiden desesperado.

Harald falava gesticulando. Sem dúvida ocorria algo grave, e, exasperado, Aiden bramou:

— Não te entendo, Harald! Não te entendo!

O viking passou as mãos pelo rosto desesperado.

Como podia comunicar-se com eles? Não tinha pego a nota que tinha encontrado no quarto de Adnerb. Não tinha levado nada consigo.

Mas de repente ouviu perguntar em norueguês:

— Onde estão elas?

Harald levantou subitamente a cabeça.

Quem falava em seu idioma era Moisés, e imediatamente perguntou:

— Entende-me?

O homem assentiu. Então, Aiden, tão incrédulo quanto o resto do grupo, inquiriu:

— Entende Harald?

Moisés voltou a assentir e indicou sabendo que tudo mudaria a partir desse instante:

— Minha mãe era viking, senhor.

Todos o olharam surpresos.

A mãe de Moisés, viking?

Ninguém sabia o que dizer, ninguém tinha suspeitado nunca, quando Harald, tocando seu braço, explicou-lhe o que ocorria e este, sem perder um segundo, olhou para Aiden e traduziu:

— Meu senhor, Demelza e Adnerb desapareceram da fortaleza.

— O quê?! — Bramou ele.

— Alguém lhes fez chegar uma nota em que indicava que tinham Hilda no porto e, ao que parece, conforme teme Harald, elas foram em sua busca.

— Por todos os Santos... — murmurou Alastair ao ouvi-lo.

Aiden veio abaixo. Aquelas duas estavam loucas. Se a nota provinha de que tinha sido marido de Demelza, foram direitas à morte. Mas, tentando conter seu nervosismo, perguntou:

— Quem lhes mandou essa nota?

Moisés e Harald falaram de novo, e o primeiro indicou:

— Não sabem. Diz que está assinada por um tal S. M. L.

Sem tempo a perder, Aiden assentiu e, olhando para seu homem, aquele que sempre era calado e distante com todos, perguntou:

— Ocultava o de sua mãe por medo a ser rechaçado?

Moisés afirmou com a cabeça.

— Sim, senhor. Pensei que era o melhor.

Aiden amaldiçoou ao entender o que ele dizia, e, consciente de que tinha que conversar com ele, acrescentou:

— Depois conversaremos. Agora diga a Harald que vamos com ele.

Moisés assentiu e, enquanto explicava a Harald, Aiden deu ordens a seus homens e logo correu para seu cavalo. Demelza, sua Demelza, estava em perigo. Estava montando o lombo de Haar quando Alastair, tão angustiado como ele, grunhiu:

— Como bem disse, essas duas vikings são uma enorme fonte de problemas.

Aiden o olhou. Em seus olhos escuros se via o desassossego que sentia, e, encolerizado, balbuciou:

— Sim, amigo. E, pelo visto, não me equivocava.

Instantes depois, Harald, Aiden, Alastair e mais da metade de seus homens cavalgaram sem descanso. Nenhum sabia o que ocorria. Só sabiam que as mulheres estavam em perigo.

Capítulo 48

Quando Demelza e Adnerb chegaram ao porto, procuraram sem apeirarem de seus cavalos ao homem que as tinha convocado ali.

Ocultas sob suas peles, os homens que andavam pelo porto meio bêbados não podiam distinguir que eram duas mulheres. Se isso ocorresse, seus problemas se multiplicariam por mil, mas, vestidas com calças e ocultas sob as peles, ninguém se precavia disso.

Demelza observava a todos a seu redor e, recordando de repente algo que sua irmã Ingrid lhe havia dito, sorriu. Segundo Ingrid, ia pedir a Hamingja, seu anjo da guarda, que a protegesse e a ajudasse a encontrar o amor. E, sem poder remediar, murmurou em um fio de voz:

— Hamingja, compadeço-te por todo o trabalho que te dou.

Adnerb, alheia ao que ela pensava, também olhava a seu redor.

Estava nervosa. Esse tipo de coisa era novo para ela, e, sabendo que tinham tudo a perder se fossem atacadas, murmurou:

— Reconhece alguém?

Demelza negou com a cabeça. Já era a segunda vez que passavam por essa parte do porto e nada, nem rastro de Hilda nem de ninguém que chamasse sua atenção.

De repente, uma luz ao fundo que saía de um dos navios chamou sua atenção, e, segura de que aquele sinal era para elas, declarou:

— Acredito que essas luzes são para nós.

— Eu também acredito — afirmou Adnerb.

Ambas detiveram seus cavalos, olharam para o navio atracado e então Demelza sussurrou:

— Em uma nave dessas cheguei a estas terras.

Sua amiga assentiu. Sabia perfeitamente o que ela queria dizer com seu comentário. E, levantando o queixo, falou:

— Irei contigo.

— Adnerb... é perigoso.

— Não tenho medo.

Demelza a olhou, e, ao ver como lhe tremiam as mãos, murmurou:

— Você está mentindo.

A loira, cravando seus olhos nela, engoliu o nó de emoções que pugnavam por sair de sua garganta e a seguir disse decidida lhe mostrando um dedo:

— Vê este anel?

Ao olhá-lo, Demelza sorriu.

— É nosso anel de irmãs e não vou me separar de você, entendido?

— Mas, Adnerb...

— Ensinaсте-me o significado das palavras irmã, amor, coragem, amizade, generosidade... e agora que sei quanto importante é tudo isso em minha vida, nada vai me separar de você e menos ainda me deter. Vamos até esse navio juntas. Juntas recuperaremos Hilda ou juntas morreremos.

— Adnerb...

— Demelza — a cortou, — claro que tenho medo. Tenho o mesmo medo que você. Mas acaso vais dizer que, se fosse o caso contrário, você me deixaria sozinha?

Demelza suspirou. Aquela tinha razão, mas insistiu:

— Fique aqui, Adnerb. Temo por sua vida.

— Nem pensar. Eu vou contigo.

— Não seja teimosa.

— Desculpa... mas meu sangue viking está saindo a reluzir, o que esperava?

Esse comentário fez sorrir Demelza, quando ela, com uma segurança que nunca tinha visto, indicou:

— Tanto faz o que diga, irei... e não se fale mais. E, se puser teimosa, irei às nuvens e vai se arrepender de fazer o contrário, entendeu?! Porque te surpreendeu o quanto me zanguei no dia que essa áspera, piolhenta e horrível taberneira me chamou de feia, nem imagina como posso ficar agora, contigo, se continua se afrontando.

Ouvindo isso Demelza voltou a sorrir. Ela havia dito as mesmas palavras que sua irmã Ingrid teria utilizado em uma situação assim.

E, olhando-a com orgulho, afirmou:

— De acordo. Me acompanhe, guerreira.

Adnerb sorriu nervosa e a seguir murmurou levantando o queixo:

— Eu gosto que me chame assim.

Novamente retomaram o passo com seus cavalos, enquanto entravam naquela zona do porto escura, gelada e sombria.

De repente, apareceram de um nada três homens montados a cavalo que começaram a trotar atrás delas, o que fez com que Demelza amaldiçoasse. Estavam rodeadas.

Com gesto feroz, as jovens olharam aqueles que as seguiam impassíveis, quando Demelza murmurou:

— Não te separe de mim e tenha a mão no que já sabe.

— Já o tenho — afirmou Adnerb sentindo sua adaga na mão.

Conforme se aproximavam do navio que tinha chamado sua atenção, viram que no exterior havia vários homens que as olhavam à espera de que se aproximassem. Trememente, ao sentir os olhares deles, Adnerb perguntou:

— Reconhece a alguém?

Demelza negou com a cabeça. Jamais em sua vida tinha visto aqueles homens. E, cada vez mais consciente de que tinham caído em

uma armadilha, perguntou em norueguês, procurando uma via de escapamento:

— Sabe nadar?

Adnerb olhou a escura, fria e suja água que rodeava o navio e soprou:

— Sim.

Demelza assentiu, e a jovem loira, incapaz de calar, murmurou:

— Estou... estou pensando em algo horrível.

— O que pensa? — Perguntou Demelza com apuro.

Adnerb, que tremia todo o corpo, sussurrou então:

— Penso se não teremos caído em uma armadilha de Viggo e...

— Pode ser que esteja certa — a cortou Demelza.

Ela também estava pensando o mesmo.

Possivelmente tinha sido uma incauta, uma irresponsável, por não ter pensado antes de agir, e tinha se deixado enganar por quem a buscava.

Mas Hilda, sua Hilda, estava em perigo, e não havia nada que pensar. Por isso, e, apertando a adaga que levava na mão, olhou Adnerb e declarou:

— Se for assim, chegou seu fim, porque penso matá-lo.

Adnerb assentiu. Estava claro que, se tratava dele, a quem tinha chegado seu fim, quando, surpreendendo Demelza, sussurrou:

— Como te ouvi dizer em outras ocasiões: não há dor, só vingança.

Quando chegaram às imediações do enorme navio, as jovens detiveram seus cavalos e os homens que as seguiam pararam também.

Em silêncio permaneceram sobre seus cavalos, quando os homens que havia no mole as olharam e então Demelza levantou a voz e perguntou sem medo:

— Procuro o S. M. L.

Os sujeitos sorriram, e um deles, em um perfeito gaélico, perguntou:

— Quem o busca?

— Demelza Ovesen.

Os homens assentiram, e a seguir ouviram:

— E Adnerb McAllan.

Sem mover-se de seu lugar, as moças viram como um daqueles homens subia ao navio pela passarela para, segundos depois, aparecer com alguém amarrado e encapuzado.

Rapidamente se alarmaram.

Mas não era Hilda. Era um homem.

E, quando o desceram do navio e o soltaram frente a elas, o homem que o empurrava lhe tirou o capuz e Adnerb murmurou reconhecendo-o:

— Ivo?!

O mencionado, que tinha sangue no rosto, levantou a cabeça, e Demelza, confundida e alterada, ao vê-lo naquela situação, murmurou:

— Pelo amor de Deus, Ivo, está bem?

— Sinto muito, Demelza — disse ele cravando seus olhos nela. —

O sinto. Mas esse homem me interceptou, foi ele quem me feriu na coxa e me disse que ou o ajudava ou mataria a minha mulher e a meus filhos.

A cada segundo mais desconcertada, e incapaz de mover-se de onde estava, Demelza o observava boquiaberta quando Adnerb perguntou:

— Que homem?

Ivo fechou os olhos. Odiava dizer aquele maldito nome, mas murmurou:

— Viggo Iversent.

Então, o coração de Demelza se acelerou.

Não era Moisés quem a tinha estado espiando, a não ser Ivo, e, vendo o lugar em que estavam, ficou claro que tinham caído em uma armadilha.

Zangada, irritada e disposta a morrer, levantou o queixo. Tinha chegado o momento que tinha esperado durante tanto tempo, e, tensa, perguntou:

— Onde está esse malnascido?

— Aqui!

Ao ouvir aquela voz, Demelza e Adnerb olharam para o navio e, ao distinguir Hilda junto de Viggo e a outro homem, ficaram sem palavras.

Hilda não estava amarrada. Pelo contrário, achava-se de pé junto a um homem alto e grisalho que tinha bom aspecto. Nada a ver com Viggo, que estava amarrado e golpeado.

Aquele verme de gesto desagradável olhou para Demelza e, com sangue na boca, sorriu e falou:

— Laug... que prazer ver-te.

— Esse é Viggo? — Perguntou Adnerb.

— Sim.

Incrédula pelo que via, a moça ruiva desceu de sua égua e, agarrando sua adaga com força, falou segura do que devia fazer:

— Vou te matar.

— Segue tão bonita como sempre... tão apetecível — insistiu ele.

Demelza sentiu repugnância ao ouvi-lo, e, com gesto bravo, replicou:

— Que asco me dá. Põe-me doente, Viggo, mas vai morrer. Por fim vai morrer.

Hilda, ao ouvir e ver a raiva no olhar de sua menina, rapidamente correu para a passarela para descer do navio, e, interceptando-a, abraçou-a.

— Filha, calma.

Demelza fechou os olhos ao sentir seu abraço e perguntou:

— Está bem, Hilda?

— Sim, minha vida. Estou bem. Estou bem.

Segundos depois, Adnerb, que tinha descido de seu cavalo, abraçou-as também, e, continuando, Demelza, olhando a um enfraquecido Viggo, ia dizer algo quando o homem grisalho que havia a seu lado deu-lhe um chute que o fez cair ao chão e indicou ao tempo que lhe estendia as cordas que o mantinham prisioneiro a outro homem:

— Atem-no.

Logo se encaminhou para ela.

Com curiosidade, Demelza o olhou.

Onde tinha visto antes a esse homem?

Sua mente pensava tão rapidamente como o homem que se aproximava, e, quando parou a escassos dois passos dela, ele sorriu.

— Nunca poderei te agradecer o suficiente o que fez por mim. Não só aliviou minha dor, mas também me deu seu prato de guisado.

Ao recordá-lo, Demelza assentiu e, em um fio de voz, e sem entender nada, murmurou:

— Você é S. M. L.?

— Sim.

— Mas me disse que se chamava Malcolm.

Aquele assentiu.

— E assim me chamo, Demelza.

E, vendo o desconcerto nos olhos da jovem, prosseguiu:

— Apareceu em minha vida em um momento complicado. Estava sozinho e desesperado. Meu melhor amigo tinha morrido e me sentia culpado por não ter podido evitar. Mas, com suas palavras, sua humanidade e sua ajuda, conseguiu me despertar. Que retornasse a meu lar e voltasse a ser o que fui.

— Quanto me alegro, senhor — murmurou ela sem entender nada.

— E, como te disse aquele dia na taverna, ser quem é e estar onde está pode te conduzir a uma infinidade de problemas, a não ser que...

— Que um homem forte e poderoso me proteja — finalizou ela.

Ao ouvir, Malcolm sorriu e, seguro de suas palavras, afirmou:

— Sei que sabe se proteger e lutar. Seu pai adestrou uma boa guerreira. E, embora me conste que Aiden McAllister teria dado a vida por você, queria te agradecer pessoalmente pelo que fez por mim. Aí tem ao homem que te buscava e a quem você queria encontrar.

A cada segundo mais boquiaberta pela amabilidade daquele escocês, até mesmo conhecendo sua procedência, Demelza sorriu, quando Hilda murmurou:

— Ivo me cercou durante a festa e me tirou da mesma para me levar até Viggo, mas sir Malcolm me salvou, filha. Estou-lhe muito agradecida.

O homem sorriu. Por sorte, já tinham localizado Viggo e, enquanto vigiavam a fortaleza, ao ver que levavam Hilda dali, decidiram tomar cartas no assunto. Malcolm voltou a olhar Ivo, que seguia de joelhos no chão, logo perguntou dirigindo-se a Demelza:

— O que quer que façamos com ele?

A jovem olhou o escocês e, ao ver o desespero em seu rosto, murmurou:

— Ele só foi outra vítima de Viggo. Se não fizesse o que ele dizia, teria matado a sua mulher e seus filhos.

Ivo chorava. Intuíva que seu fim estava perto. O que tinha feito não tinha perdão. Mas ficou surpreso quando ela disse:

— Soltem-no. De minha parte está perdoado. Agora só falta que o perdoe seu senhor, Aiden McAllister.

Malcolm deu a ordem a seus homens e soltaram as mãos dele, que não correu, mas sim ficou ali parado à espera do julgamento de seu senhor.

Demelza, ao vê-lo, sentiu que devia ajudar Ivo. E Malcolm, ao ver como ela passeava seu olhar do que acabavam de soltar ao que estava amarrado ao mastro de seu navio, disse:

— Como dizemos por aqui, olho por olho e morte por morte.

Ao ouvir a jovem assentiu. Aquele homem a entendia.

— Em minha terra dizemos quem o faz: paga, e ele vai pagar.

Malcolm, consciente do que essa moça tinha passado por culpa daquele mau homem, assentiu, enquanto Viggo gritava coisas terríveis e revoltantes. Sabia que seu fim estava perto e queria morrer fazendo mal a jovem.

Demelza, por sua parte, escutava-o. Cada ofensa que lhe dedicava era para ela uma razão a mais para matá-lo, e, olhando ao homem que estava a frente dela, declarou:

— Obrigada, sir Malcolm. Nunca viverei o suficiente para agradecer o presente que está me dando.

Dito isto, a jovem começou a subir a escada com passo seguro, e Hilda, parando-a, disse:

— Filha, não tem por que...

— Hilda... serei eu quem acabará com sua vida.

A mulher retorceu as mãos angustiada enquanto Viggo continuava gritando coisas horríveis. E, disposta a distrair a sua menina, disse atraindo sua atenção:

— Minha vida, este homem é o poderoso sir Malcolm Luard McPilshen e me disse que, se queremos retornar a Noruega, ele mesmo nos levará até ali em um de seus navios.

— De verdade? — Perguntou surpresa.

O homem assentiu.

— Será uma honra levá-las de volta a seu lar.

Demelza assentiu, quando Adnerb murmurou surpresa:

— Oh, Deus... Sir Malcolm, meu pai lhe admira muitíssimo.

— Um prazer sabê-lo, jovem Adnerb.

Encantada porque soubesse seu nome, ela sorriu e, enquanto se aproximava de Demelza, explicou tirando o capuz:

— Sir Malcolm é amigo íntimo do rei de Escócia e é quem vigia as Highlands para evitar os saques e...

— Por todos os Santos, moça... — cortou-a Hilda. — O que ocorreu a seu cabelo?

Ao ouvi-la, ela suspirou e, vendo o gesto dela, perguntou tocando-a cabeça:

— Tão horrível estou?

Sem tempo a perder, contou-lhe o ocorrido, enquanto Demelza só tinha olhos para Viggo e ouvidos para suas terríveis palavras.

Asco.

Raiva.

Vingança.

Morte.

Dor.

Vê-lo e ouvi-lo significava todo aquilo.

Ele tinha acabado com sua família sem nenhuma piedade e o olhar agora diante dela sujo, sozinho, amarrado e sem armas. Estava pensando em como matá-lo quando começou a ouvir o ruído ensurdecedor de cascos de cavalos a galope.

Todos os presentes se voltaram, e sir Malcolm gritou:

— A seus postos!

Os guerreiros escoceses rapidamente formaram uma barreira para que ninguém chegasse até onde eles estavam, quando Demelza anunciou reconhecendo Harald e Aiden:

— Não há perigo. São família e amigos.

— Oh, olhe... se também veio o que foi meu marido — murmurou Adnerb colocando de novo o capuz.

Sir Marcus, ao ouvir as jovens e reconhecê-los, deu ordem a seus homens de que recuassem e, quando eles chegaram ao mole, Harald gritou ao ver Viggo amarrado e sua cunhada perto dele:

— Dem...!

Tão alterado como ele, e saltando do cavalo, Aiden olhou à ruiva, que estava no alto da escada, e gritou desembainhando sua espada:

— Demelza, se detenha aí! Não siga!

Ato seguido, ele, Harald e Alastair, com suas espadas em riste, colocaram-se em posição de ataque, quando se ouviu:

— Meu senhor, é Ivo!

Quando Aiden olhou e viu seu homem com o rosto cheio de sangue ficou ainda mais desconcertado, e, dirigindo-se com ferocidade ao guerreiro de cabelo branco que estava junto à Hilda e Adnerb, inquiriu:

— O que ocorre aqui?

— Meu senhor, peço-lhe clemência! — Gritou Ivo ajoelhando-se.

Hilda, ao entender o desconcerto dele, meneou a cabeça e tratou de esclarecer:

— Calma, Aiden. Sir Malcolm está ajudando e...

— Sir Malcolm Luard McPilshen? — Perguntou Aiden olhando-o de repente.

— O mesmo, moço — afirmou ele lhe estendendo a mão.

Emocionado e sem deixar de olhar Demelza, que permanecia imóvel apesar dos gritos que dava em norueguês o homem amarrado ao mastro, estendeu-lhe a mão e murmurou:

— Sir Malcolm... não entendo nada.

O homem, que compreendia perfeitamente como ele podia sentir-se, rapidamente lhe explicou a situação enquanto Aiden o escutava boquiaberto.

Harald, a quem o coração martelava dentro do peito, aproximou-se rapidamente até onde estava Demelza. Igual a ela, ter Viggo a escassos passos revolvia suas vísceras. A fúria e a raiva pelo que aquele malnascido representava faziam querê-lo estrangulá-lo com suas próprias mãos, mas, contendo-se, olhou à moça e perguntou:

— Está bem, Dem?

Ela assentiu. E, olhando com adoração ao homem que tinha completado a promessa que tinha feito a sua irmã de cuidá-la e protegê-la, indicou:

— Chegou seu dia.

Harald assentiu. Esqueceu de repente seu aborrecimento com a jovem e, contemplando com desprezo Viggo, que cada vez gritava com menos voz, afirmou:

— Que não é o nosso.

— Não. Não é o nosso — assegurou Demelza.

Rodeados de escoceses que falavam entre eles, Harald e ela os olharam e a moça murmurou:

— Nunca imaginei que estes brutos nos ajudariam.

— Nem eu — afirmou Harald. — Mas viu, ruiva, ao que parece não são tão más pessoas.

— Não. Não o são — sussurrou a jovem olhando com certa tristeza Aiden, que falava com Malcolm.

Instantes depois, Harald e Demelza ficaram um frente ao outro, e, ante todos os olhares indiscretos que os observavam, juntaram suas testas, levaram-se a mão ao coração e, olhando-se nos olhos, murmuraram ao unísono:

— Não há dor, só vingança.

Dito isso, ele deu um passo atrás. Estava decidido: fazer aquilo correspondia a Demelza.

Aiden, aproximando-se, então, de onde ela estava e ver que Harald se interpunha em seu caminho, chamou-a:

— Demelza.

Ela o olhou com gesto feroz.

Aiden se precaveu da cor escura de seus olhos. A morte e a frieza deram procuração deles. E, sem poder aproximar-se porque Harald o impedia de plantado em meio da escada do navio, estendeu-lhe a mão e pediu:

— Demelza, venha aqui.

A jovem negou com a cabeça.

Nada no mundo ia impedir o que seu coração gritava que fizesse.

E, com uma segurança e uma insensibilidade que arrepiaram os pelos do escocês, declarou com a voz carregada de tensão:

— Tenho que matá-lo.

Aiden amaldiçoou. Tentou mover-se para aproximar-se dela, mas Harald era como um muro de pedra. Furioso, olhou-o. O viking e o escocês mediram forças com o olhar até que, finalmente, Aiden, vendo que era impossível, indicou olhando à mulher que adorava:

— Eu o farei por você.

— Não!

— Demelza, jurei-te que se o encontrava o esfolaria por tudo o que fez a você e a sua família e...

— Aiden — o cortou, — tenho que fazê-lo. Tem que ser eu.

— Porquê? Por que tem que ser você? — Exigiu ele.

A jovem fechou os olhos. A resposta era muito fácil. E, ao abri-los, disse olhando-o:

— Porque era minha família e assim o prometi. Eram meu pai, minha irmã Ingrid, meus irmãos Daven e Haakon, minha cunhada Adnerb e meu sobrinho, que não chegou a nascer. Também matou Wulf, meu lobo. E Urd, e muitos de meus vizinhos. Todos eles eram minha família e morreram pelo ódio e o rancor que esse homem tem por mim.

— Demelza...

— Aiden, quando um viking promete algo, cumpre-o. E eu vou cumprir — interrompeu desesperada, e, olhando seu cunhado, insistiu: — Harald, até dentro de sua dor, sua raiva e sua frustração, porque esse desalmado matou a sua mulher, minha irmã, me concede a honra de ser eu quem acabará com este carniceiro. E nem você nem ninguém vai impedir.

Harald e ele se olharam. Mas, mesmo assim, o highlander insistiu:

— Entendo o que diz, Demelza, entretanto...

Mas ela já não desejava ouvir nada mais. Não podia. Não devia. Não queria.

Estava muito esperando aquele momento de vingança e de morte, e o momento tinha chegado.

E, dando meia volta, empunhou a adaga com força entre seus dedos, e se aproximou de Viggo, que a olhava com gesto severo. Parou diante dele e, sem duvidar, apesar de suas duras palavras, cravou sua adaga no estômago dele com toda sua força e, olhando-o aos olhos com satisfação, murmurou enquanto a retorcia com raiva:

— Seu sangue... Sua morte e sua dor são minha recompensa. Nossa recompensa.

Viggo ofegou arregalando os olhos enquanto o sangue saía em fervuras da ferida de seu estômago caindo sobre as mãos de Demelza, que não se alterou.

Dando um passo atrás, a jovem contemplou sua agonia.

Desfrutou dela como ele tinha desfrutado de seus seres queridos. E, estirando o braço, desembainhou a espada e, com um olhar decidido, agarrou-a com força entre as duas mãos, e, depois de agarrar impulso, gritou como seu pai tinha ensinado:

— Não há dor, só vingança!

Segundos depois, a cabeça de Viggo rolava pelo chão, e Demelza, fechando os olhos, soltou a espada e murmurou levando uma mão ao coração:

— O fiz, pai. Fiz por todos e já posso descansar.

Em seguida, deu meia volta e se encontrou com Aiden e Harald.

Ambos a olhavam.

Ambos a esperavam.

E ambos abriram os braços para recebê-la e embalá-la. Mas Demelza, desejosa de fechar o círculo, correu sem duvidar aos braços de Harald. Necessitava-o. Ninguém melhor que ele entendia como se sentia nesse momento.

Aiden os observou sem acreditar.

Aquele desprante diante de todos era o último que pensava aguentar. Que Demelza tivesse preferido os braços daquele viking aos seus era revoltante. Estava pensando nisso enquanto a ouvia falar em norueguês com ele sem entender nada.

— Harald, eu o fiz... o fiz.

O viking assentiu abraçando-a. E, ao ver o olhar do escocês, que estava ao seu lado, sem poder comunicar-se verbalmente com ele, fez-lhe um gesto com a cabeça.

Pelo modo como olhava Aiden, soube que o tinha entendido, mas o highlander não se moveu. Harald voltou a mover a cabeça para que ele se aproximasse, mas o orgulhoso escocês nem se aproximou nem reclamou à moça para acolhê-la entre seus braços. Por isso, apertando os dentes, Harald pôs-se a andar agarrado a ela para descer do navio e afirmou ignorando-o:

— Sim, Demelza. Tem-no feito. E agora por fim vai descansar.

Sem mover-se de onde estava, Aiden observou como aquele homem levava Demelza. A raiva e a frustração porque ela tinha procurado os braços de Harald e não os seus o tinham abalado e, sentindo-se terrivelmente mal, olhou ao corpo sem cabeça que estava ainda amarrado e murmurou:

— Acabou-se.

Alastair, alheio ao que seu amigo pensava, com o coração na boca como todos pelo ocorrido, olhou em direção a jovem junto à Hilda que lhe dava as costas e aproximando-se dela murmurou:

— Adnerb...

A moça amaldiçoou ao ouvi-lo. E, contendo tudo o que sentia por ele, olhou-o com toda a indiferença que pôde e lhe respondeu com frieza:

— Para você sou Lady Te Cale. O que quer?

Vê-la ali, quando o certo é que não pensava vê-la nunca mais, cativou-o.

Adorava essa mulher. Amava-a com todo seu ser, e, quando ela tirou o capuz com arrogância, Alastair piscou incrédulo e perguntou:

— Mas o que ocorreu a seu cabelo?

Adnerb suspirou. Sentia-se diferente e poderosa com o cabelo curto, e, depois de olhar Hilda, que lhe pedia prudência com os olhos, replicou sem vontade:

— Precisamente a você não tenho que dar explicações.

— Adnerb, sou seu marido! — Falou ele ofendido.

A jovem sorriu ao ouvir e, encorajada, respondeu:

— Equivoca-te. Você não é meu marido. Não é nada meu.

E, olhando Hilda, cochichou com graça:

— Viu aquele guerreiro ali...? Oh, Deus, que galhardo e bonito é!

— Adnerb! — Bramou Alastair irritado.

Ela o olhou e, ocultando seus sentimentos porque com ele de nada valiam, grunhiu movendo com graça a cabeça:

— Alastair... você assim escolheu. E escolheu se separar de mim. Uma vez que o conselho decidiu e ambos voltamos a ser livres, espero que se esqueça de mim, como asseguro que já me esqueci de você.

Dito isto, afastou-se com arrogância junto à Hilda, que, olhando-a, murmurou enquanto seguiam Harald e Demelza:

— Filha de minha vida, como você gosta de fazê-lo zangar...

Adnerb, com o coração quebrado pelo que havia dito, cochichou então em um fio de voz:

— Ai, Hilda... vamos, que vou chorar.

Boquiaberto e furioso, Alastair a observou afastar-se, nesse momento Aiden se aproximou e sir Malcolm, consciente do que acontecia, apontou:

— Moços... acredito que terão que fazê-las se apaixonar de novo.

Ofuscado, Alastair não disse nada, mas Aiden respondeu magoado:

— Não tenho que apaixonar a ninguém, e menos ainda a uma viking — e, subindo em seu cavalo, indicou olhando para Ivo: — Monte com Gareth. — Então olhou de novo a sir Malcolm e, depois de lhe agradecer em silêncio, dirigiu-se ao resto de seus homens e ordenou: — Vamos ao acampamento e depois retornemos a casa. A nosso lugar.

Capítulo 49

Um mês depois, Callum McAllan se despedia de sir Malcolm à entrada de sua fortaleza.

O ocorrido no porto, no mínimo, era digno de ser recordado, e saber que agora contava com a amizade de quem era a mão direita do rei de Escócia o fazia saber que em certo modo sua vida e a de sua família iria mudar.

De entrada, dois de seus filhos, Cameron e Gordon, apesar de seu sangue viking, tinham sido aceitos como guerreiros no valoroso exército escocês de Malcolm, e isso era uma grande honra.

Quando Callum falou com ele em privado, sir Malcolm olhou para Demelza, esta jovem galante que lhe tinha mostrado a coragem de ser uma mulher Viking, e, sorrindo, disse tocando a cabeça do lobinho que sustentava em braços:

— Tem certeza de que quer partir para a Noruega ao amanhecer?

A jovem sorriu e afirmou segura de suas palavras:

— Sim, senhor. Meu lar está ali.

Malcolm assentiu. Não era homem de meter-se em problemas de casais, mas recordando certo escocês, falou:

— Possivelmente esteja equivocada. Talvez seu lar esteja aqui.

Ela negou com a cabeça e, segura de sua decisão, indicou deixando Nidhogg no chão:

— Agradeço seu interesse, mas prefiro retornar a Ski.

Malcolm partiu com os dois irmãos McAllan para deixar pronto os últimos preparativos da viagem, Adnerb saiu pela porta da fortaleza e,

aproximando-se de seu pai, Harald e Demelza, murmurou em norueguês:

— Mãe tornou a desmaiar.

— Filha, mas o que fez agora? — Grunhiu Callum.

A moça, a quem a rebeldia de repente lhe saía pelos poros, grunhiu levantando as mãos:

— Não tenho feito nada.

— Adnerb...

Ela sorriu ante o gesto brincalhão de Demelza e acrescentou olhando a seu pai:

— De acordo, disse-lhe que vou trabalhar com Demelza fazendo queijos em sua fazenda para vendê-los, e, claro... horrorizou-se de meu plano.

Callum suspirou, sua mulher era insofrível, e indicou dirigindo-se a Demelza:

— Não tenha em conta a minha esposa.

— Calma, senhor — sorriu a viking observando Nidhogg correr atrás de uma lagartixa.

De repente, ouviu-se o ruído de cascos de cavalos e Callum se virou rapidamente e perdeu o equilíbrio.

Harald se apressou a segurá-lo para que não caísse, e Adnerb, olhando-o, perguntou ao ver seu gesto:

— Pai, está nervoso por algo?

Ele suspirou e, olhando a sua pequena, respondeu:

— Saber que parte a Noruega parece pouco?

Então, ela sorriu e abraçou esse homem que adorava.

— Vou sentir sua falta — murmurou.

Callum assentiu emocionado, queria a felicidade para sua filha, e, agarrando sua mão, pô-la sobre seu peito e murmurou:

— Eu também, pequena, mas enquanto nos sintamos aqui, seguiremos amando-a, estejamos onde estejamos.

Emocionada ao ver aquilo, Demelza engoliu saliva. Até tendo passado o tempo, seguia tendo saudades do contato com seu pai, e, sentindo a mão de Harald, que agarrava a sua, afirmou:

— Estou bem.

Permaneceram em silêncio uns segundos quando Adnerb, soltando-se de seu pai, disse:

— Por certo, mãe se empenha em que eu leve toneladas de roupa, e não, não as necessito. Quero começar uma nova vida na fazenda de Demelza e não acredito que ali vá ter tempo para usar delicados vestidos.

— Não. Posso assegurar isso — afirmou a viking.

Todos sorriram. A mudança que se obrou na jovem era mais que evidente. Tinha passado de ser uma moça medrosa e indecisa que vivia para seu cabelo, sua pele e o que sua mãe quisesse, para ser uma mulher de coragem que vestia calças, usava o cabelo curto e uma espada pendurada no cinto.

Orgulhoso de sua filha, Callum se dirigiu então a Demelza e assegurou:

— É o vivo retrato de minha mãe, seu vivo retrato!

Agradada, Demelza, ao ver que Harald e o pai de Adnerb se afastavam para cochichar algo, perguntou olhando-a:

— É consciente de que se vier conosco a Noruega nunca mais voltará a ver Alastair?

Ouvir esse nome encolhia o coração da jovem. Era difícil e duro viver sem ele, mas consciente de sua realidade murmurou:

— Pior seria se ficasse aqui e chegasse a meus ouvidos que se casou e é feliz. Matá-lo-ia!

— Adnerb! — Riu Demelza.

— Na Noruega — prosseguiu ela — não voltarei a ouvir falar dele, e isso é justo o que necessito. Mas se fico aqui já sabe que cedo ou tarde me chegará algo dele, e não, não quero sofrer mais.

Hilda, que nesse momento saía pela porta, dirigiu-se ao pai da moça, que falava com Harald:

— Callum, sua esposa lhe chama para falar sobre Adnerb.

O homem soprou. E, olhando à moça, declarou:

— Filha, é só uma, mas terá que ver a guerra que me dá com sua mãe...

Quando ele desapareceu no interior da fortaleza com Hilda, seguido por Nidhogg, a jovem indicou com pesar:

— É melhor que me vá. Assim minha mãe poderá viver tranquila e em paz. Está histérica!

Ouvir isso causou pena a Demelza, que de repente os olhos se encheram de lágrimas e, sem poder conter-se, grunhiu:

— Não sei o que me passa. Não sei...

Harald e Adnerb se olharam, e esta última disse:

— Eu sei o que acontece.

— E eu — afirmou o viking.

— Tem saudades de Aiden... isso! — Insistiu Adnerb.

Demelza, ao ver como Harald a olhava, limpou as lágrimas dos olhos e murmurou com raiva:

— Envergonho-me de mim mesma. Não... não sei por que choro. Não sei por...

— Porque está sensível, e tem sentimentos e coração — a cortou Harald com carinho. — E, quando se está apaixonado, recordar à pessoa que ama e não poder tê-la dói muito. Por desgraça, sei, e me

causar pena terrivelmente que agora seja você quem chora por isso mesmo.

Demelza abraçou Harald, aquele homem pelo qual daria a vida, e, quando o abraço acabou, ele declarou:

— Deveria havê-lo abraçado naquele dia. Vi seu olhar e...

— Harald — o cortou ela. — Naquele instante abracei a quem me pedia o coração. E se esse cabeçudo escocês não foi capaz de entender o que ali acabava de passar e que para nós era o fim de algo terrível e o começo de uma nova vida, não serei eu quem o explique.

O viking soprou, mas, seguro do que dizia, insistiu:

— Eu te entendo, mas...

— Se me entende — o cortou ela, — deixemos de falar dele.

— Veja, Demelza, acredito que Aiden...

— Não quero falar dele! — Insistiu. — Ele tomou sua decisão e assim tem que ser.

Adnerb olhou para Harald, e este, encolhendo os ombros e dando-se por vencido, afirmou:

— De acordo.

Em silêncio permaneceram alguns segundos, até que Demelza comentou para suavizar o ambiente:

— E, falando de nova vida. Cumpriste uma parte do prometido a minha irmã, mas agora tem que cumprir a outra parte que resta.

— Oh, sim — atravessou Adnerb, que sabia do que falavam. — É obvio que sim. É jovem, valente e bonito, e tem que encontrar a mulher que Ingrid te pediu.

Ouvindo-as, Harald negou com a cabeça e cochichou:

— Neste momento é impossível separar de minha mente o que ainda está em meu coração.

— Não tem que afastá-la, Harald. Só tem que se dar uma nova oportunidade de amar e ser feliz — declarou Demelza com carinho.

Ele sorriu com um cândido sorriso e, baixando a voz, afirmou:

— Quando você o fizer. Quando você voltar a dar uma oportunidade ao amor, possivelmente então eu pense nisso.

— Mas, Harald...! — Protestou a viking.

Ele meneou a cabeça ao ouvi-la e sentenciou:

— Não, Demelza. Eu tampouco quero falar disso.

Ela suspirou e calou, quando Adnerb comentou:

— Sem dúvida somos um trio de bárbaros curioso.

Os três se olharam. Cada um sofria por amor a sua maneira, quando Demelza insistiu:

— Isso deve acabar! — E, olhando Harald, afirmou: — Minha irmã não me perdoará se não te ajudo que se apaixone. Eu prometi!

— Dem... — Protestou ele.

— Harald, ajudar-te-ei a encontrar esse alguém especial.

— E eu também! — Afirmou Adnerb com um sorriso.

Ele soltou então uma gargalhada e, afastando-se delas, murmurou:

— Vou.

— Aonde vai? — Perguntou Demelza.

O viking não respondeu, e Adnerb perguntou:

— Vai levar Ross e Unne ao navio?

— Logo.

— Logo? Logo, quando? Por que não agora? — Insistiu Demelza.

Ao ouvir, o viking as olhou e, ao as ver às duas com as mãos na cintura, zombou:

— Por Odín, não sei se retornar com vocês a Noruega será uma boa decisão.

E, dito isto, continuou seu caminho sorrindo, quando Demelza gritou alheia a seus pensamentos:

— É uma excelente decisão! A melhor!

Uma vez que as duas jovens estavam a sós, Adnerb olhou ao seu redor e comentou sem poder evitar:

— A sério não pensam em vir se despedir de nós?

Ao entendê-la, Demelza respondeu com um triste sorriso:

— Não, Adnerb. Não vão vir. Nós os ofendemos, os negamos. A nossa maneira, os levamos ao limite e eles tomaram uma decisão.

A jovem de cabelo claro suspirou. Sabia que Demelza tinha razão, e, baixando a voz, disse:

— Eu vou ter saudades eternamente.

— Eu sei — afirmou a ruiva com tristeza pensando em Aiden e no motivo de sua tremenda suscetibilidade.

Há dias suspeitava que estava grávida, mas se calava. Quando chegassem a Noruega, se fosse verdade, contá-lo-ia. Antes não. Por que contar?

Durante segundos ambas ficaram caladas, até que Adnerb perguntou:

— Acredita que Harald encontrará o amor algum dia?

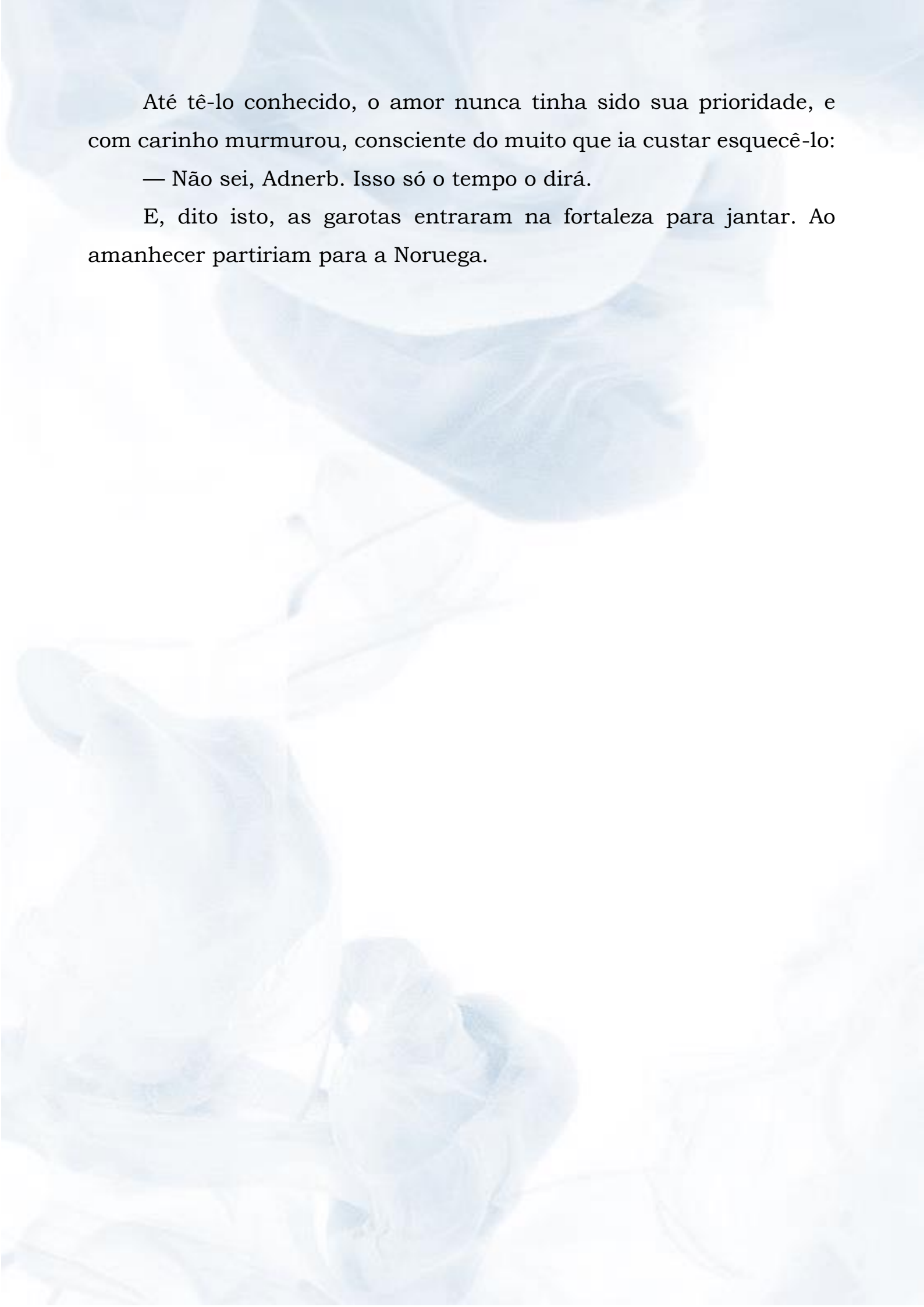
Demelza deu de ombros e, olhando sua amiga, respondeu:

— Espero que encontre. Sei que amará eternamente Ingrid, mas também sei que merece ser feliz.

— E nós? Nós seremos felizes?

Demelza sorriu.

Como esquecer um homem como Aiden, que lhe tinha dado tantos momentos para recordar? Se inclusive poderia lhe haver dado um filho...



Até tê-lo conhecido, o amor nunca tinha sido sua prioridade, e com carinho murmurou, consciente do muito que ia custar esquecê-lo:

— Não sei, Adnerb. Isso só o tempo o dirá.

E, dito isto, as garotas entraram na fortaleza para jantar. Ao amanhecer partiriam para a Noruega.

Capítulo 50

Demelza estava sentada no batente da janela, olhando as estrelas sem nada de sono, enquanto acariciava com carinho sua inexistente barriguinha.

De verdade crescia em seu interior um bebê de Aiden?

De repente, o pelo de todo o corpo se arrepiou e, sorrindo, passou-se as mãos pelos braços enquanto sussurrava:

— Se estivesse aqui Hilda, diria que as fadas querem me advertir de algo.

Estava nervosa, ao amanhecer partiria para o porto e, dali, em um dos navios de Malcolm, retornaria a seu lar. A sua querida Noruega.

Desejava estar feliz.

Precisava estar contente.

Caindo mil vezes em sua vida e mil e uma se levantando, mas dessa vez era diferente; o desânimo e uma estranha pena quase não o permitiam.

Igual quando foi tirada a força da Noruega deixou ali seu coração, agora que ela se obrigava a retornar sentia que o deixava na Escócia.

Concretamente, com certo highlander cabeçudo.

A noite era linda, perfeita. Parecia como se o céu escocês quisesse despedir-se dela, e emocionada sorriu enquanto observava Nidhogg dormir sobre a cama.

Que bonitas lembranças levava daquele país!

Sem querer chorar, baixando o olhar viu o que tinha diante de si e, emocionada, tocou-o. Com amor, agarrou o pingente em forma de

coração que tinha sido de sua irmã, o presente de Haakon, e, colocando-o redor do pescoço, murmurou:

— Sempre estarão comigo. Sempre.

Depois disso, agarrou o anel que Adnerb lhe tinha obsequiado. O anel de irmãs, como ela dizia, e, depois de colocar-lhe no dedo, riu.

— Sigo pensando que é muito fino para mim. Mas dou graças à vida por ter encontrado uma irmã que me ama e me respeita apesar de minhas imperfeições.

Com um sorriso, finalmente olhou o broche que em um passado pertenceu a seu avô e a seu pai. Aquele broche que Aiden recuperou para ela e que sem dúvida era uma linda e bela prova de amor. Uma prova de amor que nunca esqueceria.

Aiden...

Esse homem valoroso de olhos escuros e maravilhosos que quando sorria lhe demonstrava a boa pessoa que era.

Aiden...

Esse homem que, com sua paciência e sua firmeza, tinha-a feito viver, sentir e desfrutar do significado da palavra amor.

Aiden...

Esse amor impossível de sua vida que estaria eternamente em seu coração e que, acontecesse o que acontecesse, sempre recordaria com um sorriso.

Aiden...

Possivelmente o pai de seu filho...

Em silêncio, Demelza recordou todas e cada uma das maravilhosas coisas que aquele escocês tinha feito por ela. Suas palavras. Seus olhares. Sua paciência. Tinham sido muitos detalhes, muitas coisas que nunca poderia esquecer. Muitas das quais nunca

imaginou que um homem faria por ela. E murmurou pesarosa fechando os olhos:

— Ingrid, sou um desastre e não soube cuidar de meu amor.

Com tristeza e pesar, voltou a contemplar o céu, que era tão bonito e espetacular como na Noruega, quando de repente a porta do quarto se abriu com estrondo e na escuridão se recortou uma figura alta.

Rapidamente Nidhogg despertou e grunhiu assustado sobre a cama enquanto ela agarrava a espada, e, quando a empunhou, ouviu:

— Não pode ir. Não vou permitir.

Essa voz... Ouvi-la era a última coisa que esperava, e, piscando, murmurou:

— Aiden...

O highlander deu um passo à frente e a lua iluminou seu bonito rosto coberto de pó, a barba de vários dias e gesto carrancudo. Com carinho e sem medo, acariciou a cabeça do pequeno lobo, que tinha crescido nesse mês, e murmurou:

— Olá, amigo, como está?

Nidhogg, ao reconhecê-lo, meneou o rabo feliz e, depois de lambe-lo a mão dele, voltou a deitar-se para continuar dormindo. Não havia perigo.

Durante segundos, Demelza e Aiden se olharam sem se moverem, até que ela, sem saber por que, grunhiu em vez de correr a abraçá-lo:

— Pode-se saber o que faz irrompendo deste modo em meu quarto? E ainda diz que os vikings são bárbaros. E você o que está sendo agora?

Aiden, que levava vários dias sem descansar para chegar o quanto antes até ela, suspirou. Dissesse o que dissesse, não pensava partir dali sem ela, e, necessitado daquela mulher, falou:

— Carinho, não faça se zangar um escocês apaixonado e cansado.

Ao ouvir, Demelza tremeu. Não esperava voltar a ouvir algo assim por parte dele, e menos ainda o que acrescentou:

— Não sou perfeito, mas aprendo com meus erros, como me consta que você também. E, embora me ofendi e me senti rechaçado no dia que abraçou Harald em vez da mim, tenho que te dizer que já o entendi. Esse era o seu momento, não o meu. Nosso momento começa agora, se você quiser.

— O quê?... — Murmurou ela emocionada.

— Demelza, vive o presente, enquanto eu vivo pensando no futuro. E isso se acabou. Você e eu juntos podemos viver o presente e o futuro. Você e eu podemos ser felizes se nos permitirmos isso. Você é meu presente e meu futuro, e peço aos deuses que eu seja o mesmo para você, porque te amo e você me ama. Eu sei e não pode me dizer que não.

Demelza piscou sem saber o que dizer. Estava mais que claro que, lá onde sua irmã Ingrid estivesse, pressionava Hamingja, seu anjo guardião, para que lhe ocorressem coisas como essa, quando Aiden deu outro passo adiante e insistiu sem saber no que ela pensava:

— Não importa se seja viking, inglesa ou escocesa. Meu coração escolheu, e escolheu a você, Ruiva Selvagem. A você!

A moça sorriu. Aquilo que estava ouvindo era maravilhoso, incrível, mas, consciente de sua realidade, do diferentes que eram por muitos motivos, murmurou:

— Aiden, amo-te, mas não pode ser.

Esse «te amo» dito com essa naturalidade era a recompensa que o highlander necessitava, e, sem deixar de olhá-la, perguntou:

— Por que não pode ser?

A jovem tocou a testa para retirar o cabelo do rosto e, necessitada de ser sincera, falou:

— Porque não, Aiden... Eu não sou a mulher que necessita e...

— E como é a mulher que necessito?

Demelza suspirou, ela não sabia como era a mulher que ele necessitava, quando acrescentou:

— A mulher que preciso tem que ser bonita, inteligente, intrépida, maluca, carinhosa, desafiadora, guerreira, e com olhos azuis que troquem de cor segundo seu estado de ânimo. É obvio, tem que ter um belo cabelo vermelho e, o mais importante, que fale com os animais, especialmente com os patos... — Ambos riram por aquilo, e Aiden, convencido do que dizia, finalizou: — E, amor, essa mulher é você.

— Mas... mas, Aiden, sua vida junto a mim não será fácil.

— Agora sua vida é a minha, e te prometo que ao meu lado vou fazer isso mais fácil.

Ela não soube o que dizer, e ele, juntando sua testa com a dela, algo que Demelza tinha ensinado, insistiu notando como todo o pelo do corpo se arrepiava:

— Nunca querei perto de mim a quem não queira você. Amo-te, desejo-te, necessito-te a meu lado, venero-te. E não sinto vergonha de te dizer tudo isto porque é a verdade e preciso fazê-lo. — Ela sorriu, e Aiden prosseguiu: — E me dei conta de tudo isso graças a um bom amigo. De repente, fiquei consciente de que te julgava sem me precaver do muito que me incomodava que me julgassem por ser o irmão de quem sou. E, não, carinho. Você é você, como eu sou eu. E eu, Aiden McAllister, quero você, Demelza Ovesen. À mulher que me demonstrou seu valor, sua coragem, o amor por sua família e...

Separando sua testa da dele, ela o cortou:

— Mas, Aiden...

— Amo-te...

Derrubando todas suas barreiras, ao ver que ela era incapaz de fazê-lo, o escocês agarrou seu rosto entre as mãos e disse olhando-a fixamente:

— Me escute, Demelza. Você e eu somos de mundos diferentes. Dois mundos que jamais pensamos que pudessem cruzar-se, mas isso ocorreu. É meu amor, minha mulher, minha vida, e por nada no mundo vou permitir que se afaste de meu lado, e menos ainda sabendo que me ama, que sente o mesmo que eu. — E, agarrando sua mão, pô-la sobre seu peito e, sem tirar seus olhos escuros dos dela, que não paravam de trocar de cor por suas emoções, acrescentou: — Você está aqui, em meu coração.

Ao fazer esse gesto, tão de seu povo, tão de seu pai, Demelza murmurou enquanto sentia que se emocionava:

— Quem te disse para fazer isto?

Aiden sorriu e, sem apartar seu olhar dela, murmurou:

— Moisés.

Demelza sorriu comovida. Ainda não acreditava que Moisés fosse meio viking, e sorrindo afirmou:

— Tenho muitas coisas do que falar com ele.

Aiden assentiu.

— Sei. E ele contigo.

Estavam olhando-se nos olhos quando se ouviu uma animação na porta. Instantes depois entraram no quarto Adnerb e Alastair agarrados pela mão, seguidos de Hilda e Harald.

Em seus rostos se via refletida a felicidade que sentiam, quando Adnerb, olhando sua amiga, disse em norueguês:

— Vieram, Demelza. Estes teimosos e tolos escoceses vieram! E Alastair me pediu que me case com ele e aceitei, pode acreditar isso?

Ela sorriu ao ouvir, e Alastair, sem soltar a mão de sua mulher, disse:

— Não sei o que disse, mas espero que seja bom.

Adnerb assentiu rindo e Demelza afirmou:

— Muito bom, Alastair. Posso assegurar isso.

Adnerb e ela voltaram a rir quando Aiden, agradado e feliz como há tempo não estava, indicou olhando a seu amigo:

— Pela conta que a conhecemos, acredito que deveríamos aprender norueguês.

— Eu lhes ensinarei — se ofereceu Hilda.

Se tinha sido capaz de ensinar gaélico a Demelza, sem lugar a dúvidas poderia lhes ensinar norueguês.

Hilda, consciente do momento que estava vivendo sua menina, deixava-se abraçar por Harald, que observava a situação com a felicidade no rosto.

A nota que dias antes tinha enviado a Moisés para que este lesse a Aiden tinha sortido efeito e se alegrava enormemente por isso. Aquele escocês e Demelza eram o casal perfeito e, se eles não faziam nada, ele estava decidido a tentá-lo. E seu intento tinha triunfado: Aiden estava aqui.

O highlander, que seguia junto à mulher que adorava, e que não podia tirar os olhos, depois de cruzar um olhar com o viking com o qual não precisava falar para entenderem-se, soube que tinha chegado o momento pelo qual tinha ido até ali, e murmurou:

— Demelza... — E, quando ela o olhou, murmurou: — Seguindo os sábios conselhos de Harald, resta por fazer uma coisa mais.

A jovem olhou surpresa seu cunhado e este lhe piscou um olho com cumplicidade, quando de repente Aiden, agachando-se ante ela, cravou um joelho no chão e, sorrindo, disse agarrando sua mão:

— Demelza Ovesen, amor de minha vida, far-me-ia a honra de ser minha mulher?

A moça, emocionada por aquilo que sua irmã lhe havia dito que algum dia aconteceria, sorriu, mas instantaneamente um soluço saiu de sua boca quando Aiden disse tirando algo de seu bolso:

— Harald deu-me isso. Disse que este anel é muito especial para você por muitas razões. É mais, com ele me assegurou que não diria um não a minha proposta.

Com os olhos alagados em lágrimas, Demelza olhou aquele anel, que pertencia a sua família. A última que o usara tinha sido sua irmã Ingrid no dia que se casou com Harald. Recordar aquilo fez as lágrimas saírem de seus olhos, e Adnerb, emocionada, murmurou:

— Oh, meu Deus, Demelza... morro de amor!

— Ai, minha menina, que emoção, que emoção...! — Chorou Hilda.

A jovem Demelza tremia, chorava olhando aquele anel que pensava que, depois do ocorrido, perdeu-se, quando Aiden, preocupado ao ver suas lágrimas, murmurou:

— Mas se você não chora...

— Vou te matar! — Conseguiu dizer ela entre soluços.

— Demelza! — Murmurou Hilda agarrando Nidhogg em braços.

— Já começamos! — Grunhiu Adnerb.

Aiden sorriu olhando Alastair, e Harald, tão emocionado como Demelza, murmurou em norueguês:

— Dem... essa não é a resposta que Aiden espera.

Olhando-o, ela, sem poder remediar, soltou a mão de Aiden, que continuava com o joelho cravado no chão, e, aproximando-se de Harald, falou também em norueguês:

— Sabe que te amo, verdade?

O viking assentiu.

— Tanto como eu a você, ruiva.

Emocionados, abraçaram-se e, quando se separaram, Harald murmurou olhando-a:

— Agora vai e surpreende o escocês.

Ao ouvir «*surpreende ao escocês*» e vendo como lhe olhava a barriga, a jovem piscou.

A sério que Harald sabia?

E, quando ia falar, ele a cortou:

— A mim, não. A ele.

Demelza assentiu e, olhando Aiden, que a observava sem mover-se, retornou ao seu lado e murmurou:

— Antes de responder a sua pergunta tem que saber três coisas muito importantes, e possivelmente alguma te surpreenda.

— Bom... já começamos! — Grunhiu Hilda.

O rosto de Aiden se escureceu e, meneando a cabeça, murmurou olhando Alastair:

— Por que tem que ser tudo tão difícil com esta mulher?

— É viking... — soprou seu amigo, — assume-o.

Adnerb, ao ouvi-lo, deu-lhe uma cotovelada, e ele, ao ver como o olhava, acrescentou:

— Mas, viking ou não, você vai se casar comigo, outra vez.

Demelza sorriu, quando Aiden indicou olhando-a:

— Ruiva, não sei se estou preparado para mais surpresas.

A jovem riu e, sem se importar seu rosto sério, prosseguiu:

— A primeira é que não estou de acordo com a poligamia.

Aiden sorriu satisfeito.

— Não sabe o peso que tira de cima de mim — declarou.

— Eu tampouco! — Acrescentou Adnerb, fazendo sorrir Alastair.

— A segunda é que o nome de minha égua, Unne, é de origem norueguesa e significa «amor». Recordo que me perguntou isso e nunca lhe expliquei.

— Belo nome, e agradeço sua elucidação — sorriu ele olhando-a.

— E a terceira, o que é? — Perguntou Hilda preocupada.

Demelza sorriu de novo. E, depois de olhar Harald, que escutava divertido, cravou o olhar naqueles olhos escuros tão maravilhosos que lhe tinham feito conhecer o amor e acreditar nele e murmurou:

— E a terceira é que acredito que vai ser papai.

— Como?! — Gritou Hilda.

— Ai, meu Deus... Agora sim que morro de amorrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr!

— Vozeou Adnerb.

Aiden piscou. *Tinha-o ouvido bem?*

Todos no quarto começaram a aplaudir, enquanto ele, sem mover-se, perguntou:

— Você disse que acredita que vou ser papai? — Demelza assentiu emocionada, e ele, sentindo-se ditoso, murmurou levantando-se para abraçá-la e beijá-la: — Está visto que nunca deixará de me surpreender, carinho. Nunca.

De novo, os aplausos se multiplicaram, e quando Aiden se ajoelhou de novo ante ela feliz e ditoso e lhe colocou no anel no dedo, ao ver que o amor de sua vida voltava a emocionar-se, perguntou:

— Demelza Ovesen, se casará conmigo?

Emocionada como nunca em sua vida, ela sorriu.

Agora estava segura. Muito segura.

Graças a Harald, a sua família e a sua mágica maneira de seguir estando com ela, Aiden nunca tinha deixado de surpreendê-la com lindas provas de amor, e, apaixonada por aquele escocês que lhe



demonstrava de mil maneiras quão importante ela era em sua vida, assentiu.

— Sim, Aiden McAllister. Casar-me-ei contigo.

Nessa madrugada, na fortaleza do clã McAllan se organizou duas maravilhosas e íntimas bodas, onde o impossível se tornou possível e onde o presente e o futuro se fundiram para converter-se em uma única opção.

Epílogo

Keith, Escócia, um ano depois.

Demelza, sonolenta, esticou-se em sua cama.

A noite tinha sido movimentada.

Sua filha, a pequena Ingrid, de cinco meses, era uma linda menina de cabelos vermelhos como ela, mas chorona, muito chorona, e, olhando a cama, onde dormia, beijou-a com carinho na testa e se levantou.

Quando colocou os pés no chão, seu lobo se aproximou dela e Demelza o saudou em um sussurro:

— Bom dia, Nidhogg.

O animal, encantado, esfregou seu focinho contra ela. Aquele lobo a protegia, como no passado tinha feito Wulf, e isso Aiden gostava e o permitia.

Nunca ninguém teria pensado que um lobo, criado em família, pudesse comportar-se como Nidhogg. Não só protegia Demelza, mas também estava alerta de que outros lobos não se aproximassem dos cavalos nem das casas dos que viviam ali. Nidhogg tinha ganho o respeito e o carinho de todos, e ante isso ninguém se falou nada mais contra.

Desde a chegada de Demelza a seu lar, a felicidade, a sorte e as alegrias não tinham faltado um só dia, e menos ainda durante sua gravidez, quando Aiden se desvelou em cuidados com ela de tal maneira que até seus amigos riam dele.

Como um homem podia estar tão nervoso por ser pai?

Pensando nisso, levantou-se da cama e se aproximou da janela. Ali, abriu a porta de madeira com cuidado para não despertar Ingrid e, ao ver Moisés falando com Harald, sorriu.

Sua relação com Moisés era extraordinária. Os unia algo único, e embora Demelza se desse bem com todos, sua relação com Moisés era especial. Muito especial.

Depois, fixou seu olhar em Harald, naquele homem que daria a vida por ela e que, depois do oferecimento de Aiden de trabalhar para ele como ferreiro para seus cavalos, aceitou sem duvidar.

Ter Harald por perto era uma bênção, e, embora sentisse que dia a dia, além de aprender a falar gaélico, participava mais das festas, mas até o momento seguia sem interessar-se por mulheres. Fugia delas. Adnerb apresentava todas as solteiras que conhecia, mas ele resistia. Não queria nenhuma mulher em sua vida. Isso sim, adorava a pequena Ingrid, seu olho direito.

Estava pensando nisso quando viu correr à menina de Ivo seguida por ele. Quando Demelza chegou ao Keith e soube que Ivo e sua família tinham sido expulsos do clã, encontrou-os com a ajuda do Moisés e de Gareth. A moça os levou de novo ao Keith e conseguiu que Aiden entendesse que ele não tinha tido outro remédio do que fazer as ordens de Viggo para proteger a sua família. Finalmente, o highlander cedeu, e Ivo e os seus retornaram ao clã. A seu lar.

Feliz, Demelza fez as tranças no cabelo e, ao ver chegar Alastair, junto de Adnerb e seu pequeno Kenneth, sorriu.

A vida com a moça loira perto era incrível.

A jovem não parava de surpreendê-los, e, embora ao princípio foi um desastre na fazenda de Alastair, agora o lugar não seria o mesmo sem ela. Com disciplina e vontade, em todo aquele tempo, além de ter tido uma excelente gravidez e de ter feito da desastrosa fazenda um lar,

Adnerb tinha aprendido a fazer queijo e a ordenhar ovelhas, entre muitas outras coisas.

Divertida, Demelza observou da janela como Aiden agarrava Kenneth nos braços.

Ele ficava como louco com o menino, embora mais louco ficava com sua pequena, a quem mimava e protegia como um grande paizão.

Aiden era um excelente marido que, orgulhoso, ao chegar ao Keith, deu uma grande festa para apresentá-la a seus amigos. Eram todas pessoas maravilhosas, especialmente suas mulheres, Sandra, Angela, Gillian e Megan, que eram divertidas e atrevidas como Demelza, e desde o primeiro dia, sem se importar com sua procedência, fizeram-na sentir, tanto ela como Adnerb, que eram duas a mais na família.

A jovem terminou de trançar o cabelo, estava calçando as botas quando a porta do quarto se abriu e Adnerb, entrando, disse olhando-a depois fazer um gesto a Nidhogg para que não se movesse:

— Pelo amor de Deus, Demelza, ainda não está pronta?

Ao ouvi-la, ela negou com a cabeça e cochichou:

— Baixa a voz ou despertará à chorona.

Encantada, Adnerb se agachou e, depois de saudar o lobo, que a adorava, aproximou-se da cama e murmurou olhando à menina:

— Morro de amor... é tão bonita!

Demelza assentiu sorrindo, Ingrid era uma autêntica bonequinha, mas, soprando, murmurou:

— Asseguro-te que de madrugada não morreria de amor porque esta garotinha pareceria um autêntico monstro.

Ambas riram quando Demelza comentou olhando a sua amiga:

— Hoje está radiante, e esse vestido te assenta muito bem.

Adnerb sorriu e, lhe piscando o olho, afirmou:

— Eu sei.

Aquilo fez que ambas rissem de novo.

— O que vai usar? — Perguntou a loira.

Demelza abriu seu armário, de onde tirou um bonito vestido vermelho e, mostrando perguntou:

— O que acha??

Adnerb assentiu e, agradada, murmurou ao ver seu decote:

— Elegante ao mesmo tempo sensual.

Ouvir isso fez sorrir Demelza.

Sem dúvida, o vestido era belo, e Aiden adoraria. E, depois de colocar moldá-lo ao corpo, agarrou o broche de seu pai que seu marido lhe tinha dado e posteriormente tinha arrumado, disse:

— Pronta!

Estava olhando-se no espelho quando Hilda entrou também no quarto. Então, Demelza, ao ver como olhava à pequena, perguntou:

— Você quer vestir Ingrid e descê-la?

— É obvio — afirmou ela encantada.

Felizes, Adnerb e Demelza desceram a escada acompanhadas por Nidhogg e, quando saíram ao exterior, Alastair, Harald e Aiden, que estavam juntos, olharam-nas e Demelza apontou divertida:

— Sabemos: morrem de amor por nós e nossa inaudita beleza!

Os três homens riram a gargalhadas, e Harald, que cada dia falava melhor o gaélico, murmurou com seu particular sotaque:

— Atrevida e fanfarrona viking...

Todos riram de novo, quando Alastair disse assinalando-o:

— É belo o potro de Unne e Haar.

Todos olharam para o lugar onde ele indicava. Unne, seguida por seu potro escuro, aproximava-se deles. Demelza, agradada, esperou até que a égua se aproximou e, pondo sua testa sobre a dela, falou-lhe.

Aiden sorriu.

Adorava ver aquilo que sua mulher fazia com sua égua ou com seu cavalo, e, quando seus amigos e Harald se aproximaram do potro, ele, feliz, caminhou para sua mulher e murmurou em seu ouvido enquanto a abraçava por detrás:

— Ruiva Selvagem, com este vestido conseguirá que não separe os olhos de você por todo o dia.

Ao ouvir, a jovem sorriu e, dando a volta para olhá-lo, murmurou:

— Pois então terei conseguido o que pretendia.

Apaixonado, Aiden a beijou.

Sua vida com ela a seu lado era uma vida plena, estava cheia de momentos incríveis e satisfações. E, quando suas bocas se separaram, olhou o generoso decote dela e murmurou:

— É minha tentação... minha mais pura tentação.

De novo, outro beijo. E outro. E quando iam começar com o terceiro, Hilda saiu da casa e anunciou:

— Papais, olhem quem está aqui!

Rapidamente, Aiden e Demelza olharam. Frente a eles estava sua linda Ingrid, e ele, agarrando-a entre seus braços, murmurou:

— Olá, minha vida, como está minha chorona preferida?

A menina, que se esforçava quando via seu pai, soltou um grito de satisfação e, segundos depois, Alastair, com seu pequeno Kenneth nos braços, se juntava a eles.

Satisfeitas, Adnerb e Demelza os olhavam, quando, emocionada, a primeira murmurou:

— É que morro de amor... Mas você os viu?

Demelza sorriu. Claro que os via. Aqueles dois enormes e ferozes escoceses, com seus bebês nos braços, comportavam-se como dois ternos cachorrinhos, e ao ver como Harald os olhava, perguntou-lhe dando uma cotovelada:

— Não gostaria de ter um pequeno como eles?

Seu cunhado, ao ouvi-la, suspirou, meneou a cabeça e começou a afastar-se.

— Vou. Tenho coisas a fazer...

— Mas, Harald...!

— Logo nos vemos...

— Harald!

— Adeus, Dem.

E, sem olhá-la, partiu. Adorava a sua cunhada, ama-a. Mas aquele tema tão íntimo era algo que ele e só ele resolveria se algum dia decidia fazer algo a respeito.

Aiden, ao ver como sua mulher olhava penalizada Harald que se afastava, deixando à pequena Ingrid nos braços de sua tia Adnerb, aproximou-se dela. Com carinho, agarrou-a pela cintura e, aproximando a boca a seu ouvido, murmurou:

— Melhor não perguntar, verdade?

Demelza suspirou.

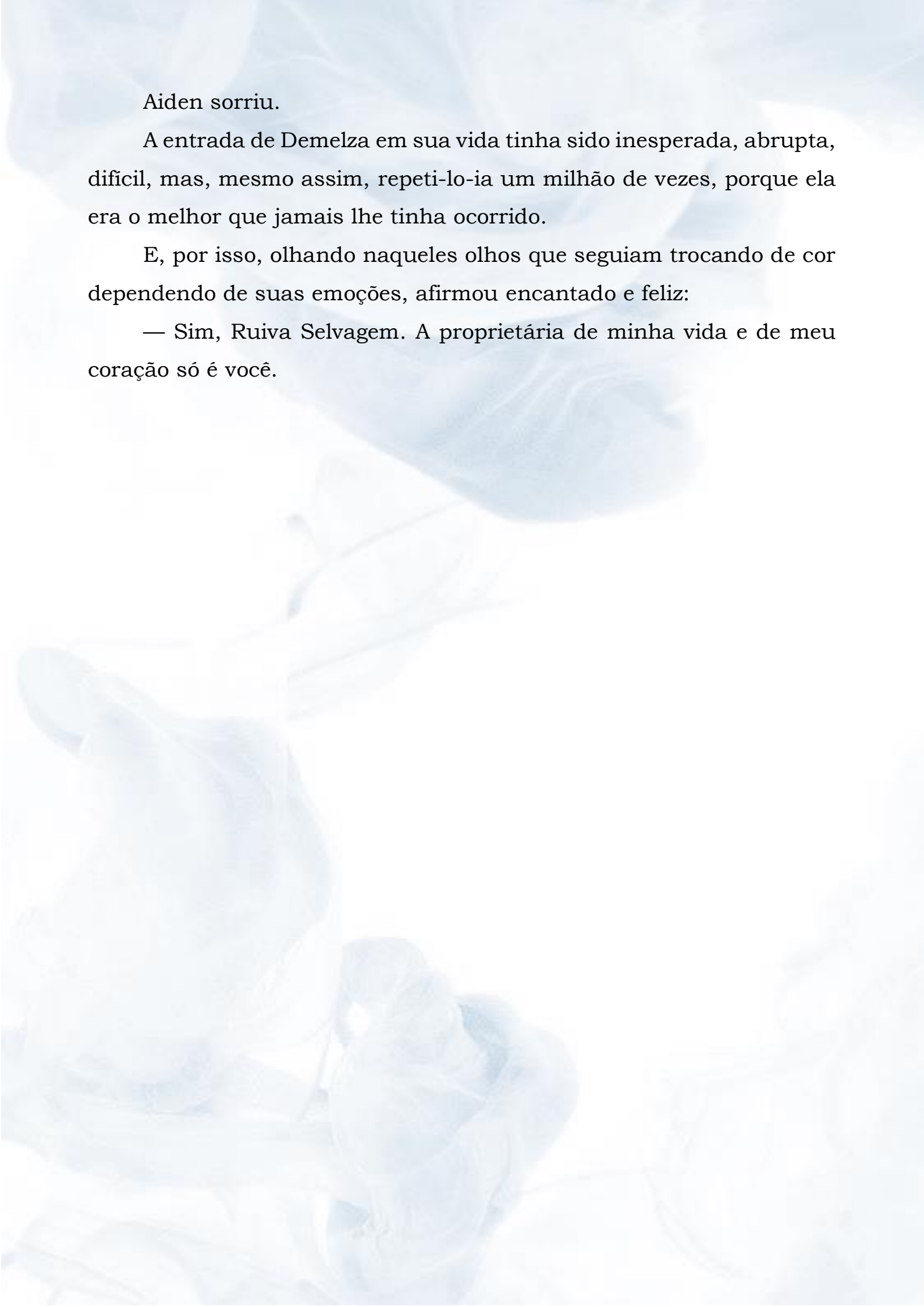
— Quase que melhor.

Sorridente, Aiden sacudiu a cabeça. No tempo em que Harald estava junto dele e tinha tido o prazer de conhecê-lo, tinha-lhe demonstrado que era um bom homem em muitos aspectos, e, consciente do que ele sentia e resistia a viver, disse:

— Dê-lhe tempo. Acredite ou não, quando menos espere, aparecerá a mulher que o nocauteie, deixe-o louco, confunda-o e lhe faça saber que ela e só ela é a proprietária de sua vida e de seu coração.

Ouvir isso fez com que Demelza sorrisse. Desejava algo assim para Harald. Ele merecia. E, segura da resposta, olhou para seu marido e, passando as mãos ao redor de seu pescoço, perguntou:

— Eu sou a proprietária de sua vida e de seu coração?



Aiden sorriu.

A entrada de Demelza em sua vida tinha sido inesperada, abrupta, difícil, mas, mesmo assim, repeti-lo-ia um milhão de vezes, porque ela era o melhor que jamais lhe tinha ocorrido.

E, por isso, olhando naqueles olhos que seguiam trocando de cor dependendo de suas emoções, afirmou encantado e feliz:

— Sim, Ruiva Selvagem. A proprietária de minha vida e de meu coração só é você.